

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Edição Genética dos Manuscritos A e C de *Duplo Passeio*,  
de Teixeira de Pascoaes**

**Patrícia Franco**

## Normas desta edição

Cada página da edição genética corresponde a uma página dos manuscritos. As mudanças de linha não são assinaladas.

Os parágrafos são geralmente alinhados à esquerda nos manuscritos; Pascoaes apenas dá algum avanço na primeira linha dos parágrafos quando a última palavra do parágrafo anterior está encostada ao lado direito da página. A edição genética não representa as linhas tal como aparecem no manuscrito, pelo que houve a necessidade de marcar sempre os inícios de parágrafo com um avanço na primeira linha.

As adições nas margens sem traços de ligação ao texto são deixadas na margem superior ou inferior, conforme o caso, entre parênteses rectos, separadas do corpo do texto por uma linha. É feita uma excepção nos casos em que é estabelecida uma hipótese de enquadramento — consultar tabela da página seguinte.

Na assinatura do escritor, o *d* de *de* está ligado ao *P* de *Pascoaes* por um traço. Para representá-la, optei por escrever o pseudónimo completo do autor, por me parecer uma solução menos artificial do que *Teixeira d\_Pascoaes*, por exemplo.

A chave dos símbolos desta edição teve como base a da edição genética e crítica de Ivo Castro de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco (2007: 8), acrescentada dos símbolos necessários à representação de outros fenómenos de escrita.

As notas de rodapé (citações a itálico, comentários do editor a redondo) complementam a edição e têm como objectivo esclarecer aspectos da escrita de Teixeira de Pascoaes de difícil representação.

## CHAVE DOS SÍMBOLOS

Os seguintes símbolos representam a cronologia das emendas autógrafas e, sempre que possível, a sua topografia.

<...>	segmento riscado pelo autor (cancelamento)
<...>	segmento a preto riscado com tinta vermelha
<...>	segmento a vermelho riscado com tinta preta
<...>	segmento a preto riscado com lápis vermelho
<...>	segmento a preto riscado com grafite
<...>/...\ 	substituição por sobreposição, na relação <substituído>/substituto\ 
...	segmento a lápis verde
<§>	eliminação de parágrafo
[§]	adição de parágrafo
[...]	adição de segmento na linha
[↑ ...]	adição de segmento na entrelinha superior
[↓ ...]	adição de segmento na entrelinha inferior
[(↑) ...]	adição de segmento na margem superior
[(↓) ...]	adição de segmento na margem inferior
[(↗) ...]	adição de segmento na margem superior da página ao lado
[((↑)) ...]	adição de segmento na margem superior sem sinal de chamada para o texto
[((↓)) ...]	adição de segmento na margem inferior sem sinal de chamada para o texto
[{↑} ...]	adição de segmento em espaço não marginal, reservado à escrita na página mas deixado em branco, acima
[{↓} ...]	adição de segmento em espaço não marginal, reservado à escrita na página mas deixado em branco, abaixo

## OUTROS SÍMBOLOS

*...	leitura conjecturada
†	palavra ilegível ( <i>crux desperationis</i> )
[1], [1v]	fólio 1 recto, fólio 1 verso

# Manuscrito A

[4]<sup>1</sup>

de nada, dum chapeu! As creanças por uma pequena cousa fazem uma <grande> guerra de Troia, que foi a maior guerra da Historia, porque foi contada por Homero.

«Não sei do chapeu! Não sei do chapeu!»

«— Espere ahi um instante.» E um instante depois, ofereci-lhe uma boina galega, que eu possuia religiosamente em homenagem à Galiza, que Deus haja, pobre defunta num tumulto onde o vento já não murmura os versos de Rosalia.

O Duarte põe a boina na cabeça e corre pelas escadas abaexo na direção do automovel<, esse arcanjo \*libertador.>[.] A ancia de partir! O horror ao <pou> mesmo local! Temos heranças de <ave,> passaro, <mas> sentimos todo o impeto do vôo, mas não voamos! Não me falem no aviador <montado numa machina, como Jupiter na aguia.>[.] O aviador não vôa; é voado. Enquanto o automovel parte, pelo terreno fóra, os que ficam, no pateo da casa, estendem os braços, gesticulando freneticos adeuses! Como esses gestos se esculpem, no ar! Que os dissolve imediatamente. São feitos duma substancia chimerica e relampejante. Mas um penedo é

---

<sup>1</sup> A numeração deste fólho parece ter sido feita depois do texto e não apresenta o aspecto habitual, ou seja, é um simples 4, sem estar enquadrado num semicírculo ou num ângulo. Por outro lado, apesar de haver uma pequena excisão no canto superior esquerdo do verso do fólho, há vestígios do que pode interpretar-se como um 4, com esse enquadramento, que foi cancelado. Neste caso, o 4 parece ser anterior ao texto, porque o texto, escrito à frente do algarismo, está algo desviado do bordo da página.

[4v]

<[4]<sup>2</sup>> é indigesto. O ar não <dissolve>[↑ digere] e geme com dores no ventre<sup>3</sup>

Sobreiros, em fila até à ermida da Senhora dos Milagres, que eles cercam, <em>/e\  
<romaria extatica>[↑ protegem], desde 179<3>/8\  
<a protege-la> contra os discursos da Convenção e as balas de Napoleão. Decorridos sete minutos paravamos, para tomar gasolina, no coração de Amarante, no Largo de S. Gonçalo, entre a mole enorme do templo e o rio, que <\*Ihe> molha os alicerces do alto \*muro que o sustenta, desde o principio da ponte [↓] assinado por duas pirâmides] <até> a esquina da casa do tenente Vieira, nosso amigo.

Logo nos rodeia um bando de garotos esfarrapados <a estender a mão a caridade>. Tem um modo <juvenil> infantil e anoitecido,

«Um tostãozinho! Um tostãozinho» Trata-se do  
\*antigo *cinco reisinhos*, equivalente à

A † † codea de brôa da esmola.

Teria eu 7 anos, quando, uma vez, me sentei numa pedra, <a conversar com uma>[↑ ao lado duma] velha mendiga da minha aldeia, a *Couta de Paredes*. [↑ Contava-me historias de \*bruxas e \*lobeshomens.] Tira[ndo] do alforge um naco de pão que me cheirou divinamente, entre os seus dedos <só ossos cobertos de pele<s engelhadas>[↓] lisa, de pergaminho] <,>/e\  
com <grossas> veias <negras> dum negro azul<ado>, muito salientes e enrugadas>[(↓) resequidos]

---

<sup>2</sup> Parece numeração que foi cancelada. A excisão do canto da folha não permite dizê-lo com certeza.

<sup>3</sup> Após esta palavra, foi deixado o espaço correspondente às duas linhas mais grossas da página. Deixo, por isso, um espaço, até porque não parece haver continuidade textual.

[5]

Estou a ver-lhe as <mãos> costas das mãos, cobertas duma pele lisa, de pergaminho, com as veias <muito salientes> dum negro <azul e> azul muito salientes e <enrugadas.>[↑ engelhadas.] <E cheira-me ainda divinamente aquele bocado de brôa> [E] Ainda hoje <não \*mastigo<sup>4</sup>> <meto à boca um> o pão de milho sabe-me sempre <aquela>[↑ ao] cheiro [{↓} daquele bocado de brôa,] que se \*evolava também do seu alforge e até do seu manto azul esburacado. <É>/Era\ um cheiro a farinha <benzida pela fome> sagrada, a hostia da Pobreza; <sim,> era uma hostia grosseira, o corpo dum Cristo cavador.

Mais longe, encostados às esquinas, alguns vultos <ociosos. personagens do tédio> aborrecidos. Outros, debruçados na varanda sobre o rio, olham o deslizar das águas, onde a sua imagem se reflecte mais animada do que eles.. E sempre o Zimborio rotundo pousado no telhado da igreja, a fazer *pendant* com uma torre magra<, como dois simbolos: o>[↑ a torre] da abstinencia e o <da *tremenda...*> Zimborio da tremenda. Dois simbolos dominicanos.

Partimos, entramos na ponte roída das balas napoleonicas. Dum lado, a Insua, barracas de banho, creanças a brincar na areia, do outro, a corrente mais estreita e profunda, <até ao açude dos Moreleiros> [(↓) a esconder-se \*numa curva do]

---

<sup>4</sup> se for mastigo, não tem traço no t.

[5v]

do vale carregado de sombras de arvores e da sombra dos montes de Santa Cruz que se recortam no poente, como a serra de Cintra, vista das torres de Mafra. Depois, a rua <escura> do Cuvêlo <e cheia da Imagem do rio que penetra nela por <todas as vielas que vão dar à margem.>varias aberturas sobre a<sup>5</sup> margems.> onde penetra a imagem do rio por varias aberturas que interrompem a continuidade do casario. E durante o inverno, não é a margem, mas a propria presença caudadora, quasi maritima, do <rio!> Tamega! [↓] Que [↑ imenso] turbilhão de lôdo liquido a escapar-se pelos tres arcos quasi submersos da ponte que estremece, cheia de espectadores apavorados. [↓ Mas no verão o rio <adormece.> emagrece e adormece. Às vezes sonha alto nos açudes, porque ouve cantar <os>/um\ rouxinol.]]

*Que Tamega!*, exclamou um rapaz da minha freguesia, ao ver, pela primeira vez, o mar. Tambem eu lhe vejo a cara nesse momento, ou, melhor, o seu espanto<, que às vezes,>. É curioso como, às vezes, um sentimento se apodera, por completo do nosso rôsto! e só ele todo máscara carnal. Oh horas em que sômos a alegria e temos o seu \*busto de creança! Cantamos e brincamos...

Em Padronelo, a estrada bifurca-se... O braço direito vae para a Regoa, pelos Padrões; <Seguimos> Tomamos o esquerdo, na direção de Vila Real. Nunca me aproximo do Marão a sangue frio. Lá está ele, ainda

---

<sup>5</sup> a margems:erro por as margems.

[6]

distante, mas já em visão panorâmica, por detrás de montes arborizados que <interrompem às vezes> nos permitem ver apenas os pincaros mais altos. Depois da ponte de Larim, onde a estrada ladeia o rio Ovelha, os seus pincaros destacam-se melhor e as suas faldas <\*vestidas> arborizadas pelo governo. As árvores querem subir por eles fóra até lhe colocarem sobre o calvo craneo [↓] apostolico] uma especie de chinó <d>/t\ecido <de>[↑ em] caules e folhagens. <A>/O\ fomento da riqueza não respeita nada. É capaz de <sem> <arar e> semear de trigo a careca de S. Pedro, <essa charneca alemtejana> ou môrro transmontano.

Passamos em Candemil pelo berço e tumulo de <\*S>/A\ntonio Candido, que a sua <casa de> habitação foi em Lisbôa no primeiro andar da Academia. A estrada, <negra serpente que foi branca, ao contrario> serpeia já na serra, aduplando-se ao coleado dos outeiros lançados, em rapido declive, dos altos pincaros ressecos até aos vales molhados [↓] ou antes, inundados] de erva que escorre, tão <\*ver> verde, pelos seus leitons abaixo, [↑ e] desagua<ndo>/m\, <longe,> em largos campos ou lagos da mesma côr. [↑] Quando chove, cobrem-se de remendos azues.]<sup>6</sup> Já a imponencia <\*ou>/da\ construção montanhosa nos comove, com as suas linhas grandiosas e relevos duma expressão funebre em que se revela a morte do mundo. O Marão é tumulo e defunto, templo e Deus, tudo da mesma substancia empedernida, e como que animada dum sentimento remoto e solitario, mas profundamente deshumano, hostil, que nos repele para longe, qual penedo imenso. É uma grandeza que nos <atrâe>[↓ seduz] e maltrata. Aquele vento cheio de vozes

---

<sup>6</sup> Esta emenda, escrita em letra muito pequena, foi feita na caixa da emenda de ou antes, inundados, imeadiatamente por cima da linha em que foi feita a emenda.

[6v]

[Quem fala dos seus sentimentos, representa. Mas quem não é actor, mesmo nos tramas mais dolorosos da sua vida?]<sup>7</sup>

das altitudes e duma desolação que nos fére e <chama por nós>[↑ atráe]. <E>  
<n>/N\os altos fragaredos denegridos paira uma tristeza fantastica e deshumana  
que nos toca no mais intimo do nosso coração, como um sentimento que nos é  
estranho e profundamente <nosso> pessoal. O homem é um <bicho dos buracos>[↑  
animal] dos vales ou da meia encosta, mas fica gelado e <assombrado>[↑  
deslumbrado] nas grandes altitudes.

O Marão na minha mocidade tinha outra ternura. Comovia-me até às lagrimas  
a nudez dos seus pinaros soturnos. Agora, atemorizam-me e regeitam a minha  
presença, que se lhe tornou antipatica. É o meu ser <enfraquecido> que [↑ já] não  
suporta aquele peso do infinito tanto mais sensível quanto mais nos aproximamos  
das estrelas? Como elas brilham perto de nós, nas alturas d<a>/o\ <montanha>  
Marão. Ha noites de vento leste em que se despegam da abobada nocturna e nos  
queimam a fronte. Queimam-nos e é de <gêlo a>[↑ neve a] sensação que nos fere.  
Aquele halito agreste trespassa-nos e agita a urze rasteirinha<. Parece varrer a vida  
de>[↑ , naquela] morta solidão em que [↑ se] erigem todos os altos relevos  
montanhosos. É um halito que rouba a vida <aqueles>[↑ aos] penhascos, <como>  
apaga-lhes a chama viridente e o que fica, deante de nós, é carvão <de pedra>, escoria  
de metaes, caoticas escultu <desse><sup>8</sup> ras desse impeto em que as serras se  
alevantaram das planicies, **quaes ondas solidificadas, de repente.**

---

<sup>7</sup> Mais uma vez, como em 4v, não há continuidade textual entre as primeiras linhas no topo da página e as seguintes.

<sup>8</sup> Na mudança de linha, escultu-, a rapidez da escrita terá levado o escritor a não escrever o resto da palavra e a passar para a seguinte, mas apercebeu-se logo do erro e emendou-o.

[7]

Eis o que eu sentia ao contemplar, do automovel, as quebradas e as vertentes do Marão. E mais vivo se me tornou este sentimento quando paramos no ultimo lacete <da estrada> já proximo do Alto de Espinho, onde uma trovoada surpreendeu o Camilo a caminho como nós de Vila Real, mas <por outra estrada antiquissima e> a cavalo num macho, a ver o panorama serrano defumado pelas lunetas. Via tudo negro dentro e fora dele. E, por isso, as suas paisagens são dantescas.

Paramos e tudo parou em redor d<e>/o\ <nós>[↑ auto]. Todos os relevos da montanha estacaram, de repente. [{↓} Lá estão as cumeadas dos montes com os seus perfis de estatuas tombadas [↑ ou jacentes] <por antigos † † †<sup>9</sup> Parecem † † de defuntos.>[↑ <e dão um funéreo aspecto aos altos ermos montanhosos>[que lhe dão sei que funebre aspecto antiquissimo!]] E a sua expressão morta, ha milhões de anos, é duma tal realidade empedernida, que <nos produz> entre ela e o nosso sêr parece medear uma distancia que <†>[↑ nem] a luz percorre. Como sômos absurdos sobre a terra! Só <†>/os\ longes tambem montanhosos, mas velados dum azul indeciso, estão proximos d<e>/a\ <nós>[↑ nossa alma] e menos hostis à[s] [↑ suas] expans<ão>/ões\ <da nossa alma.>[↑ sentimentos.] A <\*que>/alma\ é tambem uma remota nevoa azul, o quer que é de maguado [↑ e vaporoso] na estupidez do nosso corpo.

O automovel continua a marcha; e o <movimento>[↑ sobresalto] de todas as cousas circundantes estabelece entre elas e nós uma certa relação de intimidade. <O Marão ilumina> <a>/A\ carranca <inerte,> [↑ do Marão] anima-se de estranhos movimentos fisionomicos. Irá falar? Quando nos convenceremos, de que um penedo é um penedo? O homem não se convence de que está só no meio

---

<sup>9</sup> Não se consegue perceber quantas palavras foram canceladas, porque a emenda a preto se sobrepõe ligeiramente a esta linha de texto.

[7v]

dum deserto e de que, sentindo todas as cousas, não ha nenhuma que o sinta. <Voltado para todas as cousas, todas lhe voltam o rôsto.> O proprio cão olha-nos, mas não nos vê. Beija-nos as mãos, mas não sabe o que beija. Ha nele, <como em qualquer animal,> o quer que é de <acabado e> \*limili<da>/ta\ado<sup>10</sup> e acabado que o condena a ser um cão eternamente. Não pode sair de si mesmo para outro sêr como nós saímos do macaco. O gerico do profeta foi sempre gerico; e o prof<es>/e\ta não o foi [↑ profeta] sempre <profeta.>[.] A faculdade de ganhar é profundamente humana. D'ahi a origem da batota e de todas as aventuras, incluindo a lusiada ou a dos *Luziadas*. Os animaes não ganham nem perdem. Até depois de mortos tem a mesma fisionomia. Não se lhes nota a ausencia da alma ou a lividez cadaverica, a morte a mostrar o morto ou estampada na sua <fisionomia> máscara de cêra. Todos estes pensamentos se dissolvem na agitação quasi louca dos pincaros serranos que nos ladeiam, e passam por nós, uma fuga de cósmicos gigantes empedernidos e reduzidos a <um> vultos informes pelo tempo...

Chegamos ao Alto de Espinho. Atraz de nós um boqueirão aberto [{↓} duma grandeza extraordinaria,] na direção do mar, que se adivinha, para lá de pequenas altitudes \*azuladas a serra de Valongo. Deante de nós, outra abertura espraiada, entre os morros boleados que dominam a Campeã e os do Marão mais altos <e abruptos>, cortados quasi a prumo sobe <o>/um\ panorama transmontano em pequenas ondulações que se dilatam, cada vez mais vagas, no sentido da Galiza.

---

<sup>10</sup> \*limili<da>/ta\ado: erro, possivelmente por limitado.

# Manuscrito C

Nova novela

— Os dois —

Teixeira de Pascoaes

—

Um Passeio

—

Manuscrito oferecido  
a madame Thelen, pelo auctor  
em abril  
de 1942  
Gatão

—

15 fev. 1940

5 de julho 1940 |

Gatão

[O melhor \*caminho é da Verdade.

Todo todo o meu trabalho literario tem obedecido apenas a um[a] intui<to>/çãõ\:  
tornar os <\*ou> <outros melhores do que eu> melhores os outros do que eu. Como?  
<t>/D\izando o que se me afigura ser verdade.

\_\_\_\_\_ ]  
Prefacio

Devo este passeio a um <meu> querido amigo e confrade na <triste Poesia,>[(↑) arte poetica,] o mais belo passeio da minha vida! Que paisagens percorridas! Que incidentes se deram, no percurso! Um deles[,] digno de menção especial<.>/,\ <F>/f\icará ligado à cidade de Travassos, perdida em pleno êrmo serrano de Traz-os-Montes. Em letra redonda, só aparece num romance do Camilo<, pois o mapa não lhe concede tal importancia>. Chamo-lhe cidade, porque tem [↑ muitas] casas de granito, <grandes e colmadas<, —>[:]> [↑ cada uma com o seu] <enorme<s>> chapéu<s> de palha <sobre enormes> [na] caveira<s> <de pedra,> <\*ocas e> [↑, são] habitadas por certas ideias [e] sentimentos <duma realidade tão viva,>[↑ tão vivos e reaes,] que atinge[↓m] a animalidade, — <ideias que são>[↑ são] mulheres <[(↑) gatos e galinhas,]>, <sentimentos que são> homens<...>/,\ bois, porcos, <[(↑) gatos e galinhas,]> cães de coelho [↑ e de guarda], estes de focinho loiro e afilado, aqueles de <cara>[↑ focinho] negr<a>/o\, arremetente. Algumas <das caveiras>[↑ casas <ou caveiras>] lembram verdadeiros palacios<; <mas>[↑ mas] o maior <é de> numero são pequenas e>[↑ entre casebres] miseraveis, [(↑) só ossos,] roid<a>/o\s pelos dentes da fome canina<, esburacadas de negro nas paredes pardas de cascalho.>[.] <Mas, dos>[↓<Quanto aos seus> Dos seus] habitantes <de Travassos,> [,] vi apenas uma

rapariga de onze anos e um grupo de tres camponezes desconfiados das nossas pessôas, chegadas ali, de improviso, ninguem sabe de onde. Do Porto? de Lisbôa? Serão gente do governo? Caçadores de multas <ou de impostos?> ? fiscaes dos impostos, tantos como no Baixo Imperio ou *como as moscas no verão*.>/?\ A varias perguntas que lhes fizemos, sorriram enigmaticamente e ficaram silenciosos, encostados a uma esquina. Recordei-me de identica scena, na estrada de Mafra para Cintra. Iamos, eu e outros, no automovel de José Beirão, irmão muito querido do nosso grande poeta deste nome, que tambem nos acompanhava, embora sempre ausente nas revoadas dum canto alemtejano. E ainda, se <m>/b\em me <lembro>[↑ **recordo**], o poeta da *Divina Tristeza* e o seu perfil scismatico, aberto em sombra, e o dramaturgo dos *Lobos* e a sua rusticidade elegante e curiosa<, — um lobo no teatro e *leão* nas salas>; uma obra de arte!

Numa subida qualquer, pelas alturas de Chelleiros, o auto meteu-se numa cova da estrada, que as estradas, nesse tempo, haviam archeologicamente regressado aos caminhos de carros de bois, rasgados, no saibro duro, <pelo andar dos homens e> [↑ **pelo andar**] dos seculos, anteriores e posteriores ao nascimento de <Jesus> Cristo. [(↑) **O governo de então fez**[↓ia]<sup>11</sup> **às estradas o que o actual faz aos nossos templos** <t>/r\omanicos<; em homenagem ao passado, esse encanto dos que não tem futuro.> tirando-lhes a crôsta moderna de gessos<,>/e\ tabiques <e>.] **José Beirão, que era o chofér**[,] **<fazia>**[↑ **desenvolvia**] **esforços desesperados para vencer o <terrivel> profundissimo obstaculo**, quando nos aparece, muito perto,

---

<sup>11</sup> fazia: *erro por* fazia.

sobre <a>/u\ma rampa da margem, um grupo de rapazolas saloios, de carapuças negras na cabeça, e foices roçadeiras na mão<, erigidas no espaço, como alabardas homicidas.><[(↑) destinadas a fossar bordas, \*secos]>[.] Sim, estavam armados. E todo o homem armado é já um assassino. Esta ideia pouco animadora agravava<-lhes> o aspecto demoníaco das suas silhuetas de carapuca negra, desenhadas, através do crepusculo agoirento, <no fundo rubro do poente, <onde <a serra de Cintra se esculpia negra, para \*cá <d>uma> [↑ uma] fogueira <imensa e doirada><[(↑) enorme, a <subir no céu> espalhar-se no ceu, em labaredas <de ouro.>]> [↑ imensa,] logo atrás da serra de Cintra <em negros morros.> muito recortada e denegrida, <num esplendor doirado.> naquele esplendor a subir pela abobada do céu, onde as primeiras estrelas principia<m>/v\[\↓am] a luzir,> onde também se recortava <o>/a\ <perfil> serra de Cintra em negros mórros.. Por detrás dela ardia uma fogueira imensa a doirar <a abobada celeste> de infinita melancolia a abobada celeste.> [(↑) tendo, como fundo <como> <uma fogueira imensa a arder atrás>[↑ um grande incendio, [↑ de melancolia,] para lá da] da serra de Cintra, em pleno mar.]

De subito, aqueles tres demonios erguem as foices, no ar, gritando e rindo, ao mesmo tempo: *E viva o governo! E viva o governo!* Imaginavam-nos ministros ou personagens de identica estatura. Ó sancta simplicitas! <murmurei eu, como o pobre \*Jeniuglio<sup>12</sup> na fogueira<, ao ver uma velha curvada, com um molho de lenha à cabeça, para <lhe> alimentar as chamas que o queimavam...>[.] Mas as chamas não se apegaram à lenha..>

Felizmente, o auto <venceu o obstaculo,>[(↓) saiu do buraco,] libertando-nos talvez de algum atentado violento; e com alegria nos afastamos das foices roça-

---

<sup>12</sup> Referência a Jan Hus.

doiras erigidas, no espaço, como alabardas homicidas...

Mas o ponto culminante deste passeio é Travassos, nome feio de cidade que não figura no Mapa, de tão remoto no passado, de tão escuro nas suas tintas, as mesmas <em que se pintam actualmente> [↑ das] as ruínas duma citania, em êrmo cêrro. <§> Mas como aparece nos romances de Camilo, tem uma certa aristocracia romantica a valorisar-lhe a intoação dum amargo rustico. Distila azêdo nos ouvidos cultos, como Lamego distila sombra medieva <e/,\ o Porto porcaria.> [(↑) <e> Lisbôa... <que é [↓ que] distila Lisbôa?> Sumo de banana num vaso etrusco, <como> Braga enxundia de conego e Coimbra as lagrimas de Inez.]

<Porem, os caprichos do Acaso,> <§> Tambem lhe deram certa importancia religiosa os caprichos do Acaso, como o leitor verá, se me quizer acompanhar na pitoresca digressão atraves das serranias que separam o Minho de Traz-os Montes. Se quizer, <salte>[↑ suba] para o automovel, que o dono dá licença. — Oh, da melhor vontade! <com muito gôsto!>

<Então, iniciemos o <p>/P\assêio...> O leitor subiu, declarou-me que já gostára de viajar comigo <em automovel>, na Beira Alta<sup>13</sup> e outras amabilidades, que eu oculto por modestia, — essa doença dos poetas e dos prosadores; mas é uma doença secreta ou bastante suspeita. Nem a eles proprios a confessa<m>.

Mas vamos lá que são horas.

---

<sup>13</sup> Pascoaes faz aqui referência à sua novela A Beira num relâmpago.

## [Primeira Parte

\_\_\_\_\_ ]

&lt;Que manhã de sol&gt;

I

Que manhã <de sol,>[↑ doirada,] em certo dia de <agosto!>[↑ julho!] Que paraíso! <Horas depois, é o inferno. Mas às seis <horas> da manhã, sente-se o jardim do Eden,> <a>/A\ sombra de Eva <paira na><[↑\*mãe dos recantos da]>[(↑) desenha-se nos recantos da] paisagem e as arvores tem fructos proibidos... ainda verdes, num sentido mais realista que as uvas da raposa. Horas depois, é o inferno<, lá em baixo, \*em uma fogueira, lá no céu.> <mas o fogo cáe das alturas. \*mas> [↑...] um inferno <caído do céu em labaredas de oiro> <doirado>, esplendoroso, de origem celestial.

Quem adormece com a ideia de acordar cêdo, pode dormir descansado, que essa ideia fica toda a noite vigilante, à espera de ver luzir <\*os>/a\ primeira fresta da janela<.>/,\ [(↑) para <nos>[↑ lhe] quebrar o sono.] Assim me aconteceu, <em certa manhã>[↑ num dia] de julho de 1939<sup>14</sup><.>/,\ <À>/à\s seis horas matutinas<, já eu respirava o ar fresco <a doirar> e doirado, a fazer bolir as folhagens levemente.>[.] Levantar cêdo, <nestas manhãs,>[↑ no calmo estio,] é <o>[↑ um] sacrificio <mais>[↑ muito] agradável <que se pode imaginar.>[.] Custa sair do leito? Mas que delicia abrir a janela e receber na cara a frescura da aragem que <faz bolir as folhas levemente.> [(↓) é o Marão que ressuscita das trevas e principia a respirar.] <†>/E\ que alegria nos traz a nova luz, a luz recém-nascida, ainda soante ao Fiat divino, ainda verbo e já claridade!

---

<sup>14</sup> No Manuscrito D o ano indicado é 1935, e não 1939. Na 1.ª edição, é 1937.

Espero o Angelo, vindo do Porto, em automovel. Sempre que nos seus afazes<sup>15</sup> de advogado, passa por Amarante, não deixa de percorrer os tres kilometros que me separam da vila; entra no meu terreiro, ao som duma bozina [(↑) , <tão> conhecido,] que parece gritar o nome dele, e convida-me a acompanhá-lo. <§> Aceito o convite <imediatamente,> [,] sob o dominio da sua presença irradiante, dotada duma energia <que se impõe, tão animada que nos anima, de repente.>[↑ expansiva contagiosa.] Interrompo assim a minha existencia de maniaco escritor, sempre sentado à meza de trabalho, com a caneta na mão, essa pequena lança <a escorrer tinta ou sangue negro, dos Quixotes da palavra,> gramaticida <[(↑) e quixotesca,]> , a escorrer tinta... <Formas da loucura> que é o sangue das palavras. Quem não visiona o tinteiro de Camões? E quem não molha nele a sua pena de... pato ou a sua tristeza de idiota? Formas e formas da loucura que nos povôa o mundo de aparições. Como esconjurá-las? Fazendo o sinal da cruz? Sim, rabiscando cruces, num papel<.>/,\ frases e frases onde crucificamos o nosso pensamento sentimental ou carnal<.>/,\ o nosso Deus. Todos sômos os judeus da nossa alma. Insultamo-la, enchemos-lhe a face de escarros, coroamo-la de espinhos e chamamos-lhe *rainha da eternidade* <e do infinito>. Ironicamente? Não, muito a sério ou com a carranca dum Doutor. Refiro-me aos da igreja, não [↓ é claro]

---

<sup>15</sup>afazes: *erro por afazer*es.

aos de Coimbra.

Os criticos portugueses acusam-me<, talvez com bom criterio, de escritor infatigavel,> [↑ de estar] *sempre a escrever e a publicar*, num delirio de sujar resmas e resmas de papel. E dizem isto, muito confiados no seu criterio, muito senhores do seu talento, num estilo em chinelos e mangas de camisa, [(↑) que se espreguiça e arrota de grôssos,] num à vontade com o verbo, como Sara com Jeovah. Alguns, os mais generosos <em prosa>, apenas admitem os meus versos. Mas tambem ha poetas que preferem a minha <obra prosaica> prosa. E isso me contenta.

Trabalhar, em Portugal, é grande escandalo. Mas passear de automovel? É uma virtude, como jogar o futebol. Confesso que o auto é o rei da civilização moderna, como o cavalo foi o rei da civilização antiga. O cavalo deu o Pégaso, o auto deu o avião<.>/,\ uma especie de Pégaso dentro da realidade. O homem realiza o que sonha. É uma questão de tempo, porque o tempo e o espaço, ou a materia, contem infinitas possibilidades em potencia. Num certo local e em certo momento proprio, não haverá cavalos a voar? Não apareceu, na terra, um animal <perfeitamente fabuloso?> racional, isto é, perfeitamente fabuloso? E, por isso, criou a Fabula, o verdadeiro Testamento da Humanidade. [(↑) Que deixará ele sobre o mundo? Padrões dum sonho que passou<...>/,\ o Parthenon, as Piramides...] <[(↑) E dia virá em que o automovel nascerá intacto, com chófer e tudo, da fabrica, esse ventre de mulher]>

Assim magicava <debruçado no parapeito do>[↑ no] meu velho pateo, debruçado no parapeito, a olhar, <para lá dum alpendre e dum

médo de palha, na eira, uma lombada>[↓ através de <a>/e\maranhados ramos,] uma onda azul do Marão <sempre a bater> <como esculpida>[↑ petrificada] no horisonte. As ondas estão, no Atlantico, em <permanente> perpetua modelação; mas, na montanha, <são esculpidas>[↑ esculpem-nas] lentamente <por>[↑ as] mãos d<e>/a\ nevoa<...>/,\ com os seus dedos de lagrimas..

De repente, ouço a buzina de conhecido som, estridente e rouco, [↑ a vibrar] por entre árvores espantadas. <Os pinheiros> Até os pinheiros despertam do seu intimo scismar, \*daquela sombra que os envolve e é como um tecido \*animico ou de tristeza. Pobres monges <do ermo ou> da Tebaida <[↑ \*t]> <.>/,\ perseguidos pelo demonio! <§> É ele, o Angelo a gritar pela trombeta do juizo! Grita por mim, <que> por este defunto que ressuscita para a vida vertiginosa.

O férreo monstro roncante entra atroadoramente no meu pacifico terreiro, atarantando as parêdes <da <velha> casa,> <que> <distilam sombra> <[↑ \*devoram inverno] em pleno dia de <verão.> estio.> [↑ , porque] são de velho granito e não de cimento. O granito exala tempo, como o cimento <†>/o\ bebe, a fim de o exalar, mais tarde, <com a mesma cara <envelhecida.> archaica ou de encantar os enamorados da caveira, primos bastardos de Hamlet.> em sugestões de valor artistico e archeologico.

É o Angelo! Este nome alvoroça todas as pessôas da casa.

É um nome [↑ pronome] electrico. Faisca no ar, [(↑) incendeia-o de alegria,] propaga correntes entusiasticas<.>/,\ tal é o prestigio dos sêres<,>[↑ vivos,] num planeta morto.

Corro ao encontro dele, que já sobe a escadaria de pedra, com aquela figura cheia, <corada e sorridente,> mas de linhas finas, corada e sorridente, a emanar simpatia, uma luz contagiosa <que nos obriga a ser simpaticos tambem>[.] Quem a recebe, fica simpatico tambem. <Anima as proprias cousas.> Sentimo-nos deante de *alguem*, duma força humana exaltada e, portanto, exaltadora; a que temos de obedecer alegremente. Eis o Angelo no seu primeiro impeto espontaneo, quando o mais nobre [(↑) e primitivo] da sua individualidade irrompe da anima fundura em que todos <somos>[↑ escondemos] um <verdadeiro>[↑ autentico] abismo de surpresas. Ninguem sabe o que existe nesse abismo e pode, num dado instante, assenhorear-se da nossa vontade escravizada. É a razão porque sômos estupidos e inteligentes, heroes e covardes, santos e bandidos, ou melhor, a santidade \*e o banditismo. A santidade é mais <real>[↑ verdadeira] do que o santo, <esse <pobre>>[↑ um] animal <enfermo>[↑ <enfermo ou>] roido de pecados. A ferocidade, esse instinto colect<e>/i\vo, é mais verdadeira do que a féra. Quasi tudo, no lobo, é alcateia ainda, <sombra imensa e faminta> mil bôcas famintas[,] espectralisadas[,] <dentro dele.>[(↑) em que a dele, [parece diluir-se embora] rasgad<as>/a\ até as orelhas, <parece diluir-se> [com duas serras <de dentes aguçados.> goticas de dentes.] <Quando sairá o homem perfeito da massa amorfa à besta irrepreensivel, perfeita, integral, total> Que sômos nós senão humanidade, essa prodigiosa sombra de macaco? Quando sairemos da massa amorfa, <irrepreensiveis, perfeitos, inte->

dum modo irrepreensível, <to> perfeito, integral, total? Quando se libertará da morte a nossa alma? <Quando conquistar a realidade <perfeita> dum penedo, ou, antes><,>/.\ <q>/Q\quando ela <\*fo> fôr a sua propria estatua <em marmore>, esculpida <por um Fidas.> <quando ele conquistar uma forma cristalina,> <[↑ em marmore ou cristal de rocha]>[(↑) \*num cristal]>[(↑) por um Fidas em cristal de rocha,] abraza<a>/o\, a refulgir a <l>/L\uz divina.

Acredita até no que não ha,

<Que>[E] esse impossível, esse nada, existirá!

Assim cantei no meu primeiro tempo de poeta <[↓ , 1897]> E eis toda a minha obra<...>/,\ <a antevisão do Deus futuro.>

<Que pensamentos me passam pela cabeça, <como longe de mim, ou habitantes de outro mundo. Passam> e pousam os pés neste papel. As suas pegadas são palavras<, mais vãs que as dum animal na lama dos caminhos.> [.] <Ficassem elas na memoria do meu leitor, como as <pegadas> dum animal na lama d<\*um>/os\ caminho<!>/s\{!}>>

<Assim>[↑ Tambem] o Angelo é todo no seu primeiro impeto espontaneo, em que a generosidade e o entusiasmo das cousas belas se expandem com <a>/u\ma energia extraordinaria! <O Angelo!> Lembro-me sempre da primeira vez que o vi. Foi na *pensão* da D. Margarida, uma velha pequenina, muito familiar<, muito>[↑ e] habituada <ao desconhecido> à estranheza das caras desconhecidas. De ahi, a sua attitude natural perante os hospedes, que ela dividia em duas classes de parentes: <os proximos e> <os> remotos e <os> proximos. Para estes, fazia geleia

de marmelo, posta na meza, em dedaes de vidro <,>[↑ scintilante,] como oferta preciosa, — uma joia de doçura. <Tinha uma filha>[↑ era mãe duma rapariga] divorciada, muito pintada <na cara> e desinvolta de maneiras, quasi sempre na rua, rompendo a onda de traseuntes com uma elegancia [↑ de nau] embandeirada <de nau veloz:> <[↑ \*voadora...]> [.] <[(↑) Destacava-se, dentre a turba, qual vela branca e airosa.]> Ou, então, toca[va] piano, em casa <e>/ou\ discursa[va] por quantas bôcas tem o mundo[:] *Vote for women! Vote for women!* Andando, desfazia-se em gestos e palavras: um turbilhão de braços, no ar, e fisionomias diferentes, <tal era a mobilidade <silfidica><[↑ aligera]> do seu corpo> um grupo de raparigas numa só. Via-se que era uma só, quando casualmente emudecia, a \*folhar um album, numa salinha de visitas, onde havia <umas> cadeiras mais reluzentes do uso que do verniz, [(↑) um espêlho \*cansado,] fotografias nas parêdes, <a D. Margarida e o marido, um véu branco e uma casaca negra, de mãos dadas, instantes depois do matrimonio,> a filha aos dois anos de idade, \*afogada em rendas vaporosas, uma cadeirinha alta de braços, a D. Margarida e o marido [(↓) duas bolas, uma pequena \*sobre outra, grande, donde saiam dois braços <para o lado> e duas pernas.], um véu branco da cabeça aos pés, e uma casaca preta a continuar nas calças a mesma côr, de mãos dadas <e>[↓ —] derretidos de volupia, instantes depois do matrimonio. Apetecia arrancá-los do caixilho e pô-los a falar. Que diriam os dois noivos? Que dirias tu, ha <quarenta>[↑ trinta] anos, ó D. Margarida? Derretias-te em <assucar> melaço, uma lambarice de que só restam uns dedaes de vidro com geleia.

<É quando à filha estava [↑ de pé] ao lado da mãe sentada>

<Foi nesta sala [(↑) cheia de emanações culinárias (era a hora do jantar) e dum cheiro característico a pensão, — que um hotel cheira a hotel e uma corte a corte, —] que me encontrei [(↑) pela primeira vez,] com o Angelo, <um rapaz de 17 anos> tinha ele 17 anos, capa e batina.>

Encontrei-me, pela primeira vez, com <Angelo>[↑ o poeta], nesta sala de <jantar,> visitas, cheia de emanações culinárias, à hora de jantar e dum cheiro característico a pensão, que um hotel cheira a <\*host> hotel e uma corte a corte e um tribunal a tribunal<,>/.\ Ha certas casas que exalam o seu fantasma, como a nossa Academia de Ciências exala <\*ignorancia,> a sombra duma velha ressequida, com uma caveira suja de tinta de escrever.

Era um estudante, de desasseis anos, de capa e batina, <tipo magro, corado e branco> loiro <e> corado<,>/e\ magro, mas de linhas fugidias para a gordura ou sem esta rigidez terminante que condena um <desgraçado> infeliz, como eu, a ser <um> esqueleto <da> toda a vida.

Tinha <um>[↑<o><um> no] rosto incendiado, <uns>[↑ uns] olhos castanhos [↑ espantados] e ambiciosos que procuram, no espaço, qualquer dádiva sobrenatural. Não lhe <sur>/a\prendemos o olhar, tal a rapidez <f> penetrante do seu lampejo em varias <direções>[↑ directrizes], num[a] perpetu<o>/a\ investiga<r>/ç\[\ão] das cousas e pessoas que o rodeiam. Não pretende ocultar o seu pensamento, mas desvendar o dos outros, por natural tendencia psicologica. Olha tão de repente

uma figura, que a <desgraçada>[↑ triste] não pode prevenir-se ou <colocar-se em>[↑ tomar uma] atitude defensiva. <§> <Não> <p>/P\rocede por <intuição> observação direta e objectiva. Não vê os outros reflectidos em si mesmo por uma especie de comunhão poetica ou força intuitiva, como Camões via o mar <na sua <alma atlantica>[↑ intimidade] oceanica ou neptunina.> [...] Vê os outros neles proprios; e, por isso, necessita daquele olhar repentino que não deixa fugir a prêsa. <E é <\*certo \*que> a prêsa não lhe foge.> <a>/A\panha-a, <s>/q\uasi sempre <na \*curva d<o>/e\ss] relampago, que lhe salta das pupilas, com a velocidade da luz.> <desse>[↑ num] instantâneo luminoso.

Toda a sua expressão fisionomica é <como> um <desenho>[↑ tecido], <+,> de relampagos <que se entrecruzam>, a máscara em luz da sua alma <em que a mascara carnal de algum modo se indefine>[↑ a indefinir-lhe a mascara carnal \*e], sob <uma>[↑ a] fronte violenta, como incendiada numa ideia <fixa>[↑ ambiciosa]<<./,\ que é um> <desejo cristalisado e refulgente ou <uma> estrela em que podemos morrer queimados.> [...]

Desejava conhecer-me. Falou-me do *Doido e da Morte*, com um entusiasmo que me envaideceu e comoveu. Como a vaidade se comove! Oh, a pudica donzela! É o que ha, em nós, de mais inocente e <virginal> <primitivo..> original. O homem, ao tornar-se consciente, <[(↓) \*envadeceu-se e]> ficou numa auto-apreciação enamorada. Viu-se num intimo espelho, todo rei da Creação e obrigou o Creador a ser um animal da sua especie. É o advento de Adão e a queda do Orango<./,\ rehabilitado por Darwin, mais tarde.

Tinha, diante de mim, um <jovem> poeta, um ébrio de nascença, um jovem camarada<.>/,\ [um sêr predestinado.]> [.] [(↑) Tinha e tenho ainda porque o engordar, o emagrecer, o envelhecer não toca nos espíritos verdadeiros.]

Esta sua <figura juvenil apareceu-me,>[(↑) aparência juvenil retratou-se-me,] através do tempo, durante os cinco degraus da escadaria que desci, para lhe dar um grande abraço. E ele: «Então, vamos lá? <>> Almoço em Vila Real, depois Chaves, a estrada de Braga, o panorama do Gerez, Póvoa de Lanhoso, Fafe, Lixa, Amarante... <e aqui novamente...>»

«Vamos lá! Vamos lá! exclamei entusiasmado, sacudindo o corpo entorpecido pela inação literária, que o trabalho literário é uma espécie de extase, em que se agitam apenas uns dedos sobre a brancura do papel a encher-se <de tinta negra... sinais de passagem sinais lutosos, pegadas de camêlo, no deserto de tinta> de sinais de tinta, como os d<a>/o\ ceu nocturno são de lume. Encher de sinais de lume ou de tinta o papel e o firmamento, eis a mesma literatura, o mesmo brinquedo do Demónio, a Creação. Deus, exterior a ela, <como <qualq> critico>[↑ ou oriundo do Infinito], tenta penetrá-la e aperfeiçoá-la. Até aqui inutilmente. A literatura! Mas quem lhe resiste, ó S. Jerónimo! Nem os ascetas de Cristo! *Flagelava-me e lia Cícero...*

*Vamos lá! Vamos lá!* repetia eu, antegosando a corrida vertiginosa ao longo de que paisagens transmontanas, serranias e serranias, tão evocadoras d<a>/o\ <Judeia,> Hermon e do Tabôr,

tão impregnadas da alma do Camilo, esse Jeremias do sarcasmo e do amor! [↑ paixão!] A paisagem é toda a nossa alma, exposta à luz do sol e aos chuvaeiros. \*Amamo-la enquanto vivemos de bem connôscos ou em perfeito idílio juvenil. Depois, é o divorcio, a velhice; e a paisagem em vez de mulher é um esqueleto. Onde estava a moura aparece o penedo. É o desencanto, a queda da alegria, a lividez do crepusculo no perfil defunto do Marão. \*Imita o silencio matutino, ainda nocturno, que a tremedeira de folha em folha, apavorando as árvores que ressurgem [(↑) para o cutelo dos lenhadores.]... É a hora em que os mortos [(↑) regressam á cova,] [.] <t>/T\emem os vivos que vão sair do leito.>./, \ [(↑) <como os> [↑ como] vivos teme os mortos que se erguem do tumulo, à luz da lua.] Sáem da caverna, <como> [↑ os] lobos, esfregam os olhos sonolentos e uivam os *bons dias*, uns aos outros, no êrmo arrefecido dos caminhos.

Assistiu à chegada do <Angelo o Duarte> [↑ poeta um escultor], <esse escultor> a quem devo a terceira cara, pois devo a <primeira o> segunda ao Antonio Carneiro e a primeira a meus paes. Ainda tive outra <cara>[,] que me roubaram em beneficio dum Muzeu ou Mausuleo. Puzeram-na, ao lado do Santo Antonio de Lisbôa, que não a vê, de tão arrebatado no seu extase<,> [(↓) luminoso,] atraves do qual o Menino Jesus lhe cae do céu nos braços, como das mãos esquecidas lhe caiu a Biblia, que ficou aberta sobre a terra, com a capa de pergaminho para cima.

<Duarte> [↑ O artista] encontrava-se, em minha casa, a descansar dos seus trabalhos de Fidias. Ia a dizer de Hercules. Matar o leão de Nemeia é o contrario de esculpir o pae dos Deuses. Mas, por

isso mesmo, é que são parentes Hercules e Fidas, a arte e a força: uma, em serviço da Beleza e a outra da Justiça, por exemplo, que é irmã da harmonia social, título de poesias democraticas, do dr. Manuel de Arriaga, se não me engano, esse amante da Plebe, em estilo de Almanaque republicano.

Os gregos admiravam <tanto>[↑ a] a arte <como>[↑ e] a força. O poeta Pindaro (que altitude!) gastou as cordas da lira a tangê-la em louvor dos <atletas do seu tempo.> jogadores olimpicos. E assim os nossos poetas modernistas cantam o <box e o> futebol. Estamos num ciclo heroico.

O <Angelo>[↑ poeta] convid<ou>/a\o a acompanhar-nos. O entusiasmo ilumin<ou>/a\lhe, de repente, a fisionomia juvenil, em que traspare<cia>/ce\ não sei que loucura primitiva, uma loucura sã, um impeto barbaro, <em que> [d]um sabor a fructos virgens desabrocha[↓ ndo,] <em <flores cor de> [↑ em] rosa[s] [de] alegria!> no paladar, em <rosas de alegria.>[↑ pétalas e pétalas vermelhas.]

<Corria>[↑ Andava] [(↑) ou, melhor, voava,] em todos os sentidos, á procura de nada, dum chapéu. O que ele desejava, era dançar, exprimir o alvoroço alegre, que não cabia dentro dele e expludia em movimentos fisicos, porque a nossa alma **corre com as nossas pernas e faz discursos contra a materia**, servindo-se duma laringe...

A infancia aparece facilmente <dos>[↑ aos] que estão ainda perto dela,

não <como lembrança>[↑ em simples imagem] evocada, mas <como realidade viva,> em <\*perfe> fôlego animado. E as creanças, por uma pequena cousa, fazem uma guerra de Troia, a guerra mais celebre da Historia, graças <ao poeta Homero, o mais \*cebre<sup>16</sup> dos poetas.> à *Iliada*.

Acalmei-o, oferecendo-lhe uma boina galega, possuida por mim religiosamente, em homenagem à Galiza que Deus haja, pobre defunta num tumulto onde o vento já não murmura os versos de Rosalia.

O Antonio Duarte, um rapaz <novo,> alto, magro e branco, põe a boina na cabeça, o que lhe dava um ar agrotado e bolchevista. Se vestisse <tambem> um fato de macaco, teriamos [↑ então] um exemplar perfeito do homem novo ou do homem segundo o evangelho de Marx.

O entusiasmo não se lhe apagava, no rôsto. Falava<,>/e\ gesticulava alegremente, como possesso da paisagem. E na verdade, é difícil topar um outro artista que sinta, como ele, <o encanto \*remoto da> [a] montanha. Delira, diante da sua aparição<\*>[,] [(↑) Despenha-se pelos outeiros abaixo até rolar, no Tejo, esfarrapado! Bebe nas fontes, mergulhando a cabeça na agua! Tira o casaco e a camisa, para que o \*trespasse <de lado a lado>, o vento das alturas <E ei-lo> que se lhe mete no corpo.] <Embedada-o>[↑ estonteia-o] aquela grandeza <[↑ em]> solitari<a></o\>/a\ <[↑ bronze.]> erguida de encontro <ao Infinito.> [↑ à Imensidade!] Trata-se duma embriaguez panteista; a trocar as pernas em acôrdo com a borracheira mística dos Santos.

Foi o primeiro a entrar no automovel. É também a ancia de partir, o horror ao mesmo sitio, por mais belo. Quem estará contente no Paraiso, depois de quinze dias de bemaventurança? Compreende-se o pecado de Adão e a queda de Napoleão. <Quizeram

---

<sup>16</sup> cebre: *provável erro por célebre*.

fugir;> [↓ Aborreceram-se,] um, do jardim do Eden, o outro, do jardim das Tulherias.  
 <Adão repousa no Calvario, e Napoleão, em Santa Helena, dois ossos de jardim>  
 <Temos herança de ave migradora.>

O Angelo toma o volante; e o automovel parte, com aquele espalhafato ruidoso e veloz, que <deve dar>[(↑) <deveria ter dado> deve dar] aos animaes a impressão <de que>[(↑ dum] um monstro aparec<endo>/cido\ <na> [(↑ sobre] terra. Os mais corajosos, <e de>[(↑ <+>/de\] \*prometeica tempera, arremetem contra ele. Os cães ladram-lhe e correm no seu rasto de poeira, pretendendo vencê-los, na corrida. São uns parvos da vaidade. Dize-me com quem vives... Um boi bravo das Lezirias, <[(↑) estacado ameaçadoramente, na linha ferrea,]> marrou contra a locomotiva dum expresso, voando em bifos e costeletas, pelo ar! E certas aguias atacam os aviões. Expulsam as divindades invasoras da sua patria celestial. Tambem <os Deuses fogem d<a>/o\ <terra>[(↑ mundo]>, quando os homens <tomam as armas.> se armam, fogem os deuses do mundo. Que é um exercito em luta? A propria Omnipotencia destruidora: <Cada seu passo é um cataclismo, cada seu gesto uma catastrophe. Como a loucura de Satan desvaira as <\*crea> almas>

Sim, os animaes não possuem qualquer <fa> instinto mitologico. Carecem de fantasia ou de poder expressivo do Infinito. O boi não vae além do lameiro, nem o cão da côdea. Mas o macaco saltou dos ramos para as estrelas.

O universo é uma parte da existencia, aque[↓ la que] abrange o nosso olhar, ou

nu ou atravez dum vidro e ainda do raciocinio.

Seguimos pelo estradão, ladeados dum muro antigo e velhos sobreiros, em fila, até à ermida de Nossa Senhora dos Milagres, que eles cercam e protegem, desde 1798, contra os discursos da Convenção e as balas de Napoleão.

Desembocamos na estrada de Basto; e, sete minutos depois, paramos <[↑ para tomar gazolina,] no coração de Amarante, isto é,> no largo de S. Gonçalo, entre o Templo e o rio, sustentado por um alto muro a marginar o Tamega, desde a ponte à casa do tenente Vieira, nosso amigo. Era preciso encher o deposito da gazolina. Rodeou-nos logo um bando de garôtos como embaixadores gentis da Vadiagem ou do reino de Portugal. [(↑) Em cabelo e descalços, o que os aproxima da natureza,] <P>/p\edem tostões, nome arcaico [(↑) de prata,] aplicado a uma moeda nova de cobre. Mas os mendigos de aldeia contentam-se ainda com a côdea de brôa ou da esmola. Esta côdea, simbolo da caridade camponeza, tem um sentido liturgico. O seu aroma <sagrado> recorda-me sempre a velha Couta da minha infancia, pequenina, uma cara de castanha pilada, com um manto azul cheio de remendos [↑ claros] que, <atraves do tempo ou da noite,> [↑ atraves do tempo ou da noite] me parecem estrelas <[(↑) atraves d<a>/o\ [↑ tempo ou] noite <do passado.>[.]]>.

Sentada numa pedra, à porta da casinha, contava-me scenas da sua vida, tirando do alforge um naco de pão <sequinho> [↑ sêco] e poido de andar batido dentro dele. Segurava-o, para o mastigar com as gengivas, entre os dedos apenas pele en-

gelhada muito aderida aos ossos, a mostra<r>/-\|os... Como a velhice é elegante nas mãos! É nas <†>mãos que o[s] <tempo>[↑ anos] se concentra[m], para que elas os deitem fóra, no limiar da eternidade.

<Ainda hoje o pão de milho cheira-me àquele bocado de brôa e ao alforge da Couta.> Para mim, cheirar o pão de milho é ver o alforge da Couta e o seu manto azul, que exalava o mesmo aroma a farinha <,> [(↑) sagrada,] a Hostia da pobreza: uma hostia grosseira, dura de <trabalhada e> queimada no fôrno, azêda para durar mais, — o corpo dum Cristo cavador, [(↑) [tendo,] em vez do madeiro,] <de> [↑ a] enxada ao hombro <em lugar da cruz.> [.] Cada labor tem o seu Cristo. Ha o dos pastores, ainda <m>/M\enino, com um anho ao colo, o dos <pastores> pescadores que aplaca as tempestades O da montanha vive numa ermudinha branca em negro cume; e o do mar numa capela <solitaria> <sobre um>[↑ assente num] penedo do litoral, <açoitado das ondas> onde, à noite, as ondas e o vento rezam na mesma voz da escuridão.

<E>/E\ <ha>[↑ temos] ainda o Cristo da <†>/D\escrença<,> [(↑) ou dos descrentes,] o mais divino<,> [(↑) e humano,] tão livido<,> [↑ e magro,] <sem <uma> gota de sangue nas chagas [(↓) <uma sombra quasi ou> <não mais do que> uma sombra,]>[↑ quasi um[a] <fantasma,> sombra,] <,>/e\ apenas cruz abandonada... [\*s.]

<Para lá>[↑ longe] dos garôtos, encostados às esquinas, <alguns> vultos ociosos e aborrecidos, <parecem> contempla<r>/m\ uma paisagem,

isenta de bucolismo, toda <L>/\largo de S. Gonçalo, onde ha pombas a voar em tedio azul... Outros, debruçam-se na varanda, sobre o rio; olham o derivar das aguas [(↑) e a dança dos reflexos de luz em cada ruga <liquida ou> de cristal,], com um olho de Heraclito vasado <ou vasio>[↑ ou vasio]<,;>/\ que todos nós sômos [(↑) Héraclitos,] Platões e Aristoteles vasios.

Tambem a nossa alma é um jogo de reflexos, à superficie dum Tamega chimerico.

Mas, em contraste com o derivar das aguas que não voltam, ergue-se o zimborio rotundo pousado no telhado da igreja, a certa distancia da torre emagrecida. É a torre da abstinencia e o zimborio da *tremenda*, em que as crateras de vinho, os presuntos, os leitões, as mascaras rubras dos monges e as trevas nocturnas se confundem num pesadêlo de Saturno depois de devorar os filhos.

Este largo de S. Gonçalo é o centro da vila, o coração do proprio Santo <aberto> empedernido mas sens<e>/i\vel e aberto a todos os romeiros piedosos e a todos os turistas das camionetas, por mais hereticos ou apostolos de Baco! <Cabe>

Cabe tudo dentro dele, até o Café do Belchior, com a Maria José a servir o precioso veneno, loira, corada <e>[,] sorridente, em estilo da Renascença, — uma perfeita Gioconda. Não será <ela> a propria Gioconda encarnada? E, por isso, fugiu do Louvre... para Amarante. <Assim uma obra

de arte toma fôlego vivo> Do que é capaz uma obra de arte!

Claro que tomei uma chavena do dito veneno precioso, enquanto o automovel enchia o papo de gazolina, no meio da rua e d<e>/os\ garôtos, qual deles o mais pitoresco e andrajoso (o vestuario <só> [(↑) como um templo (veja-se <a>/o\ <\*Acropole> Parthenon] é belo depois de esfarrapado) já tocados de etéreo sonamb<u>/o\lismo ou envoltos na nevoa sebastianista.

O que mais caracteriza a alma portugueza, é aquele ar abstrato, sonambulo, aquela ideia fixa em parte alguma, aquele devaneio ou idilio em pleno Vacuo, ou delirio extasiado na sua propria irreabilidade.

Olha, mas não vê <;>[, e] não sabe no que pensa<va>, embora lhe trabalhe sempre o pensamento. E esta actividade o satisfaz. O poeta embala-se [(↑) como esquecido] no seu canto; o comerciante embala-se no seu negocio, ao balcão, e não dá pela presença das freguesas, e o chofer adormece <ao volante> com as mãos no volante e só acorda no outro mundo. O assassino lusiada não se lembra de disparar todas as balas do revolver, nem a meretriz se prostitue até à ausencia absoluta de pudor E os Santos desta <Teba> alegre Tebaida ocidental casam as velhas e piscam o olho às raparigas, esquecido[s] da sisudez catolica ou de pôr no rôsto <as>/a\ penumbr<as>/a\ liturgic<as>/a\ dos

templos. Não é assim, ó Santo Antonio de Lisbôa? Um <s>/S\anto lisboeta! Ai dele se ouvir cantar o Fado! E o encanto da creança portugueza não está nela, mas na infancia anunciada, na primavera que se exala do seu vulto e o cerca de esplendor; [(↑) está no seu fantasma <indefinido.>.] A creança ingleza, por exemplo, é dum encanto extraordinario, mas não irradiante. As suas formas, dum colorido de rosa <celestial> do jardim do Eden, são impecaveis, mas <todas> dentro das suas linhas, como se fôsem esculpidas na Grecia. A escultura grega nunca excede o marmore para fóra. Quando o exede, é para dentro<. Não é ela o>, pois descende da esfinge silenciosa. Herdou aquele enigma mineral que parece agora decifrar-se electricamente. Será uma decifração razoavel? Assim o declaram os Oedipus [↑ (?)] da sciencia.

A bruma sebastianista apagou-se aos portuguezes e andam, na terra, como sêres indefinidos. Ignoram o limite das cousas, não podem ter, portanto, um conceito mecanico <da <\*rea> existencia [(↑) <mecanico> ou cristalino,]> [(↑) ou cristalino,] da existencia, mas sentimental e nubloso. Uma tristeza! que enfurece os nossos pedagogos, <do real> tão senhores da <realidade>[↑ verdade] que a calcam quatro vezes, ao mesmo tempo!

Mas o portugues em geral é um sêr indefinido. Principia tudo e não acaba nada. Veja-se a Historia de Herculano, as obras de Santa Engracia, as estradas... <Mas> <r>/R\epresenta, por isso, como nenhum outro povo, o Creador. E <é, como ele, imortal, ou> morre sem chegar ao fim da vida, àquele ponto de desilusão absoluta em que a vida finda realmente. [↓ Morre, mas não de morte. E eis ahi a imortalidade.]

Não atinge a praia, o rochedo <morto.> [.] <Morre><[↑ Expira]>[[↑) <Fica-se>[↑ Boia] perpetuamente] no mar alto dos *Lusíadas*. Ainda bem! Ainda bem!

Mas continuemos o passeio.

## II

Partimos, estremunhando os garôtos, a berros de clacson e <entramos na>[↑ atravessamos a] ponte roída das balas napoleônicas. D'um lado, a Insua, crianças a brincar, na areia. E, à superfície do rio, brincam e nadam, fazendo espuma branca e barulho alegre, Tritões e Nereidas de água doce. <Ha poetas da mesma casta.> O Tamega tem a sua Mitologia e os seus poetas.

Do outro lado, a corrente mais estreita e profunda, alarga <depois, para ser>[↑ e é] cortada por um açude e um ilhéu de penedos e <+> freixos. Depois, <o rio>[↑ o Tamega] desaparece numa curva, onde o arvoredado marginal e a sombra dos outeiros<, à tarde,> se confundem na mesma espessura <escurecida,>[↑ misteriosa,] quando o sol também desaparece por de traz dos montes de Santa Cruz, recortados no esplendor do poente, como a serra de Cintra vista das torres de Mafra.

Agora, é a rua do Cuvêlo escura; mas <recebe,>[↑ <nela> entra nela,] <como unico alivio,> por algumas aberturas, <como unico alivio,> a imagem do rio, no

verão e <,>/o\ <que é <+> já \*grave,> o proprio rio, no inverno<. Então, é um Tamega <quasi> marítimo,>[,] muito inchado em ondas [(↑) <lodosas,> sujas de lodo] e cavernosos \*alamares, a escapar-se pelos tres arcos, quasi submersos da ponte que estremece, <cheia de espectadores apavorados, mas confiantes no colosso de granito.> apavorando os raros transeuntes e os espectadores que estacionam, no Largo, a admirar o espectáculo diluviano. Sim, um incidente do Diluvio<, mais verdadeiro que <tôdo o \*nosso>[↑ o] Atlantico.>[.]

*Que Tamega!* exclamou um rapaz da minha freguezia, ao ver, pela primeira vez, o mar, na Foz do Douro, em Carreiros. Também estou a ver-lhe a cara, nesse momento, ou, melhor, o seu espanto. É curioso como um sentimento se apodera, por completo, do nosso rosto, e é só ele todo máscara carnal. Vê-se o medo, o espanto, a alegria, como se vê o Antonio, o Manuel e a <\*M> Maria.

Nunca surpreendi a visagem da alegria, como no focinho dum gato, ao apanhar<, num salto,> um pássaro, num salto que parecia <voador e relampejado>[↑ <um> relamp<ago>/ejado\.] Foi a primeira revelação que tive deste [{↓} mundo] e do outro <mundo.>[.] Um[a] <demonio>[↑ *fera*] a devorar um anjo. Devorou-lhe as azas e o canto. Lambeu os bigodes <felinos>[↑ brancos] e agitou a cauda <lampejante de gula, a cauda magnetica, aquele gesto macio da ferocidade felina, feito>[↑ *magnetica,*] lampejante de gula satisfeita. [*Oh que relampago! Ficou impresso no ar eternamente.*]

A desilusão <que sofri> <de <natureza>[↑ qualidade] religiosa> que sofri, maculou-me, para sempre, o <meu> sentimento religioso, no sentido catolico desta palavra. <É a minha sombra negra.> <De entao> <[↑ Desde e]> <para cá> [↑ É por isso, que], entre mim e Deus, ha sempre um gato a <ma> devorar um passarinho: <que sombra negra!> <uma scêna de pesadêlo cósmico.> Oh, aquele etéreo canto na bôca do silencio demoniaco! Uma scena de pesadelo cósmico, pois descobrimos nela a mais absoluta ausencia de intenção moral na Natureza. Deus está ainda no Infinito ou a caminho [(↑) do espaço ou] da existencia. Sim, a caminho da existencia. Cristo anunciou-o.

Em Padronêlo, a estrada bifurca-se. O braço direito vae para a Regua, pelos Padrões, que aparecem, qual remorso da montanha, no *Perfil do marquez de Pombal*, <desenhado>[↑ gravado em aço] por Camilo; e tambem aparecem na minha *Beira*, esfumados na sombra nocturna, sob o sorriso duma estrela, uma gota enorme de cristal, cheia de luz e de distancia: luz e distancia, nada mais.

<Tomamos o>[↑ Seguimos pelo] braço esquerdo, na direção de Vila Real. Nunca me aproximo do Marão, a sangue frio. Já, em creança, <na> quando chegava às alturas de Padronelo, <misteriosamente> <me> impressionava[(↓)-se profundamente] a aparição distante daqueles bronzeos relevos [(↓) solitarios,] onde pousava o céu azul. A vista da montanha acorda-me não sei que saudade dos primeiros tempos do Planeta.

Sinto a mesma saudade de Ninive, ao ler a Historia dos Assirios. Será a palavra Ninive que ecôa, na minha imaginação, dum modo especialmente evocador? E ha tambem, no norte da França, num porto de mar, <\*Saint> Saint Malô, [(↑) que me] provoca<-me> <identica saudade.>[(↑ o mesmo sentimento.) <Porquê?> Mas este caso é mais simples. Na sala de jantar de meu avô paterno, havia uma gravura que representava aquele porto marítimo: <um> grupo[s] de edificios, [(↑) de altos telhados em angulo agudo,] <sobranceiros> rodeando uma enseada, com navios à vela e uma saída para o mar, <a sugerir-nos a atlantica amplidão indefinida> esboçado apenas na sua amplidão misteriosa. A gravura ou desenho dum navio à vela foi sempre, durante a minha infancia, o maior encanto dos meus olhos. Era o fantástico tripulante de todos os navios que eu via desenhados ou pintados, como tripulei varias cascas de laranja no Mediterraneo <duma pôça>[(↑ do meu] tanque, <todo> <em> <circundado> <fechado em praias de granito.> <um pequeno lago<,> [(↑ azul] uma safira encastrada em granito.> fechado em <faleses de granito> abruptas costas de granito.

E assim vivo em Saint Malô, como viv<o>/i\ em Ninive. E, lobo, uivei nos fragedos do Marão, toda a melancolia da minha alma, porque<, em nós,> a alma [{↑} não o corpo,] é que é um animal faminto. Não ha carne que lhe contente a ferocidade, nem bebida que lhe alegre a sede.

Lá está ele, o Marão, ainda distante, mas já em visão panora-

mica, por de traz de montes arborizados, que nos permitem contemplar os pincaros mais altos, postos em eminencias de ond<as>/a\ parada, no horisonte, desde o Génesis. Mas parecem caminhar para nós, <serenamente> em pacifica maré crescente, enquanto os outeiros vizinhos correm e dançam, como loucos, em redor do auto, que a velocidade é contagiosa, e tornou-se [n]uma <especie de> epidemia mortifera.

Depois de Larim, a estrada costeia o rio Ovelha, a pastar a erva das margens e a balir nos açudes. Pobre ovelha metamorfoseada em <arvore> agua, depois de morrer de sêde, durante uma estiagem infernal. E quem morre de fome não se transforma num<[a]> <campo de seára?> <arvore carregada de fructos?> campo de seára?

Já se avistam os primeiros encostos da montanha vestidos de arvores, pelo governo, que <é a providencia dos nus e dos famintos e,>[,] <verdadeiro> <[↑ moralista] catolico> não pode permitir a imoralidade da nudez, a montanha a mostrar o sexo. Lá da cinta para cima, as tetas petrificadas, vá, em nome tambem do feminismo. Harmonise-se o passado com o futuro, eis o segredo da musica moderna.

Mas o arvoredos tenta subir pelas encostas. O seu desejo é colocar nos calvos pincaros, esses craneos apostolicos, uma especie de chinó vegetal. Ó venerando S. Pedro, de cabelei-

ra postiga e com todos os sulcos d<as>/o\ petre<as>/o\ <faces>[↑ rōsto] convertid<a>/o\s em ribeiros de lagrimas! Ó tragico ridiculo da paisagem! Ó Marão comicamente martirisado! Na biblica fronte um chinó; e logo, por baixo do nariz leonino, \*um hotel, <uma especie de cloaca das elegancias!> isto é, latrina e refetorio<sup>17</sup>.

Plantar arvores, no Marão, é o mesmo que plantar cabelos na careca do primeiro Papa, esse môrro judaico ou transmontano. Uma profanação de garôtos voltaireanos...

O fomento da riqueza publica não respeita nada, quanto mais a estetica! Tomára ela semear de batatas todo o Jardim do Eden! Que bela vinha no Calvario. [(↑) Não é o vinho o sangue de Cristo?

Se o vinho é sangue de Cristo,

Bem haja quem o matou...

Assim reza a cantiga popular ou a canção do Demo] E o Horto? Horta e horta cheia de couves galegas. O homem vive só de pão. É o conceito do inglez, o economista, por excelencia. No Egito, pôz as mumias dos Faraós a arrotear as margens do Nilo, e prendeu a Esfinge a uma nora de irrigação. Não irá abrir uma padaria no Parthénon?

Passamos em Candemil, berço e tumulo de Antonio Candido, pois a sua habitação foi, em Lisbôa, no primeiro andar da Academia, como primeiro academico. Primeiro e ultimo<.>/,\ creio eu.

A estrada serpeia na serra, cingindo-se ao coleado dos outeiros, lançados, em rápidos declives, das com<e>/i\adas ressêcas até aos vales molhados de erva, que escorre, tão <verde!>[↑ mimosa,] pelos leitões ingremes,

---

<sup>17</sup> refetorio: o facto de a palavra também estar escrita deste modo na segunda linha do fólho 53 aponta para se tratar de uma particularidade linguística do escritor.

espraiando-se nos campos de Anciães e Gião. <Lembram-me os campos do Mondego, depois das chuvas invernosas, num dia claro. Cobertos de toalhas de agua [(↑) onde se reflete a <abobada> etérea<,> abobada,], parecem <panos de terra, com>[(↑) tapetes <verdes> doirados com] remendos <de céu> azu<l>/es\ ou cavidades da terra cheias de céu.>(((↑)) Encharcados, reflectindo o céu, lembram tapetes verdes, remendados de azul.]

<Internamo-nos n<a>/o\ Marão> Corremos a uma distancia quasi igual da fundura abismatica dos vales e das alturas <do Marão> <vertiginosas> <já celestiaes> vertiginosas de vôos que já nos batem na cara. Repelem-nos. Mas as forças do Olimpo são impotentes contra os Titans <da actualidade> modernos. Ao *Prometeu* <a>/A\grilhoado, <sucedeu o Eschilo,> sucedeu o *Jupiter* <p>/P\risioneiro, como a Eschilo sucedeu Lucrecio. [Primeiro roubaram-lhe o fogo e depois a divindade.]

Mas a grandeza do Marão é que nos domina, e a <sua> imobilidade <sempiterna> que imprime aos seus relevos <de bronze> o quer que é de <tumular> profundamente funebre <ao>. Tocamos com os olhos a morte do <mundo>[(↑) Planeta,] e uma parte <esburgada>[(↑) descarnada] do seu esqueleto. D'ahi o terror que paira em todas as montanhas, o mesmo terror da noite, mas esculpido <em bronzeas formas de ignota Potestade.> numa estatua de bronze monstruosa; — [(↑) talvez] a estatua da Loucura que, depois de agitar o mundo, agita as \*almas até que elas petrifiquem tambem numa atitude eterna de Beleza. Então, todo o orbe será um Museu do Vaticano; onde reinará o silencio <,>/e\ a perfeição da morte.

O Marão é tumulo e defunto, templo e deus, tudo da

mesma substancia, <empedernida> na qual se <nota> desvenda o tempo stratificado, em camadas milenarias sobrepostas. Apalpamos a sua realidade mineral. <\*Cad> <Um seixo é tempo empedernido e uma nevoa é tempo vaporizado.> Mas o contacto duma fraga produz uma sensação impenetravel, resistente a todos os raios do nosso espirito, <\*in> que se aflige na sua incapacidade <de> ou estupidez. É esta aflição que nos tortura perante a grandeza da montanha, essa Esfinge esmagadora ou cósmico Pesadêlo. <Não está morta como a do Egito;> <mas> <a>/A\nima-a um sentimento morto e terrivelmete deshumano. Que <ar> desola<do>/ção\ <a> [(↑) o vento] das alturas! Impele-nos para traz, desequilibra-nos, quer precipitar-nos nos abismos. <Fere-nos>[(↑) Magôa-nos] a cara e põe tremuras nervosas nas rasteirinhas plantas, quasi só raizes metidas nos intersticios das fragas. Dão florzinhas vermelhas, gotas de sangue dos pés dos anjos que se férem naquelas hastes agudas <e duras>[,] quando pousam nalgum penhasco solitario, fatigados de voar<.>/,\ [que o seu destino tem a forma duma aza e a duma cruz] [(↑) o destino humano.]

O Marão atráe-nos, porque é grande, e repele-nos <e>[,] porque nos infunde terror<.>/,\ — o terror do Cáos. Ergue-se [(↓) agora], diante de nós, com toda a sua estatura <monstruosa> <montanhosa.> <de montanha.> [(↑) montanhosa!] E o seu halito agreste <que sopra das estrelas> murmura ignotas vezes que nos mergulham no mais dramático scismar. Trata-se dum drama indefinido, melhor, duma elegia<,>/:\ e, por isso, nos comove. O indefinido sentimental, como a visão da distan-

cia, é que nos impressiona intimamente, pois o nosso mundo moral ignora os limites terminantes. Não é ele a imagem da amplidão? Não podemos ver os nossos sentimentos em silhueta <desenhada,>[(↑) recortada,] mas num <esbôço> esfumo ilimitado. As ideias, sim; — podemos recortá-las num papel. Por isso, as desprezamos.

Mas um sentimento, o da tristeza, por exemplo, seduz-nos absolutamente, porque é incomensuravel ou indefinivel. A sua imagem paira <no mar <e>[,] no deserto e> na montanha.>/, \ como paira no mar e no deserto; e descendida da lua, enche a noite de <morta>[↑ silenciosa] palidez...

A tristeza do Marão é mais profunda que a da Estrela.>/, \ <apezar do nome <rel> remoto que lhe deram.> essa Deusa. Já estive, nas Penhas Douradas, com o Angelo.>[,] [(↑) em certo domingo primaveril.] <E, por sinal,> Contemplavamos <nós> o imenso panorama ensombrado pelo dôrso [{↑} alvejante e negro] da Cenabria, <quando v<ôa>/oo\[↑u] sobre as nossas cabeças uma nevoa escura> quando uma nevoa <escura,>[,] ao passar sobre nós, se desfez <numa ligeira>[↑ em branda] chuva de <finas> pétalas de neve. E logo um raio de sol nos deslumbrou. Ofereceu-nos risos e flôres. <Mas> <o>/O \ Marão não é delicado nem amavel;> /— \ mas é triste; e na [{↓} sua] tristeza ha simpatia, porque sendo cósmica <é humana> parece humana. É como a figuração do <seu>[↑ nosso] intimo em relevos de bronze montanhoso. Assim um deus [↓ nos] retrata <a nossa alma!> [!]

Este orgulho sentiu-o, durante a mocidade. Um rapaz acredita em si proprio, isto é, na sua infancia ou divindade. [(↑) Quem é que, aos <desassete>[↑ vinte] anos, não] guia o <carro do> faiton celeste e [(↑) não] estreita Venus nos seus braços<./?\ E quem é que, aos cinquenta[,] não tem ainda o corpo <dorido>[↑ maguado] de haver caido do Olimpo sobre a Terra? Que é a velhice senão uma saudade da infancia ou a infancia <em fantasma redivivo?> longe dela, como <um reflexo do> <está> [↑ é] longe do sol este sol <que>[↑ a] lateja[r] <em braza de ouro><[↑ esbrazeado]> <nas>/na\ agu<as>/a\ do meu tanque. Mas só a distancia temporal é verdadeira. Assim eu estive[↓sse] na minha infancia, como o sol do infinito está no sol <do meu> que arde na agua do meu tanque.

Outrora a tristeza do Marão comovia-me até às lagrimas. Então, traduzia eu, em sentimentos, as proprias pedras. Ingerimos um fructo e convertemo-lo em sangue espiritual. Por identico processo, comungamos a imagem duma arvore e a convertemos numa Deusa. Mas este poder assimidalor e creador enfraquece com a idade. Qual é a alma que não sofre do estomago, depois dos trinta anos?

Agora, a montanha atemorisa-me, que à coragem sucede a cobardia. Na sua imponencia caotica, recorda uma explosão do Tártaro, num seu impeto medonho, para os astros, que empederniu e congelou <numa> numa grandeza impotente, <e \*m> como a do mar quando pretende engulir a terra e vomita, afinal, todos os penedos da

praia.

Atemorisa-me<,> andar, de noite, naquelas ruínas do Odio creador, entre aquelas muralhas denegridas, ao nascer da lua nova. Ha um momento em que ela pousa num alto cêrro, qual barc<a>/o\ de prata no dôrso duma onda de bronze.

Mas em noites <de vento leste,>[(↑) <vento> claras de inverno,] são as estrelas que nos pousam <[(↑) \*a]> na fronte<. Mas não é de lume, é de neve a sensação que nos fére>[,] de tão dilatadas no seu fulgor cristalino<. Mas é de neve e não de lume a sensação que nos fére.>[,] sobre aquele êrmo defunto em que se erigem todos os altos relevos montanhosos. Mas é de neve e não de lume a sensação que nos fére. Golpeia-nos os lábios e séca a erva tenra dos planaltos; apaga-lhes a chama viridente; e que fica, deante de nós, é carvão, escoria, negras esculturas dum incendio extinto, <e> o quer que é de <infinitamente>[↑ poderosamente] espesso e vão, pesado e ilusorio, <duma>[↑ de] tragedia esfingica e ôca, que <nos>[↑ me] <esmaga>[↑ oprime] e imponderalisa numa anciedade absurda de decifrar<mos> o seu enigma. Não nos eleva, no espaço, o desejo de voar? Mas voar em desejo... é ultrapassar o espaço e abrir as azas no Infinito, que o infinito é o alem do espaço e a eternidade o além do tempo.

Eis o que eu magicava, ao contemplar, do automovel, as quebradas e as vertentes do Marão, dum Marão antigo, evocado, a

sobrepôr-se ao Marão de parque municipal de que irrisoriamente o mascararam. Pobre ancião da Bíblia<; no seu *fato de macaco!*>[!]

Paramos no ultimo lacête, já proximo do Espinho, onde uma trovoadas surpreendeu Camilo, a caminho, como nós, de Vila Real, mas <a cav> montado num cavalo, a gosar o panorama serrano defumado pel<o>/a\[\↓s] <vidro das> lunetas de vidro escuro. Via <tudo> negro, dentro e fóra dele; e, por isso, os seus descritivos são dantescos, leopard<e>/i\scos e lucrecianos<, que>[.] Lucrecio, Dante e Leopardi, eis a trindade tenebrosa<, do velho Lacio> os tres mochos da noite mediterranea.

Paramos e tudo parou comnosco. Todos os relevos da montanha estacaram, de repente. [(↑) Lá está a \*cota \*capelar, e a sua cobertura, onde o \*genial \*escritor viu o cadaver duma pastorsinha fulminado, rodeado de lividas mulheres...] Lá estão as cumiadas dos montes, com os seus perfis de estatuas tombadas sobre as costas, dum funéreo aspecto antiquissimo; principalmente ao pôr do sol. Então parecem dormir o sono eterno, ao clarão dum lampadario de oiro<.>[(↑) , suspenso da abobada <infinita> celeste.] A sua expressão defunta, ha mil<ares>/ões\ de anos, é duma tal realidade empedernida, que, entre ela e o nosso sêr, desaparece qualquer ponto de contacto. Sentimo-nos tão longe da Natura, tão estranhos à existencia, como <vãoos fantasmas> <que> espectros que sômos, afinal. E este sentimento é a unica dôr <humana.> sofrida apenas pelo homem; a unica dor humana.

Só os longes, tambem serranos, mas velados dum azul

indeciso, <estão proximos>[↑ aproximam-se] da nossa alma, que é também uma nevoa remota, o quer que é de maguado e vaporoso, na estupidez do nosso corpo, essa machina de comer, etc. Mas é certo que ela apareceu, no corpo, como apareceu a sciencia na ignorancia. [(↑) O corpo é também uma intervenção da alma na existencia.] E foi um grito da treva o *fiat lux*... É na biosfera, impregnada de emanações animaes, de cheiro a proximo, que Psiché bate as azas de borboleta, as mesmas de Cupido ou da Cupidez. Enebria-a o perfume da carne e até da carne *faisonée*<sup>18</sup>... A perdiz come-se com a mão no nariz.

Psiché alimenta-se de aromas venenosos. Quando procura o das flôres é uma Psiché vegetareana ou narcisica. Imagina comungar a propria imagem. <Uma D. Elvira qualquer.> Mas o narcisismo é caso grave, — o <sentimento><[↑ o instinto]> da nossa propria divindade. Só <mais tarde> <dep> mais tarde é que a trasladamos <para outro, ou melhor,> para Outrem. Esta palavra <é que> exprime a entidade de Deus. [{↑} Nós,] <P>/p\rimeiro, <nós,> e ele, depois. Primeiro, está o individuo, ou o instinto alimentar (o complexo da refeição) e depois <[(↓) o colectivo ou]> <o> sexual> [(↓) <o>[↑ ou] colectivo <ou>] (o complexo de Oedipo ou de Freud). O instinto alimentar, com todas as aberrações alcoolicas e gastronomicas predomina até aos vinte anos. Depois, é o lupanar e a siflis, o casamento e o <tedio> aborrecimento. Depois, <são>[↑ são] horas de dormir...

---

<sup>18</sup> Faisonée: erro por faisandée (que iniciou o processo de putrefacção); assim também no Ms. D, corrigido na 1.ª edição.

Mas o auto continua a marcha veloz. Sobresaltam-se os montes circundantes, relacionados comnosco intimamente, contagiados da nossa velocidade enlouquecida<.> [(↑) a devorar leguas e sempre faminta de mais leguas!] A carranca da montanha anima-se de estranhos movimentos fisionomicos. Irá falar? O homem não se convence de que está sosinho, no meio dum deserto. Só ele vive, tudo o mais é morto<, que>[.] <a>/A\ vida é consciencia, um reflexo descendido da Via Lactea<;> que apenas encontrou <no>[↑ em nosso] sêr <humano um>[↑ o] meio <revelador de suas qualidades.>[↑ de se <revelar espiritualmente>[(↑) tornar espiritual.]] <O proprio cão olha-nos, sem nos ver.>

Sentimos todas as cousas; não ha nenhuma que nos sinta. O proprio cão olha-nos, sem nos ver. <Beija-nos as mãos, e não sabe o que beija, nem sabe o que é beijar.>[(↑) E o seu olhar não tem alcance, falece-lhe a pequena distancia do nariz.] Existe nele, como nos outros animaes, um *limitado* ou *acabado* que o condena a ser cão eternamente. Não pode sair de si mesmo para outro sêr como nós saimos do orango ou das mãos de Deus, se admitirmos Moysés contra Darwin. O gerico do profeta Balaau foi sempre gerico, mas o profeta não [↑ foi] profeta sempre. A faculdade de ganhar é exclusivamente humana. D'ahi a origem da batota e de todas as aventuras, incluindo a lusiada ou dos Lusiadas. Os animaes nem ganham nem perdem. Nem depois de mortos se lhes altera a expressão <fisionomica> da cara. <Não se lhes n> Ninguem lhes nota a ausencia da alma, <a lividez cadaverica> o aspecto cadaverico, <a morte a \*mos-> o defunto. Não estão mortos: dormem<.>/\ [como Blesila \*na epistola de Jeronomimo...]

A montanha [(↑) <agitada da nossa loucura> animada da nossa velocidade,] move-se, gesticula, mas não fala. É uma Esfinge a galope, mas não quebra o silêncio interrogativo, aquela sombra misteriosa que ela emana e parece esboçar, no espaço azul, o seu fantasma. É uma fuga de cósmicos gigantes <empedernidos,> reduzidos a vultos informes pelo tempo, que muda um penedo numa estatua e uma estatua num penedo. A Natureza trabalha artisticamente as suas obras e trabalha ainda as obras de arte, a ponto de ser difícil distinguir o artificial do natural. E tira ainda da realidade os efeitos mais chimericos. Quantas vezes, em noites de luar, não interrogamos a sombra dum arbusto, toda presença humana ou temerosa, parada, à beira dum caminho: *Quem está lá? Pode-se passar?* O vulto não responde; e apontamos-lhe um revolver ou, prudentes, voltamos para traz. No dia seguinte, o arbusto figura nas nossas palavras ou como salteador irrompido duma caverna ou como espectro nascido dum tumulto, que o ventre da terra gera espectros, depois de fecundado pelo medo. O medo fecunda a terra e o céu. Quem fez as criaturas? Quem fez os deuses? Ó medo, interrogo-te, como o viandante nocturno a sombra dum arbusto. Serás um deus protector ou simples instinto de defesa? Os animaes passam a vida a fugir <e os homens dentro duma fortaleza.> <uns dos outros e> do homem. Também o homem passa a vida a fugir;

mas é de si proprio que ele foge. <Este>[↑ É o] cordeiro <encerra>[↑ e] o lobo<, t>[↑...] no mesmo sêr, que vê o lobo perseguir o cordeiro fugitivo. E tem um sorriso <t> de [(↑) ironico] espectador. <Indiferente.>

O medo entra na formação [↑ <é que> informa] de todos os nossos sentimentos. O medo à morte não é o amor? <Mas o odio é medo corajoso perante a morte. Afronta as balas do inimigo.> Como, deante dele, nos auscultamos, a cada instante, de ouvido atento; [(↑) a mão no pulso,] e na mais ligeira perturbação <da nossa pessôa,>[↑ cardiaca] imaginamos ouvir os passos de Caronte. Mas o <odio> odio é medo corajoso e sempre <contra>, de lança em riste, contra o deus do Tartaro.

<Ó medo<!>, ó medo,> <<n>/N\ão será tudo o medo ao nada?> O amor é medo, só existe o medo. <Que é o tudo senão o>[↑ E não será tudo o] medo ao nada?

*O mêdo... o medo...* murmura o nosso filosofo moderno; *é assucar no sangue*. E eis a grande revelação. A Esfinge, finalmente, abriu a bôca, falou. Para que? Para revelar a vacuidade do seu enigma:

É atraves dela, da esfinge, que o auto nos transporta <arrebatadamente.> velozmente. Chegamos ao alto de Espinho. Atraz de nós, um declive abismatico da serra, uma abertura, cada vez mais ampla, na direção do <mar,>[↑ poente,]>[(↓) <mar> ocaso,]> <que se adivinha para lá dum horizonte longinquo, <a>/o\ [s] pequena serra>[↑ montes]>[↑ ocaso até aos montes longinquos] de Valongo esbatid<a>/o\ [s] <numa>[↑ na] nevoa do mar. Deante de nós, outra abertura [↓ mas] espraiada, entre os mô-

ros boleados que dominam o vale da Campeã e os da Senhora da Serra, mais altos, cortados quasi a prumo, em fragaredos imponentes, sobre um panorama transmontano, planaltico e deserto, no sentido d<e>/a\ Galiza. À nossa direita, entreabre-se o vale do Corgo, sob a ameaça perpetua dum desabamento da montanha. São enormes saliencias atormentadas, suspensas quas<e>/i\ sobre <o vacuo.> outeiros verdejantes<, com>[↑ e] pequenos patamares <cultivados> onde se acumulam alguns casébres e duas ou tres casas caiadas de branco, de telhados novos e janelas envidraçadas. <Parecem rir>[↑ Riem], <b>/d\ebaixo daquelas carranças <de cariatides> <fragarosas e ameaçadoras> [↑ enormes <e><[(↑) duma tristeza mineral, ou milenaria,]> <fragarosas,>] com ameaças de desabamento <na expressão> <terramotica, sinistra.><[↑ fragarosa e terramotica.]> [(↑) <<duma>[↑ e uma] tristeza mineral, <ou milenaria,>[,]>[e uma tristeza de penedo esmagadora.]]

Depois, à esquerda, os campos viridentes da Campeã, com pequenos povos aninhados, em volta duma igreja <rustica,> a divisação<sup>19</sup> das choupanas como Cristo é a divinisação de que[↓m] nela[s] vive. [(↑) Nestas choupanas, o telhado de lousa, <ao sol,> [↑ em <seus> <aureos> dias<,> claros,] parece escorrer agua deslumbrante. <Não lhes basta a chuva do inverno!> Sempre molhados ou da chuva <do inverno> ou do sol <do estio!>[.]] Lá está, num reconcavo profundo, Vila Cova<, onde> e os seus habitantes, *almas mortas*, como as de Gogol: <São> mulheres em osso e farrapos, com a lã das ovelhas, numa roca<, de cana>, a passar-lhes em fios, pelos dedos <nodosos,>[↑ magros,] só falanges, velhos defuntos de enxada ao hombro, em cabelo e descalsos, <e> pegureiros infantis, mostrando <a cêra livida do corpo>[,] pelos rasgões <da camisa e das calças

<sup>19</sup> divisação: erro por divinisação, provavelmente decorrente da mudança de linha: divi-/sação.

quando o vento das alturas lhes agita os>[(↑) do vestuário, o corpo<sup>20</sup> agreste e arripiado, a pedir <comida> <um presiguinho além da côdea e da cebola crua>[alguma cousa mais que um naco de brôa e e<sup>21</sup> uma cebola.]

[(↑) A meio duma encosta dominante, <uma>[(↑) a] ermida branca, onde Nossa Senhora das Minas (as minas pertencem ao <Angelo>[(↑) poeta]) ouve <o uivar dos>[os] lobos e o vento, o mesmo latim <uivado na escuridão.>[(↑) de missal uivado na escuridão.]

Descemos para Vila Real. Às vezes, na margem da estrada, um monumento religioso, de arte rustica e tocante e até hilariante, <mas piedosamente hilariante.> Provoca o riso e a piedade. Ha um que representa Nossa Senhora vestida de senhora<,> <[(↑) moderna,]> com o Menino ao colo, <de sobrecasaca e <chapeu \*a> cartola.> também vestido de senhor: ela de saias refolhadas e ternú; ele, de sobrecasaca e <chapeu> cartola.

Num pequeno alpendre, quasi destelhado pelos temporaes, que as forças da natureza <são> <não respeitam nada,> são hereticas como a inspiração dos Poetas, vê-se um Cristo crucificado, sem um braço. Disse-nos um pastor[↓sinho] da serra, ainda amarelo da contemplação do sacrilegio, que lh'o quebraram uns sujeitos <que <vinham>[(↑) ali desceram]>[(↑) descidos, ali,] <de>[(↑) dum] automovel... Como <os senhores> vocemecês, acrescentou o rapaz, num instante de inconsciente e graciosa velhacaria.

Como nós?! exclamei <interrogativamente,>[(↑) e interroguei,] fingindo-me ofendido ou incapaz dum acto identico.

«É que eles vinham também num automovel....»

«— Imaginas que todos os que andam de automovel mutilam imagens sagradas?»

O rapaz olhou-me surpreendido, com a <expressão <negativa mais

<sup>20</sup> A sequência do vestuário, o corpo inscreve-se na margem inferior da página anterior.

<sup>21</sup> e e: a repetição é erro, provavelmente no decurso da mudança de linha: e/ e.

luminosa> que do entendimento.>[↑ mais luminosa incompreensão na fisionomia<.> [(↑) desabrochada, <ha pouco tempo ainda,> ao sol das altitudes, como desabrocha a flor da urze<...>/. \ [(↗) Ha momentos em que o sol é uma altitude <em braza>/esplendorosa\ de montanha, <como> <é>/e\ uma ilha de oiro, no mar.]]] Convenci-me de que na sua memoria fantasista, o automovel ficará eternamente ligado a um sacrilegio. E assim as primeiras impressões de que resulta o nosso character podem ser falsas ou injustas. E por causa delas praticamos muitos actos condenaveis <ou nos>[,] agarramos[↑-nos] a estupidos preconceitos e ficamos a ser falsos toda a vida.

A minha lembrança mais antiga <[(↑) devia ser muito creança <e>/ainda\ [e <estar>] estar enfermo:]> confundo-a com <a imagem de> meu pae<. Devia ser muito creança><[,]>/. \ <a> <e>/E\mbala<r>/\[a]-me, [↑ ele,]nos braços <\*p> estendidos para a frente, <cantarolando a>[↑ <e> a assobiar a] Marzelheza <a passear na sala de jantar.> [.] Vejo<-lhe> ainda dançar-lhe nos pulsos os punhos [↑ brancos] engomados <e brancos>[,] e julgo ouvir ainda aquele Canto immortal, porque nos varre da alma o medo à morte<. E a morte não é mais do que esse medo,>[↑ , isto é, a propria morte,] <esse esqueleto envolto em negro <manto,>[↑ véu,] segurando<, nas ósseas garras,> a gadanha, nas falanges enclavinadas>[.]

*E eis a razão do meu Napoleão.*

Mas o Cristo mutilado, prêso à Cruz, só por um braço, sob um alpendre tão miseravel, exposto à ventania da serra, impressionou-me fundamente<.>/. \ [(↑) porque nunca entendi, como então, aquele grito, Perdoae-lhe, que eles não sabem o que fazem.] E todavia é natural o odio atentar contra o amor, embora o odio seja um animal vivente e o amor uma tósca imagem de madeira. Não batem as creanças no objecto que as magôa? Recordo-me de dar ponta-

pés numa porta (esmagára-me um dedo) já velha e roida do caruncho ou do reumatico, a ranger [(↑) ou a gemer] nos gonzos ferrugentos, quando a obrigavam a mover-se. E nesta recordação fantástica, <não ha <coisa morta>[↑ nada] que não tenha fôlego vivo. É> [↑ é] tudo vivo<, a propria vida universal.>[.] é ela a propria vida universal. Vale uma religião. Devo-lhe todos os meus versos. Pobre divida! Um cão não deve à lua <\*t>/a\s suas maguas? E, por isso, lh'as envia nos seus uivos, essas elegias <para além>[↑ fóra] da palavra e do metro e de qualquer lei musical, ou toda a <música no seu além misterioso> melodia de <dor no> angustia no seu além misterioso ou <depois de>[↑ já] percutida no infinito...

<Mas> <o>/O\ odio odeia o amor naturalmente. São dois rivaes, disputam a mesma prêsa, a mesma noiva, — a alma humana. Tanto a cubiça Deus como o Demonio. Porque? Porque não ha mais nada? <A unica Côdea perante a Fome? Um osso para dois cães?>

Mas ver um homem mutilar um Cristo é espectáculo transcendente, um parricidio, estilo grego ou, então, um espectáculo <cósmico>[↑ sobrenatural] em que a brutalidade atinge as regiões celestiaes!

Assim falei, deante do pequeno pegureiro (teria onze anos), magro e palido, com um farrapo feito de farrapos a livrar-lhe o corpo do frio, — que um farrapo, na verdade, aquece mais que um manto de veludo. Está impregnado do bafo de Jesus, [d]aquele Jesus em plena solidão serrana, muito triste e confi-

nado à sua tósca imagem mutilada pelos brutos da Política, <talvez,> ou por <um>/al\gum devoto de deus Bacho.

O rapazito olhava-me, com o seu cajado na mão e à cinta uma algibeira de pele de bexiga de pôrco, encerrando uma côdea e uma cebôla<,> crua, muito admirado, não da minha eloquencia <vulgar>, mas de não entender o que eu dizia. Nada nos espanta como o enigma de certas frases. Pressentimos que é nelas que reside o genio dum poeta. Orar, além do entendimento, é tocar o verbo divino, e é murmurar pela bôca das fontes. <Ó>[(↑) <É uma> Que] voz cristalina e misteriosa, <tão> cheia de sol e <trevã!>[(↑) sombra!] Aflor<as>/a\ da fenda dum rochedo, mas deriv<as>/a\ do intimo da Terra. E essa intimidade <te> <perturba>[(↑) <é que> lhe turva] o <teu> luminoso <nascimento> derivar, onde os lobos matam a sêde, <idealizando, como os ascetas, um anho pascal, um menino Deus comungado \*r> que é uma especie de fome <inocente e> virginal. O lobo<, na sua sêde, é> sedento revê-se <[(↓) inocente, e]> na limpidez da agua, <e é branda imagem inocente> <mas>[e] faminto <\*e> num charco de sangue <\*se><[(↑) \*que] retrata a sua ferocidade.>[.] Beber é já um acto espiritual. Quem molha os labios no velho douro? Não creio que seja o corpo<. E a caricatura disto <tudo?>[?] Oh, a caricatura é <o desfecho duma cara.> é a ultima palavra duma cara.>[(↑)...]

É o anjo, não a besta.

[por embriaguez espiritual ou excesso de força espiritual.]

## III

Entramos[,] em Vila Real, à hora do almoço, a hora mais doce do dia<.>/;\ <[[]  
<A>/a\ do jantar é já penumbratica; e o estomago recorda-se> quando os vapores  
culinarios, só de invocados, nos deliciam o paladar, esse deus pagão de que[↓m]  
sômos o templo verdadeiro. Todos nós... até o sumo Pontifice de Cristo. E o leitão  
assado, deante do confessor de D. Maria, a Louca? Dum lado, a loucura, esse fantasma  
<real;>[(↑) de saias e corôa de oiro, na cabeça; [onde arde<m> nas chamas do inferno  
o pae sacrilego;]] do outro, um <grande> leitão vivo a mastigar leitões assados: um  
leitão imenso, trôpego da gordura, numa cadeira de braços, a confessar a rainha [{↓}  
esse espantalho ao vento] e a governar o reino<.>/,\ [{↓} esse pantano de sombras  
num torpôr funereo..] De noite, observa<[(↑) , para os lados de França,]> a lua nova  
ensanguentada de <cortar> degolar padres e aristocratas, <na cidade de Paris.> Que  
pesadêlo: de barrete frigio e a cavalo no seu ventre onde grunhem varas de pôrcos  
assados, como dentro duma córte! E o reumatico, o pôrco por excelencia, a cravar-lhe  
os dentes vingativos nos ossos? Ó vingança, prazer dos deuses e dos pôrcos?

Vila Real, <dominada por um enorme edificio quadrado, o Seminario,> de  
longe, é um enorme edificio <quadrado,>[(↑) quadrangular,] o seminario; de perto,  
um casario amparado por escaleiras de vinhedos <que descem até às margens dum  
regato> e por escarpas abruptas que descem até ao Corgo, no alto dos quaes um  
cemiterio lembra um miradouro encantador <dos mortos>[,] donde os mortos

[O deus do amor a queimar vivos e mortos, na Hespanha e no Inferno.]

contemplam, ao luar, uma paisagem<, do seu mundo> morta. Como eles, feit<as>/a\  
da mesma chimerica penumbra.

É um<a> ásper<a>/o\  
<cidade> burgo, cercado, a distancia, de varios pinaros montanhosos que parecem reflectir-se na cal branca dos edificios, dando-lhes um ar agreste e perturbado, em que se respira a alma do Marão. É uma alma [(↑) alígera,] que<, no inverno,> nos <golpeia>[↑ fére] o rosto, no inverno, quando o sol se esconde por detraz dos montes <prateados><[↑ nevados,] onde o silencio gelou num deslumbramento de brancura.>[↑ revestidos] duma brancura gelada. [(↑) E então a nossa alma mete-se-nos toda adentro do corpo, a embrulhar-se num cobertor de lã.] Não ha montanha tão morta, nem tão grandiosa nas suas altitudes<sup>22</sup> tumulares, [(↑) uma delas,] com a estatua jacente do defunto, um gigante cósmico, um Adamastor deitado sobre as ondas dum Atlantico de pedra. (<Veja-se>[↑ Olhe-se] da Senhora das Minas, <ao pôr do sol>[↑ à tarde], para as bandas da Senhora da Serra e do Espinho).

Chegamos ao centro de Vila Real. Almoçamos num restaurante contiguo a um café, onde se joga o bilhar e tres individuos sentados, a uma pequena meza de marmore, infinitamente se aborrecem, que o aborrecimento é infinitamente lusitano, como o *spleen* é inglez. Estão, para ali, sentados, todo o dia e pela noite adiante, sempre <à mesma meza,> na mesma posição hipocondriaca, amarelos da cara, com as palpebras sonolentas, a queimar cigarros e a morder no proximo, — um aspecto atenua-

---

<sup>22</sup> altitudes: o traço que deveria cortar o ascendente do primeiro t corta, por lapso, o l, de modo que pode ler-se atlitudes.

do da antropofagia. Tudo o que ha de delicado, no homem, é uma eterisação de cousas grosseirissimas, como um anjo é um demonio passado pelo céu, depois dum banho azul.

Oh, o aborrecimento provinciano, a suspirar por Lisbôa! Como ele transparece em todas as fisionomias, <desde> até na de Afonso Henriques, em Guimarães... Em Portugal, ou a nossa aldeia ou Lisbôa, a vida pensativa e a leviana. Andar com a cabeça no ar, prêsa por um fio às nossas mãos, só na Avenida ou no Chiado! Que delicia imponderavel! Mas, na aldeia, o pensamento <é que anda comnosco>, esse pêso, coloca-nos, sobre os hombros, a cabeça. <Meditamos, percorremos> Vingamo-nos meditando, aligeirando o nosso espirito, que vôa <com>[↑ à <moda>[maneira]] <[d]os pássaros e <até> <brilha no estilo das estrelas.>[↑ dos pássaros e] murmura no estilo dos regatos. <Panteisamo-nos completamente.> <E,> <v>/\iajando <com ele,> no tempo, <regressamos>[↑ revive<†>/mos\] <à>/a\ nossa infancia ou é ela que revive. Sômos a infancia, na velhice, não como regresso decadente, mas por <uma> virtude da <memoria.> <saudade, o Anjo que acorda os mortos.>[↑ memoria.]

O <Antonio Duarte>[↑ nosso escultor] comia, com a maior sinceridade e não hicritamente<sup>23</sup>, como este misero escrevinhador de passeios ou no *Frascati* d<o>/e\ José Vahia [{↑}, <atravez da Beira Alta,>] ou no *Lancea* do <Angelo>[↑ poeta,] ou <num trirreme ao lado de S. Paulo ou> montado num gerico das Arabias, entre <Santa Paula e S. Jeronimo> [(↓) [↑ Santa Paula e S. Jeronimo,] com o pobre tolo, na ponte de S. Gonçalo,] <ou atraz de Napoleão, a bordo do Northumberland.>

---

<sup>23</sup> hicritamente: *erro por hipocritamente, possivelmente devido à mudança de linha: hi-/critamente.*

A hipocrisia é patológica e a abstinência <e outras virtudes>. Implicam certa fraqueza estomacal. Não é nífrico o medo e a crueldade hepática? Não é adiposa a caridade? E a avareza sofre do peito.

O Angelo também come sinceramente; e é mais sincero ainda n<a>/o\ <maneira>[↑ modo] como leva à bôca o vidro a trasbordar sangue das videiras ou de Cristo. Os primeiros cristãos não fôram videiras a encher lagares de sangue? E todos os ébrios do Circo mergulhavam as fauces naquela cratera vermelha<, ao mesmo tempo!>[!] E riam, batendo as palmas.

Servia-nos uma senhora casada, muito anunciadora do matrimonio no desalinho do cabelo, no descuidado do vestuário dilatado nas duas proeminências creadoras <do bicho homem, como lhe chamam os lobos, <†> <bem senhores da sua> muito proprietários da sua superioridade física e moralmente falando, como aquele pitoresco personagem de Camilo;> e ainda<,> <sem> [(↑) uma creancinha, um filho, sempre] atrás dela, a agarrar-se-lhe às saias, <uma creanç<a>/i\ nha <[↑ não]>> <[(↑) um filho não]> [↑ não] acabad<a>/o\ de nascer.

É a dona do restaurante e talvez a cosinheira (que bôa esposa!) atendendo-se ao escuro oleoso <que lhe b> <dos deus dedos> que brilhava nos seus dedos, quando pousava, na toalha, a travessa recheada de bacalhau, tronchuda, ovos, <cebolas>, batatas, cebôlas, tudo cosido à portuguesa e a nadar em azeite dôce raiado de vermelho azêdo. <O pa>

O paladar não ama a simplicidade nem a unidade. É <o>[↑ um] <mais complicad<o>/i\[ssimo,]] dos sentidos>[↑ sentido [(↑) <mais> complicad<o>/i\[ssimo,]]] <porque o sabor>[(↑) pois o gôsto] das cousas é a mais complexa sensação que elas produzem, a mais íntima e enigmática. [((↑)) É uma sensação do interior das cousas, não do exterior como a da visão ou do tacto ou do olfato..] Um fructo, por exemplo, é apenas uma forma colorida para os olhos; mas a sua pólpa esmagada e triturada desenrola-se em mil nuances divinamente saborosas! **É toda a paisagem do Eden desdobrada em nosso paladar...** Ha uma luz que se faz naquele sumo, um oiro derretido em doçura que se <mistura logo ao nosso>[(↑) nos infiltra no] sangue e nos ilumina a inspiração<,;>\ e [↑ logo] de nossos labios se evola num canto ou numa prece. **Ó Paraiso de Dante nas laranjas <de F> florentinas!** As odes de Horacio rescendem a falerno, e a absinto as *Flores do Mal*... E o bacalhau com batatas não é toda a Lusitania? E o vinagre e o azeite, em linguagem <poetico->culinaria, não é o *dôce amargo* da saudade <garretheana> de Garreth, <uma> perfeita imagem poetica aureolando o peixe cosido, depois de <ressequido>[↑ secar] nos areas da Terra Nova?

O <Duarte>[↑ escultor], enquanto come, não fala; mas o <Angelo>[↑ poeta] come e fala, ao mesmo tempo e com a mesma eloquencia. Em falando e comendo, gaguejo duplamente. Falta-me o talento estomacal. Cada vicera tem o seu genio oratorio, como os nossos sentimentos [↑ emoções]. <Mas> quem não ouviu as canções do amor e os bramidos do odio? E não ha intestinos que

trovejamos, como a <v>/\oz do Profeta, de Herculano? [(↑) E o sexo masculino todo lirismo e João de Deus?]

<Ó creatura humana, quantos milagres praticas> <§> [(↑) Praticamos milagres] por ignorancia <[(↑) ou carencia]> das forças naturaes! And<as>/a\ [↑mos] com as mãos no ar, porque não sabe<s> [↑mos] andar com elas, no <chão.> [↑ solo.] [E] [se] Te<ns> [↑mos] fantasia [↑ é] por <falta de <pêso> pêso cósmico; e a tua faculdade racional é decadencia do instinto scientifico, tão notavel, nos insectos, verdadeiras almas plásticas, tangíveis. E não é a pomba um insecto maior <, >/e\ divinizado, o Santo Espirito?> [↑ incapacidade de voar<...> <é razão por falta de instinto.>[.]]

O Duarte não fala: come; o <Angelo> [↑ poeta] fala e come. E, por isso, <consegue ser> [↑ é também] [(↑) poeta,] advogado<, poeta <, >/e\> [.] industrial, e ainda deputado. Quem não terá o seu defeito a realçar-lhe as qualidades? <Não> <p>/P\ecamos em homenagem à virtude. <\*P> Valorisamo-la, pecando. [(↓) sim, o pecado é o valor da virtude, o oiro da moeda.] E se Deus nos fez imperfeitos, foi para que pudesse admira<ar>/a\ [↑-lo] <a perfeição da sua divindade> como <sêr perfeito.> [numa Perfeição.]

<Mas, em vez de o admirarmos, adorámo-lo.> Mas preferimos <[↓ \*o \*amor]> adora-lo, <para><[↑ a fim de] que ela nos proteja.> [↑ como <nosso> [(↑) supremo] Protector.] Não prescindimos desse amparo sobrenatural, <de> <tal modo contra os rigores do Destino> nós, pobres sombras condenadas à luz, que é a nossa morte. O bipude<sup>24</sup> implume procura as azas dum anjo.

Regressamos ao auto, cercado de garôtos curiosos, outra coleção de caras espantadas e mãos suplicantes. A

---

<sup>24</sup> bipude: erro por bipede.

arte de pedir é a unica arte nacional. Está para a Lusitania, como a escultura para a Grecia. Na época heroica ou camoneana pediamos ou antes exigiamos, de arcabus nas garras enclavinadas e de morrão acêso no ouvido do morteiro. Roubavamos, que pedir é roubar amavelmente e mesmo religiosamente ou pelo amor de Deus. Que é um civilisado senão um barbaro decaído? Em certas horas, levanta-se do chão e vae tudo razo! Farta-se de sangue, embebeda-se e volta a decair. Dorme, sonha alto, baila e diverte-se, enquanto dura a borracheira. É todo bôas maneiras, *bôas tardes* e *bons dias*, *louvado seja o Senhor! às ordens de V. E.<sup>cia</sup>, creado para o servir*, [(↑) (quem não leu já uma carta!) *queridissimo! todo teu! o maior para cristalisação da hipocrisia! que joia! é todo*] medidas e cortezias, em estilo <rico de>[↑ de pseudo-] comediante transcendente, que representa, não a divina comedia, mas a comedia do Divino.

Abalamos atravez de ruas estreitas, com edificios em estilo portuense, [(↑) *antes do cimento,*] alguns, de triste carranca brazonada, que parecem deshabitados e cheios de frio escuro, ou habitados por fantasmas do seculo XVIII, velhas damas de luto e rosario pendente das falanges, velhos <senhores imitando o Portugal antigo,> esqueletos <[(↑) corcundas]> de <couraça e barbas brancas.> <calção, gôrro de plumas e espadim à cinta,> orgulhosos e denegridos do lume do inferno, tudo diluido numa escuridade tumular <das salas abandonadas>[.]

Corremos ao longo dum vale, ladeado pelas cumeadas ser-

ranas em que se desdobra a <prove> prov<e>/i\ncia de Traz-os Montes<, planaltica e êrma, até aos campos viridentes da Galiza>. Passamos na Samardan, onde Camilo guardou [↑ as] cabras<<.>/,\ em garôto.> dum tio padre. Que sisudo môço, então, seria ele! Imagino vê-lo <já> magro <e>[,] de olhos encovados, a embeber-se, para sempre, daquela paisagem áspera, em penhascos desolados, tão expressivos da insensibilidade da Natura! De que serve a nossa alma, esse grito de protesto contra a morte?

Camilo é ainda uma creança *assinalada* envolta numa sombra misteriosa, — o futuro cantor <de penedos e paixões que são penedos ainda em labareda.> **apocalíptico da paixão e do sarcasmo <e dos <penedos>[↑ fragedos] que são paixões e sarcasmos** petrificados, explosões da alma do mundo convertidos em esculturas> [[↑} , fragedos] e de outros penedos <da montanha> incandescentes. Também cantou as paixões que[,] irromp<e<m>/r\{↑am}>[↑ idas]<, petrificadas,> do seio das montanhas <e>[,] petrificaram, sob a ação benéfica do tempo. <§> É um cantor de tempera judaica ou transmontana, um Judeu no Captiveiro <de Seide>[↑ <de> de Seide] <e>[(↑) , — um judeu] de si mesmo, a vender-se, por [{↓} menos de] trinta dinheiros, a<os>/o\ edito<res>/r\.

Naqueles reconcavos [(↓) abismáticos] do Alvão e do Mesio, naqueles outeiros, ao luar, no vento das alturas, lastimoso como um profeta bíblico, já se esboçam os seus futuros personagens,

a <B>/b\ruxa do Monte Cordova, a Angela dos brilhantes, o fidalgo de Ninães, o santo da montanha, e outros penitentes da sua Obra, esse inferno onde rebentam labarêdas <e gargalhadas.> <de riso e outras de lagrimas>[↑ de riso,] por entre explosões de lagrimas. Lá está o seu suicidio <pintado,> <a tinta negra,> [↑ reflectido] <naquela>[↑ numa] fraga, como depois, do alto da ponte de S. Gonçalo, se lhe retratou no Tamega, <pois> <a>/A\ fraga é espêlho como a agua; e, por isso, a lua nos envia a efigie da <morte> <nossa morte,>[↑ morte universal], desfeita em palidez

O Camilo em creança! Um pastorsinho espectral a apascentar as cabras do tio <padre> que regressam <à córte> à corte com os úberes cheios de leite para o almôço do reverendo, um espantalho <ante> pré camiliano muito dado a estudos de esqueletos. Certa noite, pediu ao sobrinho <(<acab> chegára> <que chegára>[↑ <recemchegado> [vindo]] do Porto <em gôso d<e>/a\[\↓s]>[↑ a] ferias, para o acompanhar à igreja <parochial.> [.] O rapaz seguiu atraz do padre, com uma <cha> sachola ao hombro e na mão direita uma lanterna de sinistros <reberveros> reverberos. Vão desenterrar um <defunto> <morto.> defunto. Entram os dois no templo aterrorisante<, que>[.] <os>/Os\ mortos e os santos infundem o mesmo terror <que>[↑ pois] todos os santos estão mortos, embora finjam viver nas suas imagens de madeira, duma <\*tal> fealdade que as torna mais pavorosas e <viventes> animadas. Trata-se dum terror sagrado, a dimanar da lampada de azeite, diante dum Cristo moribundo<, \*amo> nos braços maternas da

cruz, barbaramente esculpido ou duas vezes crucificado, em nome do Senhedrio e <da Academia> das Belas Artes....

Camilo fez[↓-se] livido e trémulo; a lanterna escureceu-lhe na mão gelada, quando o tio levanta a tampa de <castanho> velho castanho dum sepulcro e principia a cavar. Já o ferro da sachola bate nas tabuas dum caixão. O som cavo espa<n>/\h<ava>[↑ou]-se mais fúnebre, na igreja, que o palor da lampada liturgica, emquanto a sombra <dele e a> do padre se projectava no altar-mór, esfingica e medonha, como a aparição do Demonio <naquele recinto> <sacra> naquela casa de Deus! Já se <descobre>[↑ avista] um pano de setim branco sujo de terra<, e amarfanhado dos golpes> bordado a oiro falso... Será o cadaver duma virgem<?>[(↑) [ainda,] ha pouco <tempo ainda>[,] sepultado?] O padre estremece, abre o esquife, e tira do rôsto da defunta o lenço que o velava. Camilo <\*s>/g\rita e <tomba sem>[↑ perde os] sentidos. [(↑) Cáo <fulminado ao pe da cova.>[↑ , peor do que morto, ao pé da cova]] Era ela<,> <a querida de sua alma,> <a rapariga que><[!]>[(↓) o seu amor!] [↑ Recemchega <à>/do\ [↑ a] Samardan,] <Não> <|>/i\ignorava ainda <a sua morte,>[↑ o funesto acontecimento,] que se lhe revelou do modo mais tragi<camente>[↑co e] inesperado.... Só agora reparo, leitor amigo, na ousadia da minha descrição. Perdoe-me e leia as *Vinte e quatro horas de liteira*.

A Samardan e a infancia d<o>/e\ <Poeta!>[↑ Camilo!] Seide e a acacia do Jorge, ao fundo da escadaria de pedra, sem uma folha nos ramos

mortos! Que sitios de Portugal! [(↑) E Vale de Lobos, e o Lobo da *Harpa do Crente?* Uiva catolicamente as suas maguas <liturgicas.>...] E a Arrabida<? Que altar alumiado das estrelas!> E frei Agostinho a cantar as chagas de Cristo, que Jesus Cristo está nas suas chagas, bem mais que nas palavras dos apóstolos. A divindade do <Cristo Reden> Redentor é cruciforme. Não é ele o Deus dos que sofrem? Quem sofre, irmana-se a Jesus. Eis um alívio ideal, que a dôr só idealmente se alivia. Idealizamos a tragédia da vida. Coloquemo-la num plano transcendente, <exterior> sobrenatural. E alguma coisa irá <passado> <passando> baixando do céu à Terra.

O homem apegou a Deus a sua molestia, para que Deus pa<c>decesse, como ele, e se diviniasse a sua dôr. Quem o crucificou? Os crucificados. E, desde então, estar na cruz ou <ou> no céu, <é o mesmo> é quasi o mesmo. Se a dor é fatal, temos de nos entender com ela, sublimando-a, eis a atitude da fraqueza; mas o homem é debil, <embora em certos momentos desenvolva uma energia> muito debil, apesar d<a>/o\>s <suas fúrias> seus ataques de loucura<.> [(↑) que <tremem>[↑ abalam] o mundo e o Olimpo.] A atitude estoica pertence, mais do que ao estoico, à sua estatua; é uma atitude mineral. O austero e magro Epicuro não desandou numa coleção imensa de [↑ gôrdos] sibaritas?

A alma vive no corpo, ninho cálido, uma delícia. Mas vem o abutre rasgá-lo com as garras. A desgraçada geme, e os seus gemidos ecôam nas alturas. <E Deus desceu à Terra:>

E o Creador baixou à creatura, <[(↑) identificou-se à creatura.]> *E o Verbo se fez carne, e o vimos com os olhos e o tocamos com as mãos.* <Encarnou, arrependido de crear; e é Jesus Cristo.> Foi quando <o sêr humano><[↑ ela]>[(↑) o sêr humano] fugiu da Historia Natural para a Sagrada. <Afirmou-se adamicamente.> E ficou a ter duas origens, a adamica e a simiesca. Ora predomina uma, ora, outra, conforme [(↑) **se eleva e decáe**] o seu espirito <se eleva ou decáe.>[.] Elevando-se, paira platonicamente sobre as cousas; decaído é um <simples>[↑ **puro**] animal racional<, uma especie de machina <muito util> psychica muito util.>[.] Se vôa, é <de>[↑ num] avião <para massacrar mulheres e creanças; <se>[↑ e] corre, <é> em automovel a cuspir balas em todos os sentidos.> e serve-se dum automovel para correr.

Tambem nós corremos, <em au> em quatro rodas de borracha, <e sômos tambem creaturas racionaes> ao longo duma estrada ou subordinados à logica <especial ou> euclideana ou especial, que a aristotelica desenvolve-se em plena abstração do pensamento. Que é o principio de identidade? Uma <ideia> sim<pele>ples<sup>25</sup> ideia. Mas é mais do que uma ideia <o></a\>/o\ <espaço que medeia> <estrada a>[↑ espaço de] Chaves <de>/a\ Amarante<.>/,\ [como o burro deante do filosofo de [(↓) Koenisburg.]]

Atravessamos Vila Pouca de Aguiar, — um largo, algumas casas, um palacête, para lá dum muro com trepadeiras e um portal de ferro, tudo em <panorama> estilo triste a discor-

---

<sup>25</sup> O lapso terá decorrido da mudança de linha: sim-/<pele>ples.

dar <daquela><[↑ da]>[(↑) daquela] paisagem <bárbara,><[↑ circundante, <e> serrana,]>[(↑) áspera,] <em> <ermos e altos fragaredos>[↑ <ermos>[↑ em] pincaros fragarosos,] espetados, em cunha, no Infinito; <São Cheops num Egito lusitano,> outros, mais redondos, <em> <suaves> [(↑) ondulam em suaves] contornos fugidios<, ondulados suavemente, em fundo azul.>[.]

Vimos, num relance, as Pedras Salgadas e a sua mata, o Vidago e o seu Hotel peninsular, um quadrilátero enorme, estrondoso de brancura, encaixilhado no espesso verde negro do arvoredo. É *peninsular* não de nome, mas de tamanho. Lembra o templo estúpido dum deus burguez, que sofre do estomago e do figado. Ha tambem um deus plebeu ou Jesus Cristo. O Filho é da plebe, mas o Pae <pertencia à><[↑ era da] aristocracia sacerdotal.> é aristocrata ou da aristocracia sacerdotal. <Mas> <o>/O\ deus burguez é[↓ra] uma degenerescencia adiposa e sã das Cinco Chagas<.>/,\ toda a tragedia do Calvario a rir pelas bochechas <dum Pantagrue!>[↑ dum frade de Alcobaça!] Mas a caricatura baixou à cova no esquife do Bordalo... Já não ha caricaturistas. Que seriedade anoitece o mundo! O sol tem a cara cheia de nodoas negras; e a lua põe um véu escuro quando nasce. Alumia-nos atravez dum luto indefinido. Os mortos saíram dos tumulos, e, misturados com os vivos, lançam estes na mais tremenda confusão. A Floresta Negra invade a terra de sombras pavorosas. <E <ha> ouvem-se gritos na noite> Mas aparecem Ninfas entre as arvores do Vidago. Isto aqui é um paraiso, graças a Geografia que faz a Historia. As ninfas são baronezas, viscondessas e condessas <se p> em

escala ascendente, se principiarmos na madame X de Julio Dantas e findarmos na Maria Antonieta de Zweig... <o>/O\fendem, com o maior descaro, tal é a realidade escandalosa que elas ostentam, à luz do <sol> dia. Assim aquelas deusas se atrevem a pertencer à realidade! Como elas se acomodam dentro da existencia! [(↑) Que à vontade!] Nem as fragas! Já é descaramento... Não vieram do Olimpo, mas de Lisbôa; essa cidade nada abstrata, como a Petersburgo de Dovstoieski, esse Camilo moscovita, mas banalmente concreta, gêsso nas casas, celoloide nos habitantes. <Até> <u>/U\m jornalista <lisboeta>[(↑) acabado de ser parido pela cultura lisbonense, <+>] chegou, uma vez, junto de mim, [(↑) como entrevistador, no Chave de Ouro,] muito espantado, imaginando-me um bruta-montes, de cabeleira romantica, encarapinhada, <e suja,> ao vento das eras <passadas>[(↑) mortas], — uma especie de lôrpa luarento <e provinciano,>[,] a devanear velharias tôlas, além das nuvens<.>/,\ [(↑) que nos tempos de hoje, ser moderno é ser antiquissimo, contemporaneo da da<sup>26</sup> Cruz e da Espada.] <Ele, o homem *dernier cri*, [(↑) acabado de ser parido pela cultura lisbonense, <+>] ficou estupefacto, porque eu lhe apareci como qualquer frequentador do *Chave de Ouro*.>

Um outro individuo do mesmo officio jornalístico entrevistou-me tambem, [(↑ mas] n<o>/a\ <café da> Brasileira, <em pleno fóco intelectual da Capital, isto é, de Portugal,> onde a literatura nacional [(↓) aparece] encarna[da] em varios tipos macambuzios deante duma chavena de café<.>/,\ quasi todos oriundos das varzeas da Beira, dos lameiros <do Minho>[(↑) minhotos], <ou> da charneca alemtejana<sup>27</sup>,

<sup>26</sup> da da: a repetição é erro, provavelmente no decurso da mudança de linha: da / da.

<sup>27</sup> alemtejana: o traço que deveria cortar o ascendente do t corta, por lapso, o l, de modo que pode ler-se atemlejana.

<ou> das figueiras do Algarve ou dos planaltos transmontanos, cada um com a sua provincia <a irromper-lhes da aparencia> às cóstas<,> [(↓) a distilar † de elegancia! Chiadense!] essa marrã indelevel ou <resistente[.]>[↑ que resiste] <às <co> fricções lustrosas d<a>/o\ <ambiencia> ambiente citadino.> [(↑) a toda a gimnastica do Chiado.] No dia seguinte, pôz-<se>/me\ a escrever disparates, em meu nome, <como se eu ditasse,> num jornal, frases deste jaez: *Tenho a alma de Napoleão nas mãos!* O leitor alfabeto que me conhece, não acredita que <tal frase>[(↑) taes palavras] fôsse[↓m] da minha lavra ou do meu estilo. Como poderia eu conceber uma alma agarrada entre os dedos dum cavalheiro qualquer! A alma humana, para mim, não é positivamente um insecto...

Mas outros jornalistas, que ignoram [↑ ou] a escrita<,> [ou] a minha escrita, atribuiram-m'a e chamaram-me vaidoso e victima da monomania das grandezas.

[(↑) Mas admitamos o feio simbolismo da frase...] Ter a alma de Napoleão nas mãos! Nem a minha! Quem é que possui a sua alma? É ela que nos possui e nos dirige. Não sômos mais, ó jornalistas, do que o cavalo d<a>/o\ Amazona [↑ galego]. *Para onde vaes, ó Xuão?* — Num se xabe! Assim dizia um galego, montado num quadrupede, que tomára o freio nos dentes.

Ó Lisbôa, Lisbôa!

Quem nunca \*te viu,

Não viu cousa bôa!

Percorriamos a veiga de Chaves, enquanto se me pintavam, na memória, varios aspectos pitorescos da nossa capital, tão branca e futil, sob um Azul de *boudoir* ou docel de veludo *outrre-mer*, macio até ao infinito. Como ele acaricia os lisboetas, que não reparam em nada do que se passa, lá em cima. As estrelas.... Ora, as estrelas... As de cinema, sim. O astrónomo alfacinha está distante dos outros, como o telescópio apontado a Sirius do monóculo focando uma silhueta teatral. Agora, confesso o meu pecado: prefiro os astrónomos de monoculo. Desprezam o <céu,>[(↑) firmamento,] mas não o estragam.

A veiga de Chaves é muito admirada pelos entusiastas da economia rural e por todos os herbívoros, esses bucólicos da digestão, a grande Metamorfose que eclipsa as de Ovidio. Trata-se de transformar um feixe de erva num mugido de melancolia. Quantos bifes de boi não sobem ao céu, em orações! Os frades de Alcobaça emanavam presuntos inteiros em latim de cantochão, ladeando o cadáver adiposo de algum D. Abade<.>/,\ muito adormecido, à luz das tochas.

Pescadas e galinhas, bois e laranjas, porcos e aboboras<,> encontram, no ventre humano, um alambique a distilá-los pela bicha do cérebro, em animicas essencias que embriagam a Divindade. E eis o sentido metafísico da vida.

Em Chaves, [(↑) a Aquae Flaviae antiga,] visitei o Tamega, um dos meus intimos de infancia, <quando o meu corpo se encantava> que a minha infancia decorreu entre sêres mitologicos, o rio, as sombras das arvores, a tristeza da tarde que se me afigurava uma deusa [(↑) enamorada de mim, o silencio da noite, <esse fantasma [a rondar a minha casa,]>] e mendigos tocados do esplendor de Cristo.

Visitamos a feira, um quadro artistico. O Duarte comprou <olarias>[(↑) canecas, malgas, infusas,] da região, duma arte archaica, anterior à <roman> greco-romana. Esta desapareceu debaixo da terra. Às vezes, a picareta põe a descoberto uma anfora, um vaso lacrimal, tão elegante e delicado, um perfeito contraste com <a>/o\ grosseir<a>/o\ tôsko da olaria lusitana popular. É a casmorrice nacional, o branco indigena, este nosso character inateravel<sup>28</sup> ou <duma substancia> dum granito que não se deixa trabalhar.

[§] Mas tem uma graça primitiva que entusiasma o Duarte, <a carregar o automovel de>[(↑) aqueles] objectos de argila rubra, <amassada em sangue do sol-pôsto> qual deles o mais pitoresco e expressivo d<a>/o\ rustic<idade>/o\ em <arte.>[cerâmica.]

Seguimos, de ali, na direção de Braga. Penetramos logo num planalto deserto e ondulado, duma extensão indefinida. Cobre-o imenso tapête de urze em flôr, [(↓) uma flor cujo perfume é apenas côr,] <dum>[(↑) um] vermelho rôxo, onde pasta<m>/v\[(↓)am] rebanhos de ovêlhas. Um pegureiro de onze anos, perto da margem da estrada, olhava-nos <com> muito [(↓) seráfico e] espantado <e branco côr de cêra,>[,] com o <seu manto> *bental* de serguilha pendente dos hombros e a mão direita

---

<sup>28</sup> inateravel: *erro por* inalteravel.

agarrada num pau de altura dele. Lembrava <uma> pequena estatua de pastor, fugida de algum presepio para aqueles montes solitarios, outro presepio, mas de horisontes largos, sem gruta, <apenas céu <sobre a>[↑ e] terra,>[(↑) aberto ao esplendor celeste,] onde a Virgem e o Menino fôssem visiveis sómente para os anhos e as ovelhas<,>/. \ <Pairava o quer que é de sagrado na atmosfera luminosa.> Nós eramos indignos de contemplar a Virgem e o Menino naquele painel sagrado, — <uma campina de lirios> um rebanho a pastar numa campina de lirios. Depois do pecado, só os animaes avistam a Divindade. O mais que podemos é adinhá-la ou pressenti-la num recanto ainda intacto do nosso coração. Existirá esse recanto, por ventura? <Oh, sim,> <e>/E\ xiste e é <tão> vasto como a nossa ignorância. <O mais>[↑ Um] cinico é ainda um pôço de inocencia ou de Jacob, com a Samaritana e o Messias a beber. E não é <assim>[↑ assim] profund<a>/o\ <a>/o\ <\*v>/p\ udor das meretrizes? Quantas vezes, na <predica>[↑ sua falas] mais desbragada[s] <de qualquer devasso,><[↑ duma delas]> surpreendemos uma <frazê>[↑ ideia] que nos de[s]venda um infinito de pureza! <Em qualquer assassino, ha um sêr isento de culpa> E a <†> inocencia é a alma do <crime> pecado. Que é a ferocidade senão a expansão estúpida da inocencia? E não <é a estupidez o proprio anjo da inocencia?> é um anjo <inocente> a estupidez? <Falta<m>-lhe apenas as azas e> <a>/A\ nda<va> de gatas.

; não vôa por excesso de azas. Percebe-se-lhe o esforço imenso inutilizado. Se a estupidez se exprimisse, que eloquencia divina! Ai do Demostenes e do Cicero! Vê-se, na cara dos brutos, a explosão de luz que não rebenta <e a contráe> <nimba duma sombra <dolorosa>[↑ triste]> e a contráe, <ao mesmo tempo,> numa especie de impotencia poderosa e empedernida. Será um penedo ou uma cabeça?

Sim, o <crim> pecador é mais inocente que o virtuoso: Aquele, <não sabe o>[↑ ignora o] que faz; mas este, pesa todos os seus actos e palavras. Não dá um passo sem medir o terreno, não pronuncia uma fraze, sem consultar o dicionario. Conhece todas as formulas e etiquetas o santo homem! Pque<sup>29</sup> ser bom é saber sê-lo; mas a maldade <,>/é\ tão expontanea <é> e natural, que não precisa de qualquer estudo preparatorio. É como a inspiração poetica <e a> ou a respiração de Éolo...

---

<sup>29</sup> Pque: *assim no ms.*

## IV

O auto depressa nos roubou ao quadro maravilhoso <mas> [.] <c>/C\ontinua, em volta de nós, a êrma vastidão do panorama. É um planalto [(↑) suavemente] ondulado <e>[,] <maritimo,> onde se erguem archipelagos de penedos, <ilhas <mortas> desertas,> com um ujo pousado n<a>/o\ mais alt<a>/o\ ou agita<da>/n\do, sobre ele, as <negras> azas<.>[{↑} negras.] Pairam gaivotas funebres neste oceano morto.

Mas a solidão desaparece. Desenha-se um [↑ escuro] casario <a crescer,> <que a> [(↑) <e> a caminhar] [↑ para nós<.>] <e a> <r>/R\evela<r>-se em>[(↑) e a crescer nas suas] linhas cada vez mais <nitidamente recortadas.> nitidas, que a proximidade esculpe todas as formas e mete-as dentro da sua medida euclideana.

Na distancia reina o vago, a confusão, a estupidez <dos animaes>[.] [(↑) As cousas] <R>/r\etratam-se, na distancia[,] como nos olhos dum animal. Que é um animal senão uma alma ao longe? <Uma alma que só nos mostra o corpo?> Alma proxima de nós só a do proximo. Oh, que perfume enebriante! Um tumulto aberto! Mas ha um morto que vê a sua podridão. É porque viu a pureza. Quem vê a morte, viu a imortalidade. Quem observa a sua inferioridade <é que> <enco> [↑ é porque se] encontra<-se> num sitio muito alto. Se contemplamos o Universo, é que estamos fóra dele, em pleno Olimpo. Confiemos nesta <luz>[↓ luzinha interior][.] <que brilha, em nós,>

<não para nos alumiar, mas para nos mostrar a treva.

E isto é já um grande sinal.>(((↑)) <muito> <e>/E\mbora nos não alumie <e apenas nos>, ao menos mostra-nos a treva.] Divagamos, na noite, <como um>[↑ qual] fantasma consciente <do seu nada.>[.] Mas esta consciencia é que <já> não tem nada de fantasma <.>/e\ deve palpitar em nós, como um reflexo de Deus.

Chegamos a uma especie de cidade primitiva, <de>[↑ Travassos,] arrevesado nome. Tem grandes edificios de granito <bem trabalhado,> [↑ mais] escuro mais de tristeza que do tempo. O êrmo serrano, tão áspero e desolado, reflete-se naquelas peredes com o silencio das alturas e outros sentimentos mineraes ou exalados dos fragaredos que, <tocando> penetrando no intimo d<os>/o\ poeta, se humanisam e vôm como estrofes <camoneanas>. Eis a fonte da elegia panteista, o nosso *Cantico dos Cantos*...

Sim, é o êrmo serrano que as entristece e os abalos do vento lacrimoso, as pregações de Jeremias. Tudo influe na aparencia denegrida de Travassos, cheia de montanha como de deserto Jericó.

Entramos por uma rua <de casas> bastante longa. Dos dois lados, sucediam-se casas miseraveis [(↓) de \*cascanho] e algumas de grandioso formato em pedra bem trabalhada. E <todas> tão silenciosas e fechadas, como se ninguem as habitasse. <Tudo granito e cômlo,> Não se descobre uma telha nem um tijôlo, nada de babilonico, só granito e cômlo... Craneos e craneos <de granito,>[↑ petrificados] [(↓) em fileiras,] cada um com o seu chapéu de palha.

Esta rua <desagua> finda num largo assinalado por um mon<o>/u\mento religioso, <em tão> <num>[↑ em] estilo tão rudimentar que [(↑) , simbolizando Cristo,] parece anterior <a qualquer religião.>[↑ ao deus Apolo.] É, na verdade, uma tôasca imagem de <Cristo cr> Jesus crucificado, protegida pelo teto dum alpendre <alpendre<sup>30</sup>,> <circular> tambem de cômlo. Saimos do auto e <paramos, deante dela. Então, uma rapariga de onze anos, talvez, abeira-se de mim.> [↑ puzemo-nos a] <C>/c\ontempla<va>/r\ <eu> aquele Cristo <tão ingenuamente> duma divindade <tão> ingenua<, dum sofrimento no corpo>[↑ e <tão> ingenuamente] martirisad<o>/a\, onde as chagas riam vermelho do artista que as pintou...

De repente, senti <num braço>[↑ no braço] esquerdo uma pancada <suave>[↑ branda [(↑) , a mêdo,]] que <me despertou,> e vi uma pequena mão triguei<rinha>/r<a\>/i\[(↑ nha] e triste, apontando-me o Crucifixo. E logo estas palavras<:> [(↑) , <duma seriedade infinita>[↑ <de>[↑ duma] infinita seriedade] na intoação infantil:]

*Aquele é o Senhor.*

Era uma rapariga, <quasi creança,> de onze anos, talvez, morena e delicada de feições, com um <vestido de chita> vestidinho de chita (ha vestidos que provocam a ternura) muito cingido, à <cintura esguia> magreza esguia do seu corpo.

<Estava>[↑ Ficou] [(↓) a olhar-me,] <entre> <espantada[,]> <e sorridente,> [↑ curiosa e trémula,] a vencer a propria timidez, como <animada> <se tivesse> <se a tivesse impelido> animada por uma força <misteriosa.>[desconhecida.]

O seu gesto, a intoação da sua voz, não sei reproduzi-

---

<sup>30</sup> alpendre <alpendre>: a repetição é erro, provavelmente no decurso de mudança de linha: alpendre / alpendre.

los. Afligem-me, <neste momento,>[↑ agora,] como certas nuances das cousas <muito>[↑ tão] distantes d<os>/o\ <seus> desenh<os>/o\ [(↑) destas,] que são perfeitamente inexprimíveis. Naquele gesto havia um além indefinível; e aquela voz esvoaça, na minha lembrança, não para me repetir a frase em que a tósca imagem de Cristo lampejou ressuscitada, mas outra frase insistente: *Não acredita ainda no Senhor?*

<Revelaram-me> <as>/As\ palavras da criação <uma verdade superior>[↑ tiveram [↑ mais eloquencia], para mim,] <uma eloquencia superior à dos>[↑ que os] escritos dum São Tomaz<, por> e mesmo dum Agostinho. Revelaram-me <não sei <bem> que>[↑ a] verdade <transcendente,>[↑ divina,] pois tal verdade não se demonstra: afirma-se; e a sua prova real está na sua evidencia deslumbrante. Existe a luz, porque nos fére os olhos; <Deus> <existe> [e] Deus<, porque> [↑ também] nos fére <o coração.>[...] Que o diga o pobre Apostolo, com <o golpe dum relampago na testa!> a testa queimada dum relampago! Que o digam os mártires de Cristo, <desde> os <que fôram lançados às feras <†>[↑ e os] que sofrem os golpes do Destino> <e as victimas <dum cruel destino.> da desgraça impiedosa, os eleitos> os eleitos da dor, os lançados às feras e à fome, essa lôba que nos devora lentamente.

A que impulso obedeceu a rapariga, quando me <tocou> bateu no braço <com> a <mesma> mão <a estender-se já <na> para>[(↓) já decidida a apontar-me]

a <tôsc> escultura [↑ tôsca] de Jesus? Donde lhe viria essa audacia que a levou a dominar o seu proprio acanhamento e lhe deu uma atitude de heroína e até de personagem da Historia Mistica,> <\*ou></de\>[↑ de] pequenina Santa Tereza, uma Santa Tereza em botão de rosa selvatica, crestado do sol e da miseria? Donde lhe viria essa força? Do infinito do seu coração? De mais longe ainda? <[Não!] [(↑) que esse mais longe se existisse, ficaria já [↓ este mais longe se existisse, ficaria] para lá de Deus..]>

Tinha ela desaparecido, <ao>[↑ quando] acord<ar>/ei\ da minha surpresa comovida. Escondeu-se numa nuvem ou no interior duma choupana de côlmo e pedregulho, que o temporal não destróe, porque penetra, dentro dela, por todos os buracos. Estas choupanas da serra não diferem duma obra da Natureza. A chuva despegou a terra do penedo, que lhes serve de parede, algumas vezes, e enche-lhes o colmado pôdre dum[a] <tapete>[↑ camada] de relva. É um prado aéreo, <superior> como os jardins suspensos de Semiramis. <São casas naturaes;> São casas naturaes como os seus habitantes e o vento que lhes reza, à porta, durante a noite, e nas suas orações perpassam uivos famélicos de lobos, suplicas de mães, junto de filhos moribundos, <gemidos>[↑ gritos] dos que se <contor<z>/c\em>[↑ <est> estorcem] com dôres, nas palhas do catre<.>/,\ [que o mundo exala suplicas e gritos, raios e raios tenebrosos.]

<O mundo exala <suplicas e gritos> na escuridão suplicas e gritos, raios e raios tenebrosos.> <Mas à>

Mas à emoção sucede o pensamento; a queda da temperatura, a

saude do intelecto ou o dominio da razão. E puz-me a pensar, a falar comigo mesmo, enquanto o auto rodava pela estrada de Braga ou de Roma, sobranceira e paralela ao rio Cávado.

A rapariga não me saia da memoria, aquela figurinha trigueira <e delicada,> [,] altiva e medrosa, com o vestido de chita muito cingido ao corpo <esguio e delicado;>[↑ esbelto;] <mas é> [↑ via-a] como <se>[↑ ela] estivesse, em pleno espaço, <a <mos> indicar-me um>[↑ deante dum] Cristo crucificado, <nas alturas,> a jorrar luz das chagas <do flanco direito,> nas nuvens ou <nos><[↑ nos]> penedos do Calvario, <em todos> [↑ n]os corações angustiados. Via Cristo, em pleno espaço, e não no Gesthesemani, em Jerusalem da Judeia. O espaço, tornado infinito, é ainda a nossa intimidade ou a expansão ilimitada do nosso espirito. E <é> na emoção [↑ é] que ele se ilimita ou perde os seus contornos, para ultrapassar a Creação e atingir, de algum modo, o creador. O creador é além da criação e a humanidade além do homem, que o homem descende da humanidade<.> [(↑) e o seu ideal é alcançá-la. Todo o aperfeiçoamento é regresso. É na fonte que nos purificamos.] Antes do concreto está o abstrato e antes do individuo a multidão. <Que é> <o>/O\ Ca<h>os <senão>[↑ é] a sombra de todas as cousas<?>[,] <E> a multidão sem individuos, o arvoredo sem arvores, a noite grávida de <todas as> estrelas e <negra> <completamente negra...> [↑ sem uma estrela nas alturas.] Que é a noite senão uma lagrima de treva a desentranhar-se em lagrimas de luz?

Via Cristo na imensidade ou em si mesmo, <sem pae nem mãe, ou anterior ao pae e à mãe,> na solidão

<da> absoluta, <de Deus,> liberto de todos os dogmas, acima da Teologia e da Historia. A *Suma Teologia* de Tomaz! Que montanha vã! A historicidade de Jesus! Que ridiculo! A Teologia admite-se num deus de templo; a Historia admite-se em Julio César ou Carlos Magno; mas tambem é ridicula, tratando-se de Homero. O que nos importa é a *Iliada*, a *Odissêa*<, — o Canto da ave.>[.] De resto, o canto da ave <descreve->[↑ pinta-]nos <as suas azas na <fantasia:>[(↑) imaginação atmosferica:]>[↑ a propria ave na fantasia:] <as suas azas> e o sol matutino em que ele vibra.

Neste nome Jesus está Deus e a solidão d<a>/o\ noss<a>/o\ <alma,>[↑ espirito,] esse jardim abandonado com ortigas e silvas onde florira a rosa e o lirio. Jesus é caminheiro do deserto. Mas as suas pegadas deixam oasis na areia para os que vão atraz dele... Oriundo da esterilidade e da secura, <todo ele> é <fonte de agua>[↑ um regato] <a mover>[↑ a murmurar,] entre palmeiras. Filho da dor, é a alegria; filho do desespero, é a esperança. Ah! O seu poder infinito de presença em todos os nossos sofrimentos! É o unico Deus que entende as suplicas e os gritos, porque ele é a suplica suprema, o grito supremo, um desejo de perfeição intensificado até à incandescencia esplendorosa <a queimar as trevas do Firmamento.>[.] É o sol ou Jesus Cristo? É <Cristo>[↑ Jesus,] <que> floresce <as>/o\ <almas <e os>.>[↑ mundo;] E de cada flôr nasce um fructo para a bôca dos

que tem fome. E do golpe do seu flanco direito, mana agua, só agua, <pois Cristo é a propria terra> para os que tem sede. Não é o corpo de Cristo a mesma terra, <coberta de searas> a Mater? Por isso, o imploramos sempre na dor moral e na dor fisica: <Valha-me Cristo!>[↑ *Valha-me Cristo!*] *Ai Jesus! Meu Deus!* <[(↓) *valei-me! É o grito de todos os enfermos, depois de todos os remedios. Pelas chagas de Cristo! Valha-me Nosso Senhor!*]><[↑ *Valha-me Nosso Senhor!*]> e outras exclamações aflitivas são um clamor universal. Que é a nossa alma senão um grito no silencio, uma luz na escuridão? E><[,] a alumiar o trono do Senhor.>[.]

A rapariga de Travassos, referindo-se a Jesus Cristo, chamou-lhe Senhor. As mulherers do povo, outrora, saudavam-me, dizendo: *Louvado seja o Senhor*. Esta ideia de que sômos escravos é muito profunda no <ser humano>[↑ homem] <, tão profunda> [.] <Sobre ela repousam>[↑ *D'ela se fazem*] as outras ideias que fazemos de nós propios. É uma ideia substancial como a ideia de que morremos, e não apenas formal como a de triangulo, por exemplo. <A morte é> <São>/É\ fata<es>/\ a <morte e a> escravatura? [(↑) *Mas então o senhor que seja o Senhor; e a nossa obediencia, em vez de rastejar<,> [↓ no solo,] voará nas alturas. E como se esváe a morte na minha crença de que sou imortal!*] Opunhamos à fatalidade a liberdade da nossa fantasia creadora. Estamos no inferno? Edifiquemos sobre ele um paraíso. <E eis o labor humano, desde os seculos.> <Como se esváe a morte na minha crença de que sou imortal!> E eis o <labor>[↑ *trabalho*] humano, desde os séculos.

<Temos de crêr>[↑ *Acreditemos*] numa realidade absoluta, num penedo que resista às ondas da tempestade. Tambem a crença tem um valor substancial, que todo o conhecimento deriva duma crença, e toda a crença é conhecimento imediato. [((↓)) <\*Como> se não acreditássemos no nosso conhecimento, não haveria conhecimento] A crença no sol é uma panca-

da de luz nos olhos. E a crença em Jesus Cristo? É ele mesmo surgindo nas trevas em que <divagamos> <nos perdemos,>[↑ andamos perdidos,] a oferecer-nos a mão guiadora e protetora. Ao contrario dos deuses pagãos, <que eram>[↑ apenas] simbos<sup>31</sup> de forças naturaes, Cristo é a propria força, <mais que natural <sob> ou>[↑ mas] sobrenatural, acordada em nosso sêr, <mas>[↑ e] anterior a ele, existindo desde sempre. <Assim>[↑ E] a <v>/V\ida [↑ não] é anterior aos animaes da <s>/S\elva e da Escritura, e a Arvore <anterior> às arvores da Botanica? Sobre a [(↑) terrea] crôsta <da terra>[↑ ainda] incandescente, já ela descrevia os ramos e o caule em materia possivel <e>[↑ ou] futura. E depois da morte de todas as arvores, ficará ainda a A<l>/r\vore a garantir a perpetuidade dos bosques. Vê-se, na lua, o seu fantasma; e o luar é poeira branca das suas flôres emurchecidas.

<O que ha>[(↑) O que ha de remoto no espaço e] de possivel no futuro <e de remoto, no espaço,> [,] parece esboçar-se <não sei onde...> <A>/a\lém das cousas<?>[.] É um nimbo indefinido, longinquo e branco, a via-lactea aureolando o mundo.

<O além já está no <á>/a\quem e o futuro no presente. E, por isso, ha pressentimentos, adivinhações, profecias. A Sibila de Delfos não se cala, metida no <antro da Inspiração, o> templo de Apolo<.>/,\ o antro da Inspiração.> <§> O além das cousas é como a sua expansão <imaterial> animica até uma distancia

---

<sup>31</sup> simbos: *erro por simbolos.*

incomensuravel<.> [{{↓}} esse <ultimo> horizonte [↑ derradeiro,] onde o espaço se esfuma na ilusão do Infinito.] E o além do homem é também a sua expansão <espiritual>[({↑} adamica] até à divindade ou Jesus Cristo, — o Senhor<.> [({↑} como o seu quem se prolonga até à bête arborea em que as garras <são raizes>[<e os dentes> são raizes.]] <Vivamos longe do orango,><[({↑} Afastemo-nos do orango, [↑ libertemo-nos da sombra ridicula,] vivamos] além de nós ou no Senhor.>[Vivamos além de nós ou no Senhor!] [{{↓}} A grande victoria será essa: libertarmo-nos da nossa pessoa; morreremos para nós. É aquele *muero porque não muero* de Santa Tereza, a aflição dos místicos e de qualquer pecador, a promessa do resgate, a esperança pauliniana, Sim, nesta aflição reside a Luz futura.]

Jesus Cristo é o Senhor. Assim o quer a nossa condição de escravos; eterna condição! A humanidade é uma turba de escravos dolorosos. E os escravos precisam dum senhor. *Meu Deus, valei-me!* é o grito de todos os enfermos depois de todos os remedios!

A luz criou-nos a necessidade de ver. E a nossa visão de Deus criou-a a dôr. Foi ela que nos deu <aqueles>[↑ esses] olhos intimos que avistam a face de Jesus, porque nesses olhos ha sempre lagrimas, o unico espelho onde se reflete aquela Face. *Speculum Cristi*. Não podemos duvidar da sua existencia divina. É certo que ela tem adquirido varias revelações, con-

forme o estado espiritual de cada época. Ha o Cristo de Pedro<,> [(↑) a rescender a peixe hebraico, [pescado num mar de areia.]] o de João<,> [(↑) soante do Verbo original,] o [(↑) gentílico] de Paulo, <o dos Doutores da Egreja>[(↑) o de S. Tomaz] [(↑) carregado de Teologia,] <, e <até o> dos inquisidores hespanhoes> o de Torquemada; <Mas o de> em labaredas, o Vermelho <das Asturias>, pintado a sangue n<as>/a\ trincheir<as>/a\ <das Asturias,> asturiana <,>/e\ o da triste viuva, só palidez e negra tunica.

O de Paulo é o Cristo do futuro. Todos os grandes místicos modernos, Dosostoievski<sup>32</sup>, por exemplo, são paulianos, e até os místicos anticristãos, como Nietche<sup>33</sup>, ou [↑ mesmo] um Anticristo, como Napoleão. <Mas o Cristo de sempre é o da viuva>

<As frases de Paulo brilham como novas. A luz do oiro não se apaga nem a das estrelas.>

<O Cristo pauliniano é o do futuro e o de sempre é o daquela <miseravel> rapariga de Travassos,>[↑ Mas o Cristo de sempre] é o Senhor. Como a <sua> fraze [{↓} de rapariga] me persegue, tão afirmativa e terminante, tão abrazada de verdade, <como o sol> que nem o sol <nascente!> no Zenite! <Não>[(↓) Cristo não] será o esplendor da Verdade, [(↓) como a platonica Beleza[,]] ma<is>/s\ é mais que o seu esplendor: é o seu calor; aquela aragem morna a fundir <os>/o\ gêl<os>/o\. Ouve-se um marulho de agua e o germinar das sementes. Já enverdecem os ramos... Na Pascoa estamos....

Cristo é o calor da Verdade e o canto da aleluia que inflora as almas: e o devaneio inefavel, a intima

<sup>32</sup> Dosostoievski: *erro por* Dostoievski.

<sup>33</sup> Nietche: *erro por* Nietzsche.

ternura [↑ alada] em que eles se <enleiam e, [↑ como] libertos>[↑ libertam] dos seus corpos, [↑ e] pairam além da morte. Assim, as meretrizes tem instantes virginaes; pouso-lhes, na frente, uma flôr de lorangeira, uma flôr imênsa, do tamanho da desgraça. E aquela rapariga, talvez polaca, fugitiva da guerra, que eu encontrei, nas ruas do Porto, a fixar os olhos aflictos na cara d<e>/o\[s] <todos> os transeuntes <,>/e\ com um sorriso <de tal melancolia> [↑ nos labios [(↑) (que sorriso!)]], como <que> numa oferta desesperada de toda a sua pessoa a quem lhe valesse no seu infinito desamparo! E dominado pelo mais estúpido egoísmo, vi<a>/-\a desaparecer na multidão. Mas senti fazer-se a noite, dentro em mim; uma noite que dever<sup>34</sup> ser eterna. Ah, como somos bondosos por ironia! E a comédia da caridade? E a paródia do remorso? Todos os sentimentos, através do homem, se tornam simiescos. [(↑) E eis o tragico alivio dos covardes...] <Oh>[(↑) Que] tragédia <de>/a\ incapacidade de amar 'absolutamente'<sup>35</sup>!

E nesta dureza em que finda a nossa sensibilidade, nesta pedra de pedestal, <como> também nos aparece a figura de Jesus, mas em mármore <bra> gelado<, a repelir-nos.>

<Onde um crente verdadeiro? Serei eu um crente verdadeiro?><§> e ofendido: ofendido[,] para que nos arrependamos; gelado[,] para que o nosso arrependimento o aqueça. <Quem sofre com os nossos pecados, como ele? O pecado é a angústia do Senhor, e a medida da sua angústia é o infinito da sua alma. <Que é uma>[↑ As nossas] lagrima[s] <dos nossos olhos> [↑ são estrelas] nos olhos de Jesus<? Uma estrela.>[.] Que o divino é o hu-

<sup>34</sup> dever: *erro talvez por deveria.*

<sup>35</sup> absolutamente: *o traço que deveria cortar o ascendente do t corta, por lapso, o l, de modo que pode ler-se absolutamente.*

mano, o que é <profundamente>[↑ radicalmente] humano, <exagerado ou> elevado a uma grandeza ilimitada. Fugir da nossa pequenez para essa grandeza, <eis>[↑ é] o sonho de perfeição que deveria animar as criaturas. A vida é uma luta <fatal?> [?] Sonhemos a paz, que o sonho precede a realidade. A vontade pode alterar as leis da Natureza, porque é uma força supernatural. Quantos milagres não terá ela realizado? <Que> [↑ Não] é o milagre<? O> [↑ o seu] dominio instantaneo <da vontade> sobre as cousas? A propria Fé é um produto da vontade. <Creio, porque quero.> Crêr é querer. Serei eu um crente verdadeiro<,>[?] um descrente verdadeiro? Eis um misterio para mim e para todos aqueles que se observam, desconfiados de si proprios. A ideia de certeza é <de analise dificil ou incompleta.>[(↑) muito incerta. Da sua analise resulta a duvida.] As mais claras ideias se obscurecem finalmente. A [(↑) mesma] ideia de luz é tão escura!

Eu sei lá se <desc> creio ou descreio! Tal sciencia pertence apenas à estupidez do fanatismo ou à loucura varrida dum ente iberico até ao absurdo, um Torquemada, <por exemplo.> <esse Povo hespanhol <\*numa estatua dum bronze <funido> fundido nas labaredas do Inferno.>[.]>[↑ por exemplo.]

<Se os <nossos>[↑ meus] pensamentos tem uma existencia chimerica, transcendente,> Mas os nossos sentimentos <tem outra existencia; vivem> estão, em nosso sêr, como as arvores na terra. As ideias vôam, de ramo em ramo. Ha uma distancia de vegetal

a animal entre o que sentimos e o que pensamos.

Creio ou não creio? <Eis uma> <q>/Q\estão secundaria, de méro interesse dialetico ou sofisticado. Sei que vi <o> Cristo <carnal> naquela escultura de madeira, quando o gesto da rapariga incidu, sobre ela, como um relampago, como a propria luz da evidencia sobrenatural<, porque a evidencia não pode ser natural.>[.] [↑ A evidencia é sobrenatural,] <É> um dom do espirito divino, que os fanaticos falsificam em proveito deles.

Vi o Cristo, <vivo,> a redenção pelo sofrimento; <e o sofrimento redimido ou divinizado> <que>[↑ pois] toda a emenda é dolorosa; é cortar em carne viva, aperfeiçoar a estatua <animada,>[↑ viva,] a golpes de cinzel.

[§] E vi o sofrimento redimido ou divinizado. Temos de subordinar a nossa triste realidade a uma verdade superior. E eis o <orango deante do homem,> o escravo deante do senhor. Ser escravo cristãmente é prender as más tendencias, metê-las no *segredo*. Sômos varios individuos, uma sociedade. E a sociedade trata de inutilisar os criminosos. Sujeitamo-nos à escravatura livremente, que se a minha consciencia preside aos meus actos procedo livremente ou por determinação das minhas qualidades mais perfectas. Ser livre é proceder em nome do melhor contra o peor, vencer <as tendencias ruins> [(↓) os instintos,] [↑ inferiores], <os> ou antes desviá-los do seu caminho natural. A via lactea fez os anjos; e o mar os heroes d<a>/os\ Lusitania cantados por Camões.>[↑ adas] como a auto-estrada faz os

idiotas da velocidade; e ha pontes que fazem suicidas<, esses que não se atrevem a passar de cá para lá [(↑) e antes querem morrer]. Chegam ao meio da passagem e não podem volver para traz nem continuar a marcha para a frente; de tal maneira o abismo os encantou.>[.]

<O viandante é um producto do caminho.> O <caminho informa o viandante.>[↑ viandante é o seu caminho,] [(↑) o local onde põe os pés.] A barraca funda entenebrece-o, uma altitude airosa ilumina-o, <desde os olhos ao intimo da alma.> é peixe na agua, ave no ar; no alto do Olivete, é Jesus Cristo, como é leão, na selva e camelo, no deserto. Temos de acreditar num principio moral<, num ponto de> <fixo, <de partida,> e inabalavel a todos os impetos da inconstancia universal.> <e a nossa crença o torna existente moralmente> e submeter a ele a nossa vida. Producto da <nossa> consciencia estetica ou aperfeiçoadora, perticipa da <sua> mesma existencia<,> desta<,>/. \ <a qual><[(↑) E a sua <realidade>/verdade\] não pode ser posta em duvida, portanto.>

<A>/E\ [↑ a] sua <verdade>[↑ existencia] é, portanto, indiscutivel.

<Está naquela>[↑ A] submissão <\*a> [(↓) a um principio moral é a propria] redenção. A escravatura é a ultima palavra da liberdade, pois ser livre é ser escravo da sua consciencia, é ser mau e praticar o bem, <é> <ser><[↑ e]> [↑ ser] covarde, <e> [↑ e] afrontar a morte <hum> heroicamente. <A liberdade é a escravisação do odio ao amor. O odio escravo do amor, eis a manifestação da liberdade. A inversa não [↑ se] pode <ser verdadeira,>[↑ admitir,] porque o homem <[(↓) naturalmente mau,]> só é

bom <por um>[↑ por um] esforço <vencedor do mal;> <O homem é naturalmente mau e sobrenaturalmente bom;> <<e a>/a\ bondade aparece nele por um milagre da sua consciencia ou intervenção da Divindade.> [(↑) milagroso ou sobrenatural.] <[(↑) O homem é naturalmente mau e sobrenaturalmente bom.]>

Chegamos ao milagre, <à ofensa da lei estabelecida,> a Jesus Cristo, o <homem novo.> creador da nossa alma. E Socrates? <Oh, a>[↑ A] diferença entre a alma socratica e a pauliniana<! É>[↑ é] a mesma que existe entre o *ser ou não ser* numa carta de Cicero a Áticus e <no>[(↑) o *ser e não ser* no] *Hamlet* de <de> Shakespeare. <Uma fraze[s]>[(↑) Certas frases <já> velhas,] <antiga[s],> repetida[s] por mim, soa[m] como nova[s], dizia Doostoeski<sup>36</sup>. É o *penso logo existo* em Santo Agostinho e Descartes... E é a palavra Deus em <S. Tomaz><[(↑) David]>[↓ S. Tomaz] e em Kikegard<sup>37</sup>; e a palavra Cristo em <Torq> S. Francisco e Torquemada... Quantos sentidos <não>[↑ tem] esta palavra divina! Via-a encarnada naquele gesto infantil, naquele relampago! E quando <\*amo ou> soffro, direi que a sua imagem me acompanha, atraves da noite. <Só dissipa aquela imagem sagrada a claridade de alegria> Só a dissipa a alegria, a luz cruel. Na alegria, ha crueldade, como nas creanças. Cristo foge das gargalhadas; e se aparece nas da loucura, é para amortecer aquele fogo do inferno. O misticismo de certos loucos é a mesma loucura transfigurando-se numa especie de harmonia celestial, — a loucura apiedada do louco <e>. Mas quasi sempre o maltrata sem piedade. Assim o pecado tem pena do pecador,

<sup>36</sup> Doostoeski: *erro por* Dostoievski.

<sup>37</sup> Kikegard: *erro por* Kierkegaard.

e envia-lhe o remorso em que ele se purifica, como nas chamas do Purgatorio. O remorso é <um <acto> sentimento de liberdade provocado por um acto fatal,> uma reacção <contra> dolorosa contra a pratica [(↑) fatal] dum acto; e neste *doloroso* descobrimos um sentimento de liberdade, um protesto <de natureza divina> contra o mal, um [↑ impeto] supremo <esforço> da noss<a>/o\ <alma>[↑ espirito] para <eliminar> vencer a fatalidade. <É neste esforço que aparece Jesus Cristo> É neste tragico esforço que se revela Jesus crucificado<.>/,\ [e] <É> na angustia, na desgraça e na pobreza. Mas é nas lagrimas de alivio que ele se mostra como na manhã da aleluia. Assim na gota de orvalho o sol de Apolo. Entre <o>/a\ <orval> lagrima e o orvalho, que distancia! Uma, é um lago dôce<;> [(↑) o espêlho de Diana,] a outra, um Atlantico salgado, o mar de Cristo.

É nas lagrimas que ele aparece, <como <habitante infinito daqueles mundos <pequeninos de agua,> pequeninos.> a nossa imagem num espêlho> e até nas lagrimas das cousas, esboçado por Virgilio. Vê-se, <na melancolia>[↑ à hora] do crepusculo, o santo sudario <impresso> desenrolado sobre os montes<. É>[, —] um tecido de penumbra impresso a oiro... É o Cristo das trindades, das almas palidas, enfêrmas de ignota melancolia. E ha o Cristo <nocturno><[↑ negro] <e fantastico> dos criminosos>[(↓) dos salteadores] a retratar-se no terror nocturno da paisagem; <e>/E\ <é>/ha\ tambem o dos mortos, entre dois cirios, à cabeceira dum esquife

pendendo a fronte, [(↑) coroadada de espinhos, <que lhe não doem,> <[↑ mas insensível,]>[↓ mas inerte,]] sobre o peito de mármore. Emanava o silêncio da eternidade.

E há o Cristo dos abandonados da pátria e da família<, sempre nos caminhos <da terra>, ao vento e à chuva.>[.]

«que é do teu pae?»

— «O meu pae?...», balbuciou a criança muito espantada, como se ouvisse, pela primeira vez, <esta>[↑ tal] palavra..

<<sim, o teu pae...»

«— Ora.... Ora....»>

«E a tua mãe?»

«— Oh, a minha mãe! <Mal me lembro dela...»>[↑ Lembro-me dela ainda. <Morreu tuberculosa.>»]

«Que fazes tu? Onde dormes?»

«— Peço esmola e durmo na soleira das portas..»

E desapareceu entre os transeuntes aquela criança abandonada, aquele grito de Deus a ecoar por todas as cidades: *Pae! meu pae! porque me abandonaste?* <Todos os gritos de Deus andam, na terra, transformados em penitentes.> Deus, na sua infinita solidão, grita por alguém<\*>. <E o eco dos seus gritos aparece-lhe numa turba sem fim de miseráveis> E os seus gritos andam na terra, transformados em penitentes. E são estrelas, nas <Alturas> alturas da noite. A côrte celestial é uma turba de miseráveis: Santos cancerozos que fedem e escorrem luar,

<que é><[↑ a]> luz animica, <a> linfa branca a emanar de chagas pôdres em flor, que a podridão é [(↑) já] flôr <antes de lhe tocar o sol> <, à espera do sol para abrir em pétalas de aroma>; anjos famintos [(↑) e piolhentos,] <com as>[↑ de] azas <só penas><[(↑) \*mo]> magrinhas, só niveas penas, <[(↑)]><sup>38</sup> cegos de nascença, [(↑) agarrados a um bordão esplendoroso,] idiotas da lua, \*viuvos, esqueletos de luto, mendigos <andrajosos> <, maltrapilhos> do Evangelho, maltrapilhos, <vestidos de sol e de farrapos,> com um vestuario de sol remendado a pano velho, quasi desfeito do <vento e da chuva>[↑ temporal], vultos e vultos da pobreza e fealdade, tudo o que o mundo regeita a encher o céu.

O templo de Cristo é <car> feito de carne e osso, madeira viva, pedra viva, um templo cruciforme, em chamas, — o corpo de S. Paulo. Lá esta a imagem do Senhor alumiada de labarêdas, da mesma côr do sangue das suas <chagas>[↑ feridas] sempre abertas. É o Cristo pauliniano elevado ao rubro da paixão, o Cristo ressuscitado, a <f>/F\ogueira acêza no horisonte. É o Cristo que está em S. Paulo, — o templo vivo, em todas as lagrimas, em todos os farrapos da <miseria,>[↑ pobreza,] em todas as chagas <da carne e da alma.>[.] É humano até à maxima divindade, que a sua divindade não é a de qualquer deus. Não é metafisica nem teologica. É carnal e padecente, mais <proxima>[↑ perto] das aves que dos anjos, tresanda ao suor dos que tra-

---

<sup>38</sup> Neste ponto existe uma chamada para a margem que foi cancelada antes de ter sido acrescentado texto.

balham<,> e às chagas dos que sofrem, cheira a proximo, cabe no alforge dum pobre e não cabe na obra monumental de S. Tomaz. E nas cartas do Apostolo? Que são elas senão gritos e farrapos? Gritos contra o silencio demoniaco, farrapos contra o frio da noite. Que existe entre o silencio e o nosso espirito, entre o frio e a nudez? Gritos e farrapos, o Verbo encarnado pela Dôr, e a sua tunica ao vento do desespero. Existe Jesus Cristo<, o mesmo espectro divino>[.] <[↑ E é ele <aquele espectro>[(↑) o remorso]] que separa o crime do criminoso,> E entre o criminoso e o crime<? O remorso, <a>/o\ mesm<a>/o\ <Sombra>[(↑) Espectro divino] que medeia entre>[.] a Creação e o Creador<,>/?\ <— Jesus Cristo,> <Jesus C> O remorso, Jesus Cristo. E <aparece> o mesmo Espectro <redentor>[(↑) aparece] entre a aflição e o afligido, entre o desespero e o desesperado, entre o faminto e a fome. É ele a <encher>[↑ ocupar] o vacuo imenso em que vivemos, a repartir o pão e o vinho, a força e a alegria.

A carencia de pão e alegria, a pobreza, é problema que as teorias humanas não resolvem. Erros provocam apenas hecatombes. Arrazam vilas e cidades, trucidam mulheres e creanças. <Assim procedeu a aristocracia, a burguezia; assim procede o proletariado russo, à voz dum pseudo-tzar couraçado num Kremlin.> <Só a Irmandade, a Ecclesia,> <s>/S\ó Cristo ou a ação do Amor, <poderá fazer>[↑ fará] o milagre da Justiça. Só ele poderá vencer as tendencias brutas naturaes,

porque é um ente sobrenatural ou susceptível de exaltar no homem a sua consciencia, que é já uma revelação humana do Divino. Luta e lutará <sempre> contra elas, até à victoria final prometida pela esperança pauliniana. Victoria alcançada, neste mundo? Não, para um cristão <verdadeiro;>[(↑) autentico, de raiz;] sim, para os ateistas religiosos; para os que acreditam <poeticamente> em Deus, pela rama <em flor>[(↑ florida)], poeticamente. Ha os que descreem <religiosamente,>[(↑ dum modo religioso,)] e os que creem o <mesmo> menos religiosamente que é possível. O ateismo religioso é a característica da alma contemporanea, talvez a sua ultima expressão poetica. <Mas não nos deixemos>

<Mas Cristo resistirá a> <Mas a tempestade rebenta sobre as nossas cabeças, e logo Cristo aparece com a tunica ao vento e a fronte coroada de relampagos.> Mas a desgraça estende, sobre nós, as azas negras, e logo, na escuridão, se ilumina a figura de Jesus. Só ele conhece a dor, como o filho conhece a mãe. Conhece-a, porque lhe saiu das entranhas. Não é ele a propria intimidade da Mãe <[(↑) , a madre,]> encarnada exteriormente? Não é Cristo o coração da Virgem? Cristo é o *Sagrado Coração*, essa imagem tão verdadeira e de mau gosto<!>, — uma viscera cercada <de> duma corôa de espinhos, a sangrar! Até os Santos são corações de <Santos,> Santas, que o coração da mulher é masculino. Na mulher, só o corpo é feminino. E o mesmo

se dá no homem. O macho e a fêmea <não excedem> não excedem a zoologia e formam os dois o mesmo *animal de quatro patas*, como diz Shakespeare. [(↑) Mas o homem, além do macho e a mulher, além da fêmea revelam a sua [↑ <existência> [↑ pessoa]] bíblica <presença>.. [↓ ou liberta da História Natural.]]

A divindade de Cristo é a alma feminina elevada a um poder sobrenatural. Não se trata, repito, da divindade no sentido teológico da palavra, mas num sentido supra-teológico racionalmente inexplicável. Não brilha na dialética abstrata ou metafísica; <bri> arde nos gritos de desespero, fulgura nas lágrimas dolorosas. [Cada gemido desenha o seu perfil, cada farrapo de miséria é a sua túnica, cada bocado de pão é Hostia comungada; e a <a>/A\scensão está em cada prece comovida.]<sup>39</sup>

Cristo baixou à terra na primeira lágrima. Onde caiu ela? Num lugar que, mais tarde, teve o nome de Belém. E o sol <\*b> desceu, à terra, na primeira gota de orvalho, não em difusa claridade, mas em <corpo \*p> corpo abraçado, porque o sol é o Ante (não o Anti) Cristo, a promessa material duma dádiva <espiritual><moral>,[↑ espiritual,] <a anunciação>[↑ a] cósmica anunciação do Amor divino. Quem, depois de sofrer todos os desgostos e todas as desilusões, se comover diante dum Crucifixo, entenderá a divindade de Jesus<; e,> [(↓) que na desgraça <de> human<o>/a\ está a graça de Jesus. E,] d'ahi, a necessidade ou existência dum princípio moral absoluto<.>/,\ a que temos de obedecer contra <todas> as leis <do> <universal> da Natureza. Temos de criar a ideia do Bem, e vivê-la de tal modo, que <se> ela se materialize e conquiste

---

<sup>39</sup> A adição foi feita a letra muito pequena no espaço deixado em branco pelo fim do parágrafo: na sobrelinha, na linha e na sublinha.

a maior realidade. Esta ideia surgiu, no homem, entre outras ideias inferiores, como o homem surgiu entre os outros animaes. E se ela <su>/a\pareceu, no homem, é porque vem de tão longe, como ele, do mesmo remoto misterioso donde derivam as creaturas, da mesma fonte da Vida ou do [(↑) Santo] Espirito <creador,>[,] do mais profundo da Eternidade <e do mais alto do Infinito>.

Acreditar no Bem é creá-lo:

Acreditae até no que não ha,

E esse impossivel, esse nada, existirá.

Assim cantei, em 1897, <visionando todo o meu <pensamento religioso.><[futuro]> [pressentindo o valor ontologico da crença.]

E então, no altar dum Apolo de marmore, veremos o Cristo vivo<,>/. \ <o>/O\ calor [↑ bom é o] da Verdade <sucede<ndo> ao esplendor da Beleza.>[↑ e a Beleza o seu esplendor [(↑) este calor é a propria emoção religiosa que <deriva>[↑ nasce] do sofrimento ou é ele mesmo transcendentalizado. [{↓} este calor é o proprio sofrimento feito emoção religiosa, ou transcendentalizado.] Sofrer é já acreditar na verdade cristã, como ver o sol é acreditar no sol.]]

<O sofrimento é eterno,> <o>/O\ Cristianismo é eterno, porque o sofrimento é eterno. Como aniquilar o mau destino, a doença, a morte? <Basta> <a>/A\ morte <para> explica<r> a religião da Cruz. A [↑ cruz] verdadeira <cruz> é de pedra, á cabeceira dum sepulcro. <Mas> <o padecente dorme, deitado aos seus pés. Dir-se-ha que espera o seu acordar para o ter, nos braços, novamente.>[(↑) [↑ Mas] deitado aos [↑ seus] pés, dorme o padecente. <Dir-se-ha que espera> Parece à espera <de> que ele acorde, para o ter nos braços, outra vez.]

E como aniquilar esta aspiração insatisfeita, que é talvez a mesma <anímica> essencia anímica do sêr? Desejamos sempre

mais, como se fôssemos infinitos e desejamos, <sobre tudo,> o que não podemos possuir, como se fôssemos um impossível alcançado, E se ador<os>/a\[\↓mos] <tanto> a Fábula, é que sômos fabulosos. [↑ Seduz-nos o remoto inatingível, a nossa mesma fundura e altitude, o inferno e o céu.] Detestamos a hora presente, o local onde nos encontramos, o sol que nos bate nos olhos, a pancada direta da realidade. <Seduz-nos o remoto inatingível, a nossa propria fundura e altitude, o céu e o inferno.> <[↑ Seduz-nos o remoto inatingível, a nossa mesma fundura e altitude, o inferno e o céu.]> Trata-se duma inadaptação moral ao meio a que nos adaptamos fisicamente. Aspiramos a outra cousa<, e o nosso espirito debate-se> [↑ debatemo-nos] num drama de azas prisioneiras ou cá<e>/i\[\↑mos] <scismatico e saudoso> num estado scismatico e elegiaco. Será <uma> saudade da selva, <um> desejo de regresso? Será uma saudade mais alta, <um> pressentimento sobrenatural, no centro duma Natureza, que se nos afigura sem qualquer saída para fóra, <perfeitamente> completamente fechada por um <Vacuo <ili> <cir> circular e ilimitado?>[↑ circulo vasio?] <Assim o creio.> De resto, a saudade, mesmo considerada no seu primeiro aspecto inferior, <representa>[↑ exprime] um desengano da consciencia, <\*na> a maior angustia. Tal desengano é de caracter metafisico, e põe um divino sinal nas almas desenganadas. Esta saudade da selva é sempre a saudade do Paraiso, um caso biblico.

Ver é acreditar no sol; e sofrer é acreditar em Jesus Cristo, que é o alivio do sofrimento, o sofrimento tornado transcendente.

Se nos magôa, é de longe, como sonho triste [↑ ou de luar,] e não como pesadêlo tenebroso. Magôa-nos como se nos alumiasse o <caminho espiritu> caminho da vida lançado atravez da morte, ladeado de tumulos sem fim<, cada um com a sua cruz>. [↑ Tirem Cristo ao mundo, e o mundo ficará gelado, de repente.] [((↓)) Se ha uma fogueira acesa na neve é o corpo de Cristo, se ha uma luz acesa nas trevas é o perfil de Jesus.]

Cristo é a altura longinqua de todos os nossos sentimentos, ou eles expandidos no Infinito. [(↑) É o pêso que nos esmaga imponderalisado no infinito, a treva que nos céga dissolvida no infinito.] É a nossa dor no infinito, o nosso amor no infinito, a nossa esperança no infinito, <porque tudo é possivel no infinito> onde tudo é possivel, até a existencia do Senhor. E esta esperança num numero inumero de possibilidades surpreendentes, é a propria alegria da esperança e o dom da sua imortalidade. A esperança é eterna porque deriva do Infinito e pousa, <em estrelas de>[↑ mudada em orvalho] orvalho, na nossa alma ressequida.

Cristo é o nosso valor, a nossa miseria animal feita riqueza espiritual, — a morte do orango e a ressurreição do homem. Eis o grande problema<:> [(↑) e o sentido da tragedia do calvario:] matar o orango e ressuscitar o homem. Como? Pela cultura <ou> do espirito cristão. É preciso que este espirito se integre, em nós, até se confundir com o nosso corpo.<sup>40</sup>

Temos de violentar a <n>/N\atureza <das cousas>[,] roubar-lhe a nossa alma, a sua joia mais preciosa, para que ela brilhe por virtude propria e seja ela, emfim! <É preciso um supremo esforço, como

---

<sup>40</sup> A *lápiz vermelho*, a nota (Vid. pag. 37). No Ms. B, na margem superior do verso do fl. 37, foi cancelada a nota Vid. pag. 37 do 2.º \*volume. Esta nota reporta certamente aos parágrafos dois e três dessa página:

Cristo é o nosso valor<. A sua efigie gravada \*no nosso coração é que nos valorisa>, a nossa miseria animal feita riqueza espiritual, como é o pêso que nos esmaga imponderalisado, no infinito e a treva que nos céga, dissolvida no Infinito. É a morte do orango e a ressurreição do homem. [Tirem Cristo ao mundo e o mundo ficaria gelado, de repente.]

Eis o grande problema: matar o orango e ressuscitar o homem, pela cultura <cristã do espirito cristão.> ou intensificação do espirito cristão.

o de arrancar um penedo à gravidade ou de separar o efeito da causa ou converter numa lua um reflexo de luar.>

É preciso que a ideia moral superior que fazemos de nós próprios e nos dá a ilusão dum eu identico, simples, <espíritual,>[(↑) incondicional; independente <de tudo>[,]] seja *realmente* um eu com todos os atributos do Divino. Para isso, é preciso um supremo esforço, como o de arrancar um penedo à gravidade ou separar o efeito da causa ou converter numa lua um reflexo de luar ou extrair uma Ninfa dos seios duma árvore<.> <[↑ ou a borboleta do morcão.]>[.] Mas cada cousa se conserva, dentro da sua existencia, por <virtude> meio dum esforço proprio inaudito, duma potencia milagrosa. Tudo o que aparece é por milagre, ou seja a nuvem ou Juno. Uma simples passagem ou mudança, como a do morcão em borboleta, <representa>[↑ traduz] uma victoria extraordinaria *da borboleta, a realização dum impossível*. Não ha fenomenos, ha milagres. As leis, as causas e os efeitos, são puras aparencias resultantes <do nosso>[↑ dum] processo dialectico, <da nossa>[↑ ou] maneira de pensar, creada <pelo>[↑ <no>[neste]] mundo médio <em que vivemos.>[.] E tambem resultam duma ficticia obediencia das cousas à nossa inteligencia.

Ha só milagres. Façamos o milagre da nossa libertação espiritual. Eis a grande questão, não ham<e>letica, mas quixotesca, iberica. <Trata-se>[(↑) Não se trata de ser ou [↑ não] ser, mas] de ser [↑ e] do modo mais terminante e afirmativo. Ser é querer <[↓ ou saber]> ser. A nossa vontade subor-

dinada ao ideal cristão, garante-nos a <divindade e a> imortalidade da alma. A <própria> consciencia <que temos da>[↑ da nossa] <nossa><[↑ própria] miseria>[(↑) inferioridade], demonstra <o alcance divino da <nossa individualidade>[↑ **criatura humana**]>[(↑) que existe, em nós, o instinto ou conhecimento fatal da Divindade] e as possibilidades que <ela> tem[↑os] de alcançar uma <existencia>[↑ forma] transcendente. Se já esboçamos o homem que pretendemos ser no gorila que ainda sômos, o nosso dever religioso é concluir a obra transfiguradora e redentora. O orango desaparecerá, no homem, por uma especie de assimilação, como <o pomo devorado> desaparece o pômio devorado para surgir em animica actividade. O orango, esse animal, <e o homem, essa ideia,> será absorvido pelo homem, essa ideia, até que <esta>[↑ essa] ideia, por assim dizer, *se materialise* e não represente nada do que fômos, <mas><[↑ e] tudo do que desejamos ser.> mas tudo o que havíamos sonhado. Quando fômos a ideia superior que hoje fazemos de nós próprios, <alcançaremos,><[↑ viveremos]>[(↑) encarnaremos,] <então,> <a vida perfeita,> o sentido divino que <ela> encerra <que> a vida humana. Vivamos, ao menos, nesta crença. **Caminhamos para** um ponto inatingivel ou que foge, diante de nós, perpetuamente? [(↓) **Ponto que se desloca eternamente, para o centro do qual converge tudo?**] Caminhemos sempre, sempre, enquanto a força nos não desamparar, enquanto [(↓) **a aurora**] nos doirar a fronte <a luz do sol.>[.] A virtude está no sonho e a maxima virtude no sonho irrea-

lisavel.

Não me sae da memoria aquele gesto da creança, a demonstrar-me a divindade de Cristo, mais eloquente, para mim, que S. Francisco de Assis, o unico Santo que soube falar de Cristo, depois de Paulo. [(↑) <[↑ A cotovia sabe mais do sol do <que os astronos> que os astronos.] E quem sabe falar do sol como a cotovia?> E quem sabe falar do sol como os passaros? <O mocho é o interprete da noite e o sapo do anoitecer.>] Não me lembrem <S. Tomaz nem mesmo Santo> os doutores da igreja. Então, prefiro Socrates e <Pal> Platão, mais proximos de Paulo que S. Tomaz. Ha neles o mesmo relampago deslumbrador, que a Verdade deslumbra, quando é bela e, quando é bôa, aquece.

Cristo não é da Teologia; é da Poesia. A sua divindade <mostra-se, <não se demonstra.> <Tocamo-la sentindo e não raciocinando.> ao nosso coração;> não a demonstra o <nosso> raciocinio<.> <Os olhos não a vêem, mas> <v></V\ eem-na as lagrimas, não os olhos.> <O gesto daquela creança> [;] mostra-se ao nosso coração, como <a paisagem se mostra aos nossos olhos> se mostrou aos meus olhos o gesto daquela creança <e a tósca imagem de madeira, sob um alpendre>, a apontar-me a tósca imagem de Cristo, feita da mesma substancia da cruz, da mesma árvore, sob uma cobertura de palha roubada ao estábulo de Belem, <ainda quente>[↑ aquecida] do bafo da <v></V\aca <ou do estio,> ou duma estrela.

O gesto daquela creança! Que revelação expontanea da sua intimidade! Reflectiu-se, em mim, como nascido de mim mesmo

ou da creança que eu fui, ressuscitada. Os mortos que jazem, em nós, ressuscitam, a cada instante<, e conquistam a nossa> e cada um deles, <é<, em dado momento,> a>[↑ enquanto está <ressuscitado,>/vivo,\ é a] nossa pessoa<, em dado instante>. D'ahi, a impressão que me causou sentir <dea> perante o Crucifixo [(↑) de Travassos,] como <um> divin<o>/a\ <sofrimento,>[↑ magua,] <como>[↑ ou] chaga de Cristo no meu corpo indigno de a sofrer.

O intimo daquela rapariga desvendou-se-me em toda a sua <amplitude> aplidão ilimitada. A nossa alma <,>[↑ é] infinita e, por isso, deve ser eterna. Nada ha que lhe seja exterior, nem Andromeda nos confins da realidade, nem Deus nos confins da Idealidade. [(↑) Andromeda está nos meus olhos e a cem mil anos de luz.] Sômos, em toda a parte, com o nosso pensamento. A distancia é uma ilusão geometrica<, porque é tudo o mesmo ser> e do meio em que existimos, <porque>[↑ pois] é tudo o mesmo sêr ou [↑ a] mesma sensação que não <é><[(↑) pode ser]>[é] espacial. Acção a distancia nega a distancia.

Pensemos em Jesus Cristo e seremos com ele, com o Senhor. Assim o disse a voz duma creança, a voz da Primavera, a voz que ressuscita as árvores, oriunda tambem do Infinito. Percebi[↑-lhe] a intoação remota <dessa voz>[,] a origem, como percebi no aspecto inspirado da rapariga, que ela obedeceu a um mandato superior, a uma vontade ignota, como um ramo obedece ao vento, e nele tremem todas as comoções da tempestade.

Falou-me dum modo terminante, imperativo, que não admite duvidas nem contraditos. É como se dissesse: >[:] *Aquela é o Senhor* <\*e> <porque é o Senhor, o Deus verdadeiro.>[:.] Quem se atreve a duvidar? A verdade dum afirmação depende da maneira como se afirma ou da quantidade que pômos de nós próprios na palavra afirmativa. Se a fraze nos sáe da alma, vem da origem de todas as cousas, não pode soar a falsa. <E, de resto> E a sua necessidade também garante <a>/o\ <sua> seu valor. O que é preciso, é <[,]></.\ [(↑) Isto muito acima do vulgar conceito pragmatista.]>[:] porque ela, a necessidade, inclui <a>/o\ <força do> desejo creador, e, por isso, <o que é preciso,>[(↑ o útil] <é.>[(↑) é mais que verdadeiro, — é ou existe.] Estamos muito acima do conceito pragmatista.

<A necessidade incluindo o desejo e \*este a potencia de realização,> <§> [A necessidade de ver a luz,] aliada ao desejo de a ver, originou o milagre da visão. E a presença do mal explica a vinda de <Jesus.>[(↑ Cristo.) Foi o mal, não foi o bem, que o trouxe ao mundo. Se o <fosse> mundo fôsse bom, não teria [↓ um] lugar para Calvario, esse monte que parece surgir em cada monte <[(↓) , como a cruz se esboça em cada árvore. D'ahi o ensombrado da paisagem e o chôro das flores.] e ensombrar <as> a beleza das paisagens. Também a cruz se esboça em cada árvore e [(↑ as] orvalha de <lagrimas>[(↑ chôro] <as suas>[(↑ ou] flôres: flôres de neve e de sangue.

A ação do mal criou a ideia do bem,>[(↑) . Assim do frio nasceu a túnica de lã.] <porque> <o>/O\ mal é o primeiro gesto do bem, a aparição ainda demoniaca dos anjos. <[(↑) Assim]> O bem é anterior e posterior ao mal, pois o mal não provocaria o bem se já o não contivesse, de algum modo. <A>

Contem-no, como a ação contem a reação, <e> a descida a subida e a lagrima feita de agua a dôr moral. A ideia duma cousa não é platonicamente anterior a <ela?> esta? [{↓} A ideia de voar é anterior à aza. Nem a aza é mais que a actividade dessa ideia. Refiro-me àquela inteligencia construtiva, <a m> <corporea> organizadora do sêr, [(↑) que faz desabrochar um lirio na terra,] como a arte o desenha na Botanica. [↓ E ha tambem a estupidez do corpo revelada num abôrto...]] Que é o mal senão a ideia do bem materializada para se libertar da materia e readquirir a espiritualidade originaria? A ideia do bem, encarnando, dá o mal<.>/\ [(↓) por fatalidade da propria ação corporea.] Mas conservou-se perfeita, ao encarnar em Jesus Cristo. <Um privilegio da sua divindade<, que onde existe Deus existe \*privilegios<sup>41</sup>...>[.]> <O Verbo encarnou> <apenas para se tornar tangivel e entrar pelos olhos dos cégos e pelos> Se o Verbo encarnou, foi apenas para se tornar tangivel e entrar pelos olhos dos cégos ou de S. Tomé, que é o advogado dos sabios.

A <ideia do bem encarnou em Jesus <Cristo,>[,] por necessidade de existir; necessidade ambiciosa, que a ambição é a labareda do desejo<, nos animaes;>[;] mas no homem <cristão>[,] conforme

---

<sup>41</sup> privilegios só é aceitável se tiver havido um lapso de pena, e o que parece um t for um l.

Cristo, a labarêda <é><[(↑) transcendentaliza-se em] <calor> <luz espiritual, calor animico.>[(↑) em calor e luz espiritual.]>

É preciso que <a>/o\ <ideia de> bem se transforme em actividade ou encarne sem decair. É o caso de Cristo. Porque não ha de ser o dos cristãos? Eis aqui uma interrogação incandescente, como <as estrelas, como> a estrela dos reis magos <e>[,] [↑ como] todas as estrelas. <Que ela nos alumie o caminho de Belem.>

Quando me lembro, agora, da rapariga, o que eu <melhor> avisto melhor é o seu vestidinho de chita, feito do <suor><[↑ frio]>[[↑} suor] dos paes e do pão que eles tiraram à bôca <e dum chale <que a mãe deixou> contra o frio que a mãe deixou de mercar, na feira>. E avisto o seu braço alongado a mostrar-me o Crucifixo. Vejo aquele olhar humilde e audacioso, aquele vestido de chita, com remendos, cingido à sua magreza esvelta, que é mais elegante a fome que a fartura, essa abadessa recheada de pasteis de Santa Clara. E vejo, sobre tudo, a força daquele gesto, gravado no espaço, qual relampago oriundo das entranhas da noite, das profundidades do abismo em que se perde<m as formas da existencia.>[↑ tudo.] <e>/E\ vejo essa força<. E vejo> tomar a aparencia do seu vulto e a de Cristo ressurgido ou nascido dela, da rapariga, pequena Virgem Dolorosa. E nascido amarrado à cruz, pois Cristo e a Cruz, são a mesma <P>/p\essôa divina. Como

imaginar Cristo sem Calvario? Não o posso imaginar um Menino entre os doutores, nem a pregar às turbas como qualquer político. <\*é>... celeste. Já o dissemos: o discurso é dos Profetas. Mas Jesus é toda ação da Caridade, <o Verbo encarnado,> a caridade encarnada para que as bestas lhe cravem os dentes e fiquem fartas de alegria. O anho não é a inocencia devorada pelos lobos, que resplandecem, <de contentes,> no <cume>[↑ viso] dos penhascos, <como> muito companheiros de S. Francisco ou anacoretas á Santo Antonio da tebaida<?> ? O herbivoro é mais inocente que o carnivoro. Não se alimenta de dôr alheia, como os lobos, nem de dor propria, como os santos da montanha. Os lobos e os santos, e nos dentes duns e de outros, a carne viva, a sangrar, do Redentor.

Não ha Cristo sem calvario, — <E o calvario> a angustia humana representada num monte esteril e deserto, donde se desco<bre>[↑rtina] o panorama do universo, lá em baixo, como planura indefinida<. — O Calvario é a unica altitude<. As estrelas esmaltam> onde as>[,] [↑ e recamada de] estrelas <brilham como> [↑ ou] flôres doiradas. O Calvario é a unica altitude, e Cristo o unico Deus, para além da teologia hebraica, helenica <e>[,] medieva e moderna, em pleno fóco da <Tragedia ou da>

vida ou da tragedia. Cristo não morre na cruz: vive. É ela que o sustenta, de pé e de braços abertos para todos os crucificados, desde o bom ao mau ladrão. É com um esqueleto exterior ao corpo que ele ampara, que no esqueleto reside a força, como o vôo nos ossos das azas <e o pensamento na caveira.>[.]

Cristo, sem a cruz, <morreria.> tombaria; e morreria asfixiado sem a dor e o amor, essa atmosfera dum Deus que se fez homem; <E as> e as lágrimas são o unico espelho onde se reflete a sua imagem. Quebrado o cristal, regressaria às alturas ideais da Divindade pura, a um estado de abstração infinita, no Infinito.

Deus vive, no mundo, em imagem, pois tudo o que se revela, no mundo, com evidencia, é por intermedio da luz. E a evidencia exige uma forma colorida. Também uma [↑ ideia] é <uma> forma colorida ou visível, <ou> clara ou obscura, esboçada ou desenhada, <ou> emotiva ou intelectual. Raciocinar é ver em desenho, sentir é ver em esboço. E o desenho é limitado, como o esboço é indefinido. Este agrada às almas poeticas, e aquele às almas praticas, vulgares.

<D'ahi> Donde vem o culto das imagens, tão inocentemente regeitado pelos protestantes de Lutero<?> e pelos judeus da Sinagoga? <Da natureza humana que>[(↑) Do instinto dum verdade <profunda<,>/:\>[↑ essencial:] <isto é,> de que a <unica> verdade é imaginaria. Por isso, o homem] aspira à visibi-

lidade do Invisível, <a um aspecto possível do Impossível.>[(↑) revelação material de Deus, a encarnação do Verbo, conforme S. João e todos os Joões e outros nomes de batismo aureolando a <multidão>/turba\ de espectros que enche a terra.] <Quer> <v>/V\êr com os <seus> olhos carnaes o que [↑ se] vê com os do espirito, eis o sonho de todos nós. E o dos artistas que são todos nós. <Donde><[↑ Tambem] o>[(↑) E parte do] prestígio de Cristo <?>/r\esulta de não ser Deus, mas o seu corpo, a sua imagem carnal até brotar sangue <por todas as chagas> das feridas.

O povo não adora o Santo; adora a sua imagem. É ela que faz milagres; e, <quando>[↑ se] o trabalho milagreiro é <pesado> pesado, inunda-lhe a fronte de suor. Os pedagogos chamam-lhe verniz. Mas o sentimento popular muda o verniz em suor e a madeira em carne sensível. <Assim a re> É um sentimento animador ou poético. <O povo é o sêr vivo, por excelencia, <um mar <palpitante>[↑ vivo]>[↑ palpitante] donde se elevam penedos <esculpidos pelas mãos da>[↑ trabalhados pela] Cultura. O mar submerge-as, em dias de temporal> <e toda a superficie oceanica é um <cora> imenso coração <a palpar> ondulante e palpitante>

Viver é vencer a morte ou ela esteja representada numa figura inerte, a estatua de S. Gonçalo, por exemplo ou um fantastico esqueleto de gadanha, nas falanges enclavinadas. <A vida>[↑ Viver é] anima[r] <tudo.> [.] Quando descobrimos o inanimado das cousas, ai de nós, que já resvalamos <para><[↑ ao]> [a]o tumulto o mais racionalmente que é possível.

A vida é infância; <v>/V\iver é ser creança, ouvir falar as árvores e as fontes, sentir o coração das pedras e das sombras, a divindade da aurora, ver <o>/a\[s] <Zéfiro que vôa> as azas do Zéfiro, a silhueta das Ninfas ao luar, <e os cavalos de Napoleão batendo as ondas que espumam, com as patas.> <Viver é> <ididen> identificar tudo ao nosso sê<.> [(↑) porque é tudo.] E esta identidade é a propria origem da Irmandade, <profundamente><[↑ seriamente]><[(↑) profundamente] panteista, que o> [O] mar profundo da emoção cristã é panteista ou franciscano: o amor do proximo e do remoto, o fim das lutas barbaras, <essa insurreição dos mortos contra os vivos.><[(↑) a paz entre os mortos e os vivos]>[↑ essa insurreição dos mortos contra os vivos.] [(↑) Quando, no Inferno, é carnaval, o Demonio mascára-se de Atila e aparece, no mundo a provocar as folias sangrentas, as loucuras pavorosas, as Saturnaes do saque e do massacre, toda a H<e>/i\storia humana.] <\*E> <q>/Q\ualquer doido, gritando, acorda os mortos, que tem sonhos horrendos, pesadelos monstruosos<.>/,\ e <os insurreciona contra os vivos.><[(↑) Quando, no Inferno, é carnaval, o Demonio mascára-se de Atila e aparece, no mundo a provocar as folias sangrentas, as loucuras pavorosas, as Saturnaes do saque e do massacre, toda a H<e>/i\storia humana.]> os querem transformar em realidade. Que sono feroz o da morte! É preciso matar os mortos para que reinem os vivos. Ó vida, ó exaltação da consciencia iluminada! Ó rosa da primavera em cada frente! <Ó resplendor de Cristo em cada alma!> Será o banquete do futuro? Será? Eis a esperança. Como ela brilha no gesto e na voz da rapariga de Travassos: gesto que <saltou>[↑ irrompeu] duma nuvem, voz que brotou do silencio, esse penedo.

<Persegue[↓m]-me o vulto da rapariga, na memoria evocadora. Oculto no céu e na terra> Perseguem <aquela>[↑-me o] gesto e <aquela>[↑ a] voz <.>[(↓) da rapariga.] Tod<o>/a\ <o seu vulto de creança>[↑ ela] é uma voz, como a Ninfa cantada por Ovidio e um gesto

esplendoroso como a Iris, mensageira do Senhor. <Dir-se-ha que> <o>/O\ resto do seu vulto, um vestidinho de chita, <se> desfez[↑-se] nas mãos do vento agreste da montanha. Que o <nosso> vestuario é quasi toda a nossa pessôa. É ele e a alma. O corpo é apenas um escravo <dele e dela,> da alma e do vestuario. Assim a ave é toda canto e plumagem. A mulher nua é uma ave depenada. E outra mulher nua é a ovelha tosquiada. E o homem? Ó macaco pelado! [(↑) O macaco a mostrar-se com o maior cinismo. Que franqueza antipatica! Antes a <hipocrisia> astistica [↓ hipocrisia] <da aparencia> que a sinceridade <estupida> de mau gôsto<.>/!\] É uma doença da pele a nudez humana; o quer que é de esqueletico e gôrdo, ao mesmo tempo. É ainda uma doença moral: a verdade <e a mentira> magra e adiposa mentira confundidas numa especie de absurdo caricato.

<Mas> <p>/P\ersegue-me a voz da rapariga: *Cristo é o Senhor.* <E no Senhor alcançaremos a liberdade.> Temos se ser escravos de Deus ou dos nossos semelhantes, escravos da liberdade ou da escravatura<.> [(↓) , essa deusa do Paganismo, a unica autentica Minerva, no seu Parthenon maravilhoso.] Os pagãos fôram escravos dos <\*escravaticos>[↑ senhores]; mas o cristão é escravo do Senhor, que, por sublimação desta palavra, significa Liberdade redentora.

[(↓} Sempre] <E>/e\scravos<, sempre>, sempre escravos! Senhor só Deus! Só ele é o <v>/V\ivo e a Vida; e nós sômos <mo> defuntos animados ou animaes domesticados; pobres esque-

[Temos de ser escravos de Deus para sermos senhores da nossa alma..]<sup>42</sup>

letos revestidos de <carne> <podridão.> carne que apodrece: um tecido efêmero ou ilusório em que vibram as ondas celestes, como lampejos <d<a>/o\ <consciência universal.> espírito creador> de consciência universal. Nos seus fios scintilam as estrelas, o sol multiplicado por um número que foge da aritmética<sup>43</sup> e é tão luminoso como o espírito de Pitágoras.

Vivemos como <arde> a candeia <:[↑ arde:] gastando azeite. O sangue é azeite de candeia, um azeite vermelho que emana pálida luz. Não dissipa as trevas. Amarelece-as vagamente. Dir-se-ha que vão falecer, mas não falecem. Conservam-se entre o acêzo e o apagado, o branco e o negro; e agitam-se, na sua intimidade, ignotas formas hesitantes<./,\ [(↑) todas as imagens da Natura.] <Reaes>[↑ Reaes] ou chimericas? Sempre a realidade será uma chimera e a chimera será uma realidade. O que existe é um vae-vem daquela para esta e desta para aquela, o quer que é de movediço, de ilusório e verdadeiro, sobre o qual edificamos o nosso lar e o nosso templo. Trata-se dum espaço etéreo, fluido, em perpetuo movimento creador.

O Vaticano, essa nau de Pedro, ancorada no Tibre, ha dois mil anos, tem de levantar ferro e desfraldar as velas, <ao vento> à aragem que sopra do infinito<./,\ <O templo> <para resistir> tem de navegar no mar alto.

É preciso que o sentimento religioso se expanda livremente.

---

<sup>42</sup> Esta adição na margem superior assemelha-se a uma frase do penúltimo parágrafo da página anterior: Temos de ser escravos de Deus ou dos nossos semelhantes, escravos da liberdade ou da escravatura.

<sup>43</sup> aritmética: erro por aritmética.

É preciso que o proprio Deus seja negado e afirmado, pois <esta> afirmar e negar é a propria ação espiritual ou a liberdade do pensamento. Ai, de nós, se Deus estivesse no céu, como estamos na terra! Que terrível conformidade! Que monotono acôrdo! Que aborrecimento! Tanto serve Deus quem o nega como quem o afirma, porque a negação provoca a afirmação, e vice-versa. <Estabelece-se><[↑ É] > [É] o conflicto<,> [(↑) metafísico,] o drama transcendente das almas, que é a sua razão de ser, a força que as sustenta à flôr da vida.

No descrente superior, ha <o quer que é de> sublime desinteresse, heroico desamparo, e a atitude de quem afronta, sereno, todos os golpes do Destino e a infinita solidão. E no crente inferior, ha <quer que é de> tacanhez interesseira, uma ambição de <par> ceu [(↓) bastante burgueza. [(↑) Pretende acrescentar à<s> sua propriedade <rustica e urbana,> terrestre um jardim celestial.]] <(<n>/N\ão se contenta com a terra)><[.]>[,] [↑ e] <a></A\>/a\flor<ar>/a\lhe, no rôsto, em beatifica palidez o quer que é de untuoso, perante Deus, e de falso, perante os homens.

Deus é a suprema actividade. Prefere quem o procura a quem o encontrou<,> [(↓) — os <caminheiros do>/vagabundos do\ deserto <[↑ mortos de sêde]>, os <erra> <vagabundos>[↑ e] da noite, [↓ <e mortos de sêde>[avidos de aurora]]] os peregrinos da Via Lactea, com os pés queimados de calcar estrelas.

Não me sae da memoria a rapariga de Travassos, ou, antes, o relampago do seu gésto, o grito [(↑) abafado] da sua voz, e <deante dela,> a tósca imagem de Cristo ressurgida da madeira <inerte.> morta. É já uma lembrança da minha infancia, dessas lembranças longinquas ou esculpidas <numa nuvem>[↑ na bruma] do horisonte, além do qual <existe>[(↑) principia] o mar tenebroso dos lusiadas, todo em <\*letaes> ondas <côr de abismo.><[↑ abismaticas.]>[(↑) de esquecimento.] <É já uma lembrança, tão remota e viva,> <a>/A\ssim as grandes impressões se afastam logo de nós, como incompatíveis com a [↓ nossa] mesquinhez <do nosso sêr.>[.]

É já uma lembrança, tão remota, <e viva,> que se me afigura desse tempo em que eu existia ainda <esparso numa nuvem>[↑ como um fantasma,] <donde se desprende, mais tarde, uma lagrima fulgindo a presença de Cristo, dentro dela.>[↑ a caminho do meu sêr.]

<Eterno sentimento, eternamente <escuro,> obscuro,

De quem antes da vida houvesse já vivido..>

<§> Que distancia infinita caminharas para nós, antes de alcançarmos a nossa existencia carnal! Por quantas creaturas sômos possuidos antes de nos tornarmos possessos de nós proprios! Que misterio esta conversão dos outros em nós, esta passagem de pae a filho, esta aquisição da nossa personalidade independente! <Já <antes de nós sômos nós,>[↑ somos antes de ser.]> [(↓) <ou>[Sômos] desde sempre;] e por isso, aparecemos, no mundo, com um<a> <figura> perfil original. <Somos desde sempre...>

Eterno sentimento eternamente obscuro

De quem antes da vida houvesse já vivido.

Este sentimento duma vida anterior assalta-nos, em certas horas de profunda melancolia. E ela nos prolonga através do passado remoto; e adquirimos uma espécie de vaga consciência do que fomos. A contemplação da Natureza actual, em nós, dum modo identico. Acorda-nos lembranças fantasticas, longinquas, <como> alheias a qualquer pessoa ou objecto, sem relação alguma ou dependencia. Revelam-se <como>[↑ quaes] entidades proprias, absolutas, que a si mesmas se engendrasssem.

Quando a pancada é violenta, acorda o que jaz adormecido na nossa intimidade. <Que é um grito senão uma pancada nos ouvidos? <E o gr> E o alerta da Trombeta> E assim o grito da Trombeta será <como> um terramoto sonoro<so>, uma catastrophe que ressuscitará os mortos, como as outras <catstrofes> matam os vivos. E o que não resulta desse monstruoso cataclismo — o choque entre duas estrelas? Este choque obedece apenas ao acaso? E o acaso parece intervir, não *casualmente*, mas <como \*enti> conforme um certo programa anunciador duma vontade inteligente. Será a sombra de Deus? De Deus e não de Cristo que é o <seu corpo,>[(↓) corpo de Deus] humanisado<, a sangrar,> e martirisado<, as Cinco Chagas, <a sangrar. Que> escandalo para os ébrios

da <[↑ futil]> alegria <[↑ futil]>, para os sibaritas da banalidade <luminosa>, para os que concebem o céu como teto de refetório, <donde cáe <chuva>[↑ água] no vinho e na comida!> <e as estrelas como <bicos acesos>[↑ luzes] dum candelabro. Os que [↑ se] entranham no seu corpo, donde>[(↑) donde] cáe água no vinho e na comida (Uma tristeza!). <Os que>[↑ e] lambem o <prop> corpo como os cães as mãos do dono.> <E>[↑ e] entranham-se como vermes no seu propri<o>/a\ <corpo>[↑ carne], esse fructo.> <Uma sensoria!>

<Cristo é <todo no seu corpo, nas>[↑ as] cinco chagas.>

<Onde estiver o homem, [(↑) o filho da Dor,] está Jesus <no seu templo.><[(↑) que é a <nossa> dôr divinizada.]> [(↑) Onde estiver um homem, <está>/pode\ estar Jesus; mas não está onde estão os homens. <A colectividade é demoníaca.> Deus é um caso pessoal, como bondade, a ternura, a delicadeza. Pode ser um Francisco.... de Assis, por exemplo. Mas onde houver dois Franciscos, já paira a sombra do Demonio. <é fácil uma turba de Santos transformar-se num bandido.>] Homem significa Humanidade, <delicadeza, ternura, alma> um sêr que não existe.>[.] É num ambiente dolorido, numa noite de luar, <que surge o Deus humano.><[↑ que [↑\*nos] aparece Jesus Cristo.]>[↑ que se destaca] o nosso <Phant> Fantasma sobrenatural ou Jesus Cristo. E, pque<sup>44</sup> está <n>/p\resente em nossas lágrimas, é que elas nos sobem aos olhos em vez de se [↑ nos] concentrarem<, como gotas de incandescencia,>[↑ candentes,] <em nosso>[↑ no] coração. O padecente estoico bebe as suas lágrimas; mas o cristão semeia-as na terra que floresce. Caindo, perdem a amargura.

O corpo de Jesus está nas nossas lágrimas; e o seu espectro nas lágrimas das cousas. Nas sombras do crepúsculo, <é que>[↑ como ele] se esboça tristemente! O Paganismo findou na tarde em que <Virgílio o descobriu> <ele>[↑ o espectro de Jesus] empeceu à alma de Virgílio, como também lhe empeceu, na lua, feito <branco silencio,>[↓ silencio, <merencorio,>]

---

<sup>44</sup> pque: *assim no ms., por* porque.

todo branca tunica de linho.

<Mas o corpo de Cristo é que merece o nosso culto. É ele, o Redentor.> Mas o nosso espectro irrompe dos pesadêlos nocturnos. Apodera-se de nós, durante <os>/o\ sono aflicto, vindo do Cáos e das Trevas.

O corpo de Cristo é que merece o nosso culto. É ele o Redentor. Assim o declarou aquela rapariga do povo, filha de alguma pobre mulher, que anda à carqueja na serra, com os farrapos da saia ao vento gelado, quando os penhascos se esfumam num dezembro tôrvo de nuvens pluviosas.

Mas, agora, no estio, que limpida atmosfera, que mar diafano e azul! Rastejamos no seu leito, como bichos do lôdo, enquanto <os> os pássaros vôam ou nadam naquela agua deliciosamente respiravel.

## V

Corremos, ao longo da margem direita do Cavado, <cortada abruptamente>[(↑) com abruptos declives,] sobre o rio<. Faz medo vêr, lá <no fundo,>[(↑ em baixo,] aquel<e>/a\ <espêlho liquido> corrente de agua tenebrosa ou profunda de comprimida> comprimido entre penedos, o que lhe dá uma côr profunda e tenebrosa.

Atravessamos pequenas povoações, com o seu nome <turistico> numa tabulêta pregada num p<ó>/o\ste ou na esquina da primeira casa: uma especie de cartão de visita oferecido aos turistas, <que são uma><[(↑ essa] especie de <individuos> portuguezes traduzidos para inglezes ou de calção caído em larg<as>/a\ dobr<as>/a\ no joelho e meias grossas de lã.> E logo uma taverna onde se vende vinho e gazolina, o mesmo combustível para <machinas><automoveis;>[(↑ machinas;] e, à porta, <debaixo dum>[(↑ sob um] ramo de loureiro e <dum>/um\ réclame multicolor que é toda a cidade do Porto, em Salamonde, [—] um velhote de suissas e dos bons tempos, com uma canéca branca, <nos la> <na mão, cheia> <chegada aos labios> a encher-lhe as guelas de rubra mocidade. E aquele etereo grupo de garôtos que riem, brincam, soltam gritos; mas, ao parar [(↑ um automovel)], junto deles, <um automovel,> põem uma cara triste, de mesericordia e estendem a mão pedinte, essa mão que parece dilatar-se, desde Melgaço, no Minho, até ao Cabo de Santa Maria, no Algarve.

Sim, estamos em Salamonde, nome ligado à Historia napoleonica, à retirada de Soult para a Galiza, sob as <\*caraclatas> cataratas do céu aberto e de encontro a um exercito de gigantes petrificados. É a serra do Gerez, que nos aparece, à luz crepuscular. Que espectáculo <a transição do dia para a noite,>[↑ o anoitecer,] nesta paisagem, com uma antiga tempestade esculpida nas suas formas atormentadas ainda do impeto vulcanico, esse arranco de <inerte> <desespero <granitico> inerte>[↑ **empedernido <ou inerte>**] desespero <empedernido> a subir para as alturas. Sobee, como vâa um demonio <em bronze ou>[↑ em] marmore, sem abandonar o pedestal nem o espaço em que, pela vez primeira, abriu as azas. Ha montanhas que lembram aves fulminadas<. As> e denegridas. Escorrem agua durante o inverno, aninhadas <na>[(↑) nos rôlos da] bruma <fumarenta> <pardacenta> que o vento agita e se lançam das cumiadas sobre os vales, pelos quebrados abaixo, em <torrentes>[↑ cataratas] vaporosas.. O mar está nas montanhas em esqueleto e fantasma, fraga e nevoa: um mar morto e sonambulo, um cadaver negro, sob uma mortalha branca, um cadaver a sonhar. Às vezes, tem pesadêlos horrendos. Sonha<,> com o Cáos e ronca cavernosamente, <e> [e] inunda<-se>/ndo\<->[↑-se-]lhe de mar a <†> pétrea fronte <cordo> cingida de relampagos. Mas o pesadêlo esváe-se, e é apenas um alvo sonho

## [A Estrela]

aéreo, onde se doira a luz da madrugada.

Agora a nevoa ondeia, <e <\*se> \*es> encobrindo e descobrindo os soturnos pincaros do Gerez, postos, pelo nosso auto, em marcha fantástica, uns atrás dos outros, como titans<, depois da derrota,> vencidos mas altivos, aprumados para o céu.

E lembro-me <duma nuvensinha da Estrela, sob as>[↑ das] Penhas Douradas, <no mez de abril.> na Estrela, e dum nuvensinha que passou, por cima da minha <cabeça><[↑ frente]>[(↑) cabeça], desfazendo-se numa chuva de pétalas de neve... <E logo o sol raiou, <incidindo,> <ao longe,> <esboçando> [↑ Era no mez de abril. Esboçavam-se], ao longe, os contornos <em bronze> da Cenabria, em bronze sinistro marchetado de funérea prata. Dir-se-hia um monstro <gelo> geológico meio afogado numa turbacão de plutónicos vapores<. Uma>[↑ ou um] trecho do Céos em procura da harmonia.

Deixamos Salamonde. <O sol> <d>/D\inclina o sol na direção do mar, que todo o horizonte ocidental da Lusitania, é [espuma,] areia <e>[,] bruma, <onde vagueiam><[↑ sons de vozes]> tristes pinheiros solitários, ao vento da marezia. Nunca os vejo, que não me lembre de mim.

<Vê-se-lhe o>[↑ É um] disco de ferro, em braza, uma lua <cheia pintada> [↑ cheia] <a sangue>[↑ sangrenta,] ao fundo dum abertura imensa<, da paisagem, <que se esfuma,> <para os lados do poente, numa fecha de tinta lilaz e dolorida.> em nodos roxas, para os lados do poente.> [que finda <numa>[↑ em] <fantasmagoria><[↓ confusão]>[↑ fantasmagoria[s]] de tintas doira-

das e lilazes, todas as côres do longe e da tristeza.]

À nossa direita, a célebre montanha tem reflexos vermelhos e nodoas rôxas no perfil erriçado de penhascos ingremes e agudos, a rasgarem a melancolia do crepusculo, um tecido de sentimentos naturaes, isto é, da Natureza; e nelas se enleia a nossa alma, <talvez como> talvez saudosa do Reino Mineral ou das formas inertes de existir.

A bruma denota [↑ a delicadeza] emotiva da paisagem; mas a sombra concentrada nos vales e empedernida na testa dos altos fragarêdos denunciam um tragico humor subterraneo, a florado, onde germinam crimes monstruosos. <Ó terra, mãe de Caim!> [(↑) A montanha é sempre a escultura duma tragedia, com dois personagens, Caim e Abel, a fogueira torva[,] só fumo[,] e a fogueira <erguida em \*mãos de luz [implorando a graça do Senhor.]> [de brilhantes labaredas.]]

Paramos a ver nascer a noite. O firmamento quasi a pousar-nos no chapeu, pintado de azul como qualquer teto, principia a imaterialisar-se, a fugir-nos dos olhos<;>/,\ e todo o panorama que nos rodeia <atinge o vago aéreo drama><: elegia silenciosa> <ou cantico espectral emudecido.>

Emquanto o mundo se esfuma e desaparece, a abobada celeste perde a tinta azul, suavemente se dilata para as alturas. É a ascensão dum canto emudecido<,> [↑ e o baixar d]uma elegia silenciosa: o silencio da Imensidade a baixar à terra e outro silencio a crescer da terra, a subir, como da face dum cadaver, que a terra

não sobrevive <ao sol.> à luz do sol: um duplo [↑ e fantastico] silencio, <fantastico, gerado nos seios do infinito e n<as>/a\ fundur<as>/a\ dos abismos,> cada vez mais alto, até que se atraza numa estrela. É o Infinito que se desvenda naquele sorriso ou lagrima, como se desvenda na nossa intimidade maguada, tambem nocturna, onde branqueja a *via-lactea*, a via dos peregrinos da Jerusalem <celestial.> celeste. Os nossos sonhos caminham, atravez dela, cobertos de poeira astral e feitos da mesma poeira. Sonhamos, porque, em nós, persiste a <nebur> <n>/N\ubelosa, a fonte chimerica da Vida, o fantasma de Cristo, Deus sómente ou o Verbo creador. Deus é o fantasma de Cristo <ou Cristo em potencia indefinida,>[↑ ou Cristo] antes de encarnar, <por virtude genesica da Dor <;>[(↑) <parturiente;>[↑ materna, que <a dôr é mãe> o primeiro nome de mãe é dôr:] Cristo> em potencia amorosa, <ou <ainda>[↑ como]> <[(↑) futuros]> pae e mãe de si mesmo <[(↑) que ha de ser]>, nas vésperas do noivado.

Sonhamos, porque sentimos, raciocinando; <e>[(↓) Sonhamos [↑ acordados ou <dentro>[↓ dentro] da logica <ou>/e\ da natureza das cousas;] sabemos cristalisar e lapidar a nevoa <emotiva> sentimental, e <dar>[↑] imprimir] ação reflexa ao instinto irreflectido. Metemos a metafisica na fisica, o indefinido no definido, o espaço num compasso, o tempo num relógio, inumeras leguas num palmo e a eternidade num minuto. Metemos, emfim, a Existencia numa circunferencia

vasia para a poder conter.

O sonho é que nos prende à Origem, à Nubelosa e nos <dá, portanto,>[(↑) **acende, nos olhos,**] a <sugestão>[↑ visão] [(↑) **total**] da <R>/r\ealidade <total.> [.]. Quem sonha, não revive a infância? Suga as têtas da mãe, que a nubelosa é leite de Deusa. <†> Sonhando, creamos <novos mundos<,>/.>[↑ **um novo mundo.**] <r>/R\epetimos, de algum modo, o Creador, durante a nossa infância. E à infância sucede a juventude, como [a]o Creador <ao>[↑ o] Redentor, o Filho ao Pae. O homem é pae de si mesmo, e depois é filho de si mesmo. O mundo que ele cria, no decorrer da vida, o aperfeiçoa. Encerramos <toda> a Biblia, desde o Génesis ao Calvario; e atravez da nossa noite brilham as estrelas. Sômos, como individuo, um animal religioso, quasi um deus da Fábula<, um Apolo a passear <o sol ao longo das>[↑ nas] trevas <infinitas.>[.]> [.]. <Como> Sômos, como colectividade, o animal das selvas, a propria Selva, toda em raizes ferozes e sombras diabolicas.

Individualisar o homem, esculpir a massa informe, [↑ é] dar a cada um a sua fisionomia propria, <e> a consciencia iluminada do seu sêr<; é dar-lhe o> [↑ e o] sentimento da responsabilidade e da liberdade. Quanto mais nos sentirmos a nós propios, como um ente perfeito e definido, melhor resistiremos às nossas tendencias inferiores, de character colectivo, anónimo e

confuso. Colectividade é confusão, indefinição, um tumultuar de forças <inconscientes e> brut<aes>/as\ . <§> Quando um homem se perde na <multidão> turba e com ela se confunde, pratica todos os crimes; os seus instintos primarios adquirem uma audacia extraordinaria, porque se julgam irresponsaveis. <Que é um *méneur*?> <Muitos>[↑ Varios] santos [(↑) reunidos] podem fazer um bandido. Que é um *méneur*? Um homem que se perde na turba [(↑) e com ela se confunde,] para a lançar no saque e no massacre: Ha lobos que <n>/s\ão alcateias<.>[(↑) e alcateias que são <<um>/qualquer\ lobo.] Quem era o *cem mil homens*, em 1814? <E>[(↑) Que era] a França no mesmo ano?

Definir cada homem, <biografá-lo,> <ou> esculpi-lo, colocá-lo <seu> no seu proprio pedestal, <pô-lo> <em destaque, à luz do sol,> é torná-lo <amante>[(↑ cuidadoso)] da sua pessoa, que ele cultivará no sentido mais belo, por vaidade. A ação da vaidade no nosso aperfeiçoamento <espiritual>! Muitos preferem o orgulho, essa vaidade dos penedos.

Se fizermos uma nobre ideia de nós propios, tambem faremos dos outros uma ideia superior. Não nos revêmos nas cousas? Não lhes damos as nossas proprias qualidades? <Se eu tenho uma alma, tambem a tem os meus semelhantes.> E eis a irmandade delineada, a primeira palavra de Jesus<. Foi o estatuario da alma humana.> <Arrancou-nos à massa indecisa e <colocou-nos> <\*n>> <Foi ele que nos arrancou à massa indecisa e nos pôz de pé, sobre a terra, com a fronte voltada para o céu.> , profundamente panteista. A Mitologia

<é a primeira forma humanizada da identidade original> [(↑) resultou da identidade originaria a revelar-se na humana Creatura. E da Mitologia resultou o sentimento da irmandade. Apolo] é <já <um>[↑ um]>[↑ o] Ante cristo. Nada mais falso do que essa pretendida hostilidade entre o Panteísmo e o Cristianismo. Cristo foi o estatuário da alma<,>/.\ Foi ele que nos arrancou à massa <indecisa>[↑ informe] e nos pôz, de pé, sobre a terra, com a fronte voltada para o céu. E quando <os olhos se nos arrazam de lagrimas, então>[↑ choramos,] é o espirito de Cristo que baixa à terra. Onde houver uma lagrima, está o espirito de Cristo<.>[(↑) e onde houver uma gôta de orvalho está o corpo de Apolo. Do Antecristo.] <Quem sofre, irradia <a sua>[↑ aquela] divina imagem.><[↑ Sofrer é ser Jesus.]> E eis a dôr idealizada, aliviada, o mal vencido.

<Esta verdade havia-a eu pressentido, outrora,> <Pressenti, outrora,> <e>/E\sta verdade [↑] [↑ havia-a] **pressenti**<-a>/do\]: ou <a tinha> visto já, em esbôço, nos <longes>[↑ confins] da minha tristeza, esse mar de nevoa donde <emergi>[↑ surjo], à luz da lua, como um fantasma de mim proprio, que nós sômos mais em ausencia que em presença<.> <Mais do que um sêr> <Sômos apenas um desejo de ser, uma <ancid> anciedade de existir.>, <mais lá do que aqui> <como> um desejo de ser <ou anciedade de existir.> [.] Como transformar este desejo na cousa desejada? Só por <milagre>[↑ **virtude**] d<o>/e\ <sentimento c<h>/r\istão.> [Cristo.]

Vi, depois, esta verdade no gesto e na palavra daquela rapariga transmontana, que <me persegue> <se me pinta,> <na

[<\*Na>/A\ descrença justifica a nossa crença, e o pessimismo o optimismo.]

memoria, qual pintura que <não cabe na>[↑ excede a] tela <e se prolonga no infinito>[.] Ha lembranças que não cabem na memoria <e se prolongam, enchendo o><[↑ e enchem o] vasio do esquecimento duma luz maravilhosa>, ou excedem-no e se conservam numa especie de esquecimento esplendoroso. Se a memoria <enriquece quasi todas as>[↑ embeleza o maior numero das] imagens, <ha †> existem outras que <enriquecem a \*dona da>[↑ embelezam a] memoria.>[(↑) <fabulosamente na memoria.>[me deixou não sei que <vaga> <imagem> lembrança fabulosa.]] Ha lembranças que mal se fixam na memoria, porque não cabem na memoria; e o que delas resta é uma especie de deslumbramento<.>/,\ a sugestão <divina>[↑ luminosa] duma presença [↑ oculta <ou> invisivel.>[.]

Persegue-me aquela rapariga, mas, de longe, dum outro plano da existencia, talvez a região do anjos<.>/,\ Tambem ela é um anjo pobresinho, com as azas emagrecidas e estilizadas em dois braços e a tunica de chita a desenhar-lhe <as formas do>[↑ o] pequeno vulto em haste de flor bravia, enraizada numa fraga, a viver de secura, <petrificada> ao vento agreste. Mas é o vento das altitudes, o mesmo que sopra no Tabor e no Sinai. E quando é apenas aragem, murmurio do céu, então, diz o Profeta, é Deus que passa...

Deus é um halito quasi imperceptivel, que o tufão é Demonio. Mas o halito inflama as estrelas; mal se ouve na rama dos pinhaes, e toda a abobada celeste é um brazeiro <vivo,>[↑ esplendoroso,] uma chuva de diamantes, suspensa, por milagre, sobre o mundo. Mas o tufão apaga as estrelas; e ficamos trémulos de medo, perdidos na escuridão. Invocamos Jesus Cristo;

e a sua figura pálida aparece num fundo tenebroso. É uma figura livida, de ante-manhã, que anda também perdida. Expulsaram-na do dogma e da crença dos homens e anda, cá fóra, <morta de frio,> errante. Despido de qualquer aparência mitológica, <tradicional,> é ele na sua nudez divina, reduzido à sua verdade essencial, aquela silhueta de luar a iluminar-se nas trevas, a nova luz anunciada.

Cristo morto no dogma, ressurgirá, na alma humana, porque ele é o Deus da nossa alma. E a nossa alma existe, apesar de tudo e contra tudo. [(↑) E para que ela exista, basta acreditarmos na sua existencia. Basta que exista na nossa crença para orientar os nossos actos [e ser a nossa pessoa <imortalizada no Senhor.>[imortal.]]] É uma luzinha a vencer todos os ciclones. Bruxuleia, dir-se-ha que se extingue, mas teima e rebrilha novamente. Até nos crimes hidiondos se revela. O assassino cáe de joelhos, ante a vítima. Matou por um descuido da sua alma, que logo se lhe incendeia, no peito, para o queimar<, gota a gota de lume.>[e purificar.]

Ela existe, ela existe! Quem a não sente, a cada instante, embora ao longe, a mostrar a amplidão do nosso sêr? Mas a dôr aproxima-a de nós, de tal maneira, que a sua claridade nos <deslumbra> <os olhos cheios de>[↑ <e nos> enche de] lágrimas os olhos. Que importa que pertença ao reino da Fábula, se é o unico reino verdadeiro? Os fenomenos não se apoiam numa <verdadeira mitologia?> construção metafísica

de suportes? <Metafísica e mitológica.> Alcançamos a origem mítica da realidade. E, se ela deriva dum mito, o que é ela? <É o>/O\ mesmo que a nossa alma imortalizada no Senhor. [(↑) Deus parece que não existe, mas existe.]

O Angelo, o Duarte e eu estávamos abismados na contemplação do Gerez crepuscular, todo envolvido numa bruma roxa <e transparente> que parecia emanada da própria serra, tanto os seus penhascos tomaram aquela côr macerada, em que a tristeza se pinta na paisagem, como as chagas de Cristo no Sudário. O lilaz é a côr da tristeza, porque a tristeza é também uma chaga ou a sombra duma chaga a sangrar em nosso coração. Há dôres moraes que podem ser fisicamente traduzíveis. Um grito de desespero não é a ponta dum punhal? E um suspiro de magua não é o zéfiro da tarde? E a nossa alegria sorri em toda a primavera das flôres. Que entendimento entre nós e as cousas? É um entendimento <amoroso,> [↑ amoroso,] genésico<,> <[↑ amoroso]> de qu<al>/e\ <nasce> resulta o nosso sêr espiritual<.>/,\ [(↑) <o poeta, por exemplo.> o místico, o poeta.] Nasce[↑m], como certos filhos, dum chimerico noivado em que deliramos, quando, em sonho, nos aparece Vénus nua, na praia, acabada de sair da onda <espumosa> maternal. Os deuses empecem aos homens adormecidos. Dormimos com a porta <escancarada> aberta, para que entrem todos os fantasmas da noite e do passado. E não ha fantasmas que empecem às mulheres, <durant> enquanto elas cingem, nos seus

braços <o>[↑ um qualquer] marido <qualquer?> [?] Quem é, neste caso, o futuro pae? Assim se engendram as creanças predestinadas, como Alexandre<,> [(↑) Magno,] filho de Olimpia e dum deus...

A paisagem é a mãe do nosso espirito, que é tambem uma paisagem <\*que>[↑ ou] elevada em altos pensamentos, <empedernidos><[↑ esculturaes] e nublosos, duma solidão infinita,> ou concentrada em <reconcavos de> profundas meditações<,> ou espraçada num deserto<.> [(↑) ou deserticas tristesas sem um oasis de alegria, pintado no ar — que a alegria é a unica Deusa que não pousa os pés na terra.]

A nossa alma repete a[↓s] <Natureza> formas da Natureza, <que>[↑ pois] toda a criação é repetição. Que [↑ é] o drama <s>/S\hakespereano? É o homo britannicus. E o romance dosvstóiésco é o russo e o quixotesco o ibero. Mas a tragedia eschileana é o grito dos deuses imortaes. E a dantesca não é o grito da morte <italiana> romana, a parir cadaveres que atulham a barca de Caronte? Qual o poeta da Humanidade? Oh, a Humanidade não existe.

Entretanto, o Duarte, como escultor e jovem, era uma estatua, com um Ah! na bôca, <escancarada,> voltad<a>/o\ para o Gerez e para o disco <do sol,> vermelho, [↑ do sol,] <em braza> <bastante do inferno,> a mergulhar no horizonte, <indeciso e> brumoso, que<, se não é o mar,> dev<e>/i\ [↑a] ser o mar<, pelo menos a sua <evocação> pintura fantastica <e>[↑ ou] remota.>[.] Aquela fecha vaporosa era o <o>/O\ceani<co>/o\. [(↓) Quem o diria? Porque é que aquela nuvem não é Juno?]

O Angelo e eu estavamos tambem boquiabertos, mas

sem o Ah! de espanto, esse verso na origem da Poesia, tão natural no canto dos pássaros e nas exclamações das crianças. Mas o Angelo e o eu sômos dois poetas, se o Parnaso o permite, posteriores à poesia, não à Poética ou ao Código. E eu mais do que ele, <mais>[↑ mais de] vinte vezes! E cada vez é um ano! Para mim, onde vai ela, a poesia, o dom dos deuses<, quer dizer> ou da infância! O Olimpo e os seus habitantes <\*n>/c\abem nesta palavra, — infância! A mocidade é já velhice. Dos quinze aos cinquenta medeia apenas uma rajada de loucura, aquela pobre Bacante> [(↑) a cantar e a <correr>[↑ bailar],] <a> oferece<r>/n\[↓do] a sua nudez aos transeuntes<, <com>[↑ e] um riso de tinta <nos lábios.>[.]>[.]

O sol submergiu-se no Atlântico, o Gerez apagou-se na escuridão. Com ela se confunde, mas vagamente, não de todo. Imponderalisou-se e parece feito da mesma substância da noite, mais negra ainda. E, por isso, continuamos a ver a montanha maior, tão crescida para o céu, que os últimos pináculos quasi tocavam nas estrelas.

## [Segunda Parte

— ]

I

Tomamos <o automovel> os nossos logares no automovel, e continuamos o passeio, atravez dum tunel de luz rasgado, pelo faróes, na escuridão: um tunel de leguas, desde Salamonde ao terreiro de minha casa, na freguezia de Gatão. Chegamos aqui, pelas onze horas <n<oc>/o\turnas> noturnas, depois de atravessarmos a Povia de Lanhoso, <Fafe> onde um parente de Nunalvares queimou o seu palacio com tudo o que ele encerrava: a esposa, os creados, pórcos e galinhas; e Fafe e a quinta do Ermo onde Camilo esteve <refugiado>[↑ escondido], como criminoso ou adúltero; <e> a Lixa, berço de Leonardo Coimbra, essa Alma humana e, emfim, Amarante.<.>

<Deitei-me na minha> <§> <ou> repousada nos braços de S. Gonçalo. Embala-a nos braços de granito, desde <12> mil duzentos e tantos... Fechar uma era é um excesso de <estilisação><[↑ artificio] falsificador<a>>[(↑) falsa representação do tempo.] Só o abri-la é um acto pouco honesto.

<sup>45</sup>Deitei-me na minha cama, tão impressionado do passeio, que me custou a adormecer. Assim me aconteceu, depois dum outro passeio <em><[↑ de]>[↓ em] automovel, no ano de 1915, trasladado para o papel, com o seguinte titulo <veloz:>[:] *a Beira num relampago*. <Nesse tempo,>[↑ Então,] os automoveis relampejavam, ao alcançarem a *prodigiosa* velocidade

---

<sup>45</sup> No Ms. D, a segunda parte só começa aqui. Nesse manuscrito consta, como prefácio à segunda parte, o seguinte segmento, cancelado: Agora é a descrição do meu passeio sonhado, intercado [intercado: erro por intercalado] de outras scenas. Retoquei-as todas que o sonho pinta acontecimentos dum modo confuso e arbitrario...

de trinta kilometros, à hora! Os relampagos <de então>[↑ dessa época] demoravam-se naquele sulco vermelho riscado nas bronzeas nuvens. Podiam-se desenhar à pena. Hoje, só os apanha o olho fotografico.

Cerrei inutilmente as pálpebras. Via inumeras imagens, no escuro, um cêrro do Marão, uma fita da estrada, a ponte de Chaves, uma curva do Cavado, um pincar do Gerez, o disco <do> vermelho do sol na bruma do mar, etc, etc, tão vivas, <com uma presença> quasi materi<al>/e\[s] <, propria, independente, <como>[↑ como] <\*se ela se gravasse,>[↑ erigida[s]], deante de mim, sobre a terra<, ao meio dia.>[.] Viviam no escuro das minhas palpebras cerradas, como lembranças, na memoria, em noites febris, que são as mesmas personagens dos sonhos postos na mais absurda actividade <pela excitação toxica dos nervos> por uma especie de excitação nervosa envenenada.

[(↑) Obsedia-me, desde sempre,] Esta ideia de que sômos um *novo meio* simpatico à eclosão de novos sêres, de tal modo o <homem> macho é tambem <fene> femea, embora em abstrato ou na região dos fantasmas<, obsedia-me desde sempre.>[.] A psicologia é uma Biologia. Enquanto não fôr assim considerada, gaguejaremos palavras gregas, que é uma arte de fazer sciencia actualissima. Jogamos com vocabulos mortos,

dum valor<, portanto,> misterioso, — <esse valor><[↑ o mesmo]><[↑ esse] que tinham os mortos para os gregos <e <latinos.>[↑ romanos.]>[.] <É>/E\ nesse misterio <que ainda> consiste [(↑) ainda] o prestígio <da sciencia!>[(↑) dos sabios, identico ao dos sacerdotes em latim.]

<Sim,> <a>/A\s nossas lembranças vivem como pessoas, no seu ambiente proprio. E ha momentos [↑ em] que <lampejam,>[↑ aparecem,] fóra de nós e tomam o nome <inconsciente de> [↑ visões,] halucinações, qual deles o mais grávido de scientifico sentido. Sempre a triste sciencia a emergir duma incognita verbal! O enigma da Esfinge é tambem verbal, pois está na ausencia do verbo ou no silencio.

<Dir-se-ha que a>[↑ Mas a] loucura, esse terramoto, é que precipita, no mundo exterior, essas intimas figuras. Os doidos falam com elas, gesticulam desordenadamente ou fogem, horrorizados. Como se refletem no seu rosto os fantasmas que o cercam! [(↑) Cada expressão que ele adquire, <lembra>[↑ é] uma sombra desvairada<.>/,\ [um <vulto> negro vulto a exalar-se no ar.]] Tambem as minhas lembranças me perseguem, quasi halucinadas ou postas deante de mim<,>/,\ A loucura existe em todos nós, mas em graus diferentes. Quando é baixa a sua temperatura, <tem o> chama-se fantasia; e pode colaborar com a nossa faculdade racional na criação duma obra de arte, por exemplo.

Estou acordado ainda; mas já o sono se introduz na <minha>[↑ minha] vigilia, que se torna crepuscular<,>/,\ <e a>/A\ <minha> visão interiorisa-se[↑-me,] <e> [(↓) perco o contacto das cousas, [e]] e, mim<sup>46</sup> proprio, desfaleço, para

---

<sup>46</sup> mim: erro por omissão de preposição (em mim).

ressuscitar em outro espaço. O adormecer <imita a>[(↑) é uma parodia deliciosa da] agonia[,] <e>/e\ o ultimo lampejo consciente é o ultimo estertor. É como a transição do dia para a noite, um sol que suavemente se <fez <lua;> lua... E a nitidez doirada da paisagem esfuma-se num deslumbramento palido em que tudo se espectralisa <e representa um drama misterioso, fóra da <↑>[↑ logica] teatral.>[.]

O plano <em que>[↑ onde] vivemos, acordados, transfigura-se em outro plano <em que vamos> onde vamos viver adormecidos. É uma nova região que se ilumina interiormente, <e na qual sômos exteriores> a nossa intimidade objectivada. E contem planos, como a distancia, as scenas que nela se desenvolvem. Sonhamos ou dormimos quasi acordados<,> [(↑) por instinto de defeza,] que o sonho é sempre um<a> alvorear da vigilia, cheio de brumas e outros efeitos chimericos da aurora ou duma luz anterior ao sol e à razão. Assistimos a um drama <misterioso>, fóra da regra teatral, em que notamos fantasticas interferencias de acontecimentos e personagens. Admitimos os maiores absurdos, muito naturalmente. É que, dum modo absoluto, não ha absurdos nem impossiveis. Um santo e um bandido podem aparecer no mesmo vulto e em dois vultos distintos, ao mesmo tempo. E a torre de Londres e a dos Clerigos podem formar o mesmo

impeto para o céu e duas torres, uma envolta <\*dum> na bruma do Douro, a outra [(↑) na] do Tamisa. E um defunto pode <viver e um vivo pode estar morto.> estar no tumulo e sentando à nossa meza, a comer e a beber.. Como ele emana saude e alegria! E o ferreiro, meu vizinho, pode estar a bater ferro, na bigorna e, morto, à luz de duas tochas, num esquite<r>. E eu mesmo posso <ver> ver [↑ passar] o meu enterro, da beira da estrada, muito triste, a chorar por mim. <[Sou um cadaver]>

Nos sonhos, interferem imagens e sentimentos, que são imagens tambem<, embora escondam o seu desenho.>[.] Não transparece <a>/o\ <amizade>[↑ amor] nas <[↑ †]> <palavras <amigas dirigidas>[↑ que dirigimos] a <uma pessoa <que nos agrada?> do nosso agrado?> <[↑ nossa bem-amada?]>>[↑ \*numa declaração amorosa?] [(↑) Desprende[↓m]-se del<as>/a\ <como do nosso rôsto a nossa imagem, deante dum espêlho,> a voar[,] como um pequenino deus <alad> que tem <azas de borboleta<.>/,\ [isto é, mitologicamente.]] Não lampeja um grito o perfil da dor?

<Mas, sonhando, falamos>[↑ Quantas vezes falamos, sonhando,] a uma pessoa desconhecida como se <a>/e\[la] <conhecessemos.>[↑ fôsse das nossas relações.] É que o aparecimento da sua figura <coincide><parece><v<ir>/em\ ao encontro das nossas palavras no <instante>[↑ momento] em que elas se dirigem a outra tornada, de subito, invisível, por instantanea perda [↑ falta] d<a>/e\ <sua> capacidade plástica<.>/,\ [(↓) halucinatoria.]>[↑ coincide com o desaparecimento daquela a quem dirigimos <as>/a\ <nossas> palavr<as>/a\.] As duas figuras confundem-se, deante de nós, e <são-nos> nos parecem <†>/c\onhecidas e desconhecidas.

<Ha lembranças que adormecem, às vezes, como esquecidas de si proprias.> <§>  
<Estas interferencias>[↑ E assim se] explica<m> a bizzarria de muitos sonhos.

Ha lembranças que adormecem, <às vezes,> como esquecidas

de si próprias<.> <[(↑) e outras despertam, no lugar delas.]> E tem sonhos em que se transfiguram extraordinariamente. A lembrança duma flor, sonhando, <é a><[(↑) aparece-nos como sendo a]>[(↑ é a] <mesma> deusa Flora. Enche-nos a alma duma infinita primavera ou dum outono<,> sem fim, conforme sonha que desabrocha ou estiola. [(→) Foi a sonhar que eu <senti>[(↑ padeci] a maior tristeza da minha vida: [(↑ uma] tristeza de <ori> ignota origem, <talvez><[(↑ mas]>[(↑ como] anunciada vagamente num jardim em ruínas, onde me encontrava sósinho, ao pé duma fonte que secou. Era a cara dum anjo, a sorrir, entre duas azas esculpidas em <granito.>[(↑ pedra.) De subito, lança-me ao rôsto uma golfada de água. Acordei <e percebi que tinha>[,] [(↑ com] os olhos <cheios>[(↑ razos] de lágrimas.]

Estes sonhos das nossas lembranças <adormecidas> formam a parte mais alta e remota do nosso <espírito>[(↑ sêr], o horizonte sobrenatural em que ele finda ou não finda.

Adormecer é transitar de planeta. Vemos esboçar-se um novo mundo, antes de perdermos a consciencia <deste.>[(↑) do antigo.] Falecemos e logo ressurgimos em outra esfêra maravilhosa. É uma ressurreição abismática, para dentro <,>/e\ para o fundo. E que é o despertar senão uma ressurreição para as alturas <b>deslumbrantes? Mas o sono da morte é vazio e, por isso mesmo, eterno. Não ha sonho que o dissipe. [(↑) O sonho é que dissipa o sono; e, por isso, sonhamos sempre ou num estado de defeza.]

Adormeço [(↑) cansado da viagem;] e acordo imediatamente, mas no intimo do sono, <num paiz> que se ilumina e desdobra em fantasticas paisagens. Vejo-me, outra vez, no automovel, ao lado do <Angelo>[(↑ poeta], a<rre>/g\arrado ao volante, como Apolo às redeas dos <cavalos> olimpícos cavalos. Em todo o seu perfil obstinado relampejava a velocidade, não sei que desejo de <dissolução>[(↑ dissolver<-se>] na distancia<.>/!\ Ó tentação vertiginosa

do remoto! Lá está, outra vez, Amarante, mas a Amarante de outrora, com o Chizinho e o Chichibro, <o Largo, a igreja,> a ponte, <a igreja,> o largo, [(↑) o templo, a muralha dos aflitos como a de Jerusalem,] tudo num só blóco de granito. O auto vòa e pousa no Marão, no alto duma negra monstruosidade petrificada; um impeto do inferno para o céu. É já uma pequena escultura dum cataclismo universal. Que belo pesa-papeis! <T> Tomo-a nas minhas mãos e rio-me! <Mas> <de repente,>[(↑ <s>/S\ubito,] empalideço.

Eis-me, de pé, à beira dum abismo, <a perder o equilibrio> <[(↓) estonteado e medroso, enquanto as vertigens esvoaçam, em derredor de mim.]> a desequilibrar-me, ainda <firme> sobre o penedo a prumo e já precipitado. Que é o terror do abismo? <A ante queda...><[(↑ A sensação \*ch)> [(↓) A sensação fantastica da queda..] Mas alivia-me <uma especie de>[(↑ um] vag<a>/o\ conhecimento de que tudo aquilo é ficticio. <Sinto uma especie de terror que não acredita em si proprio.> O que sinto é <uma especie de>[(↑ um] terror descrente de si mesmo ou que duvida da sua legitimidade, uma especie de terror

literario, que a literatura é sempre o producto dum sonho falsificado.

Dormimos <num estado> com mêdo ao sono ou um sono que tende para a vigilia, como qualquer animal selvatico e até domestico e auto-domestico, isto é, humano. Por isso, o medo informa os nossos sonhos e <dirige> todo o nosso labor animico<.> [(↑) dirige.] Que é o homem senão o medo <entranhado numa> [e] sombra descrevendo uma livida figura?

O avarento sonha com ladrões, o enfermo com padres e enterros. <Lá vae ele, dentro dum caixão, comodamente deitado, a <rir-se>[↑ gracejar] dos que o levam para o tumulo...> O marinheiro, sonhando, vê a tempestade e o naufragio; e o criminoso vê a carranca do juiz, ao fundo do tribunal; mas é raro ver a victima que deve ser a imagem do remorso... E o catolico, sonhando, arde nas chamas do inferno. Temos outro complexo, ó Freud, o do medo, muito mais grave que o de Oedipo. <Que> <O me> Não é o medo o <que anima o>[↑ creador do] instinto sexual? Sim, o medo à morte.

O auto desce as vertentes do Marão. Lá está na margem da estrada, Cristo mutilado. Tem um sorriso nos labios e acena-me com <o>/a\ <braço>[↑ mão] <que lhe falta.> direita que lhe falta. Depois, encostou

a mão à cruz; e um prégo caído do céu, veio cravar-se-lhe na palma ensanguentada. De repente, transfigura-se. Já não é ele; é a Venus de Milo a dançar no seu pedestal e a tocar uma pandeireta andaluza... Mas todo o marmore do seu corpo se esváe num halo fumarento. E <vejo>[↑ é], outra vez, a escultura <rustica>[↑ tôsca] de Cristo, a rir um riso aberto em madeira, um riso sêco. <Inflama-se.> Exagera-se de inflamado, e ouço uma gargalhada do Demonio. Persegue-me um Cristo Anticristo, demoniaco. Mostra-me ironicamente as cinco chagas, <e> discursa contra <os <<e>/E\va> Evangelhistas.> a letra do Evangelho<./,\ <E>[e] grita ainda<, de longe:>[:] Quem acredita em mim<!>/?\ Quem acredita em mim? Esta[s] <frase>[↑ palavras] trespasssa[↓m]-me os ouvidos<, como as setas os do martire Sebastião.> E eis o martirio de S. Sebastião: uma seta em cada ouvido, a musica celeste cristalisada em dois ferros homicidas — <[(↑) a favor do Paganismo[.]]>

«Saiba <que> vossa divindade que acredito eu...» respondi-lhe por hipocrita delicadeza, que a hipocrisia é todo o verniz da <civilidade> civilização.

«A crença dos homens é o meu tormento. Todos os dias me crucifica em novas cruces. Mas a tua crença é como a dos poetas. Vôa de ramo em ramo. Não me aflige... Obrigado, obrigado e bôa viagem...»

[Tomamos a visagem dos nossos sentimentos]

E senti-me levado pela estrada abaixo, envolto numa nuvem de poeira ou numa nuvem, como <a quadriga de Pluton>[,] no rapto de Proserpina, a quadriga de Pluton.

<Agora, é Vila Real que me aparece.> <§> Viajo sósinho, num auto guiado não sei por quem, um vulto indeciso, <o>/t\alvez o Zéfiro <exaltado> da Arcadia feito chauffeur moderno ou uma excrecencia intelectual do proprio carro, — o carro do futuro. Sinto-me arrebatado e <sosinho>[↑ só], uma especie de fantasia alígera de mim mesmo, ou como um sonho que eu mesmo vou sonhando.. Sonho que sou, e eis <a>/o\ <minha realidade.>[↑ meu sêr.]

Agora, é Vila Real que me aparece. Paro à porta do restaurante, onde almocei no dia anterior. Anda n<as>/a\ ru<as>/a\ muita gente. Rodeiam-me inumeras figuras. E, entre elas como entre parentesi, um velho ajoelhado sobre um penedo do Tamega que faz o sinal da cruz e se precipita no pégo... Vejo-lhe ainda os calcanhares fóra da agua.. Depois, a imersão completa e a superficie lisa do rio, onde boia uma cara incandescente que me deslumbra os olhos. Como o sol brilha em nossos sonhos! É o deus Apolo! Percebe-se-lhe o perfil grego, todo em oiro <poido> <palido.> reluzente.

E outra figura se destaca e aproxima do meu rôsto, inchada e rubra, a explodir! E, de subito, <fica enfiada e amare-

la>[↓ enfia e amarelece], <como tuberculosa, a estender, para mim, a mãozinha de  
cêra,>[↑ a estender-me a <tuberculosa mão;>[↑ implorativa mão. Deit<ei>/o\lhe]]  
<onde> meio escudo <que lhe dou,>[↑ que] tilint<ou>/a\, como se batesse numa  
placa de metal... <e é...> <e>/E\ é... um prato de cobre <que o Gêssô, alto personagem  
do meu passado sustenta nas falanges de marfim.>[↑ ...] <É>[↑ é] o Gêssô,  
personagem da minha infância, a pedir para as almas. Cada centavo, no prato, é uma  
chama que se extingue, em volta dos <tristes>[↑ tristes] penitentes, metidos numa  
fogueira<...>[,] <exatamente>[↑ assim] como os topamos pintados nos retábulos e  
paineis. O céu é como nós o pintamos e também o purgatorio. O Gêssô traz uma opa  
vermelha, feita d<as>/a\ mesma substancia das labaredas, mas já arrefécida. Como  
el<e>/a\ treme ao vento do Marão! E <o>[↑ aquele] vento <nos>[↑ me] arrebatava e  
coloca em alto pincaro serrano. Espantado, avisto o mar. <E a>/A\ nevoa cresce  
daquelas bandas e é uma tristeza minha, infinita, que me envolve e esconde tudo. <De  
repente,> <o>/O\uçõ a voz do mar e a flauta dum pastor. E logo um turbilhão de  
formas brancas, novelos de lã e espuma, ovelhas e ondas <que> sobem, confundidas,  
pelas escarpas do alto cêrro, onde <me encontro> [↑ eu estou], como no meio <duma  
ilha> dum ilhéu deserto, <e sentado num automovel <que vertiginoso> que abre,  
atraves do panorama, o sulco branco duma estrada.> Molha-me os pés a espuma <a  
esfarrapar-se na>[↑ e enfeita a] urze, <em>[↑ de] brancas pétalas. <Excepto><[↑  
Tirante] o lugar onde estou, é tudo mar,> [É] mar para todos os lados,

sempre mar, <que, <penetrando> através dos meus olhos se prolonga na minha memória> um verso dos *Luziadas* espreado até ao céu de Frei Agostinho. [(↑) O mar <crece> <sobe pa> continua a subir <e si>.

<Resta-me apenas o espaço onde tenho o pes> <§> Já lhe sinto o frio nos joelhos e um terror imenso me domina! São momentos <em que>[↑ de] sonho <e> absoluto ou sem a menor interferência consciente. Mas <salvava-nos,>[↑ salvei-me,] mudando de cenário. Do contrário, morreria afogado.]

De repente, <o>/a\[↓s] <mar>[↑ ondas] evapora[m]-se; e corro, ao longo duma estrada, num auto nublado em que o chauffer <é vagamente visível> mal se desenha <naquela><[↑ na] tórva indecisão <em> <que martirisa>>.

Sonhamos como os deuses vivem: no seio duma nuvem<. E>[↑ , onde] todas as formas <que avistamos, sofrem>[↑ padecem] dum<a>/a\ <indecisão> <tórvo indeciso>[↑ indecisão] que as imaterializa e martirisa.

<Afinal,> <a></A\visto>[↑ Descubro] o Angelo<.>[↓] ao volante.] <É ele <mesmo!> Mas o auto corre por conta própria, e só eu me encontro dentro dele. Vejo casas <[↓] da Samardan,>, à beira da estrada <[↓], <adeante>[↑ depois] de Vila Real> e uma estranha figura<. E como>[,] que permanece deante <dela> dos meus olhos: <É um homem sêco, de botas à Frederico, e chapéu alto, de abas redondas, <um craneo> uma caveira de bidode <\*grilho> grisalho. <\*Era>/É\> um esqueleto humano, de botas à Frederico e chapéu alto, <de abas redondas>[↑ de aba redonda,] <numa>[↑ na] caveira <de bigode grisalho> de lunetas [↓] [↑ defumadas] revendo lágrimas,] e bigode grisalho a tapar-lhe a <bôca incandescente de sarcasmos> <sarcastica bôca> <incan><incandescente.> [↑ a ignara bôca sarcástica.] Dá o braço a um fantasma de mulher, que mal esconde, nas

dobras dum negro manto, a lamina da Fome... É o Camilo! gritei eu! O Camilo e a Morte!, o Camilo e o Amor! <plantados na terra lusitana, como a Cheops nos areaes do Egito, isto é, desafiando a eternidade,> a Historia-tragico-amorosa, depois da Historia-tragico-maritima. Lá ficou ele, plantado na terra lusitana, como a Cheops, nos areaes do Egito, isto é, desafiando o tempo.

A estrada é uma fita branca perturbada; e as margens ondulam vagamente<, em pleno espaço indefinido.>[.] O <Duarte>[↑ **escultor**] sentou-se, ao pe de mim. Onde veio? Misterio. Noto que traz com ele um animal desconhecido. Parece um cão: é uma pessoa, um amigo intimo. Afinal, é o desenho a lapiz dum busto, — o da rapariga de Travassos. Tirára-o duma pasta. Sufoco uma exclamação admirativa. O automovel roda, veloz, sem um atrito e um ruido, que o sonho é <anti-sonoro ou>[↑ inimigo do ruido,] <quasi todo> <visual><...> <É>/é\ todo silencio e luz. [(↑) **Quebra-o qualquer barulho, de tal modo está ligado ao sentido visual.** [É uma halucinação interior deste sentido]] Seguimos por uma estrada de fantasticas curvas, desvendando panoramas duma extensão prodigiosa. Findarão além do mundo? Qual é a minha surpresa ao passar a fronteira planetaria! Viajo aéreamente, em pleno azul, entre vagas ondulações brumosas, com um penedo <em braza, no ho> incandescente, no horisonte, — o sol! De subito, a paisagem petrifica. Veste-se de urze e rôxas flôres. Aparecem rebanhos de ovelhas e um pegureiro, creança

ainda, muito escuro [↑ e ironico] de rôsto, a fumejar pelo nariz. Não é de presepio, mas de entrudo. Faz tregeitos e carêtas, e tem, nas unhas enormes, um cajado que se move, coleando<. É>[,] uma cobra agarrada pel<o>/a\ <pescôço.>[(↑) garganta.] Mostra a lingua em <\*flexa> fléxa e arregala os olhos redondos, <de diamante> <dois diamantes lapidados> de diamante. O diabrête solta uma risada estridente e atira-nos com a cóbra; mas o reptil <abre>[↑ estende] umas azas de morcêgo e despede a voar<.>/,\ <d>/D\escreve[↑ndo,]<,> no espaço, um hieroglifo <indecifavel, a ocu> em zigue-zague, <como a> como esse <riscado>[↑ gravado] nas nuvens por um relampago...

O espaço está cheio de frases. É uma Biblia aberta. <Passamos a>[↑ Consumimos a] vida a <soletrá-la>[(↑) interpretá-la] o mais <\*ana> asnaticamente que é possível.

E torno a ver o mar; e o auto deslisa à superficie da liquida planura. O mar é só espuma cheia de olhos multicolores. A alma profunda do mar tem aqueles olhos de espuma, <e vão> ceguinhos. A estupidez é que é profunda. A inteligencia tem aqueles olhos multicolores<,>/,\ Como eles pintam o mundo de ilusões! Pintam o mundo a fingir de mundo. Assim um pintor da minha aldeia pintou uma porta de castanho a imitar o madeiro de castanho. Copiava a natureza. Uma copia da Natureza, que infantilidade absurda! <Mas se>[↓ Quando] a copia excede o co-

piado, temos o Sobrenatural; quando é inferior a ele, temos o artificial: o natural, jamais. A realidade foge sempre dos artistas ou para <a frente>[↑ deante] ou para traz. E dos sabios ri-se, <por>que a sciencia é uma arte feia: arte, porque <tambem> pretende copiar a realidade na sua estrutura; e feia, porque a reduz a uma dança de mosquitos.

O auto deslisa à flor duma toalha branca de espuma. Mas toda a <brancura> [↑ brancura] fluida <brancura> se dissolve; <e ei-lo num caminho>[↑ e ei-lo em plena serra.] A espuma subiu ao céu, e cáe em flócos de neve. Que frio deslumbrante! Como os penedos resplandecem! Cabeças e cabeças encanecidas de profetas. Abrem a bôca, uma caverna, e prégam no deserto. Que é a humanidade senão um homem a pregar no deserto? <Vejo>[↑ Contemplo] aqueles penedos da eloquencia metafisica. A metafisica existe dentro e não além. <E vejo,> <á>/Á\ frente do automovel, a neve, levantada do chão por um golpe subito de vento, transforma<r>-se num rebanho de ovelhas <tresmalhado.> amedrontadas. Correm, doidas, e desaparecem <numa>[↑ na] curva duma ladeira. Tudo desaparece na curva dum caminho. <Mas> <q>/Q\uando <dobramos a curva,> chegamos lá, descobrimos novos panoramas. Que surpresa! O encanto das cousas vistas, pela primeira vez! Porque? A primeira visão é mitologica, de qualidade poetica, ou misturada ainda à nossa fantasia, esse véu maravilhoso

que envolve tudo e tudo transfigura. E que descobriremos, ao desandar da ultima curva? A noite sem o grito duma estrela, a noite só veludo negro, dum contacto macio e duma quentura de ninho aquecido por um anjo. A côr negra recebe o calor, concentra-o. <L>/C\á fóra, <que vento>[↑ é um frio] de gelar! Trespasa-nos a pele e os ossos. Mas numa furna reina uma temperatura de estio. Que é o tumulto senão um ninho de terra, sob as azas acalentadoras dum anjo?

De repente, o auto <como>[↑ como] que se evapora. Sou eu <que vejo>[,] à entrada dum <casebre> [(↑) <terreo e>[especie de córte]] miseravel, <uma especie de córte> sem janela <nem>[↑ ou] postigo.. Acendo um fosforo; e, no negrume dissipado palidamente avisto, num leito <ou camada> de palha sangrenta, um cadaver [(↑) dum pobre trabalhador] rasgado de facadas. Tem os braços hirtos, <ainda> numa atitude <de defeza e>[↑ de] desespero, <e as mãos enclavinadas.> que se defende e as mãos enclavinadas de dôr raivosa <[↑ e impotente]>, mas <tudo modelado em materia> inerte, a mostrar a vida extinta, como o carvão mostra o fogo. <Um golpe> <n>/N\o pulso direito [(↓) um golpe <comprido>] deixa ver o osso, um riso branco entre dois beiços vermelhos. <Foi o primeiro golpe> Mas a ferida mortal é no <peito desnudo, — uma bôca <\*rubra>[↑ enorme] cheia de sangue coagulado.> **logar do coração, desnudado como todo o peito pela camisa <rasgada>[↓ desfeita],**

na luta <feroz que se travou> entre <a>/o\ <victima e> assassino e a victima. A face desta, <(um canteiro de quarenta anos)>, horrivelmente contraída, é a propria máscara do terror e da agonia. Parece que sofre ainda, parece viva. Lembra uma escultura pavorosa.. que obra de arte! Estou ali, diante do cadaver, esse nome da justiça. Mando levantar o auto. Dito e o escrivão escreve <num papel> <pousado \*numa \*pasta> <a banda enche-se>. Treme-lhe a caneta [(↑) , nos dedos,] a rabiscar <pap> palavras num papel. E a amarelidão [(↑) do defunto exala-se do] do seu rôsto <empalidece <os negros caracteres.>[↑ -lhe]> [.] É assim que se escreve a Historia <Humana.>[.] Não é ela a narrativa critica de todos os crimes? Que Memorial o da Humanidade! O que nos salva, é o senhor José Antonio que, <na verdade,> é uma santa creatura. Temos, pelo menos, de acreditar nos santos.

Agora, é um tribunal repleto de gente popular. Ouve-se um rumor abafado de vozes a subir de inumeras cabeças descobertas, cada uma com a sua fronte comida do cabelo ou ampla até ao tétto do pretorio. <Lá está o juiz numa especie de pulpito sinistro,><[(↑) com uma carranca em desuso, <mas> de mitologica importancia no bigode obsoleto ou nas barbas arcaicas.]> <p>/P\ara lá de longa meza onde <se> apoiam <varios>[os] cotuvelos de alpaca varios individuos de sisudo aspecto macilento e capas negras, em frente de folhas de papel e tinteiros de metal, está o Juiz, numa especie de pulpito sinistro. <Tem>[↑ É] uma carranca em desuso, mas de mitologica importancia no bigode <obsoleto><[↓ antiquado]> ou nas barbas ar-

[Trabalhei toda a minha vida para que os homens fôsem melhores do que eu. Mais espantoso que o tamanho do Universo é a sua inutilidade!

\_\_\_\_\_ ]

chaicas. E entre a longa meza e a plateia do publico, num banco de madeira, o assassino, <representante>[↑ herdeiro] de Caim. E por de traz dele, o Moysés, o senhor Moysés, não o do Génesis, mas o da <g>/G\azeta, muito sensacional de estilo, que o assunto toca as raias d<o>/a\ <génesis biblico.> [Biblia.] <§> O reporter <do crime> ocupa ainda, <ao lado do reu,>[↑ no tribunal,] o lugar de Tacito perante os Césares, o de Dovstoieski perante os possessos moscovitas, e o dele mesmo, o de Moysés, perante Caim.

O juiz ao réu:

«Néga o crime de que é acusado?»

«— Estou inocente.» [O criminoso não vê o crime ou a monstruosidade do seu acto não se lhe representa na consciencia. Quando muito esboça-se...]<sup>47</sup>

«Levante-se..»

O juiz ao oficial de diligencias:

«Examine o casaco do réu.»

O oficial <\*toma> examina-o <cuidadosamente> e responde:

«Tem sinaes de sangue debaixo do braço direito.»

O juiz ao reu:

«Justifique-se...»

O desgraçado <permanece><[↑ fica] emudecido.> <não diz nada.> <emudece> não fala.

<sup>47</sup> Segmento de três linhas que ocupa duas pautas e a entrelinha.

[Quem mudou a ignorancia em sciencia foi a poesia.]

Dizem que o silencio é confissão. Por isso, a Esfinge é silenciosa; confessa o nada de todas as cousas. Trata-se duma confissão involuntaria, como a do réu, ou qualquer forma da existencia, a daquela fraga, por exemplo, esse perfil de velha, <ao pôr do sol.> recortado no poente em labaredas. Está sentada no escaninho, à lareira, <junto do lume>[↑ junto do lume], a fiar, na roca, <[(↑) a nuvem que lhe <pousou na>[↑ enfeita a] cabeça,]> uma estriga do seu cabelo branco<, a fiar a neve da montanha ou a espuma do mar.> <doirado do esplendor do lume.> [(↑) a nuvem que lhe <pousou na>[↑ enfeita a] cabeça<,>/.] Levanta os olhos do fuso em rodopio para o meu automovel, que deslisa, outra vez, à flor <duma>[↑ da] <toalha de> neve, sob uma caveira enorme a desfazer-se em riso amarelo. <A caveira desce do céu e pousa, deante de mim.> Rodei<am>/a\ -me um deserto de <brancura.>[↑ palidez.] Vejo-me <só e> perdido <num>[↑ nesse] deserto <de brancura.>[.] <A ideia de> <Este>/O\ sentimento da solidão aflige-me tanto, que me transmudo nele e <não> sou <mais que> uma aparencia <irreal e> dolorosa.><[que [↓ se]] <Lembra<-\*se>[↑ me]>>[↑ , uma lembrança apenas] do passado. E esta lembrança é o que ha de real, em nós. <Sômos um sonho que sonha, porque foi outrora realidade.> Só o passado tem realidade, <pois o futuro... O passado é pedra,>[↑ é um penedo.] <m>/M\as o futuro é nevoa.. <pedra>[↑ penedo] inerte, [(↓) parada do seu recorte definitivo;] nevoa ondulado nos seus relevos fugidios, iniciados, mas não concluidos. O passado são as Piramides do Egito. O futuro é o segredo da Esfinge. Que palavra germinará na mudez da sua bôca petrificada? A oração da crença? A blas-

[O facto de nenhum poder ser cristão durante a vida, prova a divindade do cristianismo, é a não existencia de Deus é que todo o valor a Deus.]

femia da descrença? Mas nós caminhamos para uma concepção ambigua do Universo, como <a crença e a descrença>[↑ ser e o não ser,] dentro d<o>/a\ mesm<o>/a\ <sentimento.>[ideia.]

Assim a planura de neve se transforma num areal, com um leão de pedra, à sombra de tres rugidos empedernidos, que ele soltou, no espaço, para emudecer eternamente. Não é um leão.. é o meu esqueleto, deante de mim, a escarnecer a minha pessoa duma <inconsis> inconsistencia <lastimavel.> lastimavel, môrro de argila à espera da primeira chuva que o desfaça, em lama, numa estrada, para que <nela>[↑ se] imprimam, nela, as <suas> patas [↑ de] todos os animaes vagabundos, os da Zoologia e os da Fábula.

O meu esqueleto ri-se de mim, como a lua ri das paisagens deste mundo. É um riso livido que espectralisa <o> tudo. Que diluvio de tristeza sobre o areal imenso! Que é um deserto senão o leite desse diluvio de tristeza, desse mar! O deserto é o leite do luar. Como ele dorme na brancura árida e sem fim! Ó Arabia Pétreia, à luz da lua! **E o meu fantasma de camelo, ergue o focinho, deslumbrado, a beber luar, a beber <luar>, a encher-se de toda a melancolia do Infinito<.></,\ que é o sonho do deserto> [↑ E põe-se a piar de mocho.. O poeta <[]><sup>48</sup>**

O meu esqueleto ri-se d<um>/e\ mim, deste fantasma de camelo

---

<sup>48</sup> *Mudança de ideias quanto a adicionar um segmento na margem. A adição na margem superior [O facto de nenhum poder ser cristão durante a vida, prova a divindade do cristianismo, é a não existencia de Deus é que todo o valor a Deus.] não parece pertencer aqui, não só por não fazer sentido textualmente, mas também porque o traço de chamada é vermelho e a adição é a preto.*

ou de navio. Sulca as ondas de areia que o vento agita, repentinamente enfurecido. Ha tempestades de areia <que sepultam caravanas,>[,] chuva de calhaus <que esmagam as seáras,>[,] trovões de ferro que desmoronam vilas e cidades! <E> Satan [↑ ri,] aplaude, bate as palmas... <E Jesus crucificado chora. Mas as suas lagrimas, desprendidas dos seus olhos, ardem nas gargalhadas de Satan.> Não é o universo uma explosão de risos? Que é o sol senão uma gargalhada na bôca da noite? <E cada estrela é um sorriso> <[(↑) E Cristo não ri cinco vez[↓es] uma por cada chaga?]>

Até o sofrimento ri, e aparece [↑ numa feira], vestido de palhaço, <numa feira.> a <fazer rir>[↑ divertir] os anima<s>/e\\$. Oh! Um gericico <a rir é a>[↑ alegre <é a>[!]] <ultima expressão da criação.> É mais que um macaco a filosofar. E as caras humanas? Que coleção de espêlhos reflectindo todos os sorrisos da idiotia! <Tal idiotia é que sorri nas caras e lambe-se de contente.>

Cada cara é uma tocha aceza de riso. Só depois de extinta é que mostra a cêra... Mas sômos nós os idiotas? Não: é a idiotia é que é idiota<sup>49</sup>. De subito, o meu esqueleto sempre a rir (é outro idiota) toma, nas falanges, o volante, como qualquer <chaufer do outro mundo.>[↑ motorista.] E, ao lado ele, muito sério, o meu fantasma ou camêlo metafísico, daqueles que andam, na Biblia, como certos <gericos>[↑ jumentos] visionarios ou impressionaveis à presença chimerica dos anjos.

Corremos ao longo dum deserto; mas o deserto tornou-se montanhoso ou transmontano. <E nele paira a elegia da saudade.>

---

<sup>49</sup> *é a idiotia é que é idiota: erro por é a idiotia que é idiota ou a idiotia é que é idiota.*

De todo ele se eleva, no ar, uma elegia <indefinida.>[↑ panteista.] Vê-se, mas não se ouve. <É aquela escultura morta, na distancia. Será um penedo a estatua da saudade?> Direi que <me \*e> se me entranha no coração<, afagando-o num>. É uma dor violenta e indefinida, dentro de mim e inatingível localizada e em parte alguma, aqui, no meu peito e além da vida. <Que intimidade estre nós e <a paisagem!> o Outro mundo! Se existimos sobre a terra, vivemos longe dela, <\*ou> longe no tempo e no espaço, lá onde a Saudade é <uma>[↑ a] Deusa mãe dos Deuses.>

<Ha sentimentos <\*m> indecisos que,> [↑ Mas] durante os nossos sonhos, [(↑) é que a Saudade] adquir<em>/e\ uma presença <extraordinaria.> incandescente! Alimenta-se de ilusão; a realidade amortece-a; é como a agua no azeite da candeia. Faz estalar <[(↓) <soltar> e soltar]> a luz, <que se dispersa> em pequeninos ruidos faiscentes. <Em sonhos,>[↑ Então] é que a saudade nos martiriza! Mas quem sofre? É ela ou nós? É ela <que sofre;>[;] e nós sofremos por contagio ou simpatia, <porque>[↑ pois] entre nós e a Divindade não [↑ ha] <uma> scisão absoluta. É ela, a saudade, a sofrer, desde a origem das cousas, desde sempre. Sofre, de alma em alma, de nevoa em nevoa<, aquela sombra de Deus>. <Esculpe-se em altos pinaros,

na distancia, acende-se em luzinhas de oiro, na amplidão e inunda de lagrimas a Aurora: <a propria deusa da alegria.>>[↓ de monte em monte..]

Virgilio anteviu-a na <melancolia><[↑ tristeza]>[(↑) melancolia] bucolica da paisagem, Camões [(↑) na amplidão] <n>/d\o mar, <que tres partes do mundo <é>[↑ são] lagrima,> Frei Agostinho na Arrabida, que sobe do mar camoneano, sequiosa de estrelas ou orvalho celeste. Mas empederniu no seu impeto, até que, de novo, se anima no canto religioso do poeta. E [↑ é] nesse canto <ela bebe o> que ela bebe o orvalho das estrelas e se veste de eternas flores.

A saudade é que <sofre>[↑ é saudosa], em nós. <E, por isso, a tristeza que sentimos, é>[↑ É um sentimento] longinqu<a>/o\, embora nos aperte o coração. Mas agrava-se, em nossos sonhos <, durante a noite, que ela deriva da noite originaria. E este agravamento [(↑) nocturno <da saudade>] é mais terrivel>[↑ nocturnos], porque não nos podemos defender<,>[↑ dela,] como no estado de vigilia<.>[(↑) ou sob o imperio da razão.] <Topa-nos desprevenidos [(↑) a saudade,] e apodera-se de todo o nosso sê<.> <E não é ela o proprio sonho creador?> <Uma>[,] que arde numa fogueira \*universal.> <Um homem adormecido é um navio sem leme.>

<E não é ela o proprio sonho creador?> A saudade apodera-se de toda a nossa pessôa, adormecida para a luz, mas infinitamente acordada para o luar dessa intima melancolia, <em que> que é o fantasma da <dor convertido>[↑ dor universal,] a propria noite das estrelas concentrada toda em noss<a>/o\ <alma>[↑ peito] ou o Vacuo infinito cheio duma lagrima...

[III]<sup>50</sup>

Em nossos sonhos é que vivem os nossos sentimentos, como na

---

<sup>50</sup> A inserção de número de capítulo foi feita na entrelinha. Nos fls. 73 e 81v acontece o mesmo.

sua atmosfera natal ou natural. Até os mais antigos revivem nesse mágico ambiente. Os mais antigos? Oh, são todos ainda uma espécie de Fauna primitiva. A nosa<sup>51</sup> alma está ainda no período jurássico, <atolada em pantanos> repartida em monstros que divagam na tremenda espessura vegetal.

Os mais belos, <os últimos,> <os que desabrocham à luz da \*razão> lutam ainda pela adaptação a um meio hostil. É a luta dum contra mil, um anjo contra mil demônios. Mas o número um vencerá, que ele é a essência de tudo.

Repete-se o meu passeio de automóvel, mas através de chimericos panoramas. E eu mesmo sou um fantasma<,> viajando... O que, em mim, é corporeo repousa, entre os lençóis, <adormecido,> a fingir de morto. <Mas> <o>/O\ leito é um tumulto delicioso, um ninho de ave de penas ou bípede implume. Mas a falta de asas é que deu a este pássaro todos os vôos. É o único animal que, perdendo, ganha<; <en> enriquece, gastando.>[.] Perdeu o pêlo e ganhou o *habito de Cristo*...

O passeio continua. Corro ao longo dum deserto; que o \*sonho só alumia paisagens ermas e desnudas, rios profundos e medonhos, <um terror panorâmico sem fim>. É o auto delirando velocidades, tentando a velocidade absoluta, porque ela, a

---

<sup>51</sup> nosa: *erro por nossa*.

misera machina, tambem aspira ao <Infinito.> Absoluto, como qualquer mortal. Toda a expansão é no sentido do Infinito. Um foguete sobe na escuridão do firmamento; e, como não pode alcançar as estrelas, desfaz-se numa chuva de estrelas.. <Vêde>[(↑) É] a imagem do nosso espirito, a debater-se numa <aflição anciosa de atingir a>[↑ **ancia de]** luz <e>[↑ **que]** é a sua propria claridade. <O que procura, fóra dele, encontra-se dentro dele.> [↑ **Encontra, em si o que procura, <lá fora> nas <estrelas.>/outros.\]**

<[II]><[(↑) II]>

Corro ao longo dum planalto, onde treme, ao vento, a flôr da urze, gotas de côr maravilhosa espremidas <duma fraga.>[↑ <do>[↓ dum] fragaredo.] São como lagrimas sêcas ou choradas pela segura dos montes, <empedernidos,> no mez de agôsto. Não ha magros até ao osso que choram lagrimas cristalisadas, [↑ ou] apenas sal <e> amargo?

Como elas tremem, as flôres, ao vento! E vejo <uma dama> fantastica dama a cortar uma rosa, um jardim que era um <pen> <bocado>[↑ trecho] de monte <metamorfoseado, de repente,> asperrimo, onde as rusticas flores se haviam metamorfoseado em <lirios, rosas e jasmims> toda a casta de flores cultas. No centro, um chafariz espargia, no ar, mil gotas <cristalinas, atravessadas por <uma facha> <facha de luz multicolor.> [(↑) <arco iris> irisados <numa explosão de> pedras e <de> pedras preciosas.>./,\ [**com o <choro> sangue de Cristo em rubis e o chôro de Maria em diamantes]**]

A dama cort<ava>/ou\ a rosa, como se fôsse capaz de estrangular uma creança. Ofereceu-a a um dandy <que <[(↑) a]> não <a>[↑ a] aceitou,> que a recusou <amavelmente.>[.] [(↑) Era um destes rapazes do bom tom, muito envernizados por fóra, mas uma lástima por dentro.] <Reparou ela então>[(↓) Então repara ela] nos [↓ seus] dedos manchados de sangue; e, horrorisada, solt<ou>/a\ um grito

[O homem tem fantasia porque é esteril maternalmente falando.]

em que a visão do seu crime se inflama para [↑ a] devorar <a pobre dama> sem piedade. <Arde; e, ardendo, se transforma num lírio rôxo.> E a desgraçada grita, perseguida pelo espectro vermelho duma rosa, a clamar: *vingança! vingança!* <Estas>[(↑) Não ha outra justiça! E, por isso, a vingança é o prazer dos deuses. Aquelas] palavras ardem, no espaço, como labaredas rôxas, como pétalas de lírio. Um jardim terrestre paira no céu. Mas a paisagem serrana tomou a aparência dum deserto; dum deserto sonambulo, indefinido, onde erra a sêde na sua imagem feita de agua: a sêde e o terror da morte. O terror, eis a substancia psichica primaria, o primeiro sêr do nosso mundo interior, o antepassado dos nossos sentimentos, — o gorila: o gorila, ou, antes, o seu fantasma, que o homem é o fantasma de todos os animaes, a irromper da sombra de todas as florestas. É um fantasma profundamente quadrupede. O bipede é uma entidade metafisica ou platonica. Nem as aves são bipedes, porque as azas são dois braços. Que é a bengala? Um processo de andarmos com as mãos no chão, por intermedio dum objecto.

O medo é tudo, em nós. Quem criou a consciencia e a razão? Duas sentinelas, das que morrem no seu pôsto? <Tudo é defeza, no homem.> [↑ O homem apenas se defende.] Só ataca, enlouquec<endo>/ido\ ou embriag<ando>/ado\<-se>, pois a embriaguez é loucura voluntaria. <O> Loucura é o crime. E a guerra não

[Creio eu, embora seja mentira!

estrelas esses pontos luminosos dum espaço negro]

é loucura colectiva? Esse terramoto cerebral de que resultou a nossa alma, dura ainda!  
 <Des> Ha vulcões e vulcões <[↑ que]> rompe<ndo></m\>[↑ndo] a crôsta do planeta  
 <,></e\>[,] vomita<ndo></m\>/n\[do] lava sobre Pompeias aterrorisadas! <Sim,>  
 <\*Oh> Que pavor! que pavor! D'ahi , o medo que temos de nós próprios, dos outros,  
 de tudo<...>[(↑) ou dum nada...] <até da sombra dum arbusto, à luz da lua e das  
 pancadas misteriosas, que parecem a noite a bater à nossa porta fechada pelas mãos  
 do medo.>

<Sômos o medo encarnado. E <quando sonhamos,>[↑ em sonhos,] é que ele  
 nos domina <com uma força prodigiosa.>[!] Sonhar é fugir da realidade que  
 tememos. Mas essa realidade persegue-nos, e é o enredo dos nossos sonhos  
 nocturnos; <interiormente>>

E continuo a correr, ao longo dum planalto. Sonhar é fugir da realidade que  
 tememos... Mas essa realidade persegue-nos, e é o enredo dos nossos sonhos  
 nocturnos; esse drama em que o medo [(↑) esse instinto da nossa condição,] intervem  
 como personagem principal. <Que é o medo senão>

Assim eu fujo, sonhando. Fujo de mim, do medo e da saudade, que tambem é  
 remorso ou desejo de regresso a<os>/o\ noss<os>/o\ tempo <inocente.> infantil ou  
 inocente. <São>[↑ Fujo] [de] tres fantasmas que me não deixam; <Aquelas tres  
 sombras> <c>/C\omo que voam, à minha frente, aquelas azas negras.

O planalto ergue-se, a distancia, em penhascos duma  
 expressão tão humana a sair-lhe dos fragaredos abruptos,

que, ao vê-los, os meus olhos inundam-se de lagrimas.

<Aproximam-se>[↑ Abeiram-se] de mim, como <um> <grupo de> estatuas caminhantes. Mais um minuto, e as estatuas são varios homens que me rodeiam; tipos de montanhezes, vestidos de saragossa, mas descalços e em cabelo, <isto é, <sem> como><[↑ Eram]>[(↑) isto é, como] traços vivos de união entre o céu e a terra que a fronte prolonga o céu e a terra os pés.

O automovel parara num ponto em que a estrada desaparecia na urze<, como a <fita br> faxa branca dum remendo num pano rôxo>: um rio branco bebido pelas <flôres agrestes de secura.>[florinhas rôxas de secura.]

Os montanhezes rodeiam-me, gesticulando; mas não pronunciam uma palavra. Os seus gestos imprimem-se, no ar, como caracteres arab<es>[↑icos] ou versiculos do Alcorão. Ponho-me baldadamente a decifrá-los, enquanto aqueles vultos humanos se diluem em fantasticas nuvens, que se enfileiram, ao longe, e petrificam. São pincaros montanhezes, emblêmas da solidão e do silencio, anjos enormes e denegridos, velando a paisagem morta, deitada, de horisonte a horisonte, <num>[↑ num] alto catafalco indefinido. Cobre-a a noite, um velario negro pespontado a oiro, risos de oiro<,> afluando na tristeza do Firmamento, o quer que é de incandescente e luminoso irrompendo do frio absoluto, do negrume<,>

absoluto <a qualquer coisa> <a interromper o Nada ilimitado, dum modo milagroso e deslumbrante.>[.] O unico milagre é este: a sensação de qualquer coisa, em pleno Vacuo; depois, o sentimento dela; depois a ideia dela. E depois? É certo que a ideia se transfigura ainda superiormente? Atingiremos essa transfiguração, como atingimos a consciencia partindo de instintos obscuros? Se a atingirmos, um dia, modificar-se-ha, por completo, o significado da existencia. Surgiria tudo a uma nova luz. Que surpresa! Que surpresa! Pressentimos essa verdade esplendorosa para lá duma barreira <tenebrosa> espessa, a ganhar uma certa transparencia. E o coração <bate-nos>[↑ palpita-nos] mais apressado, os nossos olhos deliram visões sobrenaturaes! Perdemos o contacto do solo, um grito morre<u>/-\nos na bôca, desmaiamos.

Acordo subresaltado, a fronte inundada de suor. Mas logo adormeço e continuo a sonhar. Interrogo-me: *E depois? E depois?* Que sinal de interrogação, gravado a lume, no espaço? Mas é o sol acabado de nascer. O planalto, agora, é um desenho imenso, colorido a flores da urze <que tremem, ao vento,>[↑] , tendo, ao fundo,] <na>/a\quelas <altitudes>[↑ \*ermos,] [↑ pincaros] em que a terra mãe nos volta as costas fragarosas, só ossos.. Subito, aparece um abismo, deante do automovel. Mas este, em vez de cair, deslisa atravez do eter infinito, puxado por dois <g> cavalos a galope. <São aqueles que existiam, em minha

casa, nos belos tempos <da cavalaria puxante>>

Confundem-se, no meu sonho, o auto e o faiton, Apolo e o <m>/M\otorista, o quadrupede e a ave e até <\*um> o mesmo homem morto e vivo; este corado <e>[,] a rir às gargalhadas, com uma taça na mão; aquele, inerte e amarelo, num esquife. Em sonho, tudo é possível. E não é o sonho a substancia universal, o suporte da realidade ou <a realidade da realidade> a realidade essencial?

Lá vou, em viagem, para a lua. Como ela se aproxima, cada vez maior e mais branca! Lembra uma esfera de gesso, com relevos de montes <n>/e\m <negros declives> rapidos e negros declives do lado onde não bate a luz do sol. É a *maquete* originaria deste mundo, abandonada no espaço... O que me fére, [↑ é] a sua aparencia artificial, a evocar o artista, esse Miguel Angelo invisível por excesso de claridade, durante o dia e de treva, durante a noite. Só no crepusculo maravilhoso d<os>/o\ sonho é que se esfuma o seu perfil<.> [(↑) ou na fantasia dum anachoreta.]

De repente, sinto uma pancada tremenda e vã no automovel que pára. <Estamos no *mar do silencio*, todo em ondas de sombra, cada uma fixada nos seus relevos fugidios.> Estamos na lua. E o luar? O que vejo,

é um deserto doirado, <iluminado> <sob o es> iluminado. <Isto é> <a>/A\ lua ou Arabia? E logo um camêlo firma as patas na areia, ao pé de mim. E outro e outro, atrás dele, sempre, até ao <remoto> longinquo horizonte que descreve um perfil <imenso>[↑ enorme] de camêlo. Será um recorte de montanha, com <um>[↑ dois] alto[s] pinCAROS, <entre o focinho e a cauda?> sobre <as>/a\ <\*c> espinha?

*Um camelo!* exclamo, duvidando da estranha aparição. *Estamos na lua ou na Arabia?*

«Um camelo....<[(↑) Olhe lá como fala...]>» <responde>[↑ resmunga] o simpatico animal ofendido e usando da lingua portugueza como <qu> o padre Antonio Vieira, o Pregador. Não era um camêlo, não; era um homem expulso da Humanidade ou dos dominios da Razão pelo Vulgo, esse despota feroz. Peor que todas as leis d<er>/r\aconianas, que todos os tiranos de Siracusa, é a Opinião Publica. Chega a atingir, na sua inconsciencia, o poder divino de crear os maiores absurdos, por exemplo, uma bruxa fendendo os ares, a cavalo numa vassoura. E obriga a mudar de planeta certos *indesejaveis*; esses que trazem a alma <à flor do rôsto e parecem fantasmas ou aparições medonhas> por fóra da pele, como demonios incendidos e metem mêdo aos defuntos, quer dizer, à bôa sociedade.

*Um camelo!* insiste, ofendido, o simpatico animal. E acrescentou, com uma ironia<, sêca,>[↓ sêca, de deserto,>] a lampejar-lhe <[↓ , alegre,]> no focinho<,

de desertica tristeza:>[:] *Se me não engano, estou deante dum confrade.* E logo aquele mesmo focinho se transfigura no busto de Camões, com o olho cego, as barbas grandes e a corôa de louros. Em Portugal, <ou na lua> são Camões todos os poetas. E o mais modesto é o Luiz...

*Perdão!* peço eu, em voz humilde. *Imaginava-me na Arabia de Mahomet ou na lua de Julio Verne.*

Que é <sonhar> sonhar, em Portugal, senão percorrer a Arabia Pétrea[,] <?>/c\omo quem passeia na lua[,] <?>/i\iventado na sua mesma sombra <de dromedario> adormecida ou de dromedario?

Sonhando, penetramos no passado até à idade d<as>/a\ pedra. Tornamo-nos barbaros e fortes; preparamo-nos para a defeza dum ataque nocturno, pois o sonho é tambem uma preparação para a vigilia. [(↑) **Ensina-nos a estar álferta nas profundidades do esquecimento, que o sono, sendo o esquecimento da vigilia, o sonho é a <sua>[↑ sua] lembrança <[ou vigilia.]>[.]**] Sonhar é dormir quasi acordado; dormir um sono transparente, iluminado e povoado. O sonho é uma representação interior do exterior e separada desta por uma pelicula finissima. Rompe-a <um>[(↓) qualquer] barulho <anormal,>[,] uma voz mais alta.

**Sonhando, assistimos a um drama curioso e util, embora anarchicamente fantasista,** porque abrange tudo, ao mesmo tempo; a caverna e o palacio, a antropofagia<, e <o banquete

de Platão> a ceia de Cristo> e o banquete de Platão.>[(↑) , <e> o Camilo na infância a ler-me a *Brazileira de Prazins* e a presença de Napoleão na minha sala de jantar.] Não preside a este drama um principio autoritario, coordenador, a nossa faculdade mais desperta e vigilante, — a deusa de Robespierre <e de todos os Ditadores, que pretendem orientar a vida espiritual.>[,] filha do medo e <\*fi> mãe de toda a vida espiritual. <Este *espiritual* é pleonasmo<, porque>[,] <v>/\ida é sinonimo de espirito.> O mêdo enche a Biologia, como a esperança a Teologia, que a esperança é o medo <tornado luminoso,>[↑ feito luz,] a dissipar a sua propria treva. Aquele fantasma sombrio traz uma candeia, na mão. Por mais que arda, não se gasta e espalha uma claridade que excede a fonte luminosa.

Só o sono da morte não tem sonhos, pois o medo e o cadaver são incompatíveis, que o medo é o primeiro < sinal de vida> halito do fôlego animado. Como ele é já eloquente numa árvore! Vê-se-lhe, < nas raizes, o medo ao vento, ao demonio.>[↑ o medo ao vento[,] nas raizes..] Mas o medo animal é mais complexo: é o do anho ao lobo e do <homem ao homem.> lobo ao lobo, o medo <verdadeiramente> humano.<.> [verdadeiro.]

Deus <creiou> criou o mundo, sonhando; e nele intervem como nós em noss<o>/a\s <sonhos> fantasias, isto é, como simples espectado<res>/r\[\↓es] ilusori<os>/o\s]. Tomamos uma atitude passiva perante acontecimentos que <[↑ não]> obedecem a <nenhuma>[↑ uma] logica <imposta.> misteriosamente contraditoria. Desenrolam-<\*me>/se\ em pleno Cahos.

Deus sonhou-se homem, e baixou à Humanidade. Mas

o sonho fez-se pesadêlo, uma tragedia, <a unica><[↑ a] Tragedia>[↑ a unica tragedia]. Figuram nela judeus, soldados romanos, lacrimosas mulheres <,>/e\ um corpo amarrado à cruz.

É o Senhor! É o Senhor! Ouço este grito no meu sonho. Mas é um grito desmaiado. <Fére-me> Não me fére a alma; <milhares de anos>[(↑) que é] anterio<res>/r\ a Jesus Cristo e ao deus Apolo, contemporanea da primeira alimaria a remexer-se no lôdo, a espreguiçar-se num coxim de plumas. O que ela quer é gosar a vida, deliciar-se na ôca sensação do nada, que o prazer consiste precisamente na sensação do nada. Só ele nos revela o vasio infinito<.> em que se dissolve esta [(↑) efémera] ilusão multicolor que é o nosso sêr.

Estou agora na cidade de Travassos. Que cidade absurda, incongruente! É uma <especie de> Lisbôa serrana, agreste e escura, o quer que é do Porto n<as>/a\ marge<ns>/m\ do Tejo e num planalto transmontano, <com> o cavalo de D. Pedro <ou>[↑ e o] do D. José <e a torre dos Clerigos [(↓) ou da Estrela],> <mas>[(↑) no estilo branco do Chiado, um poeta chocarreiro, <a fazer *pendant*><[↑ pôsto em paralelo] com o>[↓ , ao lado do] Camões, e] no estilo <subterraneo>[↑ tenebroso] da rua do Almada, esse negociante de ferragens, pançudo, em folha convexa de Flandres, e de barba de arame à *passa-piolho*.

Travassos tem a sua *Brazileira*, <onde o tédio bebe café e vapora negrume, num ambiente de capela> uma especie de capela funeraria, com <lustres>

lampadarios doirados e <colunas>[↑ embutidos perpendiculares] de mármore negro <embutidas> nas paredes, onde a pseudo-literatura (Oh que \*escritora genial!) bebe café<,> [(↑) e tédio,] blagueia, usa o monóculo do Eça e uma barbichas de Mefistofeles aldeão... Desde Viriato, o Pegureiro, a Lusitania cheira a estábulo.

Tem a *Brazileira* e, a vinte kilometros, uma Cintra, que é <só> um penedo, e um rio Tejo que é só areia, sobre o qual <esvoaçam> avôam sombras e sombras de gaivotas. Em frente, na Outra Banda, a Arrabida é um esqueleto enorme e tombado (talvez dum monge) com a alma dum passarinho a cantar, pousado na caveira, onde batem as ondas do Atlantico, muito azues, duma tinta <azul> *made in Heaven*... Aquele azul derrama-se na cidade e é um luar de chama de alcool que espectralisa as casas e os transeuntes, em procissões fantasticas<.> nas ruas. É uma luz <que, sendo azul, apodrece tudo.> gangrenada, pôdre. Que é um espectro senão uma exalação da podridão, um sêr de entre <a vida e> a morte <?>/e\ a vida ou em passagem desta para aquela, — <mas uma> passagem que não finda, pois o morrer é eterno como o nascer? E uma flor? Como ela se dá num cemiterio, <naquela> terra <adubada>[↑ gôrda], <onde o>[(↓) <batida do> fustigada do] vento [↑ a] murmura[r] <alto> o latim dos ciprestes, padres do

Reino Vegetal. A deusa Flora aderiu ao Catolicismo por intermedio dos ciprestes.

Espectraliso-me tambem, que a minha alma é outra chama alcoolica, <num>[↑ um] estado perpetuo de embriaguez, um delirio de defunta na escuridão tumular. Os sentimentos róem-na como vermes. Que é o arrependimento e a saudade? Larvas tentando a mariposa, sonhando, como se <no sono <da> eterno houvesse> [,] num sono de marmore, houvesse aligeros sonhos.

Abafa-me a treva subterranea. Exalo-me numa aflição atravez da tampa de pedra; subo, liberto-me, que a libertação é uma ascensão, no infinito<!> [(↑) , o Cristo a alar-se do <m>/M\onte das <o>/O\liveiras!] É a semente a crescer em haste, a creança a <surgir>[↑ irromper] do ventre materno, a forçar as portas deste mundo.

<Ouço gritos, lá fóra, em outro espaço.> <Sinto-me><[↑ Pairo]>[(↑) Pairo] em outro espaço. Onde estou? Onde estou? No meio duma rua tumultuosa, de figuras, que se desenham a uma luz <febril> chimerica e febril. Ardem como tochas macilentas. E, no espaço, rebenta, em gargalhadas<, etérea> a máscara do sol, pois do sol <vêmos-lhe> apenas [(↓) lhe vêmos] a máscara abrazada. Como ela ri num incendio de ironia!

[A musica é <ruido ao> feita de ruidos ao longe.]

É o Senhor! É o Senhor! grita <[↑ , ao pé de mim,]> uma garota<, ao pé de mim> <endiabrada,> diabolicamente encantadora; um <destes> destes perfis <angelicos>[↑ de anjo] <desenhados> que parecem <desenha> <gravad> esculpido no oiro duma nuvem matutina<.> e exprimem não sei que perversidade misteriosa, aquela graça maldita da beleza... <E <olha-> fita-me, [(↑) <na cara> [na cara]] com dois relampagos nos olhos que me queimam.>

Envolve-me na curva dum olhar diabolico, <re>lampejante, em que me sinto fulminado, e repete-me: É o Senhor! É o Senhor! Não acreditas? Não acreditas, não, sei muito bem que és a descrença, <a fingir de beata><sup>52</sup>[(↑) a simular de beata,] a bater no peito e a tossir avé-marias... <És a descrença filosofica, mas vestida de preto, triste sacerdotisa da vaidade...><sup>53</sup> <És>[↓] Ainda se fôsses um descrente no meio de crentes, à moda antiga? Mas não. És a Descrença geral,] <uma>[↑ essa] tuberculosa filosofica, vestida de preto, qual triste sacerdotisa da vaidade.. <A crença no Senhor está aqui, nestes farrapos da minha saia... e <\*ne> neste corpo que já [↓ se] vende, compreendes para que? Para se aguentar, de pé, na terra e proclamar que Deus existe.><sup>54</sup>

Donde vem este sabor a nada que nos deixa no paladar a leitura dos <futuristas?> poetas futuristas? É que os poetas são miseros cães atraz dum osso metafisico, duma costela do <\*Padre><sup>55</sup>

<sup>52</sup> O cancelamento foi feito com recurso a dois instrumentos de escrita diferentes: caneta preta e lápis roxo, não sendo possível determinar a sua cronologia relativa.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> As sequências vermelhas a itálico estão sublinhadas a preto no manuscrito.

[A nossa fisionomia é um conjunto de fisionomias em ação.]

Santo Espirito<.> e não encontram nenhum osso, porque não tem fome. <Eu leio nos livros. Conheço tudo.>

A crença no Senhor está aqui, nestes farrapos da minha saia, neste corpo que já se vende, compreendes para que? Para se aguentar, de pé, na terra, e <pr> proclamar que Deus existe.<»> <Só ha Cristo na morte e nos lupanares! E a rapariga foge de mim, como um esqueleto de anjo a voar.> <S>/N\ninguem lê um livro, <como eu!>[↑ como eu!] Conheço tudo! E então a Biblia? Oh, a Biblia! Está impressa neste pergaminho milenario...» E mostra-me a pele <engelhada> dos seios ressequidos, de velha mendiga em que, de repente, se mudou. Solta uma gargalhada e foge de mim, como um esqueleto de anjo a voar. E uma chusma de rapazes grita, voltada para o sol: *É o demonio! É o demonio!* E apedrejam-no, <fazendo uma algazarra infernal,> muito convencidos de que destronam o rei dos astros! Não foi <ele proclamado>[↑ o sol aclamado] <rei>[↑ monarca,] <por um decreto popular?> pelo povo? E o mesmo povo o <deificou. Fez dele>[↑ converteu] [n]um mancebo loiro, esvelto, de olhos azues, guiando o *faiton* celeste.. Depois, crucificou-o no Calvario, esse crepusculo ou montanha, com uma chaga enorme, a sangrar, no mais alto cêrro

denegrado. É o pôr do sol, um espectáculo fúnebre e deslumbrante, a morte teatral dum deus. Céu e terra, <o mesmo palco;> a pintura sobre a escultura, o mesmo palco.

[(↑) Céu é também escultura.]<sup>56</sup>

Cresce a algazarra dos garôtos. E eu mesmo sou um garoto, no meio deles! Confundo-me, <não com eles, mas> com o <ruido> barulho em que eles se evaporam, no firmamento. Esváem-se como sombras estrondosas. Olho-me, espantado, e não me vejo... Vejo-me <como>[↑ como] um fato vasio, qual estatua ôca de pano; mas dum pano que deitaria sangue, se o rasgassem. Vejo-me e não me vejo, apareço e desapareço<,>/. \ <m>/M\al o meu corpo se desenha, logo surge, no seu lugar, o meu fantasma; e da penumbra em que este [↑ se] desfaz, irrompe <a minha> o meu vulto carnal, o bruto a reconquistar a existencia, para a perder imediatamente.

<Apareço e desapareço.> <Reduzo-me> <§> Reduzo-me a uma sensação indefinida, em pleno espaço aéreo, a um reflexo vago de mim mesmo, ou me concentro numa estúpida forma que me pesa. Pesa-me, e é estranha à minha pessoa ponderavel. Sou este sêr intermitente, cuja presença e ausencia se sucedem, do modo mais inverosimil e absurdo. Ora, estou presente na minha ausencia e divago, <qual espectro,> ao luar, nas <vielas>[↑ ruelas] da Mouraria; ora, estou ausente na minha presença, e passeio à luz do sol, num

---

<sup>56</sup> Após associar o céu à pintura e a terra à escultura, Pascoaes faz, na margem superior, esta nota, que parece adoptar o tom de uma reflexão marginal.

[A torre no silencio, em <dias>/m\anhãs de inverno lembra-me sempre a igreja de minha freguezia...]

largo ou praça quasi rustica, cercada de [↑ grandes] edificios de pedra, <escura, grandes, mas> cobertos de cômlo, e aberta, por intermedio duma rua, sobre um ermo planalto montanhez. Passeio e falo sosinho, em alta voz<,>/.\ Pronuncio frases sem nexo, que me parecem duma poesia extraordinaria. O que, em sonho, nos parece belo, não resiste <a>/à\ <um instante> mais ligeira observação <vigilante.>. Por isso, os mortos são banaes, — figuras em cêra de retorica. Derretem logo. <Emquanto o seu cadaver se desfaz, no fundo da cova, a sua imagem apaga-se na memoria dos homens.> Que ar de inocencia tem os mortos!

Estou no meio dum Largo de Travassos ou de Lisbôa, onde, em vez dum alpendre abrigando um Crucifixo, ha um dedo enorme de marmore, com a unha de luto, a apontar uma especie de <Firmamento>[↑ Imensidade] pintad<o>/a\, só tinta azul, um céu apenas para os olhos, o infinitamente pequeno infinitamente dilatado, uma desilusão moral reproduzida em cósmicas proporções, — uma desilusão etérea, <sobre planuras, montes, cidades, dezertos e oceanos. É> um céu vasio e esmagador. Que aflição asfixiante! Quero gritar; mas os gritos transformam-se numa estranha mudez em que me com-

paro ao Demostenes. Perco-me num discurso silencioso que embasbaca a multidão dos transeuntes! Como eles ouvem o que eu não digo!... Também eu ouço e me espanto da minha eloquência. Quem não se espanta de si mesmo e [(↑) não] transmite o seu espanto às próprias árvores? E elas tremem nesse ambiente da nossa alma <e deixam cair a folha.>[.] Assim as aves noturnas não voam no ar, mas no silêncio do <↑>/a\r, como os fantasmas andam na solidão da terra, e não na terra.

Um trovão repentino <agita> alvoroça a turba que debanda qual revoada de folhas mortas, sob a pancada dum vento tempestuoso. [(↑) Os calceteiros na Praça dos Restauradores desaparece<m>[↓ram], como devorados por um relampago.] Os trovões redobram de furor. Fujo, bato à porta de minha casa, <no Parque Eduardo VII.> para lá do Parque Eduardo VII, <em> meu[s] <ermo>[↑ campos] inculto[s] <onde <os garôtos>[↑ rapazolas vadios] jogam o <foot-bol> bola-pé.>[(↑) destinados ao jogo do bola-pé.] Os inquilinos do alto edifício, onde eu morava, no primeiro andar, encontravam-se, em grande confusão, na escadaria. Descemos todos para a cave subterrânea. Ronca o canhão, <a uns metros de distancia,> e estalam metralhadoras e espingardas. Não resisto à curiosidade. Subo ao meu quarto e abeiro-me da janela. A casa é protegida por um monte que finda quasi logo. Depois é um terreno aberto e plano <onde><[↑ que]>[↓ onde] as balas \*zunem e mordem o solo, <donde se> ergue<m>/ndo\ instantâneos penachos de poeira. Trémulo de horror, vejo surgir, na-

quele espaço, um velho mendigo, alto <,>/e\ desamparado, tão abandonado de si <mesmo> como dos outros<, <com><[↑ de]>[(↑) com] as barbas encanecidas e um manto de farrapos <que o vento de fevereiro agitava, no ar> a esvoaçar-lhe dos ombros, caminhando, a passos lentos.. Parece trilhar o palco duma tragedia antiga. <Abst> Como abstrato e alheio a tudo,>[.] <a>/A\travessou [(↑) lentamente] aquele chuveiro de <balas>[↑ de ferro], com [(↑) um manto de farrapos a esvoaçar-lhe dos ombros, e] uma indiferença de fantasma ou desprezo absoluto pela vida. Não ia ele a caminho do tumulto? E, por isso, a morte o respeitou.

[III]<sup>57</sup>

Punha eu os olhos aterrados naquele vulto quasi chimerico, exposto às balas, <que mordiam o chão, em volta <dele> dele,>[↑ que se cravavam, no chão, em volta dele,] quando o vejo transfigurar-se, de <repente,> subito, na rapariga de Travassos. Lá está ela <a apontar-me não sei que imagem infernal <a> desenhada numa nuvem fumarenta, embebida de clarões vermelhos <e rubra.>. Lembra um Fauno ou Demonio crucificado. Mas a imagem define-se melhor; como que se aproxima de mim. É um orango numa cruz <enverdecida><[↑ vestida]>, <coberta de folhagem> <vestida de fo> vestida de folhas verdes.> [↑ a apontar-me] <num>[↑ um] quadro pintado a oleo uma nuvem fumarenta e rubra. Percebe-se uma especie de Fauno ou Demonio crucificado. Afinal, é

---

<sup>57</sup> Esta adição é contemporânea ou posterior aos cancelamentos de transporte, uma vez que, apesar de o espaço deixado na linha após o fim de parágrafo permitir a adição de número de capítulo a meio da página, esta foi feita do lado direito do traço vertical desse cancelamento.

um orango <numa cruz vestida de folhas verdes.>[(↑) orelhudo[,] e peludo desde a testa às queixadas de ancião. Que velhice no rosto dos macacos! Nascem na idade em que nós morremos. Eis um grande misterio onde se oculta a nossa origem.] <Mas>[↑ Logo] a pintura [(↑) se] transforma<-se> numa escultura <que se anima.>[↑ animada.] E o bicho <martirisado> mártire estorce-se, faz carêtas horríveis, no meio dum bando de Negros, com azagáias na mã<os>/o\ e penas enormes na cabeça. <Guincham><[↑ Berram]>[{↓} Guincham] e riem, como ri a noite.>/: um riso, no escuro, de dentes brancos.

### <III>

Os Negros riem, diante do orango crucificado, a debater-se num desespero crescente. Cresce, atinge a maxima expansão, e o orango liberta-se da cruz<, que>. O desespero é uma força victoriosa. Cri<ou>/a\ azas a um desgraçado durante a sua queda num abismo. E ei-lo que vòa para cima, e pousa no alto do penedo donde fôra precipitado pelos algozes. Não é o calor um desespero do frio? E o desespero do <Vacuo ench> <Vasio enche-o de estrelas.> do Nada enche<u>-o de muitas cousas... [{↑} Quem povôa a iberica Peninsula?]

O <orango>[↓ gorila] liberta-se e foge, por entre a turba de selvagens,

todos de bôca aberta e como petrificada num riso morto, de repente: uma chama que não tivesse tempo de se extinguir e ficasse, no ar, arrefecida e vermelha, num fulgor pintado e insensível aos tufões.

Resta a cruz, <que> já convertida numa árvore. Nos seus ramos viridentes saltam pequenos macacos, brinca<ndo>/m\ <uns com os outros<,>/. \ <p</P\arodia<ndo>/m\ uma comedia infantil.> [n]um jogo de movimentos e <guinchos>[↑ berros], <que des>

Que desenho a so<ns>/m\ e luz numa [(↑) doida] floresta <aere> aérea <batida do temporal.><[!]>, com outros macacos já sobrenaturaes, <\*aqueles> de que <descende o> descende <a>/o\ <creatura> *bipede implume*, porque <tem> as penas <na>[(↑) lhe passaram do corpo para a] alma, — nós, meus carissimos irmãos!

Mas, já atravez duma lisbôa <serrana> <transmontana,>[↑ montanhosa,] <nas>[↑ na] marge<ns>/m\ do Tejo e nas alturas de Barroso, desponta o panorama de Amarante. O Zimborio do templo de S. Gonçalo ingeriu aquela fantastica cidade, e a minha vila natal aparece-me isenta de qualquer mistura travassense e lisboeta. É só ela, e eu muito debruçado numa janela, a olhar a rua cheia de povileu em alvorôço. É a chegada do Diabo e da sua <esposa,><[↑ mulher,] pois o diabo é casado.> esposa. Esposa ou amante? Esposa, segundo a opinião publica. Casaram, na <idade media, <em Portugal,> <ludibria> enganando o

bispo conde e> na sé velha de Coimbra, ludibriando o bispo conde. Isto passou-se, na idade media, quando o demonio se paramentava e dizia missa nas igrejas, <e> confessava as raparigas <que ajoelhavam a seus pés, mais desejosas de pecado que de> <e,> levava o sagrado viatico aos moribundos e surgia dos pulpitos floreados e lavrados, como um escarabêlho do calix duma flôr <petrificada.>. <Bons tempos do Demonio!..>

<Agora> <|>/L\lá vem Ele e Ela, à frente dum prestito, cada um no seu andôr. São de tamanho natural (se a medida [↑ do] h<u>/o\m<ana>/em\ é a mesma d<a>/o\ <demoniaca>[↑ demonio]) e em madeira negra, é claro: <m>/M\adeira <para os sabios; para o povo,>[?] <c>/C\arne [↓ e] da mais autentica <e animada.>[.] Para as creanças e para o Povo <\*ha> não ha estatuas, ha sêres. Os olhos da vida não podem avistar a morte<, nem a ilusão conhece a realidade><,>[.] [(↑) Perturba-os aquele fumo plastico ou fantasia material em que se modelam as expressões viventes, um rosto <de cr> infantil, o focinho duma <vitela>[↑ cão, e] revestem, ao mesmo tempo, todas as <cousas <naturaes.> da Natura> formas da Natureza. [A morte]] <S>/s\ó a descobrem os moribundos e outras creaturas raciona<es>/lis\[tas] como, por exemplo, os pedagogos<,>/:\ <os que imaginam que o Universo pode ser pesado e medido.>

*Ahi vem os Diabos! Ahi vem os diabos!* É um grito de espanto que se percute por toda a vila, tartaricamente penumbrosa, nas margens dum estigio Tamega.

Lá vem eles! Lá vem eles<!><,> <em dois>[↑ nos seus] palanquins transportados por <qu> oito homens <que fôram galêgos <na> durante> [↑ ou almas] condenad<o>/a\s à pena eterna.. Lembram Santos,

num dia de procissão <e romaria>, <muito enfeitados de <joias e> sêdas <e>[,] veludos e resplendôres> e romaria, que o Demonio é um Santo às avessas, negro em vez de branco, temido em vez de adorado, um Santo para baixo até ao Inferno em vez de para cima até ao <r>/R\eino celestial. O Santo recebe a ofrenda das mãos do amor; o Demonio recebe-a das mãos do medo:

Comtigo, senhor diabo,  
Antes de bem que de mal.

É uma cantiga do Catecismo popular... bastante pascaliana. Quem sabe lá se o demonio existe? Manda a <prude> prudencia <prestar-lhe um certo culto:>

Dar um chabo  
Ao Diabo...

É um aforismo do mesmo Catecismo.

<Lá vem, eles! Lá vem eles! <muito sentados no seu trono> com grossos labios vermelhos de riso ou lume nas <carrancas> caraças <tenebrosas, duma tal> [↑ animadas até à embriaguez [e]] tão [(↓) violentamente] negroides[,] que o Inferno é, com certeza, a Africa do outro mundo.>

<Seguem atraz <deles> dos <andores> demonios>[↑ Lá vem eles! Lá vem eles! Com] a Camara municipal e a banda musical<.>/!\ fôram espe-

rá-los à estação ferro <\*e> viaria, onde desembarcaram os monarcas d<as>/o\  
 <Trevas.> Abismo. Qual a sua procedencia? Londres! Londres! a unica cidade fabulosa  
 depois de Babilonia, na fraze de Guerra Junqueiro. Estiveram na capital britanica,  
 hospedados <num><[↑ no]>[↑ num] palacio, <dum> como exemplares curiosos da  
 superstição lusitana e como heroes do teatro vicentino; <que se <ouve> existe um  
 Demonio portuguez é Gil Vicente.> Se ha um demonio portugues, no Tártaro, é Gil  
 Vicente, <ou o><[↑ esse]>[(↑) ou o] nosso povo na sua aldeia: tres leirinhos verdes,  
 ao fundo dum outeiro triste<, com pinheiros> e uma choupana, <ao lado>[↑ perto]  
 duma pôça de agua, esse ninho de estrelas, durante a noite.

Regressam, agora, à terra natal, depois duma ausencia de anos, na  
 Inglaterra. Alojados no templo de S. Gonçalo, <o inferno> (o inferno é uma  
 dependencia do céu) prenderam a <curiosa> atenção dum touriste britanico,  
 colecionador de divindades <e estampilhos.>[.] Os amarantinos venderam-lhe os  
 Diabos por <uns> trinta *dinheiros*, trinta estrelas do firmamento albionico,  
 radiando a efigie de Victoria <e>, <a de Serpe,> a Rainha <e a Mulher.> por  
 excelencia.

Lá vem eles, à frente dum prestito *solene*, cada um no  
 seu andor. O Demonio tem um busto de Negro <[(↓) animado até à  
 embriaguez,]> e grossos beiços vermelhos de riso infernal ou de

lume do Inferno, essa Africa do Outro Mundo; a Demonia é também uma Negra da Guiné, com duas têtas enormes, ponteagudas, quasi por baixo d<a>/o\ <garganta>[↑ queixo], podendo <ella> ela mamar o seu proprio leite, alimentar-se de si mesma<,> <que>[.] <o>/O\s <seres>[↑ entes] sobrenaturaes a si mesmo se bastam, <e dispensam> como independentes <que são> da Natur<e>/a\<za.>[.]

Aquelas <têtas> mamas donde saiu a Via-Lactia, atráem a longa fila de pequenos demonios que segue, atraz dos dois andores. São todos os garôtos <de Amarante>[↑ amarantinos] mascarados de diabrêtes, a deitatem lume pela bôca, de chifres retorcidos na testa <de> besuntada de preto e de cauda arribitada <atrevidamente> para as <al>/Al\turas <do Infinito,> [,] que o Demonio <varre> varre o <Infinito>[↑ Firmamento] com a cauda e levanta <uma poeirada de estrelas> <nuvens de poeira> turbilhões de astros, nuvens de poeira. E todavia quem é ele? Quem é esse Personagem de Milton e da Biblia? Uma <caricatura sobrenatural><[↑ \*Super caricatura]>[(↑) supracaricatura] do Chimpanzé...

Os diabretes <fazem <uma> algazarra, furiosos,> descrevem mil figuras, no ar, animados até à embriaguez! <[É] Uma erupção infantil, em Amarante, de todos

os demonios do inferno<,>/!\ <s>/S\alta<ndo>/m\, berra<ndo>/m\, bufa<ndo>/m\ lume atraz dos dois paternos <sober> soberanos<, > <muito anchos e>[↑ muito] negros em cima dos palanquins, <muito>[↑ e] cheios de nocturna potestade sorrindo, [(↑) ao povo] em estilo de ironia <malefica,> cruel, o sorriso olimpico dos Deuses.><sup>58</sup> [↑ Saltam, berram, bufam lume,] <fazem tregeitos dum cómico <infinito,>[(↑) plutonico,]> [(↑) plutonico, [↑ em que se desvenda o que ha de parodia celestial nos anjos fulminados...]] <saltam, berram, bufam lume!><sup>59</sup> <que> É uma erupção infantil, em Amarante, de todos os demonios do Inferno. Lá vão atraz dos dois paternos Soberanos, <com duas caras enormes> muito negros <e>[,] cheios de nocturna potestade e fixados numa inercia tragica de madeira morta, o que lhes dá aquela aparencia [(↑) terrivel<mente> [↑ e] misteriosa] misteriosa <de um><[↑ de]><[↑ dum]><[↓ dum]>[(↑) dum] <d>/D\eus pintado <e> <com o mundo na mão!> [<a>[↑ e a] acender estrelas do Infinito... [(↓) Sorriem para o povo o sorriso de Apolo [↑ mas] em estilo negro.]]

Depois dos diabrêtes, <aparece> a Camara municipal, muito grave, toda uma só pessôa transcendente ou colectiva, tambem da Mitologia. Não é ela a representante autentica do Demo? <Todos> <e>/E\stes animaes que representam muitas pessôas, como um camêlo ou gerico, por exemplo, tem o seu lugar <quer> n<a>/o\[s] <Biblia> versiculos de Moysés e nos versos de Hesiodo, isto é, em pleno Olimpo.

Depois da Camara, a Banda fardada e rebrilhante de metalicos instrumentos! Expludem notas musicaes de todos os feitos <contundentes,>[↑ homicidas,] desde a pancada rombuda á

<sup>58</sup> Este cancelamento que começou na página anterior foi feito com recurso a dois instrumentos de escrita, caneta de tinta preta e lápis roxo, sendo provavelmente contemporâneo do descrito no fl. 79, nota 52.

<sup>59</sup> Cancelamento feito com os mesmos instrumentos de escrita do descrito nas notas 52(fl. 79) e 58.

punhalada aguda. <É outro inferno reproduzido em som quasi articulado e metrificado, como o de Dante.> <(de>[(↑) Ha mãos <enormes>[(↑) redondas, de gigante] **batendo palmas de metal, e]** bochechas dilatadas num sôpro de bronze que abrem, <no espaço>[(↑) no espaço,] em <funis do mesmo metal, <orelhas enormes,> grandes orelhas, circulares>[(↑) grandes orelhas circulares do mesmo <metal>[(↑) <substancia>[(↑) bronze]]] <que> <a>/A\bsorvem o silencio e <se> rendem[(↑-no) atroadoramente.

<Tudo isto é uma scena carnalêsca> É outro inferno reproduzido em som quasi articulado e metrificado, como o de Dante; <uma scena carnavalesca> <em que as almas penadas e os demonios riem o mesmo riso.> mas um inferno de carnaval <em que as almas>[(↑) de boca aberta,] a rir <às gargalhadas!>[!] Riem os diabrêtes, alguns montados em gericos, <e> riem as *almas condenadas* dos espectadores (o povo ri daquilo que toma a sério); e as janelas sobre a rua por onde passa o <\*f> cortejo funambulesco estoiram em gargalhadas sucessivas. Riem os proprios edificios por intermedio dos inquilinos.

Tudo isto, sob o olh<ar>/o\ ironico do inglez, que adquiriu, em Londres, os demonios para os restituir à patria, para gosar, emfim, o espectaculo.

<Estes Demonios> Não serão eles o deus Baco e a

<sua esposa, a Bacante <dos bacantes>[?]>[↑ e a Bacante, sua esposa?] Sim, o deus do Vinho Verde, que rascanha as guelas e <[(↑) , em pleno outono,]> cheira [↑, em pleno outono,] a todas as rosas da primavera <em pleno outono.>[.] Por isso, o S. Gonçalo <correu ao encontro deles>[↑ os recebeu,] no Largo do seu nome, <abraçando e beijando-o num impeto de invencível alegria> <onde o cortejo se dispersa em vários grupos ainda hilariantes.> <como antigo companheiro, não de viagem, mas de estalagem... E entre um Santo e um Demonio,> com esta alegria [↑ rubra e] quasi líquida <e <vermelha>[↑ rubra]> em que as tristezas morrem afogadas, como uma taça de champagne, essa urna de cristal onde jaz [(↑) morta] a dôr humana.

<De re> <Mas,> <d>/D\ e repente, o céu desdobra-se, sobre o casario da vila, como um velário negro; e, nas janelas emudecidas, ardem <lividas>[↑ palidas] luzes dentro dum cartuxo de papel branco. Ardem como caras de *irmanzinhas dos pobres*, porque arder é emitir uma expressão fisionômica, <uma><[↑ essa] claridade em perfil a desenhar-se no escuro, qualquer coisa que aparece, por milagre, diante dos nossos olhos.>[↑ apenas luz.]

A Banda toca a *Ivone*, marcha funebre, atrás da Misericórdia, uma Beata <enorme><[↑ imensa]>[(↓) enorme] feita de homens de luto e em cabelo. <D> Adeante dela, <o>[↑ um] senhor abade, debaixo do palio, embrulhado em sêdas refulgentes, com o Santíssimo Sacramento, <acêso>[(↓) acêzo], no peito,

<[↑ acêso,]> em braza de oiro e diamantes. Depois, o Senhor da Cana Verde, num pequeno palanquim, uma especie de Napoleão na ilha de Elba; e, logo, um andor <quasi> mon<talhoso>tanhoso, <em>[↑ ou num] Calvario, aos hombros de quatro titans da Fábula amarantina, a imagem de Cristo, na cruz, numa altura <que><[que] toca n<a>/o\s <estrelas>[↑ astros],> <[(↑) infinita de astros] que>[(↑) incomensuravel. Os astros] escorrem, por ela abaixo, como lagrimas da <Noite ou> da Virgem Dolorosa. Mas o <tragico prestito>[(↑) funéreo quadro] é assaltado por um tumulto de labarêdas <vermelhas> vermelhas e fumarentas que iam à frente da procissão, em altos fogarêus de ferros. <Ou é o>[↑ Será] sangue das Cinco Chagas, evaporado, a iluminar a escuridão? <São as labaredas>[↑ Será o lume] do Inferno a mor<derem>der <o[s] <corpo>[↑ membros] de Jesus <como>[?]>[(↑) o corpo de Cristo?] [(↓) É o lume do Inferno! É o lume do Inferno!] Assim o mordem as suas <propios ferimentos>[↑ [propias] chagas,] <ou esses pensamentos do seu corpo,> [por]que <as feridas>[↑ elas] estão na carne como <as id>, na \*alma<sup>60</sup>, os nossos pensamentos ou remorsos.

Mordem-no as suas <cha> feridas, o pensamento dos homens e as labaredas do Inferno! Tem as potestades contra si, todos os deuses inferiorers e superiores, <e>/o\ sol e as estrelas, este <mundo> e o outro mundo, crentes e descrentes. <Quem o anima na sua

---

<sup>60</sup> alma: o l está traçado como t e a cursividade da escrita dificulta a decifração segura de ma.

infinita>[(↑) A sua propria divindade, <toda farrapo de pobre, a herança paterna> e humanidade, a herança paterna e a materna<,> <o proprio Verbo> <Verbo encarnado e dilacerado, por instinto suicida,>! [↓ O Verbo encarnado no ventre da Mãe e dilac<\*eçado>/erado\ pelo Pae! [{↓} Oh, a tua divindade é divindade humanizada, <enfraquecida>[descaida]; o sol de Deus feito candeia do Pobre... Treme aos ventos da noite, apaga-a <o>/u\m sôpro de creança Quem vê o sol na Candeia ou Deus em Jesus Cristo? Não consulteis astrônomos nem teólogos. Consultae as vossas lagrimas. [A divindade de Cristo cabe numa lagrima, <\*ma> e não cabe em todas as estrelas.]]] Quem o <anima na sua>/ampara\ [na sua]] desventura? Apenas um véu de luar o protege, um sentimento emanado do Infinito. Não é a piedade o sentimento do Infinito a evolir-se do Sagrado Coração? Nada nos exprime <a>/o\ <Imensidade> Infinito como este sentimento em que nos irmanamos a todas as cousas e sofremos a sua angustia, ou <\*sen> viva <como> nos desgraçados ou inerte <como> nos penedos. Mas as chamas vermelhas e fumarentas enlaçam o corpo d<e>/o\ Senhor<, como se o Calvario ficasse no Inferno!>[.] <Crescem>[(↑ Aumentam] no negrume noturno, redobram de furia, como braços ou azas desesperadas, debatendo-se no supremo esforço de queimar o trono celestial. Mal se descobre, atravez deles, a divina Imagem, <que passa> elevada ao rubro esplendoroso. [↓ Mas a cruz parece de gêlo ou prata.] Em volta dela, bailam inumeros diab<er>/r\êtes,

<tambem incandescentes,> os do <daquele> cortejo carnalêsco, tambem <incandescentes!>[(↑) rubros da mesma incandescencia.] Ouvem-se gritos e risadas naquela fantasmagoria esplendorosa<, que>[.] <l>/L\embra um[a] <incendio>[(↑) fogueira] de <perfis>[(↑) visagens] diabolic<o>/a\s subindo para o céu<, que se abre> <entreaberto> <aberto> entreaberto, a mostrar o <v>/V\asio tenebroso <das suas entranhas, tão sedento de luz que nem todas as estrelas o contentam, e distila, atravez delas, sobre o mundo,>.

Extingue-se a fogueira. Que resta? Uma cruz de carvão sobre um Calvario de cinza <e, diante dela, a eternidade.>[.] Sinto-me sob a opressão dum pesadêlo, dum pesadêlo frio em que me vejo nu, a tiritar, ao halito dum Zéfiro esculpido em gêlo, como em mármore o dos gregos. Passa, por mim, a voar, aquele anjo duma brancura arripiante. Lança-me flechas de neve e ri <como um perdido>.. da minha atitude <ridicula>[(↑) caricata], que a nudez é <ridicula> carica<tura>/ta\ à força de miseravel. Um macaco pel<o>/a\[(↑)do], eis o ultimo simbolo da miseria. As fléchas batem-me no peito. Grito, vou acordar, mas não acordo. É o scenario que muda, de repente. Lá está[, n]o largo de Travassos, a rapariga, a crescer, diante de mim; a crescer e a envelhecer, a percorrer vinte anos por minuto!

<Como a face lhe enruga e lhe embranquece<m> <os>/o\ cabelo,> E o vestid<o>/i\[\downarrow nho] de chita cresce com ela;>[(↑) a colar-se-lhe <aos ossos>[↑ corpo] ressequid<os>/o\]; <e os seus remendos multiplicam-se como as estrelas à noitinha> <já em> madeira de Santa... [E os brancos do cabelo reluzem-lhe na fronte e pelas rugas d<o>/a\ s<eu>/ua\ <rôsto>[\downarrow face], deslisam <pérolas de> sombra[s] de lagrimas.]] <e os remendos multiplicam-se nas saias e no corpête.> <E já tem fios brancos n<a>/o\ cabê<ça>/lo\ e <rugos> sulcos na pele do rôsto.> Que velhinha! Contempla-me silenciosa, com a mão direita a apontar-me o Crucifixo, mais tôsko e <\*indeciso>[↑ informe] <nas>. É um tronco de castanho a regressar ao castanheiro, que os Deuses saíram das árvores e regressam à Floresta <druídica ou> Negra, onde retemperam a sua divindade enfraquecida, desde Cristo.

Tambem eu me transtorno estranhamente, rejuvenescendo do modo mais fantástico. Rejuvenesço para lá da minha infância invocada, a uma distância infinita de mim mesmo! Sinto-me o quer que é de vegetal a converter-se em animal, uma estrela do mar a reluzir na espuma, a destacar-se da Via-Lactea... Sinto-me em chimerica metamorfose, ondulo num dilúvio de sensações que se renovam e já são outras. <Como ela> <m>/M\udam de cara, mas não de carne! Ouço pancadas vindas <de fóra,> não sei donde. No escuro <eu> <interior> em que me debato, forma-se uma nodoa branca. Tacteo no sentido luminoso, de encontro a [↑ uma] espessura a perder a opacidade. A nodoa branca <augmenta> aumenta<. Direi que se abraza de esplendor.>[\downarrow , ilumina-se,] <T>/t\ransfor-

ma-se, por fim, numa paisagem, ao sol. Que aparição! Um etéreo deus <a> espalh<ar>/a\ na terra os fios doirados do cabelo. Como eles brilham, através do espaço, <em que>[↑ onde] se esculpe o busto de Apolo, abraçado num riso universal, o esplendor da crueldade, o sangue que nos gira nas veias para <jorrar em> golfar em jorros vermelhos, do golpe da lança ou da azagaia, a aza alegre do ferro homicida, a aza da inspiração homérica. Deslumbra-me o cenário que existia para além dessa espessura negra em que eu era uma confusão de sensações obscuras e um desejo <[(↑) (não é o desejo toda a ciência da vida)?]> de as clarificar e dominar: o desejo de ver a organizar uma pupila. E a modelagem dum ouvido pelas mãos fantásticas da alma ou do desejo, que é toda a ciência da vida, essa força interior e exterior ao barro, a trabalhá-lo de dentro para fora e de fora para dentro (estas distinções pertencem apenas à nossa inteligência) até que ele afronte a luz do dia, como <a própria> <estatua do <ser>[↑ homem] <que> <que tem, como>[↑ no seu] pedestal, o mundo.> estatua animada, no seu pedestal, o mundo.

Oh, o mundo, diante dos meus olhos! É uma flôr e um fructo. A flôr deu a mitologia, o fructo a

zoologia. A flôr murcha, se a contemplarmos com demora. <É delicada de mais para suportar a presença humana, o bafo da bête apocaliptica.> A misera torce-se na haste e deixa cair as pétalas... É delicada de mais para suportar a presença humana, o bafo da bête apocaliptica. O fructo <mordêmo-lo e mastigamo-lo.> apodrecia-nos na bôca, se [(↑) o] não <o> devorassemos imediatamente. Mordemo-lo e mastigamo-lo<, que delicia!> com os mesmos dentes do macaco! <Oh> <q>/Q\ue delicia panoramica, [(↑) primitiva,] todo o jardim do Eden! Ó paladar encantado! Percebe-se a origem da fantasia, o seu ninho, nas Espérides, onde ela criou azas para voar <até ao céu!>[.] Foi quando o primeiro navegante da Atica, sequioso da estiagem, no mar, descobriu as primeiras laranjas, numa ilha. Aquele sumo doirado a humedecer-lhe, tão fresco, o lume dos labios, a sêde, é o propri<o>/a\ <genio> fonte do genio helenico; é já o verbo de Platão, o sabor das cousas, transcendente, de que elas depois derivaram por fatal materialisação ou decadencia. Mas esse divino sabor, pelo divino Filosofo revelado, ficou a reduzir <eternamente> <a nossa imaginação.>[↑ -nos, para sempre:]

Viver é saborear um fructo. Mas ha [os] que<m> viv<a>/e\ [↑m], rilhando ossos; e é <nesses>[↑ neles] que o paladar adquire um melindre extraordinario e o poder [(↓) archi-faminto] de visionar o Fructo, por

excelencia, esse que nos mata a fome eternamente, porque só existe na Eternidade.

<Ó Romana dos romanos, vae cevar porcos! Temos o Sagrado Coração, o <f>/F\ructo vermelho<, o fructo vivo, o fructo> [↑ e] palpitante do Amor!>

Deslumbrava-me, no meu sonho, <em que> e ao mesmo tempo, <me> sentia[↑-me] qual bicho imundo a rastejar no lôdo e nas folhas apodrecidas da Floresta Negra, essa floresta que todos trazemos cá dentro, <na <Germania> Alemanha.>[(↑) ou no principio do planeta.]

O cheiro a pôdre enebria as arvores e certos bichos <muito> requintados <na> e muito vegetaes na sua animalidade. Tem raizes nos pés e <folhas, na cabeça.>[↑ galhos na frente peluda.] Tocam flauta numa cana furada e atrevem-se a pôr as patas no Olimpo. <Mas os>[↑ Mas os] Deuses esfolam-nos, vivos, por ciume...

Rastejo no lôdo, e abro os olhos espantados, tão famintos de céu, que me dão azas. Elev<o-me>[↑ amo-nos] no espaço anoitecido, como famintos de estrelas, fructos de oiro! <Embelezamos><[↑ Idealizamos]>[(↑) Embelezamos] um fruto para lhe aumentar o perfume e a doçura. Porque divinizamos o Senhor<?> e o pintamos como Cordeiro? <Para o tornar>[↑ Tornamo-lo] mais saboroso. Vêde a graça da Comunhão. Comer, beber, saborear, <satisfazer o gôsto>[↓ gosar] até ao Infinito, <gosar por toda

a eternidade,> eis a ambição[(↑) , o ideal] da bêsta <que se idealisa <como um ente sobrenatural>[(↑) a si própria.]>[(↑) humana.] Rompe os seus limites, expande-se num sonho que é ela mesma elevada a uma alta temperatura, transitando da sólida realidade para um ente vaporoso, um semi-deus! Aonde o levou a <ferocidade>[(↑) voracidade] <fantasista, a voracidade poetica!>[(↑) fantasista!] Levou-o à Ceia do Senhor: uma ceia também idealizada, o ante-gôsto da Vitima<.>/,\ <a vespera do Banquete> uma obra de arte poetica...

<Rastejo, deito a cabeça fóra da caverna, a visionar <o> palacio[s] <e> <e o templo> encantados>[(↑) Oh, a visão duma ceia eterna!] São estes olhos libidinosos, onde o instinto genésico <reluz> <se acende para nos incandescer <o corpo todo> o corpo><, que>[(↑) reluz <como duas estrelas,>] [(↑) <e> [que]] desfrutam a fêmea <antes do coito e><[(↑) imediatamente e]>[(↑) antes do coito,] mergulham na taça <de licor> antes de lhe emborcarmos o licor. São estes olhos, **sentinelas do corpo, desviados do seu oficio vigilante e entregues a um trabalho desinteressado**, como esse de plantar uma roseira em vez duma fructeira. São estes olhos que emprestam as suas chamas ao Inferno<, alumiam o trono do Senhor. E alumiar é pedir [(↓) ou roubar] às cousas as suas formas coloridas.> à sombra <tudo o que ela <guarda> esconde,> para haver lume, no Inferno<,>/,\ E alumiam o trono do Senhor, <roubam-no à sombra que o esconde.> para que haja duas luzes na <noite

do Infinito. Que os nossos olhos roubam e incendeiam.> na escuridão infinita.

A bêsta senta-se, à meza, onde um anho assado rescende todos os aromas deliciosos que envergonham o duma rosa<, <que uma>[↑ pois a]>[. A] rosa parece ter vergonha do seu <perfume.>[↑ aroma.] Como ela córa, a mística donzela! E eis o resplendor da divina graça, — o mesmo das caveiras apostolicas, a vergonha dada em luar, que um [(↑) verdadeiro] Santo <verdadeiro> tem vergonha de o ser<.>/\ [e o vemos, por isso, aureolado.]

A besta senta-se à meza, deante dum anho assado; e ajoelha, deante da <hostia> ostia, redonda e branca, duma finura pelicular, entre dois dedos eclesiasticos. Devora o anho e a óstia, a meza e a sobremeza, <esse> o toucinho de pôrco e o do céu... E é Vila Real que me aparece, no mesmo sitio de Travassos, amargo nome de rustica cidade, num ermo planalto <agreste>, ladeada [(↑) ao longe,] de pinaros <desnudos> e penedos, esfinges e obeliscos, como qualquer Menfis lusitana, que a Lusitania é um Egito da <idade da pedra...> petrea idade... ou uma Atlantida <submersa num Atlantico de sono..> no fundo dum mar sonambulo.. Como toucinho do céu até sentir um pesadêlo

infernol. O toucinho enquanto é toucinho, produz-me um pêso de suino gôrdo, <apoiado em quatro patas,> pois um magro, sonhando, engorda. D. Quixote [(↑) , adormecido,] revia-se Sancho Pança... E um riso [(↑) lôrpa e] feliz pairava-lhe nos labios...

Mas o toucinho, na sua qualidade celestial, percute-se, em angelica doçura, no meu paladar extasiado. Ouço a musica dos anjos; ou, antes, mastigo-a, assimilo-a perfeitamente. E <encontro-me a> recit<ar>/o\ os psalmos de David, naquela praça <ou>[↑ ou] largo de Travassos, <em frente><[↑ ao pé]>[(↑) em frente] d<a>/u\ma cruz <abandonada>[,] donde fugira o <corpo do> Senhor. Rodeiam-me <varios>[↑ velhos] camponeses, cada um com <a>/o\ <sua> seu rosto de fraga<, onde barbichas de musgo tremem, ao vento.>[↑ musgosa.] Deitam-me um olhar de pedra poida, aquele olhar mineral de estatua, perante o seu modelo em carne viva. Murmuram ignotas palavras. **É o vento.... um éco morto do meu canto.** Canto <em frente da> aos pés da cruz, vestida de negro, pobre viuva de Cristo, que, distante dela, está em pleno idilio com a vida, coroado de rosas pelos anjos. É um corpo esplendoroso, ainda humano, mas duma humanidade passada pela terra do sepulcro, filtrada, limpa de qualquer nodoa, como a do beijo de Judas. <Apenas>[↑ Mal] se [↑ lhe] conhecem os sinaes dos cravos, nas mãos. Lembram estrelas que sararam. Brilham

<ainda>, mas já não dóem. Enquanto o Esposo amado sobe ao céu, a Cruz, <toda de negro,>[(↑) <luctuosa> de luto pesado,] chora a sua <negra>[(↑) triste] viuvez. O meu canto não a <distráe.>[(↑) comove.] Permanece, negra e hirta, de braços <esqueleticos> abertos, como se o tivesse ainda nos seus braços. Um ninho abandonado não parece ainda cheio de azas <?>/o\u de passarinhos que voaram?

Cristo, ressurgindo da morte, deixou, no mundo, aquele esqueleto de mulher a crucificar todos os homens. A uns crucifica-os, por dentro. Ha almas que são calvarios, com todos os personagens da tragedia, desde o Centurião a Maria de Magdala. A outros, os mais felizes, crucifica-os por fóra ou apenas em efigie. Estes ajoelham, deante dum Crucifixo. Persignam-se, molham os dedos em agua benta, [(↑) <inclinam-se,>[(↑) curvam-se, sob o pêso da \*humildade,] **beijam as contas do rosario,**] fazem os varios gestos da <\*lu> etiqueta e do cerimonial religioso. <Estão>[(↑) Encontram-se] na presença de sua Magestade, a Catolica, no seu trono <celestial> de veludo negro, bordado a oiro, lá nas Alturas. Mas o céu é todo no passado; é feito de <eternidade> tempo morto ou eternidade. Que é a Biblia senão um Epitafio gravado numa tabua marmórea em que ha seculos e seculos petrificados? Assim os anos <se inscrevem> <duma>[(↑) da] árvore estão inscritos no córte

do seu tronco. Como eles se desenham em [(↑) camadas de] tecidos, distintos, circulares, <o>/a\s mais <velho> antig<os>/as\ <envolvendo>[(↑) sobrepostas] ás mais <recentes,> nov<os>/as\, até à casca protetora <das>[.] [(↑) Protege-a das]<sup>61</sup> agressões do ambiente exterior, onde surge a bruta realidade hostil a qualquer impeto animado ou num sentido espiritual. Oh que esforço inaudito cada instante de vida representa! <Pois a vida é um>[(↑) Não é <ela> a vida um] <impossível>[(↑) um milagre], um absurdo <tornado natural,><?>[(↑) <tornado natural> um impossível realizado?] Imagine-se o que [(↑) não] foi necessário para que ela <se tornasse natural,>[(↑) irrompesse] <n>/d\o próprio seio da morte ou da existencia! [A Natureza é anti-humana e anti-divina<, é contra tudo o que <\*preten>[(↑) aspira]<sup>62</sup> a ultrapassa-la.>[(↑) ou anti-sobrenatural.]]

Lá está a Cruz, tão negra e solitaria, sob um <alpendre> teto apoiado em quatro <colunas> colunas<.>/,\ que gemem, feridas da aragem serrana, essa Euménide a <\*fug> fustigar a paisagem, com um bátego <de gélid<o>/a\s <fios invis> cordas invisíveis.>[(↑) invisível e gelado!] E fustiga a Cruz, a viuva, com uma indiferença terrível, a mesma do fogo a morder o corpo dum mártire<, que a natureza é contra todos os sêres e todos os deuses, contra tudo o que aspira a ultrapassá-la.>. Fustiga-me a face aquele vulto aéreo que pára, ao meu lado, e a mesma rapariga de Travassos, envelhecida e coberta de farrapos esvoaçantes, a apontar-me a cruz que treme e fica abraçada novamente à mesma <\*taca> tósca imagem de madeira, um <Cristo por>

<sup>61</sup> A chamada para a margem foi feita a preto, mas o texto foi escrito a vermelho.

<sup>62</sup> As emendas imediatas na sobrelinha são muito raras no manuscrito; este caso, <\*preten>[(↑) aspira], terá ocorrido por falta de espaço, dado que, inserindo-se numa adição mais extensa, encontrou a linha a seguir já preenchida.

Cristo Jesus por graça do Reino Vegetal<, um Lírio nos dentes dum animal.>. Que seria dele traduzido apenas em palavras? O Verbo divino é <pe> mais perto das árvores e das pedras que das palavras, miseras caricaturas do pensamento e da emoção <.>/e\ de outros sêres da nossa intimidade. Cristo nas nossas palavras, que tragédia! Nem a do Calvário! Antes naquele tronco de madeira, exposto à aragem da serra, ao halito d<o>/u\[\↓m] Demonio polar. Podemos beijá-lo nos pés, como Santa Maria Madalena e agredi-lo como qualquer judeu. Na imagem material é que ele é o homem, o deus autentico. <Sim, o homem é o deus verdadeiro.> A humanidade de Deus <revela-se>[↑ manifesta-se] em Jesus Cristo<, como a divindade do homem. Antes de Cristo, o homem era deus;>[.] <<d>/D\epois de> <Cristo> <deus é homem> [↑ Depois dele,] é que deus é homem, e é um ateu perante a <Lei Antiga.>[↑ velha Lei.] [(↑) e até perante si mesmo. Humanizando-se, afastou-se da sua propria divindade.] Chegamos a uma especie de Ateismo religioso. Eis uma frase bastante complicada que encerra todo o segredo duma nova Teologia. Atravez do Cristianismo, [o] Deus <trocou a sua <antiga> divindade creadora pela>[↑ creador abdic<ou>/a\ na] humanidade redentora. O homem corrige Deus. Lava-se, corta o cabelo, apára as unhas. Aparar as

unhas é um acto de significado transcendente, o unico acto religioso, todo o Novo Testamento, porque o Velho manda<va>[↑va]-as deixar crescer. Deus só interessa ao homem, como <homem>[↑ [(↑) homem e] Senhor] e ao cão <como cão. Como cão ou como> <[↑ como] dono<?>.> como cão e dono, como o Cão dos cães, o Cão por excelencia, esse que ladra ao *Taurus* e ao *Dragão*, nas alturas <infinitas do Firmamento.>[↑ infinitas.] [O interesse de Deus é tão profundamente doloroso, que só o explica a nossa miseria incomensuravel<, <como o proprio> espaço <\*infi>> <que><[↑ como ela] se dilata, no espaço, para além das ultimas estrelas e se desfalece é no Vasio ilimitado.> como a amplidão nocturna.]

#### IV

Lá está a rapariga envelhecida, com setenta anos dentro de onze anos, que o tempo <\*biolog> vivo é marcado por um relógio que se atraza e adianta, constantemente, onde os segundos diferem uns dos outros. Ha-os que valem anos; e ha anos que não valem uma hora. E, por isso, ignoramos a idade da Humanidade e o processo do seu desenvolvimento historico, dependente <da sua>[↑ dessa] idade; <E assim ela, depois duma atitude encanecida, tem um gesto infantil pois a velhice tem um modo de agir> Será ainda nova a Humanidade? Se é, teremos ainda varias guerras. Se é velha, es-

tamos proximos da paz. Mas a Historia afigura-se-me um impasse, um bêco sem saída... a não ser para o tumulo, sob um <sol>[↑ astro] <encane> [(↑) que foi louro,] de raios encanecidos ou prateados.

A rapariga velhinha aponta-me o Crucifixo <tôscamente> trabalhado com mais devoção e menos arte. A devoção [(↑) do ingenuo escultor] arde na madeira daquela imagem; <e anima-a em vez de a queimar.> <que se anima em vez de ser queimada.> e anima-a em vez de a queimar. Anima-se de tal modo, que se torna caricatural, pois a vida exagerada <para mais ou para menos> ofende a harmonia estabelecida, a <virtude.> ordem, a virtude; é ridícula, embora sublime: sublime e ridícula, quixotesca. O ridiculo mora ao pé do sublime? [(↑) Podem morar na mesma casa.] Assim aquel<a>/e\ <imagem>[↑ Cristo] parecia rir[↑-se] de si mesm<a>/o\, por todas as chagas do seu corpo. E das pestanas dos seus olhos fechados escorr<em>/iam\ lagrimas<, enquanto a ponta do seu nariz, <incande> <rubra de riso, fulgurava> enorme, vermelha, hilariante, fulgurava.>[.]

<Vejo cair>[É] a chuva que trespassa o colm<a>/o\<do> do alpendre; e <logo> um súbito relampago cinge o Crucifixo. Rebenta uma trovoada medonha. A rapariga <cae>[↑ tomba,] fulminada; e a imagem de Cristo <sáe><[(↓) , <como> transfigura<da>-se,]>

[↑ sáe] viva da madeira <morta>[↑ inerte]; mas, no ar, se materialisa e transfigura, toma as formas do Anjo mau. <Solta> Cristo, nos sonhos, é o Anticristo. Sonhar é descantar os Reis...

<Nesta casa cheira a breu;

Aqui mora algum judeu>

<Solta> O anjo mau solta uma gargalhada, junto do cadaver infantil, <tocha <\*to> caída e apagada,> feita de cêra virgem<;> <Mas nas suas feições adormecidas, paira <ainda um sorriso,> aquele <sorriso><[(↑) fio de luz]>[↑ sorriso] que prende os mortos <à vida> a uma expressão que parece viva.>[(↑) que lhe responde com aquele sorriso tão característico dos mortos. <É o>/São\ raro[s] o <[↑ morto]> que v<ae>/ão\ a chorar para o Outro Mundo.]

Rodeiam<-no> a defunta <,>/(\ se esta palavra é aplicavel a uma creança de onze anos<,>/)\ homens e mulheres, de joelhos, num tremular de farrapos ao vento, que lembram labaredas negras<, sob uma paisagem aerea e serrana, toda em pincaros de bronze <vomitando> que se iluminam e apagam><[↑ listradas dum vermelho fuzilado de nuvens <de bronze.>[.]]>

O ultimo relampago da tempestade queima o quadro sinistro, semelhante a uma pintura de painel, tal o silencio livido que envolvia todas as figuras. Eram como encarnações humanas desse silencio a exalar-se do cadaver infantil, sob a gargalhada rubra do Demonio. Como o demonio ri das nossas dores! Ri-se delas <e deita-as fóra>, mal as mastiga, e deita-as fóra. Mas Deus aproveita-as para

[Quando vemos a lua, por uma luneta, sentimo-nos, de algum modo, naquelas solidões duma brancura de gêsso. Esta sensação é matematicamente intraduzível. Só poeticamente a traduzimos. Eis a diferença entre a sciencia matematica e a poetica.]

fins egoistas. Vive das nossas angustias, como nós vivemos de animaes e vegetaes. Tanto viveu de nós que, <por fim,> se humanizou, finalmente e, pelo mesmo processo, nos transmitiu a sua divindade. Vem à terra, chamado pelos nossos gritos. Vem na primeira lagrima, como a lagrima brotou da origem de <tudo> todas as cousas. Essa origem é o mesmo Creador. E Jesus é o Creador na Creatura.

Lá está, outra vez, na sua tósca imagem de madeira, diante da rapariga ressurgida, sem uma ruga nem uma branca.. A ressurreição é <sempre> um rejuvenescimento, uma aquisição de vida nova. E em nossos sonhos, os <mortos aparecem vivos> velhos aparecem na flor da idade, e os mortos vivem, <como> <tão>[↑ muito] naturalmente, como se nunca houvessem falecido! [(↓) <E> <f>/F\al<amos>/o\ com eles sem que <o menor espanto> <nos>/me\ domine qualquer espanto.] [(↗) Como os velhos esqueletos se revestem de carne juvenil! Lá está a Couta<, uma> centenaria, uma rapariga! <E a Viscondessa que me volta as costas a sorrir, arrastando, na penumbra, a cauda de sêda luminosa,> <e>/E\ o Doudo [↓ de Tardinhade] a perseguir um insecto fabuloso. E a Viscondessa que me volta as costas, arrastando, na penumbra, a cauda de sêda luminosa.]

Quem é que sonha, em mim, enquanto eu durmo? <Deve ser aquele fantasma que <\*es> ronda em volta dum tumulo, ao luar..> [↑ Esse ente misterioso] <D>/d\eve ser para nós o que é <o fantasma dum morto> para um morto o seu fantasma, à luz da lua. É <um sêr>[↑ um sêr] tão amigo<,> da nossa pessôa, que não admite o seu aniqui-

lamento. É ele que nos protege nos perigos, desvia-nos dum obstaculo antes de o vêmos; e, como autor do nosso corpo, vela, por ele, <perpetuamente>[↑ sempre]<.>/,\ <Não adormece.> <Está sempre, desperto,> <em nós> <, e vigilante>, ou <sobre a>[↑ na] terra, <à luz do>[↑ ao] sol, ou <sob a [(↑) mesma] terra,> nesse mundo, onde <meu avô passeia, ainda, como outrora,> <aquela>[↑ a] rosa que alumia a minha infancia tem um <frescôr eterno.>

<Mas este sêr> <§> [<freco> frescôr eterno,] [↑ sempre] vigilante e consciente, quando nós adormecemos, **expande-se numa fantasmagoria extraordinaria. <Cria um meio de ação inverosimil e realiza todos os absurdos e impossiveis>** É o imperio absoluto da fantasia, <onde tu><[↑ a] realiza<s>/r\ todos os absurdos e impossiveis> onde se realizam todos os absurdos e impossiveis <que se tornam logicos>. **Ali avisto Jesus**, de madeira e carne, morto e vivo, crucificado e gesticulando <livremente.>. A rapariga foge, atarantada; e, no logar dela, fica um vulto de luar, a lembrança d<a>/o\ seu corpo, e é já o [↑ seu] mesmo corpo, <mas> vestido duma tunica <branca> alvejante. E o Cristo, na cruz, toma diversas aparencias. Muda de fisionomia, a cada instante. Agora, cadaveric<a>/o\ e sangrent<a>/o\, logo animad<a>/o\ e alegre [(↓) , coroado de espinhos e lirios], a morte e a vida sucedem-se nele <com \*um> rapidamente. Abre os labios de cêra macerada, e

murmura: *Ama o proximo como a ti mesmo... De repente, iluminam-se-lhe as palavras na bôca ironica e vermelha: Não ames o proximo.... por caridade: odeia-o por amor de ti, que só tu existes.. O proximo é tudo o que ha de mais remoto; uma coleção de fantasmas, ajoelhados aos pés do meu Fantasma, inutilmente.*

A inutilidade da Creação é mais espantosa que o Infinito. O que me assombra é um sol a brilhar para nada, [(↑) um firmamento recamado de estrelas para nada,] uma Andromeda a um milhão de anos de luz para nos dar uma pequena mancha luminosa! Este *nada* é que é <sublime>[↑ um prodigio] <e>/;\ <†> <E que seria de mim sem ele?> <mais que sublime>, — a propria Divindade que enche tudo, eu mesmo, eu mesmo... <Já vês que> <E eis ahi <porque>[↑ que] vale>[↑ Ah, vale] <ap> a pena viver, pois [↑ só] a vida <é que> nos mostra este milagre estupendo — um Infinito para nada! Compreender este Infinito e adorá-lo, eis o que é <sublime e> digno duma consciencia esclarecida.

Sim, odeia o proximo por caridade... Odeia Deus, sobre todas as cousas, e serás com ele eternamente. [(↑) Os ateus, os pessimistas, os sibilistas é que fazem uma ideia superior de Deus] Eu tambem me odeio a mim proprio, e chamo-me Anticristo. Estou pregado ainda, nesta cruz, por uma fraqueza minha inexplicavel. <Aprendi a extrair a força

<<[O que ha de divino na Creação é a sua inutilidade infinita, uma Andromeda, a um milhão de anos de luz, para nos dar uma pequena mancha luminosa.]>><sup>63</sup>

da fraqueza.> Sou o Hercules da fraqueza, uma parodia divina da minha humana pessoa. Copio-me no estilo de S. Lucas. O que tu avistas de mim é a minha copia, porque tens o sentido da realidade. Sabes muito <bem> bem que não existem originaes, mas copias, copias. Não é o Universo uma copia do Nada? Que <obra de arte!>[↑ maravilha da arte!] que harmonia cheia de luz! Mas a luz é o sorriso do artista, um <sorriso ironico,>[↑ ironico sorriso] <superior><[↑ filosofico]> de quem não crê na sua obra... [(↑) aquele sorriso de Jupiter, fulminando, <outrora,> <\*em \*Roma,> a sua estatua<...><[no frontispicio do seu templo!]>[.]]

Na minha infancia de Pae architectei mil cousas fabulosas, como o espaço e o tempo, para me divertir à custa dos filosofos. <Sonhei> Criei, sonhei, e botava os meus sonhos a voar, <atraves de mim ou do espaço,>[↑ na imensidão da minha intimidade...] que efeito deslumbrante, multicolor, o daquelas esferas gravitando num fundo penumbr<atico>/oso\!

Agora, na minha velhice de Filho, <não faço mais que>[↑ o que faço é] repetir-me. Mas distraio-me, <ao>[↑ ou] contempl<ar>/o\~me em cada um dos teus semelhantes, qual deles o <menos serio>[↑ mais estúpido] no seu papel de humano personagem. Um homem a fingir de homem! <Ha lá nada mais> Que ridiculo! Ridiculo e sublime! Aqui, na Jheria, não ha distancia alguma entre o ridiculo e o sublime. <Mas eu> <s>/S\ou um Cristo iberico, peor ainda, lusitano. Represento a parodia do Divino, <para> ilud<ir>/o\ <a[↑ssim]> [↑ a erma] monotonia <solitaria> desta nova Jerusalem, onde me encontro crucificado

---

<sup>63</sup> Esta adição na margem superior assemelha-se à primeira frase do segundo parágrafo da página anterior: A inutilidade da Creação é mais espantosa que o Infinito.

e de madeira, uma situação bastante confortável. Fôssem todos os mártires de madeira! Eis a <supr> aspiração suprema: ser mártire e de madeira, com chagas e lágrimas pintadas, <e um ar de <infinda> piedade> um mártire panteísta a merecer o culto das <almas e das> árvores. Realizei o meu desejo: ser um Deus de castanho e tinta, um deus feito de tudo, menos de divindade.

Não creias no que te disse a rapariga. [(↑) Percebeste a [↑ sua] ingenuidade <d<as>/a\ su<as>/a\ <palavras?>[↑ afirmação?]>[?] Percebeste, porque entendes o evangelho, essa[s] <frazes>[↑ palavras] que os homens puzeram <na bôca de Deus;> na minha bôca.] Eu, o Senhor? Um senhor crucificado e... adorado! Que sarcasmo! E terrível porque é um sarcasmo de criança! Os escravos mataram-me p<ara>/or\ eu ser o <Senhor dos seus senhores.>[↑ senhor.] Dono dos seus donos <ou o Senhor dos senhores.>[.] Uma vingança transcendente, que espantou os maiores Filósofos. Agostinho não está ainda em si, nem o Tomaz...

Mataram-me por ódio e por amor, dois sentimentos <simultâneos>[↑ num só], como a crença e a descrença, <ou><[↑ as] duas <colinas da mesma onda...> faces da moeda<, que é falsa depois de analisada.>[.]>[(↓) que complexidade e falsidade no <fundo> interior das almas!] Ah, como tudo é falso depois de analisado! Um penedo, em última análise, esvêa-se em mosquitos ilusórios. <E o resto do Universo> E esta cruz em que me não sinto pregado e esta

aureola de lata que me cravaram na cabeça, e o resto do Universo. <Tudo se esvâe em mosquitos ilusorios.>

És um sêr ficticio, meu amigo. E nada, como a mentira, se <\*pre> agarra à vida! Como ela é e se propaga! Ela e a luz, duas azas da mesma ave, que vôa, em circulos cada vez mais longos, até cair no ponto de partida. Amas a vida de tal modo, que <o teu ideal seria ser um penedo> é nesse amor que tu existes, nesse vago sentimental que <\*és misero frio> <[↑ nos] teus olhos, como atraves duma lente,>[(↑) <deante duns olhos,> por efeito dos nossos olhos,] se recorta em nitido perfil. Deante deles, todas as nevoas se retráem, <crystalisam> solidificam numa forma terminante; todas as ilusões se materialisam e parecem realidades. Bem sei que me vês em sonhos e ouves a minha [↑ voz,] sonhando... Quem me contempla não és tu propriamente; mas o teu fantasma revestido do teu corpo, essa farpela <transitoria> <que> contra o frio deste mundo <e o que torna>. Sem ela, não entrarias na existencia. É o teu fantasma sempre vigilante por mais que durmas no teu leito, esse tumulto amavel e aquecido onde é agradavel jazer, como na fundura da escuridão.

Tambem eu não sou eu, mas um fantasma de

Deus que te aparece ou antes <a *saudade de*>[↑ o *desejo mitico*] *Deus*, o Deus verdadeiro, emfim<.> [(↑) \*nunca crucificado nem senhor.] Apareço-te nos teus sonhos, <pois> [(↑) em pleno espaço chimerico só <\*acessivel>/acessivel\ aos fantasmas.] <nos>/Nos\ teus sonhos é que és <tambem verdadeiramente> igualmente verdadeiro, é que tu és o sêr vivo e participas da minha natureza: o sêr que vive em ti e, em meu nome, te criou.

<Quem sonha, penetra numa região ignota, além das cousas.> Quem adormece fica reduzido ao seu fantasma e penetra numa região ignota, além das cousas, onde reina a liberdade da Fantasia creadora. Lá, tudo é permitido a essa Deusa. E o seu acto mais simples é ressuscitar um morto. Quem me quebrou a tampa do tumulo? Quem me elevou ao céu? Ha momentos na Historia em que os homens sonham acordados como se estivessem adormecidos. [São os seus momentos mais belos <e>[↑ ou] os mais terriveis.]

<Vê-se o relampago de Paulo,> <<o>/O\uve-se>[↑ *Trespassa-nos*] o grito de Marat, <vê-se>[↑ *incendeia-nos*] o relampago de Paulo; esse relampago em que o meu perfil se gravou, para sempre, na alma humana. Desde então sou o teu creador. Se eu desaparecesse, desapareceria comigo, pois o creador e a creatura representam o mesmo ente mitologico. Que é a Mitologia senão o proprio drama dos sonhos, no

qual os personagens se distanciam infindamente desses de que resa a Biologia? Que distancia entre <o>[(↑) Marsyas] pré Antonio, <e Marsyas> entre Jo e a Francisca! **Ouve-se mugir o Minotauro e o trote dos Centauros. O Pégaso vôa sobre uma floresta de sombras <ou de árvores só lembrança...>[(↑) ou de árvores mortas...] que floresta ao vento do luar! O luar se condensa em grandes blócos, e eis o templo de Diana todo em mármore. [(↑) Conheço muito bem os meus avós...]**

Sômos o mesmo sêr; e, por isso, converso contigo familiarmente, como se as minhas palavras saíssem dos teus labios. Quem fala não é este Crucificado de Travassos, tôsca imagem de madeira. Não te falo como Jesus cristo, como um Jesus qualquer. <Quem fala, és tu> Ai de mim, se eu falasse como Jesus Cristo! Tremeria[↓m] o céu e a terra[.] <e>/E\ os homens sumir-se-hiam como num cataclismo universal. Mas quem fala, em mim, és tu. És tu, pobre louco da verbomania! Uma doença que faz gemer os prélos.

Digo-te que sou o Pae e não o Filho; o Santo espirito. Mas obriguei-me a ser <um> filho carnal para baixar ao mundo. <E o homem só>[(↑) E não] alcança[s] de avião as alturas atmosfericas, a aureola viva do Planeta? Assim, o Santo Espirito, só de homem, ess<a>/e\ <machina> automovel, consegue andar, no mundo. Tudo miserias humanas

<[Vultos de princezas que só vemos pelas costas, arrastando, na \*penumbra, a cauda de sêda luminosa..]><sup>64</sup>

e divinas: o <avião>[↑ avião] na sua ascensão, o Espírito na sua queda. Mas a queda <de Deus> é o que tu amas, no Senhor, e o crime nos teus semelhantes. Pobre bipede implume, se tivesses azas, terias outra opinião, que as tuas ideias obedecem ao teu estomago, e os teus sentimentos derivam da propria fonte da vida! O que ha de célebre em Roma? A Cloaca Maxima e o Templo de Saturno. Eis a urbe e o orbe, <dentro da Curva infinita ou Linha réta...> abrangidos pela mesma curva infinita, isto é, pela mesma asneira; pois a curva infinita é uma reta. Que é uma cobra enroscada num caule? Uma curva <em linha> retelinea ou uma linha finita e infinita... Lá está ainda, no Jardim do Eden, mais simbolica mil vezes, que a serpente dos egipcios a morder a ponta da cauda. <Ve>

Vejo-a seduzir <a> Eva, como o seu enigma seduz os poetas. É a mulher diante da Creação, <ou de si mesma, a mulher> a auto-contemplar-se num deslumbramento tentador. E entregou-se a si mesma, à Creação. Não me refiro ao pae Adão, muito ridiculo no seu papel de simples colaborador. <Não te afirmei já que eu era o Pae <e \*um>?>

---

<sup>64</sup> A adição na margem superior é semelhante ao fim do penúltimo parágrafo do verso do fólio 94: E a Viscondessa que me volta as costas, arrastando, na penumbra, a cauda de sêda luminosa.

Até eu me sinto ridículo, n<a>/o\ <minha posição>[↑ meu destino] de martirisado e adorado. <E tu não és menos ridículo <ajoelhado>[↑ de joelhos] e de mãos <erguidas, diante de mim> <postas.> <Mas nos outros animaes paira a seriedade do Santo Epirito e a solidão em que ele existe...> erguidas.> E mais crucificado estou [↑ ainda] na minha posição de <Deus>[(↑) Creador] <creador>. Aborrecido de mim mesmo, multipliquei-me em sêres miseraveis e, portanto, ferozes e crueis. É do antro da miseria que saem as feras. Esqualidas de rôsto, de olhos em braza, embandeiradas de farrapos, agarrando chuças, facas e punhaes, saem das cafurnas, em certos dias de matança e regabofe pantagruelico. Incendeiam os meus templos, trucidam os meus devotos! E, todavia, não resisto a apiedar-me dessas feras. Não irrompem elas das profundas? <e>/E\ toda a profundidade é coração. Quanto aos meus devotos... oh, os meus devotos! Como eles exploram a minha popularidade! Que máscaras piedosas! Imaginam-me um inocente, o *cordeiro*<.>/,\ [(↑) que se comove com atitudes <misticas e liturgicas palavras...> liturgicas e misticas palavras.] Introduziram[↑-me] neste <[↑ jovem e]> simpatico animal, como outros meteram Jo numa vaca... e Jupiter num touro... Ignoram o cinismo dum Deus, que desceu ao Inferno, ao terceiro dia. Frequentei <aquela>[↑ a] Academia, não de Platão, mas de Plutão. Ouvei os cinicos da Gre-

[ser um fructo delicioso! tentar os dentes da fome]

cia. O <unico>[↑ supremo] estado intelectual é o cinismo<.>/,\ <A>/a\quele sorriso pairando sobre a verdade das cousas, o unico sorriso digno dos meus labios. Nos meus labios, alumia; nos de Satan, é tão violento que abraza tudo.

Bem sei que o cinismo [(↑) , por mais intelectual,] é sempre ingenuo, como é <\*ci> cinica [(↑) , por mais infantil,] a ingenuidade. Quem é isto e aquilo [↑ em] absolut<a>/o\<mente?>[?] Nem Deus! E eis a diferença entre a moderna e antiga Teologia. A onnipotência divina revela-se universalmente, mas não particularmente. <Deus> A existencia será perfeita; mas, nos seus incidentes, é imperfeita. <D' ahi, o pecado e o crime> O Universo é um <[↑ um]> todo <dif> diferente das partes que o formam. Deus é perfeito porque é um<a> <totalidade>[↑ todo], mas <o homem>[↑ tu] é[s] um [↑ simples] incidente <de Deus>. <Falar so<sup>65</sup>>[(↑) **Filosofar sobre**] a existencia? <Tudo> <o>/O\ que não fôr cantá-la[,] é <estra> estragá-la. Falar de certos pecados é peor que praticá-los. O pecado é essencialmente verbal. [(↓) Deus é o silencio eterno <e os deuses são feitos de solidão. Repito: a palavra é dos Profetas e das <\*mulheres> deusas.>[(↑) Mas todos os ruidos saltam do silencio; e da sombra repontam as estrelas. A sombra e o silencio guardam o Santo Espirito e com ele se confundem. São tres pessoas da mesma Inexistência.]] E só no mundo dos sonhos é que podes ouvir a minha voz. Ahi até falam os penedos e as árvores <parecem notas musicaes.> gritam como violadas pelo vento, esse [{↓} homem] a abraçar todas as mulheres, <no>[↑ ao] mesmo <instante.>[↑ tempo.]

---

<sup>65</sup> *Teixeira de Pascoaes parece ter-se esquecido de completar a palavra sobre na linha seguinte: Falar so- / a existencia?*

Agora, sou o Pae <e>[,] o Filho, e, ai de mim! O Espirito Santo! E é este que está crucificado <e>[,] coroadado de espinhos e de *cana verde* na mão, o scetro de rei absoluto.

Amas-me, porque eu sou o Espirito crucificado. A minha cruz verdadeira não é feita de madeira <,>/(\ nos braços dessa adormeci) mas de todos os erros e pecados da minha humanidade... Que <um> Deus para ser homem... que tragedia! Ninguem entende a tragedia dum Deus humanizado... por amor. É o *Amor de Perdição* tornado infinito. É o Camilo na Biblia! <\*E> Adoro esse escritor, <como>[↑ como] vós adoras as Cinco Chagas. [(↓) É o meu Paulo de... Seide.] Nele sangram todos os filhos desta Judeia, onde Travassos é <Sião.>[(↑) uma especie de Jerusalem duma rusticidade [↑ obscura e] primitiva que me entenece <até as lagrimas.>[!] E aquela rapariga? Que Madalena em botão! Não <pode> <recebe>[↑ mostra] ainda nenhuma lagrima, por ter as pétalas fechadas. E eis a alegria da infancia.] <É o meu Apostolo de Seide.>

Tão grande é a desventura dos homens, que atingiu a Divindade. Ultrapassou as raias da Existencia. E Deus principiou a existir, como esta propria imagem de madeira que te fala e não se cala! Em ti, nos teus semelhantes, tudo é <verbo articulado, feito palavra> discurso e romance. Depois do verbo, a <palavra;>[↑ frase;] depois do extraordinario o <vulgar> vulgar; peor, — a banalidade, essa boia de salvação: boia ou amor... Quem não é banal, falando? Mas <respiramos,>

[O encanto imponderalisa-nos; \*etc. converte-nos numa nevoa amanhecendo.]<sup>66</sup>

desabafamos, respiramos. O silencio afaga, <é um mar>[↑ porque é] profundo. Quem lhe sondou o leito ou divagou nas suas praias<? Só os que alcançam o extase absoluto> <onde o silencio>[(↑) <lá> onde ele] finda e o som começa? Quem? Só a alma de Beethoven, ao pôr em musica o luar.

Falo, e não me calo<, pois>[.] Serei eu? És tu, és tu! Como a palavra é alcoolica! Embriaga mais do que o falerno <e o sumo de Corinto.>[.] Que fôram os Profetas e os Apostolos? Bebados, bebados!, a cantar e a gritar. A embriaguez é mais de Cristo que de Baco. <Que,> A Mártire e a Bacante! Qual delas a mais ébria? A Bacante, aflicta, vomita sumo de Corinto. A martire extasia-se numa <anestesia>[↑ angustia] <absoluta>[↑ divina]... É devorada ou queimada deliciosamente, num encanto prodigioso, <[(↑) imponderalisante,]> em que se eleva para Deus... <O encanto imponderalisa<-nos,> o nosso sêr> <O canto dos Profetas propagou-se no mundo antigo. Oh, o grito de Paulo! Ainda o ouço!> O canto dos apostolos propagou-se no mundo antigo. <Es> Publicaram os dez mandamentos da Redenção, muito convencidos de que os erros são emendaveis, <de> de que o <f>/F\ilho corrige o <p>/P\ae. Acreditavam, como hoje se diria, na evolução progressiva. Eram já so-

---

<sup>66</sup> Adição na margem superior semelhante ao seguinte segmento do segundo parágrafo desta página, a meio: O encanto imponderalisa<-nos,> o nosso sêr

ciologos, em estilo mais ou menos socialista. Apenas tu<...>, meu pobre Paulo de Tarso, viste a verdade... *Salvamo-nos em esperança*. [(↑) E que é a esperança? <A ilusã> Uma ilusão do desespero. Ó Paulo da Iberia! Ó Paulo da Iberia! Depois da carta aos romanos escreveste o Dom Quixote...] Ah, como, em ti, gemia <o <futuro>[↑ porvir] da alma humana! Fôste a [(↑) sua] voz <do futuro> desfeita em lagrimas...> o futuro da angustia humana! Fôste o seu grito <,>[(↑) de hoje,] no passado!...

Do alto desta cruz, <observo>[↑ abranjo] todas as cousas, <ha perto de dois mil anos.>[↑ ha perto de dois mil anos.] O que tenho sofrido, <desde as victimas>[↑ no circo] de Nero às <de Marat!> <das>[↑ nas] fogueiras de Torquemada! Não me queixo, que ser Jesus Cristo é sofrer, como ser sol é aquecer. O sol não distingue entre os vestidos e os nus. Eu distingo. E eis <aqui> o dom humano da minha divindade e toda a escolastica teologica. Tambem estou com o S. Tomaz. É agradável <ser um Cristo de prata, um calvario de <marmor>[↑ marfim]. <Uma altitude, no Verão!>[(↓) durante o calmoso estio.]> [(↓) durante o calmoso estio] ser um Cristo de prata, um calvario de [↑ marfim]. Quando me tortura o calor de Paulo fujo para o monte Branco de Tomaz... Tenho um calvario de lume e outro de neve, <Paulo e Tomaz.> o de Tarso e [o] de Aquino.

Mas amo, sobre tudo, <†> os que sofrem; e Paulo é a dôr da Humanidade. A minha igreja é um casebre onde entra o vento pelos buracos das paredes e as estrelas pelos buracos do telhado. Sorriem-me, como todas lagrimas me sorriem, porque todas comungam a

[Ha pessoas que odeiam o criminoso e não o crime.]

minha imagem. Não veio ela, ao mundo, na primeira lagrima? E a primeira lagrima donde veio? A sua origem perde-se na noite <infinita>[↑ remota] em que se esfuma o principio e o fim das cousas. <Mas> <c>/C\ertas palavras, principio e fim, apenas tem sentido, <aqui,> na cidade de Travassos, <numa>[(↑) nesta minha] Jerusalem <que fica em>[↑ de] Traz-os-Montes. Mas, para <alem>[↑ lá] do microscopio e do telescopio todas as nossas ideias se dissolvem <no Vasio. Apagam-se>[;] com a ultima restea de estrela, na escuridão infinita.

<Assim> Tambem tu habitas, sonhando, a mesma esfera <intangivel <a todos> aos nossos pés e aos conceitos da razão, que a razão só acredita <em> naquilo em que põe os pés> <estranha>[↑ impenetravel] a qualquer conceito da razão. <A> Eu e tu, aqui, somos o mesmo fantasma delirante. Mas a tua consciencia dorme um sono leve; desperta, às vezes; como que se introduz [↑ num] mundo que lhe é vedado<.>/;\ <E>[e] observa certos lances do teu sonho, sem o quebrar. É quando *sabemos* que sonhamos <e que as scenas contempladas não têm realidade.> e não atribuímos qualquer realidade às scenas contempladas<; é>/. É\ um estado animico em que a nossa consciencia, dormindo, é como se estivesse <vi>/a\cordada<.>/;\ e

acordada <cria> origina as grandes prosapias scintificas<sup>67</sup>, essas barrigas cerebraes, [(↑) fradescas] inchadas <como a dos antigos frades><como de toucinho,>[(↑ de <sciencia> sciencia<,> [(↑) dogmatica, postas hieraticamente]] \*num \*Impensavel tão <estupido>[(↑ odioso), como o *Credo*. Não admite nenhuma crença absoluta, no interior dest<a>/e\ <curva>[(↑ zero] que meu Pae <traçou>[(↑ riscou] <no infinito> a giz, <no Infinito,> numa <ardosia> lousa... [↓ ou a luz, no escuro.] Mas ficou, dentro <,>[(↑) dele,] aprisionado. Quer libertar-se da cadeia! Mas o facto consumado é indestrutivel. <E> [(↑) Depois da omnipotencia,] <A>/a\flige-se no esforço da impotencia. Arrancou do peito um grito supremo que sou eu. Sou a dôr do Creador e a da Criatura <\*humana.>[.] <E a que mais me <p> magôa é esta...> Mas esta, é que me dóe profundamente. A minha cruz não é só de madeira. Compõem-na todos os elementos; a sua materia prima é o Universo. Estou aqui, em Travassos, como estou em todos os mundos onde houver uma lagrima a deslizar por uma face <,>/ou\ uma gota de orvalho numa folhinha de erva ressequida, — onde se ouvir gemer a treva. Que destino o dum deus humanizado! Humanizado quer dizer crucificado, martirisado, peor que descrido! <Os pagãos> Antes o ateismo pagão, à Lucrecio. Apenas negava os deuses. Mas crucificá-los só os homens <já> tocados da aura moderna que já soprava nesse tempo. Em certas épocas, o influxo do futuro agita as <árvores> almas e as árvores,...

---

<sup>67</sup>scintificas: *erro por* scientificas.

como se os acontecimentos vindouros <fôssem, de algum <\*mo> modo antes de ser> se adeantassem, por ignota virtude, à sua propria realisação. Uma nova era anuncia-se anteriormente à sua chegada, <por \*interesse> como fôsse a lua ou uma rainha, a mais alta personagem da Historia. E que era se anunciava! <A das monstruosas hecatombes cientificamente preparadas> O advento do Anticristo, <que de colectividade ou Revolução, se fez individuo ou Napoleão...> dum <\*an>/A\nticristo colectivo ou Revolução que se fez individuo ou Bonaparte. Que eu não detesto, como talvez imagines, o Anticristo. E quem <é o Cris> sou eu, <o Cristo,> senão [o] Anticristo do Anticristo <ou um demonio para o Demonio?>[?] Que é o odio ao odio? Será o amor? Mas não é o amor divino, o amor puro, <que sabe a>[↑ essa] agua da fonte <que é <inodora> insipida, inodora e incolor, <as tres virtudes cristãs> <e um limpido cristal,> uma especie de luz liqui<feita>da> e um liquido cristal luminoso.> luminosa e cristalina, mas insipida. <Luz já ha de mais. Vivemos gelados e deslumbrados. O que é preciso é calor, o sol, o sol! Que bom banharmo-nos na onda quente, fluctuar à tona do sol...>

<Oh,> <o>/O\ amor puro, que teologia <\*de> luminosa! O homem é de calor que necessita. [(↑) O que ele tem é frio!] O calor <verdadeiro é um caso moral; é> para o corpo o que [↑ é] a luz <é> para os olhos. O calor verdadeiro emana do <coração de Cristo,> <daquela braza acêsa.>[(↑) Sagrado Coração.] <Por isso, os>[↑ **Eis porque pintam os**] artistas <[↑ o]> <pintam> <aquela braza acêsa> <pintam>, não dentro, mas sobre o peito <da imagem de Cristo, o coração.> de Jesus. E não é coração toda a sua <divina> Imagem <<?>/n\ão é toda> divina? Falo como se não fosse eu a falar, mas tu ou qualquer outro. [(↑) <Cab> **Caibo em todas as criaturas menos num farizeu ou pedagogo.**] Um deus, por mais deus que seja, é sempre um <qu> deus qualquer. <Vê tu>[↑ Oh,] a minha franqueza! <Só em sonhos o> No sonho, ha [↑ outra] sinceridade. **Por isso, dizemos banalidades, a sonhar[,] e caímos em terríveis contradições.** Revelamo-nos inteiramente ou como um sêr confuso e superficial. Só debaixo da ditadura da razão, aguentamos uma certa atitude harmoniosa.

O meu coração é uma braza vermelha, uma chaga em labaredas, a que se aquece a Humanidade, isto é, os infelizes, porque os felizes pertencem á Animalidade. Que é um burguez farto e janota, de charuto caro nos dentes de oiro? Um cão domestico, muito gôrdo e <a cair-lhe o pêlo.>[↑ quasi pelado.] A fartura é inimiga da pele e do pêlo. Quem não conhece a cabeleira da fome? Anda, na rua, a cantar o triste fado... <A>

Ha tambem a calva do artritico-epileptico, como a do <meu apóstolo> Paulo, o meu apóstolo <bem amado.>[.] As suas palavras vibram ainda<,> no ar que eu respiro ou no ar da minha inspiração. Falou, por mim, aos homens, como eu falo por ti, agora. <Vê lá que decadencia a minha!> Falar é o maior alívio do sofrimento. Falamos como gritamos ou gememos e como os naufragos nadam, <\*ma> <em pleno>[↑ no meio dum] Atlântico d<as>/e\ lagrimas... E não sou <eu> o Verbo, em pleno espaço, para lá da História? Direi que nasci no principado de Tiberio, para não ofender a tradição... herética, pois é uma heresia <meter-me>[↑ meterem-me] nos *Anaes* de Tacito ou nas páginas de Josefo.

Paulo entendeu-me, desde o instante em que vislumbrou meu sêr, nas entranhas dum relampago. Em relampago introduziu-me no seu coração que ficou em braza ou igneo de loucura apaixonada. Eu e ele, ele e eu,... quem nos distingue? Só os dialecticos da escolástica. Distinguem e clarificam, formam coleções da mesma cousa. <§> Sabes que ha uma nova escolástica <científica,>[↑ moderna,] tão artificiosa e falsa como a <teológica?>[↓ antiga?] A

*realidade viv*<a>/e\[\↑*n*te] é de pura natureza <emotiva.>[\↑ sentimental.] <E calor sentimental> <n>/N\ão é luz, <intelectual,> é calor <sentimental <porque>[.]>[.] <o>/O\ homem é um animal, [e] o unico animal, porque os outros animaes são esbôços <humanos.> de homens. E atravez das árvores não \*reluz apenas o vulto duma Ninfa, mas tambem [o] do touro alado... Que é um sobreiro senão um boi <em pé> de patas erguidas, com uma confusão de chifres na cabeça?»

## V

**Retoma o quadro o seu aspecto primitivo.** Lá está a moreninha de Travassos, no seu vestido de chita ou duma sêda que empobreceu até ao ultimo fio que parece de algodão. Tem \*os \*mesmos<sup>68</sup> olhos negros e ousados e <aquele seu>[\↑ o mesmo] gesto apontando-me o Crucifixo: *Aquele é o Senhor!*

O Senhor desprende-se da cruz, como numa alegoria jesuitica, aproxima-se dela, e beija-a na fronte. Ouço <aquele>[\↑ o] beijo <que, de subito,> de Cristo que, de subito, se transforma numa estranha claridade em que se diluem <a>/o\s d<uas>/ois\ <figuras, a <de Deus e a da Creança...>[\↑ dele e a dela...]><[.]>[\↑ : ele e ela.] Vejo-me num alto pinCARO, banhado de céu, por todos os lados: ondas e ondas

---

<sup>68</sup> A leitura os mesmos pressupõe que as duas palavras não estão espaçadas, o que não é evidente no ms.; pode ser uma só palavra.

azues, com <flôres> alvos flócos de nuvens. <Deslumbrado>[↑ Ofuscado] ou afogado em luz, como que perco os sentidos. <E \*recl> E recupero-os, em pleno Paraiso, uma especie de Limbo enfeitado de risos de creanças e pequeninas caricaturas de velhos<. Não fôsse a nossa ternura, que o ridiculo mataria todas as creanças.> <O que ha de gracioso e ridiculo na creanças! Como transparece nelas, o anginho e o sagui<, até aquele momento>! Mas na edade juvenil aqueles dois entes se fundem num só demonio encantador.> graciosas e ridiculas, em que o anginho e o sagui misturam azas e guinchos. É a primavera transmontana, essa deusa, <com a trança> desgrenhada ao vento, que nos dá bofetadas de flôres e <saraivadas de risos deslumbrantes e> nos atira com saraiveiros de pérolas <geladas,><[↑ de gêlo] abrasadas em risos de oiro> enfiadas em raios deslumbrantes! A louca deusa arde, <por fim;>[(↑) na fogueira do estio;] e deixa um esqueleto carbonizado e masculino a dessorar melancolia sobre a paisagem. <E>/É\ o outono, esse monge; <E o seu mistico semblante> donde se exala a serafica devoção, como a luz dum cirio bento. Reza ladainhas e misereres até ficar <gelado><[↑ engerido]>[(↓) \*e>/i\ntoairido]<, sobre a \*le> <dentro dum> de todo, <dentro duma>[↑ numa] redoma de neve. Sonho que tenho frio, n<a>/o\ <cama>[↑ leito,] e que os lençoes <que>[↑ me] cingem completamente, com contactos humidos dum

pêso subterrâneo. Esmagado e gelado, <tenho>[↑ desenvolvimento] um impeto libertador; acordo, [(↑) sento-me no colchão<[, sacudo a fronte a vapor<sup>69</sup> os últimos terrores]>] como um defunto que levantasse a tampa do sepulcro. Sacudo a fronte a vaporar os [↑ meus] últimos <terrores> <pavores de enterrado> terrores de sepultado, e recaio sobre a cama, vencido <por uma><[↑ pela] fadiga enorme de quem> <pelo esforço <prodigioso> estupendo da ressurreição.> <Sonho que tombo adormecido> pela fadiga resultante dum esforço extraordinário, — o da ressurreição.

Adormeço logo e e<sup>70</sup> sonho que durmo. E eis o sonho da bemaventurança. De repente, sonho que estou desperto. Abro as palpebras tocadas de etérea claridade. E vejo elevar-se, no Azul, o corpo de Cristo ressurgido.>. <E o>/O\ução uma voz bradar: <r>/R\essuscitou! Ressuscitou! Uma voz chimerica, <e abaladora>[↑ retumbante], e, ao mesmo tempo, <profundamente> silenciosa. Ouvi-a, dentro de mim, embora reboasse na amplidão, onde o corpo de Cristo subia, desprendendo uma chuva de pétalas, que pousavam <no monte>[↑ na montanha] e eram flôres ali nascidas. Que primavera! Que primavera! E sempre aquela voz: *Ressuscitou! Ressuscitou!* écoando de encontro aos penedos, esses brutos da bruta <r>/R\ealidade<,>/. A voz milagrosa será deles? <Uma>[↑ As] estatua[s] <a> fala<r>/m\ . <E>/M\[as] ha uma, em Burgos, que não fala, porque pertence à ordem dos cartuxos. É S. Bruno do Pereira, um S. Bruno portuguez,

---

<sup>69</sup> vapor: *erro por vaporar*.

<sup>70</sup> e e: *a repetição é erro*.

que tinha o culto do Silêncio! <Portugal é>[(↑) É que sômos] um povo de oradores<, e tem, por isso, o culto do Silêncio>[(↑)...] Os doidos não tem o culto da razão? <E quem é que pensa em Deus, como um ateu?> E os ateus não tem o culto dos deuses? Serve-lhes qualquer senhor... que seja mais velhaco do que eles.

O homem não prescinde do Senhor: *Aquele é o Senhor!* E todavia, um grito interrogativo <vibra,>[(↑) *trespassa*] <no>/o\ ar, <eternamente:>[(↑) *constantemente:*] *Deus existe ou não existe? Ha o finito ou o infinito?* A suprema tragédia é que a Humanidade morrerá com esta pergunta na garganta! E quem sabe se <esta>[(↑) *tal*] interrogação vibra, no espaço, <[(↑) *como a luz,*]> desde toda a eternidade. <Não haverá mundos, no espaço, desde toda a eternidade?> <[(↑) *A Imensidade está cheia de almas a gritar,*]> [(↑) *Vibra como a luz, e a luz é talvez um grito.*]

O Universo ignora-se a si mesmo. As consciências que nele afloram não trazem nada, lá de dentro, <conhecendo> e perdem-se numa superficial contemplação. <Mas é possível que só haja superfícies.> Haverá apenas superfícies?

Mas aquela voz não emudece! *Ressuscitou! Ressuscitou!* Só os penedos a repetem, hostilmente, regeitando-a<, atirando-a>. Tudo repele o mi-

lagre: a estupidez dos penedos e a razão humana.

Mas a voz não se cala: *Ressuscitou! Ressuscitou! Surpreendido[,] vejo a rapariga de Travassos que me diz, sorrindo: Não acredites... Quem morre não volta cá... <Já minha mãe me teria <aparecido,>[↑ visitado...]* *<se os mortos voltassem ao mundo.>*[↑ <com> cert<eza>/am\[ente.]]>[(↑) Se voltasse, então, já minha mãe teria vindo, de noite, compor-me a roupa da cama <, como dantes.> e dar-me um beijo na testa..]

E eu sorrindo também: *Esqueceu-se de ti. Que é a morte senão o esquecimento da vida?*

E ela: *As mães, nem depois de mortas, se esquecem dos filhos.*

E eu: *E Cristo que é o nosso pae?*

E ela, tomando um ar sério e iluminado: *Não creio na morte do Senhor.*

E eu: *Cristo está na cruz; nasceu com ela. Está morto e a viver, — sofre. <Para ele, a morte e a vida são o mesmo!> E sofrer por todos nós é a sua propria divindade. <Jesus> <e>/E\stá crucificado e vivo, morto e a viver, desde sempre, ou sempre a falecer e a ressurgir. Na cruz do golgota, ha um eterno adormecer sangrento e um eterno despertar esplendoroso. Cristo vive da nossa morte e morre da nossa vida. Quando viverá ele da nossa vida? Quando os homens fôrem irmãos...*

*Cristo é o heroe da Dôr, e a Biblia <é poema da Dôr, o livro da suprema sabedoria>*[↑ *uma tragedia,*] *a tragedia, o livro*

da suprema Sabedoria. [(↑) A Bíblia é o Livro de Job e não de Jeovah; o livro do Homem desde Adão a Jesus Cristo... <que existe nela de Deus? Um Espantalho aéreo a roncar nas fragas do Sinai.>[<um> <trovão>relampago e um trovão, nuvens, um trovão sobre o deserto, um fundo decorativo..]>[(↗) Deus aparece nas suas paginas, como segundo personagem, num fundo escuro, <cortado, às vezes> sulcado, às vezes, de relampagos..]] *Shakespeare, Hugo e Dovstoeski nadam naquele mar infinito, como peixes no seu liquido elemento. Que tubarões de bôca aberta, com o Moysés nos dentes! Não são eles a liberdade e Moysés a pétrea lei?*

*Já leste a Bíblia? Sabes ler?*

E nesta fraze, a rapariga desapareceu, evaporou-se. É que a sua presença, ao pé de mim, dependia dum nada, como todas as figuras que nos empecem, durante os sonhos. Até uma paisagem sonhada é como um reflexo de paisagem, <uma cousa intangível e ficticia,> uma ilusão colorida e montanhosa, <com um profundo vale chimerico, onde deslisa um rio que faz medo.> cortada por um rio <tenebroso> que faz medo, tem uma realidade plastica tremenda, mas intangível<, só visível> ou quasi intangível. Dir-se-ha que lhe tocamos <\*o> com fantasticos dedos que não recebem a impressão. E todavia calcamos aquela terra.

Sinto-me, outra vez, no automovel, em marcha voada, ao longo duma fita branca, <e sinuosa.> serpeante. E sempre um panorama aéreo e montanhez, não esculpido, mas pintado, numa tela vaporosa.

E eu proprio me sentia como se fôsse o meu retrato a lápis, diante dos meus olhos. Encontrava-me naquela imagem abstrata, ou transmigrado para uma sombra de mim mesmo, dentro da sombra dum automovel a voar. Estranha sensação que deve ser a volupia dos fantasmas, enamorados dessa chimera em que eles imaginam gosar <a paz da morte,> [,] depois da experiencia <dramatica> da vida, a paz da morte.

Mas o nosso fantasma sonambulo repete o drama da vida, introduzindo-lhe estranhas modificações; e dum modo tão arbitrario, que despreza [↑ toda] a logica <racional ou acordada.> das cousas. Ou é caotica e impefeita a recordação do que sonhamos, ou o proprio sonho é descontínuo e contraditorio no seu desenvolvimento misterioso. As forças psichicas, libertas da razão, obedecem apenas aos seus caprichos fantasistas. Não são parentes os loucos e os sonambulos? E a loucura está na origem da nossa alma. Sonhando, enlouquecemos, regressamos ao cáos primitivo. [O sonho é a alma antes do \*damno da razão; é portanto, da mesma natureza da loucura.]

De repente, avisto o Cavado, entre duas margens de fantasticos penedios; e, logo, a serra do Gerez mais fantastica ou mais longe, — a sua fotografia monstruosa.[.] [(↓) Dir-se-hia] <dependurada>[↑ posta] numa parede imensa e avermelhada <que se dilue> <a diluir-se em <brancas> nodoas [↓ brancas] esfumadas>

<para as bandas do mar, <\*la> onde o sol é um globo de ferro em braza,> sob o globo crepuscular de ferro em braza. De que lugubres sugestões incandescentes inf[.]ama a paisagem serrana o anoitecer! Aqueles negros pincares são aflições da terra a caminho do céu, petrificados, como desmoronada foi a torre de Babel. As montanhas sonhadas metem medo. <Só avistamos, trémulos de horror, aos nossos pés, abismos, despenhadeiros, lagôas mortas, lá no fundo.>[(↑) E um rio profundo sobre o qual estamos inclinados, na alta margem escarpada?] Não sei que atração gelada nos desvaira. Vamos cair... E <um grito do nosso peito nos acorda.>[↑ acordamos <a gritar.> num grito.] E o pesadelo, <co> <esse macaco> conforme a crença popular? Já me oprimiu esse macaco, de barrrete ponteagudo, a cavalo sobre <o meu peito> <mim>[↑ o meu peito], a fazer tregeitos e carêtas? Já o vi saltar-me da cama abaixo, no mesmo instante em que abri os olhos e o mostrengo se dissipou na escuridão.

Mas, <de repente,> o Gerez <se transfigura>[↑ transforma-se] num Calvario; e o seu mais alto cêrro numa cruz. E o globo do sol em braza é o rôsto sangrento do Senhor. Descubro, junto de mim, um vulto imenso de mulher, todo negrume ajoelhado e soluços sufocados.

A rapariga de Travassos <transfigada<sup>71</sup>> identificada à propria <\*nout> noite <<?>/q\ue subiu?>[(↑) amanhecete.] <A noite sobe da terra, não cáe do céu.>

Não lhe percebi a fisionomia, mas qualquer cousa a denunciava. Assim o criminoso<, enquanto nega o crime> mostra o crime. Por mais que o negue, falando, a sua sombra parece confessá-lo. Só, em fantasma, sômos verdadeiros, que o reino da Verdade é além do tumulo.

Aquele vulto de mulher volve <os olhos> a fronte para mim. Era ela, a rapariga; era ela e uma bruxa <fantastica,> <enorme,>[(↑) corpolenta] <e> horrendamente envelhecida. Fitou-me; e um riso metalico contraiu-lhe a face encarquilhada e scintilou-se nos dentes de creança, <aqueles dentes> que mordem os fructos proibidos, <de cuja pôlpa sumarenta>[(↑) de cuja pôlpa <sumarenta>[(↑) mastigada]] escorre toda a delicia do mundo. E eis que a brancura dos dentes lhe põe na face uma expressão infantil e graciosa. Mas é um instantaneo ilusorio. Logo retoma a fisionomia de velha bruxa, <com> a rir; mas agora o seu riso é desdentado, a sumir-se-lhe para dentro da bôca. <Já não vôa,> <p>/P\erdeu a força, não vôa. [(↑) Que o riso duma creança vae até onde chega a luz do sol.]

E aquele vulto é cada vez maior e indefinido. É ela, a rapariga, na escuridão <noct> cheia de estrelas? É ela,

---

<sup>71</sup> transfigada: *erro por* transfigurada.

a noite, a bruxa a encantar de estrelas o Vasio.. É ela a noite, o livro aberto do Apocalipse. Cada estrela é um versículo, um sinal eloquente da treva, tão eloquente, que se <torna esplendoroso>[↑ ilumina]. O riso do Fim brilha em todas as estrelas. Que tragédia contemplá-las! Aquelas gotas de incandescência mal reluzem na imensidade do negrume, essa montanha em que os astros marcam diversas altitudes. E entre elas deslisam rios <profundos> de penumbra. O céu <é>[(↑) não é um fundo plano, mas montanhoso,] uma paisagem, toda em <relevos> baixos relevos negros e altos relevos, <cada um> <marcados>[↑ assinalados] [(↑) cada um] por uma luz brilhante, como se eles terminassem numa flécha aguda. Distinguem-se as distâncias a que são de nós, não pelo maior ou menor fulgor das suas alturas, <luminosas,> mas pelo próprio desenho do *acidentado* d<a>/o\ <abobada celeste.> *terreno*. Duma estrela a outra descemos e subimos; <são dois pináculos <de> entre dois vales.><[↓ duas arestas de ouro sobre dois zimbórios]> <H>/h\ a um vale entre dois pináculos. Escusamos de acender esta palavra para que ela nos alumie. O céu é uma continuação da terra, o mesmo panorama em grande <infinitamente.> [.]. Não existem mundos, nem estrelas, nem nubladas, nem cometas<,>/: \ existe o Mundo, a mesma realidade material, que a matéria é a visibilidade

do espirito, como o Santo Padre é o Padre Eterno. <E todavia> É, é, <\*é,> não ha duvida nenhuma! A igreja catolica assenta sobre os proprios alicerces da Verdade.

Como brilha <uma> <a Vega da Lira>[↑ uma estrela,] na escuridão <infinita!>[!] E que é uma alma a divagar no deserto <da morte?>[?] Um pesadêlo de Deus no seu eterno sono. Mas <no eterno sono, não> nós não sonhamos no eterno sono. E eis o que nos destaca do Creador, o sinal da creatura<, o selo da Roda.>[.] Vivemos e falecemos, desejamos e tememos a morte. A vida é desejo e mêdo: um salto para traz do medo, e <um impeto>[↑ outro] para a frente do desejo. É o passo de dança do guerreiro, o movimento pendular, uma translação em linha recta, <uma> o mundo acha<d>/t\ado nos polos até ao equador, uma esfera absolutamente emagrecida, no ultimo fio esticado. Sim, ha esferas magras, triangulos rotundos, paralelos que se cruzam, figuras que *andam paradas*, como as estatuas do vôo e da corrida; e falando, estão silenciosas, como certos retratos de mulher, e <\*viv> certos defuntos que passeiam, ao sol, e certos vivos que jazem no sepulcro... Em sonho, tudo é possivel, e tudo é sonho, <se dermos crédito> <se dermos> se ligarmos credito a tres testemunhos de importancia: Pindero, Shakespeare, Celdéron... Não é sonho o infinito?

Não podemos pensá-lo, mas imaginá-lo simplesmente. É a fantasia do Universo. E o nosso infinito é a nossa fantasia <a> architecta<r>/n\[\↑do] maravilhas sobre a Vulgaridade <universal> mundial. O infinito é o finito a prolongar-se perpetuamente e a eternidade é um relógio a marcar horas infindáveis. <No in>

No infinito tudo é possível; e, sonhando, agimos no infinito, onde a nossa actividade não conhece leis nem limites. Mas a vigília é um regresso solidificante a Euclides, uma cristalização do espaço em penedo, <ou>[\↑ em] Santa Helena debaixo dos nossos pés napoleónicos ou de exilado..<sup>72</sup>

<[[114] <De repente, ou><sup>73</sup> De repente, estranha língua. Encontro-me numa cidade estrangeira, a]> <[[116] <sup>74</sup>

De repente, ouço estranha linguagem. Encontro-me numa cidade estrangeira.]>

---

<sup>72</sup> Uma nota a vermelho na entrelinha indica Vid. pag. 114. Após cancelar o segmento dessa página, Pascoaes substitui o 4 por um 6, a preto. Finalmente, após cancelar esse segmento, e a nota na entrelinha, Pascoaes faz um traço de chamada para a margem superior e escreve, a preto, Vid. pag. 118.

<sup>73</sup> Nota do escritor a vermelho rodeada de uma caixa de texto preta: Para o meio da página 109, verso.

<sup>74</sup> Mais ou menos a meio da página, a vermelho: Para o meio da página 109, verso.

[

[118]<sup>75</sup>

Sonho, emfim, que saio do automovel<. Ouço falar estranha lingua... é>[(↑) no meio dum Largo enorme e cheio de vultos, em redor duma estatua muito alta, a \*diminar<sup>76</sup> <a></u\[ma]> sombra <do Novo Mundo...> em mapa do Novo Mundo. Estou] numa cidade, <estrangeira>[↑ estrangeira,] à beira dum mar azul, sem ondas, só tinta azul estagnada, <numa tela,> com barcos extaticos à vela. <Tudo parado, mas animado de infinda suavidade.> De repente, faz-se a noite e uma iluminação fantastica nas ruas, onde rolam ondas e ondas de cabeças anonimas vomitadas por um ventre. Vão ser engulidas por um tumulto. Ha só digestões e indigestões... a digestão do lobo e a indigestão do burguez, o uivo da fome [{↑} que empalidece a lua já tão palida,] e o arrôto da fartura, aquele duplo arrote em que o bruto estoira, sem se desfazer em cacos. E é o que ha, debaixo das estrelas. E ha ainda, como contraste absurdo, o S. Francisco de Assis, <o>/e\[sse] fantasma de Cristo enamorado da paisagem: o <Irmã agua, irmão lobo,> irmão sol, irmã agua, irmão lobo... que os animaes não se distinguem da paisagem. Ave quer dizer céu, peixe significa mar. O lameiro sem boi é apenas erva. <E <o>/a\ <monte> montanha sem rebanhos não é uma Roma sem Virgilio?>

---

<sup>75</sup> No topo da página, a vermelho: Para o meio da pagina 109, verso.

<sup>76</sup> diminar: provável erro por dimanar.

E que é um outeiro sem arvores? Uma calva ou caveira. A caveira aparece na calva, como [(↑) aparece] a morte na face duma [(↑) jovem] tuberculosa.

Sinto-me levado numa dessas ondas de cabeças que rolam ao longo das vias principais. Lá vae tambem a minha pobre cabeça, flóco de espuma irisada, porque lhe dá o luar da fantasia elegiaca, — uma fatalidade da minha raça de solitarios e tresmalhados que, havendo perdido o vigor antigo, marram contra as sombras e as nuvens, contra a densa Juno e o semi-deus Sebastião. Amamos a sombra da mulher e a sombra dos heroes, Camilo e Camões...

Vou na onda e paro, em frente duma velha catedral. Contemplo a fachada, onde ha colunatas, nichos, Santos; e, nas alturas, duas torres, tudo em pedra escurecida de as acariciar as mãos do tempo. Não haverá caricias destruidoras? E são as mais agradaveis. O tempo não se vê como causa, mas como efeito. É o verdete do cobre e não a chimica, o caruncho da madeira e não o buzanho, <as ruinas do Parténon e não a deusa Minerva. O tempo é o detrito das cousas.> Não é o <p>/P\arténon, mas as suas ruinas, — o detrito das cousas. Num bebé não ha tempo ainda; mas como ele se concentra nas rugas da velhice!

<Não resisto a penetrar> <naquele templo.> [↑ <Entro>[Penetro]] na catedral. Venço a minha <a> antipatia por todos estes graves monumentos, <(>[↑ que eu] só adóro as êrmas ermidinhas, num outeiro triste, ao pôr do sol.>[(↑) com Nossa Senhora, num altar, entre duas jarrinhas <de louça,> onde duas flores <emurchessem>[↓ que] eternamente [emurchecessem...]] Encontro-me num vasto recinto fechado e lageado<, donde> desce <para as profundas> [↑ de ali] uma larga escadaria de pedra, para um templo <subterrâneo,> evocador das Catacumbas e dos martires que nelas jazem adormecidos. Adomeceram na bôca duma féra, nos <braços>[↑ seios] duma fogueira. <E adormecidos num sono triturado <e>/ou\ carbonizado, <fôram postos cada um no seu leito de terra.> cada um deles foi pôsto no seu <leito> terreo leito.>

Logo, no primeiro degrau, ao lado direito, aparece-me a escultura dum S. Sebastião, amarrado a um poste, crivado de setas e com uma [↑ em] cada ouvido, que os ouvidos são as portas por entra a musica de Orfeu no Tártaro...

Era tão sangrenta e <dolorosa>[↑ padecente] a expressão do seu rôsto, alumiado por um cirio.... electrica, que, ao vê-la, estremeci, como se a estatua fôsse viva.

Alguns <deb> degraus abaixo, outro cirio alumiando outro martire, de igual violencia dramatica e funérea, <que>[↑ como] a lividez da claridade salienta e spectralisa as figuras dolorosas! Desenterra-as da sombra, animando-as, sem as roubar à morte <horrorosa>[↑ horrenda]. Que vida não tem

a morte em certos cadáveres pintados, <numa tela,> como <em> o de Cristo a descer da Cruz, nos braços <das mulheres>[↑ maternos] e diante de Rubens, <[↑ o]> ébrio de todas as côres, para quem a luz <era>[↑ é] um corpo carnal de Deusa.

Mas a escadaria não findava, ladeada de martires, qual deles o mais horrível nas suas atitudes contorcidas [(↑) e fixadas num grito silencioso], <pelo maximo <sofrimento.>[↑ desespero.]> Desço <acompanhado>[↑ na companhia] daquelas <tragicas> esculturas, irrompidas dum palôr sinistro, e exageradas nesse <plutonico ambiente,> ambiente de inferno sagrado, até à caricatura medonha de todos o sofrimentos.

Aterrorisado, chego, enfim, a um [(↑) profundo] subterraneo, tabem<sup>77</sup> lageado e abobadado, onde <,>[(↑) se desenhava,] na treva mais densa, <se desenhava um <cortinado> <enorme portal enorme> <cortin> grande cortinado vermelho, como transparecendo <o lume> as labaredas duma fogueira,> <[se] desenhava> um <portal> enorme <portal marcado por um> cortinado vermelho, como transparecendo <as> labaredas <duma fogueira.>[.] Era uma porta enorme, não de madeira, <de> mas de púrpura infernal. Abro-a, e logo me bate nos olhos um clarão estonteante <[(↓) e musical,]> em que se agitam <formas>[↑ manchas] brancas <,>/e\ indecisas. Uma subita pancada musical vibra numa

---

<sup>77</sup> tabem: *erro por* tambem.

atmosfera alcoolica e <deslumbrante> esplendorosa. E aquelas <formas>[↑ manchas] se recortam em corpos nus ou nus por um fio de seda imaginaria<!>/,\ <E>/e\ bailam num desespero de almas condenadas<<.>/,\ [(↑) almas de homens e mulheres.]>[.] Estarei nos dominios de Lucifer ou nas Catacumbas, onde os mártires de Cristo (de Cristo ou de César?) ressuscitaram tão bebados de vida [(↑) sensual] que parecem doidos furiosos. Pode-se morrer cristão... mas ressuscitamos em pleno Paganismo, que ressuscitar é nascer. Passo por entre os pares dançantes, que não reparam na minha pessoa. Todos os olhos se voltam para <um <lo> ponto misterioso do espaço ou do>[↑ o] teto da Catacumba, transformado num Club ou Lupanar, onde os mortos se entregam a deboches nocturnos monstruosos.

<De subito repara em mim,> <n>/N\ão sei que fantastica mulher<. Abandona o par e vem falar-me> <irrompe>[↑ sáe] da turba vertiginosa e vem falar-me. Reconheço-a <muito naturalmente de a ter cantado><[↑ dos]> <n>/d\os meus versos: E [↓ eu] muito *naturalmente*, sem o menor espanto: «Pois és tu?» <interroguei-a <como assombr> apenas um pouco surpreendido..>

«— Sim, sou eu...»

«Imaginava-te nas paginas dum livro...»

«— Mas estou aqui, neste Club...<» — O que é o destino da mulher> Caprichos do <meu> destino...» <Estar <num>[↑ em] verso, <é como estar>[↑ ou] numa

egreja é o mesmo.> Estar num verso ou numa igreja, <é o mesmo<,>/.\ Não nasci para freira.> que mística monotonia! Quero gerar a vida; <B>/b\eber-me, <golo a golo, saborear-me> que eu sou um licor delicioso, saborear-me até à <ul> ultima gôta do meu sangue, até que reste de mim uma escoria fedorenta, adubo para flôres...»

E vi-lhe então nos labios um sorriso perverso e <encantador>[↑ gracioso] em que <se> ela me desvendava todo o impudor da sua nudez, um <especie de> impudor sagrado identico ao das Bacantes em delirio. De repente, anoitece-lhe o perfil, como um facho que se apaga, e cáe-me, <nos braços>[↑ nos braços,] banhada em lagrimas<, nos braços.>[.] Amparei-a, comovido, <e>[(↑) mas] senti [(↑) imediatamente] um desejo estúpido de rir. <Ela olha-me, surprêsa, sobe-lhe ao rosto uma onda <vermelha>[↑ rubra], dum esplendor maravilhoso, <em que me debato> e sufocador. Mal ouço as suas palavras: «O inocente... o inocente... Como a inocencia ri das lagrimas! É idiota. Nem <reconhece>[↑ conhece] a filha que anda, pelos Clubs, a vender-se...> Ela olha[↑-me] como atravez duma tristeza infinda e murmura:

«Coitado....»

Esta palavra aniquila-nos<,>/.\ <de tal modo>[↑ Assim] obedecemos à opinião alheia a nosso respeito, sobre tudo quando

ela é desfavorável. Como que num despertar um pensamento nosso adormecido <.>[(↑) <porque nós, <p>/P\or mais vaidosos [↑ que sejamos], fazemos sempre <de nós>[↑ de nós] uma ideia, <[↓ de nós]> que deve ter <as nossas dimensões...> o nosso tamanho.><(((↓)) Por maior que seja a nossa vaidade,]><sup>78</sup>[Por maior que seja a nossa vaidade, fazemos sempre de nós uma ideia que deve ter o nosso tamanho.] Em vez de lhe <falar,>[(↑) responder,] interroguei-me como qualquer estúpido abstrato <que fala> ou *fala só*, muito convencido de que ninguém o ouve, nem ele mesmo. E assim é. Pronuncia frases em voz alta, <isentas de qualquer sentido mas dum sentido silencioso> <ou>[↑ mas] completamente vazias. Cria uma atmosfera [↓ sonora] em que se distrae <[(↑) ele]>, e é tudo.

Quando <me ergui do meu aniquilamento,>[↑ voltei a mim,] tinha ela desaparecido, por entre a floresta branca de corpos nus, <uma> floresta desarraigada no turbilhão da ventania. Mas vi<\*-me> que eram corpos reflectidos num espelho, simulacros <de bailarinos, lívidos e enlaçados>[↑ bailantes] da nudez, lívidos e enlaçados numa fúria sensual, que a sensualidade enrosca-se nos esqueletos, como <um caule, a edemica serpente.>[↑ <uma>[↑ numa] **arvore a edemica serpente a morder-lhe o fructo proibido.**] Ao lado do espelho, ha uma larga tela, suspensa da parede. Representa S. Jeronimo a escrever um pergaminho, deante duma caveira que ora se esconde numa formosa máscara <femini> de mulher, ora se mostra descarnada, só osso, <a **rir-se dele...**> <\*Pa> como o Parténon, essa caveira sem deuses no miolo... antro cheio de sombra... Redige a epistola *Ad Panlum, super obitu Blesilae filiae*. Do outro lado do espelho, outro

---

<sup>78</sup> *Aparentemente, Pascoaes abandonou esta emenda na margem inferior, uma vez que a frase da emenda estava incompleta, e optou por comprimi-la na margem superior, possivelmente para evitar cortar a página de alto a baixo com um traço de chamada.*

quadro: João, na ilha de Patmos, a compôr o *Apocalipse*, com o mar aos pés e uma aguia a poisar-lhe sobre a fronte. Rodeiam-no as visões suprêmas daquela Satira judaica <;>/—\ Ó Cristo do *Apocalipse*! <Ó>[(↑) Ó tremenda] caricatura de Cristo<, toda em metal e pedras preciosas!>[!] Ó <c>/C\ordeiro morto e de pé, com sete córnos e sete olhos <!>/e\ uma espada de dois fios a sair-lhe da bôca! E <os sete candieiros de oiro,> o trono <no meio>[(↑) e os] quatro animaes <reluzindo pupilas por todo o corpo> crivados de pupilas fulminantes [(↑) , a policia da biblia]! E o livro selado com sete sêlos, o dragão vermelho com sete cabeças e dez cornos, os sete calices de oiro cheios da ira de Deus, as sete pragas dos Anjos, e assente em nuvens de brancura a nova Jerusalem, <toda de oiro e pedras preciosas!>[(↑) o panorama em oiro da cidade... quem o não vê ao sol nascente]

De repente, aparece o S. Jeronimo no meio do bacanal. Dança, abraçado a um esqueleto <de mulher...> feminino, essa cortezã absolutamente nua, dum <cinis> impudor que ultrapassa as raias da morte! E o poeta apocaliptico salta da tela <para> abaixo e baila erguendo, na mão, a taça <ch> de oiro a trasbordar um liquido espumoso... a ira de Deus ou a loucura dos

homens? É tudo a mesma espuma enebriante...

Assistia à ressurreição dos mártires por obra e graça do deus Bacho... Mas os sonhos não perduram. Sucedem-se uns aos outros, um turbilhão de fantasmagorias indescritíveis que mal se deixam esboçar.]<sup>79</sup>

<Sonho>[↑ Entro], emfim, <que saio do automovel,> no terreiro da minha casa, e [↑ e sonho] que me deito na cama, fatigado da viagem. <E sonho ainda.> E uma nova figura me aparece, <uma rapa> Retrata-se na minha fantasia, desde sempre. Durante o dia, é <mais um sentimento vago, indefinido;>[↑ simples lembrança dolorida;] mas nos meus sonhos, é um vulto perfeito de mulher, de <des> quinze anos de idade; a idade em [↑ que] morreu tuberculosa. Pass<a>[↑ou], por mim <[↑ , uma vez,]>[(↑) (servia em nossa casa)], no corredor antigo, <tarde da noite, em trages menores,>[↑ em camisa branca de dormir,] porque era tarde da noite e não esperava encontrar alguém, àquela hora. <Vendo-me,>[↓ Encarando comigo,] subiu-

---

<sup>79</sup> Termina aqui a emenda começada no fólho 118.

lhe todo o pudor à face já ruborisada pela febre; <e, como para ocultar o que sentia,> <e faltando-lhe a voz de envergonhada, e para ocultar o que sentira,> e, não se atrevendo a proferir qualquer palavra, <teve um sorriso envergonhado> <quiz>[↑ tentou] ocultar-se num sorriso envergonhado<,> <que a envolveu <realmente> numa especie de aureola encantadora><numa especie de <aureola <misteriosa> em que todo <o seu perfil>[↑ ela] se desenhava,>[↑ nimbo a desenhá-la] como uma transfiguração misteriosa.>[(↑) ; mas o sorriso, em vez de a <ocultar,> esconder, parecia desenha-la etéreamente...]

Foi tal a [↑ minha] impressão <que me causou,> que a rapariga aparece em <todos> quasi todos os meus sonhos. <Assim>[(↑) Donde virá ela? Donde vinham] os Deuses [{↑} que] apareciam aos Heroes? Aproveita as horas da minha velhice adormecida e surge, deante do meu fantasma juvenil ou da minha infancia ressuscitada nas profundezas genésicas do son<ho>/o\ . A nossa infancia é imortal. Jaz viva num corpo velho ou moribundo. Logo que este adormece, acorda ela, e passeia, cá fóra, à luz do sol, naquele cá fóra, muito intimo, em que se desenvolve o drama dos nossos sonhos. Vejo-me <no>[↑ num] passado <feito> presente, ao lado daquele vulto de rapariga, <—> vestindo apenas uma tunica de linho, donde lhe sáe o rôsto afogueado, um lampejo de febre que me lembra a aurora da morte, <[(↓) feita deusa,]> irmã da <que acende o facho do dia, nos versos de

Homero e nos cêrros do Marão><[↓ deusa cantada por Virgilio.]>[↑ da aurora <que t> cantada por Homero.]

Agora passa por mim, <[(↑) com a face inclinada e]> <como> abrazada de pudor febril, [(↑) sorrindo,] como a esconder-se dos meus olhos, <[(↑) <num sorriso envergonhado,> <que me>]> <a>/—\ <transmit<ir>/e\<-me> não sei que dôr <encantada num sorriso> misteriosa.> <Mas esse riso<, em que a sua formosura se tornou misteriosa> exagera-se-lhe nos labios, de repente, é uma labareda a <queimá-la. A labareda>[↑ A] cresce[r] e <cinge-me> [↑ a] enroscar-se<-m> no meu corpo. Mas não sinto a menor dôr. Espanta-me o frio daquela chama <logo><[↑ já] reduzida>[.] E ouço-a a falar ironicamente.

De repente, volve<, para mim,>[↑-me] <o rosto>[↑ a cara], <e fala-me ironicamente.>[↑ incendida, e] trata-me por tu, ironicamente:

«Dizem que és um poeta, um planeta, <assim uma palavra>><[(↑) onde a beleza se intensifica e parece lampejar e]>

De repente, pára, volve-me a cara, <muito corada> como pintada a lume, num fundo negro, pelo divino Rafael. E fala-me, tratando-me por tu:

«Dizem que és <um> poeta, <um> planeta, assim uma palavra. Sei que adoras a Natureza, o Sagrado Coração, a musica das cousas [(↓) e a dor das lagrimas], aquele som que [(↓) ao luzir da alva,] doira as nuvens e <a>/o\ <m> canto

das esféras que rebôa por toda a abobada nocturna. Vês, em tudo, uma harmonia ideal, uma obra de arte. E o artista? Eis <o>/a\ <fantasma>[↑ sombra] que te persegue... Sou eu, sou eu, esta rapariga tuberculosa que [↑ tu] vês como se fôsse o anjo da Creação. Não ha quem veja Cristo num <mendigo?>[↑ pobre?] E quem sou eu a conversar contigo, aqui, às portas d<a>/o\ <minha morte?> meu tumulo? Que eu já sinto a morte, não gelada e linda, mas quente<, a passar-me uma labareda rubra pela cara> <e rubra>[↑ e vermelha,] como o halito duma fogueira. <Pois esta imagem a> <<a>/A\rd<er>/o\>[↑ Ardo] deante de ti, e te<m>/n\[ho], nas mãos, a tua alma, para a lavar no <lume>[↑ \*polme] que <a>[↑ me] devora. O <lume>/fogo\ é que lava, não a agua. É de fogo o autentico batismo<!>/,\ ó meu filho! E o autentico Batista <\*—> <\*es> é este anjo ou demonio que te fala, <para esquecer os seus cuidados e enriquecer-te, ao mesmo tempo, a fantasia> para te despertar a fantasia, tão enamorada de mim ou da beleza! Sim, és um artista. Não admities um mundo reduzido a um simples conjunto de fenomenos vulgares. Um mundo sem milagres, que miseria! Como não ha de haver miseria num mundo miseravel? Mas tu pretendes embelezá-lo<.> [(↑) enriquecê-lo. Como os artistas são burguezes!] Converte-lo no Parnaso de Apolo e no <c>/C\alvario de Jesus... Assim lhe dás um valor mistico e primaveril, enche-lo de azas e <\*fl> pétalas. É outra cantiga! É uma cantiga mesmo, e dum lirismo!

Sou um demonio; mas faço o elogio da <Religião.>[↑ Divindade.] Perdi aquele fanatismo do Mal, que era o terror d<a>/o\s <almas,>[↑ mortaes;] aquele fanatismo elevado ao rubro, — todo o lume do Inferno!

[(↑) Já não sou ela, a imagem <a arder em febre.>[↑ febril.]] Apaguei-me. <[(↑) Sou um demonio apag]> Sou hoje um [(↑) demonio] desiludido que se revê em todas as desilusões, como colecionador de antigualhas, incluindo as imagens sacras, principalmente as roidas do caruncho ou esmaltadas de verdete. Como já não tenho razão de ser, agarro-me ainda à Archeologia e presto culto a certos vicios <proibidos>, em homenagem à Moral. <Tenho ainda o culto da Proibição> Ha duas maneiras de prestar culto a qualquer virtude. Cultivando-a ou ofendendo-a. E eis o que distingue <um> o anjo bom do mau. Que o mau foi bom, conforme reza a Biblia, e o mais <estimado>[↑ querido] do <Senhor.>[↑ Padre Eterno.] Que seria de mim sem a Biblia e de Achilles sem a Iliada? Sou um demonio triste <ou do meu tempo.><[↑ †]><[(↓) já ilusorio]>[.] Conheço a Fisica e a Politica. Admiro o Hitler, que é um demonio verdadeiro, <fóra do tempo e do espaço,> <num inferno em que já não existem almas, porque a sombra de Cristo se desvaneceu, no Infinito. Até quando? Agora, divaga, de <astro>[↓ estrela] em <astro>[↓ estrela], solitario, aquele Fantasma

sobrenatural. E <os>/a\s <astros>[↑ estrelas] tem outro brilho nocturno, um brilho de lagrima <ou gôta de dor acesa.>[.] Admiro o Hitler, esse > [um] demonio moderno, <que se entende com os corpo<sup>80</sup> como eu me entendo com as almas.>[(↑) todo Cesar contra Deus!] Ao lado dele, sou uma pessoa antiquada que sabe latim e teologia e se queixa do reumatico. Mas o Germano ignora essas velharias. <Posterior e anterior> Representa a <f>/F\loresta Negra de gigantes loiros, ávida de deitar raizes em toda a superficie do planeta. Quer devorá-lo sósinha, até rebentar de farta. É o desejo <\*maixo> maximo em actividade, a tentação da posse absoluta. <Todas as feras numa Fera,> <t>/T\odos os demonios num Demonio, eis o Hitler. Introduziu-se no povo germanico, esse povo de possessos, não morbidos ou em estilo moscovita, mas ébrios de sangue a incandecer-lhes a carranca! Como eles atulham a bôca! Como as bochehas<sup>81</sup> se lhes dilatam! Mastigam nações e dejectam escravos, gente para estrume...

Admiro este demonio moderno, esta encarnação do Verbo faminto <,>/e\ feroz, a Selva a cravar as <rai> raizes ou as garras em toda a pôlpa do Fructo Proibido. <O mundo é a maçã do Eden, e o Infinito um pomar carregado de frutos de oiro.>

---

<sup>80</sup> corpo: *erro por* corpos.

<sup>81</sup> bochehas: *erro por* bochechas.

Ha uma beleza barbara, uma cultura barbara, negadora de Cristo e d<a>/o\ <alma>[(↑) Espirito], ess<a>/e\s <velharias,>[(↑) arcaismos,] e afirmadora das energias brutaes e naturaes, que se desenvolvem em cert<o>/a\s <povos>[↑ raças] acabadas de nascer ou renascidas. <Ainda> <c>/C\heiram a mãe, a terra, a leôa <que ruge pela bôca dum deus terrivel> <incandescente.> que ainda respira fogo pelas narinas montanhosas! E sacudindo a juba desmorona vilas e cidades!

Sim, admiro o Hitler. Eu, demonio antigo, [(↑) já em desuso, um inferno onde as aranhas tecem teias e o pó do abandono se acumula,] tenho o meu fraco pelo demonio futurista<.> [(↑) ou uma especie de deus sintetico <em que> feito de tudo menos de divindade.] Ambiciona os corpos, essa realidade, como eu ambicionava as almas, essa ilusão. Caminhamos da ilusão para a desilusão, do quente para o frio<, do vapor para o sólido.>[.] <Oh, a tentação <<da>[↑ e a] queda!> e a queda! Alexandre> <Oh, a tentação e a queda!>

<Mas tu, poeta decadente,>[↑ Mas] ador<as>/o\ <a fraqueza e Jesus> Cristo, o deus da Fraqueza, que o deus da Fôrça é o mesmo dos leões. <Fiz-me cristão.> Mas é um deus muito feio, só musculos e unhas.> <O mal é feio, mas a beleza provoca o mal.>

Falo-te ainda como demonio, mas aspiro, como tu, ao Cristianismo. Aspiro a viver enfermo [↓ (sofro do peito)],

<num mundo enfermo,> pois só a doença nos dá [a] delicadeza, em que desabrocham ideias suaves e sentimentos líriaes. Para longe, os brutos da saúde! Aspiro, como tu, a uma felicidade poética, um paraíso esboçado pela minha fantasia. <Adoro a>[(↑) Uma] fantasia <cultivada em *alegrete* de jardim>[(↑) ponderada,] doméstica, <que aprende> a voar, dentro duma gaiola doirada, e a cantar por medida ou conforme as regras da prudência.

Sou um demónio crepuscular... Extasio-me agora nesta branda elegia panteísta, porque o panteísmo elegiaco<,> é já emoção piedosa, a caridade cristã a evoluir-se das cousas para <as almas>[(↑) nós], sob a inflição do entardecer [(↑) sol-por], que é <também uma doença de>[(↑) o deus] Apolo, <um deus pagão à beira do>[(↑) já com os pés no] tumulto. Só um sol velho, já de raios encanecidos, poderá alumiar <um mundo><[(↑) a Humanidade] civilisad<o>/a\.> um mundo civilizado <e também velho.>. O mundo será humano, quando já não houver carvão de pedra, ferro, cobre, pretoleo<sup>82</sup> e outros minerais <\*ou> <mineralizados> trabalhados pela ambição, essa loba; a loba que amamentou Romulo. E o seu leite mamam-no ainda todos os bebés... Se os homens são lobos, <ainda> que ha de ser a mulher? Que é a Germania senão uma loba? E a Rússia?

---

<sup>82</sup> pretoleo: *erro por* petróleo.

E a França? E a Inglaterra? Mas Portugal é lobo [(↑) <crepuscular, isto é, ao longe,>[↑ melancólico <e,>] [↓ isto é,]] onanista, um triste gosador de prazeres solitários, a tanger o fado na viola.

O mundo será um Eden na velhice, um eden <de>[—] enfermaria, com todos os doentes a contemplarem o outono, pelas janelas, a paisagem emurchecida, onde passam, nas estradas, carros de cavalos, como fantasmas de automóveis, e tendo uma nêsga de mar, ao longe, com um navio à vela, tão branca, a evocar o fumo negro dos paquetes. [(↑) E uma aguia <vôa, sobe>[↑ nada] na atmosfera a rir-se dos aviões que jazem nos museus de arqueologia...] Que saudade desse<s> tempo fabuloso em que os homens devora<m>/va\ [↓m] leguas num minuto e desencadeavam tempestades de ferro de empalidecer <os>/o\ próprio Jupiter. Então, o sol resplandecia, sobre a terra, num deslumbramento de oiro, e não, como agora, num esplendor vermelho, a côr do sangue derramado, a côr que antecede o frio, a morte.»

O demonio, proferindo estas palavras, <entristece e> emudece. E <eu sinto> uma impressão gelada, [↑ no meu peito,] <que se> transforma[↑-se] em neve a cair do céu. É tudo branco, desde os meus pés doridos à última linha do horizonte. Divago num planalto da Abobreira, à luz da lua, sobre a neve, onde se imprimem as minhas

pegadas. Na brancura desolada, só negreja a bôca do dolmen. É ele, tão espantado <de>/ao\ ver [(↑) pela primeira vez,] nascer o sol, que ficou de bôca aberta, para sempre. E ficará de bôca aberta, na eterna escuridão, que o pavor também escancara as fauces petrificadas. E outras esculturas do silêncio se erigem, vestidas de <branco,> alva, na montanha. Cada penedo é um frade cartuxo da paisagem, esse convento nas alturas, sem <tel> paredes nem telhado.

Como brilha a neve, ao luar! Às vezes, uma nuvem tapa a lua. E então, nos relevos nevados da Abobreira, pousa um véu fúnebre de sombra. Sinto que me pousa também n<a>/o\ <face>[↑ rosto], <como>[↑ como] se a morte me beijasse, que a morte é um beijo da morte, <beijo composto de toda a escuridão que enche o Vasio infinito.> simplesmente. E que é a mulher nos nossos braços? Um abraço, quando muito...

Estou sósinho e gelado, num alto pinçaro de neve. Já não avisto o demônio; mas avisto, diante de mim, um lobo. Escancara também a bôca, semelhante à

à do dolmen, porque é enorme e desdentada.

«Roubaram-te os dentes?» perguntei-lhe, aliviado de ver o inimigo sem armas defensivas.

«— Quem mos roubou foi a velhice...»

«A velhice ou S. Francisco?»

«— S. Francisco?» murmura o lobo, <muito interrogativo e natura> dum modo interrogativo e natural<, pois,>

[§] <e>/E\m sonhos, os animaes falam como nós, raciocinam como nós. Foi sonhando que Eusôpo<sup>83</sup> ouviu <falar grego> o primeiro animal falar o grego. Ao <acordar,>[↑ despertar,] de manhã, compôz a primeira fábula.

«S. Francisco... Não conheces este Santo?»

«— S. Francisco.... S. Francisco....» E o lobo engelhava a testa a puxar pela memoria... «Ah! Conheço-o, sim, muito bem... Conheço-o da minha fome. Era um anho, tão alvo como esta neve, e quente como a luz do sol. E então um sabor a imaculado, a santidade, que ainda hoje me encanta o paladar. Oh, o paladar da fome apurado até ao infinito, até ao gôsto de Deus, mais belo que a visão de Deus! Um cão apenas o cheira. É já um lôbo domestico, enfermo, envelhecido... E que sou eu, agora, senão um pobre cão, neste afim do

---

<sup>83</sup> Eusôpo: Esopo *no Ms. D*, Esôpo *na 1.ª edição*.

mundo? E que <este>[↑ és tu,] homem velho, <senão um santo, um fantasma piedoso dum animal que foi cruel,> atraves deste crepusculo derradeiro? És um santo, o fantasma piedoso dum animal que foi cruel... Sômos dois santos, dois lobos, — o do teu S. Francisco e do meu Anho... Francisco, para mim, é um nome abstrato... um habito escuro, prêso à cinta de ninguem, por uma corda, entre <uns pés descalços>[↑ umas sandalias] e um capuz... <e>[(↑) com] um alforge de mendigo, <com>[(↑) às costas, <tendo>] [↑ e] uma alma, <lá> dentro [(↑) dele], por esmola ou dádiva de Cristo. E é ainda uma frase: *meu irmão*.

Quando vivi e fui, na verdade, um lobo, baixado dos Apeninos ao povoado de Assis, encontrei um pobre solitario, bastante magro e despresivel. Entendi sempre o osso <como uma>[(↑) como um objecto antipatico,] hostilidade, contra os> [↑ aos] dentes, a assanhar a fome, como um estúpido, emfim. A estupidez está no osso<, com> e a inteligencia no adiposo. É a opinião dos espiritistas. Ha lobos espiritistas <que>[.] <a>/A\creditam no seu fantasma. Acreditam que, depois de mortos, continuam a uivar, famintos, à lua, que se lhes afigura uma ovelha <a> mostra<r>/n\ [↑do] a lã, alvissima, tão longa, a bater-lhes <t> no focinho. Lambem-na, radiantes, <e>[↑ e] antegosa<ndo>/m\ a immortalidade da fome.

Como <ia> diz<endo>/ia\, desci ao povoado de Assis; e vi um cordeiro humanizado, ou um homem que assemelhava

um cordeiro, mas um cordeiro que não pastava nem dormia. <Avistava-se-lhe>[(↑) Descobria-se-lhe] o esqueleto através da lã <muito> <tão <al> alva que> muito fina, <quasi> imaterial, <quasi luz,>[↑ e luminosa, —] <era mais <um clarão>>[↑ um] intimo <clar<o>/ã\[\↓o]>[↑ clarão] a revesti-lo exteriormente. Mais por instinto ou herança que por desejo, ia cravar-lhe os caninos no pescoço, quando me desfaleceram o impeto feroz as suas palavras: *Irmão lobo*. É que eu já envelhecia. Em vez de o devorar, ajoelhei, diante dele, e beijei-lhe as mãos. E beijar não é morder? É morder com as gengivas, por falta de dentadura... Mas o meu Santo verdadeiro era outro... Era um anho em flor, um anho tenro, a balir de dôr nos meus dentes e a sangrar uma doçura <infinita,>[(↑) inefável,] um anho saboroso até ao extase absoluto, a alegria máxima da fome! É a noite a rir por todas as estrelas, depois de engulir o sol.

Esse é que era o meu S. Francisco <de Assis> ou do meu gosto. Compreendes? Oh, se compreendes, *irmão <lobo.>*[↑ homem!] Agora, o Santo sou eu e chamo-te irmão homem, com a maior autoridade franciscana.

«— Oh, <meu> querido irmão!» exclamo eu.

«Sim. Sômos irmãos, no dizer do Pobre de Assis. Ermana-nos a velhice <piadosa ou> inofensiva ou <\*piado> piadosa, a sombra cristã do Fim...

Esta ideia do fim acendeu-me no cerebro um clarão moribundo, a pôr nodoas de sangue, na brancura da neve. Uma impressão de frio acorda-me. Saio do leito, abro a janela. Que alegria o dissipar dos sonhos nocturnos na expansão da luz <doirada.>[.] vê-se bem que não pertencemos a essa região fantastica e absurda, <em que tudo se confunde> mas à superficie da terra iluminada; como filhos que sômos da realidade natural. Que alegria ver o sol, de manhã, doirado ainda e <ainda> capaz de aquecer <um velho!> triste

velho! E o canto dos passaros em ação de graças? O sol é o deus dos passaros e de todas as almas que<sup>84</sup> tem azas. Que alegria a do acordar! <É>[(↑) É fugir do tumulto,] um regresso a este mundo, abrir os olhos à luz! Que milagre! E todavia o acordar é ilusorio, um fingimento vão da ressurreição. O acordar não dissipa <o sono; concentra-o na nossa intimidade.> os sonhos; <dep> despe-<os>/lhes\ apenas <de qualquer> [a] aparencia material. E eles tornam-se invisiveis <,>/e\ abstratos como qualquer lembrança.>[(↓) e adaptaveis à natureza das cousas.] <E continuam a provocar [(↑) e a orientar] a nossa actividade.> E, por isso, tentamos realisá-los, — o que acontece, algumas vezes. Que diferença entre o sonho nocturno e o diurno? <Neste>[(↑) Vigilantes], temos a ilusão da realidade; <naquele,>[(↓) adormecidos, temos] a realidade da ilusão. E eis a ilusão e a realidade; o solido e o <gasoso.> vaporoso.

O sonho é uma expansão d<o>/a\ <Sêr>[(↑) creatura] para além do espaço e do tempo. Tambem se expande o Universo para além do espaço e do tempo até se dissolver na <e>/E\ternidade e no <i>/I\ñfinito<, — em Deus.>. <Para lá> Depois de todas as aparencias, é que existe a Aparição, a vida pura, a existencia pura, — Deus.

---

<sup>84</sup> de todas as almas que: no Ms. B, o texto termina com estas mesmas palavras, em lugar correspondente do texto. As folhas seguintes foram arrancadas (v. descrição material deste manuscrito no ponto 3.3.4.)

Não prescindimos desta ideia. Quem não prescinde dela<, não> sômos nós, que admitimos tudo o que nos dá a experiencia quotidiana<sup>85</sup>; é <mais algum> <o nosso>[↑ aquele] espectro meditativo em que <findamos> nos continuamos atraves da noite e das estrelas...

Mas acordei, e o passeio terminou.

O leitor ha de estranhar a maneira quasi fotografica como descorreu este longo sonho de cem paginas. <Evidentemente> <n>/N\ão ha sonho que se deixe fotografar. Na melhor <hipotese> hipotese, fica desfocado. O fotografo necessita, portanto, de o retocar ou falsificar. A <Tanto>[↑ muito] nos obriga a arte! Mas que faz o homem senão falsificar a Natureza? O que é o café sintetico? O homem é um falsario. Não [(↑) tem] ele tantas caras quantos os sentimentos que o animam? E eis a impersonalidade das pessôas, a materia vaga, inapreensivel, em que os seus vultos se desenhm, ou<,> melhor, esboçam. Desenhm-nos, caro leitor, como as nuvens ao vento. E lá vamos na ventania.

Abril de 1940

a

27 de setembro de 1940

---

<sup>85</sup> quotidiana: *erro por* quotidiana.

## Epilogo

Como o leitor já viu, retoquei, para o passeio sonhado e intercalado de varias cenas, que o sonho pinta os acontecimentos <dum modo> confus<o>/a\ e arbitrari<o>/a\[\downarrowmente]. Para os tornar mais legiveis, sujeitei-os à critica vigilante, pois acordado os escrevi... Mas <o que>[\up se] perderam em naturalidade, ganha<m>/r\[\downarrowam] em clareza, <admitindo-se uma certa clareza> <pois> temos de pôr na luz o que se passa na escuridão ou tornar visivel o invisivel. De resto, imagino que os sonhos tem uma representação mais clara do que essa que nos fica na <lembrança> memoria, sempre hostil às chimericas imagens. Como hão de elas, [(downarrow) compostas do que é mais imponderavel,] marcar profundamente as suas pegadas nos caminhos?

É nosso dever, portanto, restituir-lhes, dalgum modo, a nitidez ou a logica da sua representação primitiva <e natural.>[.]